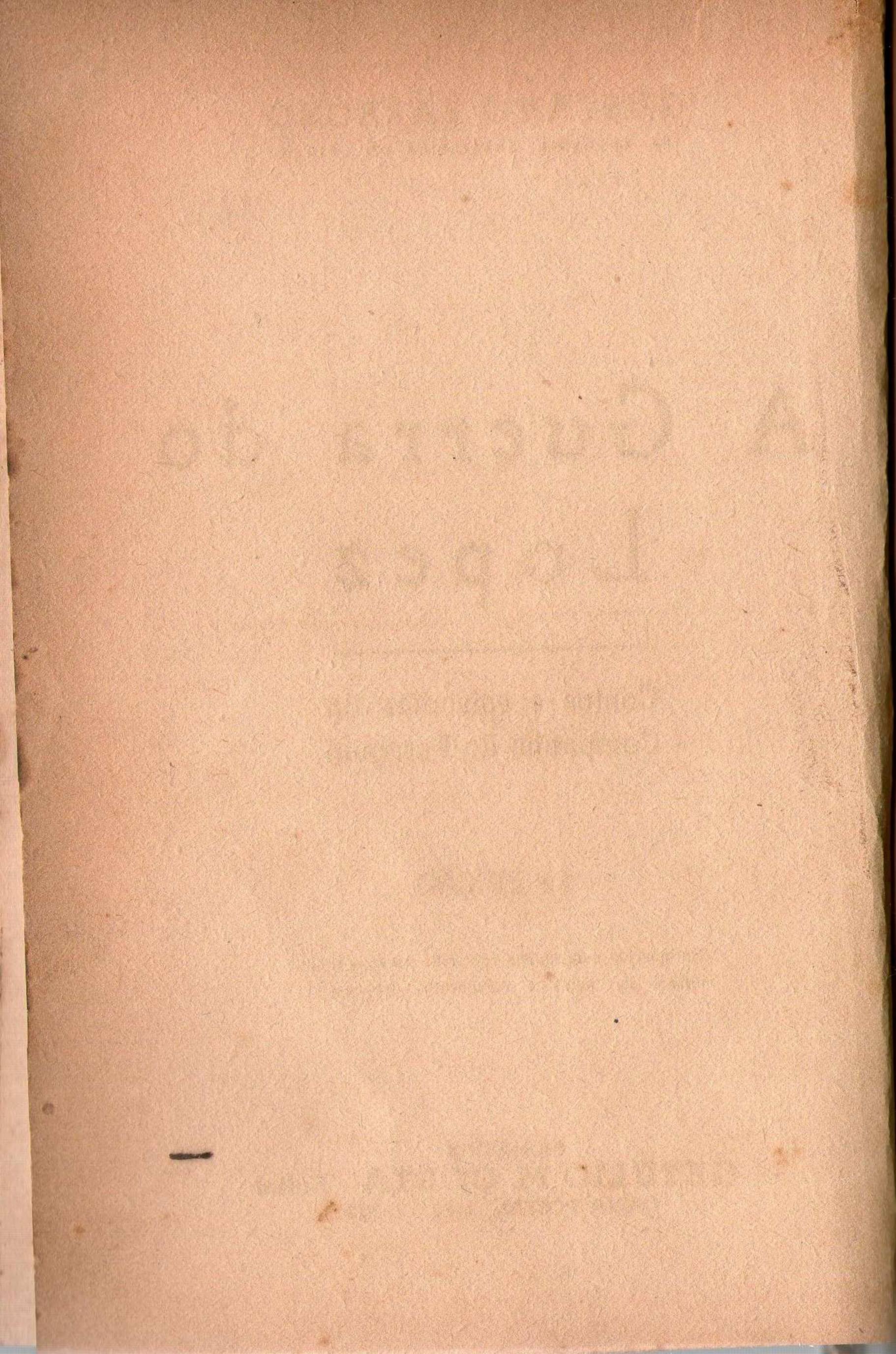
GUSTAVO BARROSO
DA ACADEMIA BRAZILEIRA DE LETRAS

A Guerra do Lopez

Contos e episodios da
Campanha do Paraguai

4.a EDIÇÃO

(Enriquecida com muitos episodios novos, e grande
numero de notas e documentos interessantes)

MCMXXXIX
GETULIO M. COSTA Editor
CAIXA POSTAL, 1829 — RIO

"...guardons la tradition de nos pères, qui semble un peu nous prolonger nous même en nous liant plus intimement aux hommes passés et aux hommes à venir".

(Pierre Loti — *Au Maroc*)

UMA NOITE EM ASSUNÇÃO

"Lopez, segun cuenta Varela, estaba un tanto *espiritualizado,* vale decir, con el ánimo alegre, los ojos brillantes, la palabra facil, la inteligencia a flor de piel, situación harto lejana de la embriaguez.

. . . .
. . . .

Qué faltaba, pués, para que la guerra estallasse? Un pretexto cualquiera, como dijo Lopez a Varela. Y el pretexto apareció".

(MANUEL GÁLVEZ — *"Por qué ocurrió la guerra del Paraguay"* — *"La Nacion"* — 7 outubro — 1928).

Noite linda. Noite clara. Noite suave. Noite de amor. O luar embalsamava a cidade de Assunção. E o efluvio entorpecente dos laranjais em flôr boiava no ar.

D. Francisco Solano Lopez, ministro da Guerra de seu pai, D. Carlos Antonio Lopez, ditador do Paraguai, chegou à varanda que dava para o pateo interno de sua faustosa residencia. Debruçou-se e ficou a olhar o jardim enluarado e cheiroso, fumando lentamente um charuto escuro. Sob a arcada do portão, ia e vinha a sombra do *riflero* de sentinela.

D. Francisco Solano Lopez trajava um uniforme de general, simples, a gola desabotoada. Começava a engordar. Tinha o rosto largo e um olhar de expressão indefinivel. Parecia esperar alguem.

Um criado arrumou na varanda duas espreguiçadeiras e uma pequena mesa sobre que pôs alguns copos, uma bugia acesa e uma caixa de charutos. Perfilou-se. D. Solano disse-lhe:

— Traze Xerez!

Daí a pouco chegava a visita esperada. Era Heitor Varela, que viera ao Paraguai em busca de melhor clima para sua saúde, trazendo cartas de recomendação para os dois Lopez.

Homem de atilado espirito, carater nobre, ademais alheio às questões locais e sem desejos de imiscuir-se nelas, logo conquistou a confiança do filho e ministro do ditador. Vinha visita-lo amiúde e conversava longamente com ele.

Trocado o aperto de mão, sentaram-se. O criado serviu o Xerez. Lopez ordenou:

— Retira-te!

O homem desapareceu. Ficaram os dois sózinhos

na varanda, olhando o luar no jardim perfumoso e o vaivem da sombra da sentinela sob a arcaria da entrada.

Heitor Varela disse que já se sentia melhor com aquele luar paraguaio, com aquele odôr suave e dormente dos laranjais em flôr. E acrescentou:

— As mulheres deviam cheirar como as laranjeiras.

As mulheres eram a grande paixão do sensual D. Solano. Ele contou algumas aventuras, discretamente. Varela referiu-se ás suas, em Buenos Aires, terra de olhos humidos e ardentes.

— Prefiro as francêsas! sentenciou Lopez.

Uma pausa. O ministro da Guerra encheu de novo os copos de Xerez. Esvasiou o seu, deu um estalo com a lingua e falou:

— E' bom este vinho; mas a França tem melhores. Não ha nada no mundo como a França!

Começou, então, a descrever ao outro o que ele vira em Paris, quando hospede do governo francês. Toda a pompa refulgente do segundo imperio napoleonico desfilou aos olhos maravilhados de Heitor Varela: Os bailes magnificos das Tulherias, resplandecentes de uniformes, de crachás, de joias, de nomes faúlhantes. As paradas no Carroussel, revivendo as fardas maravilhosas de Napoleão I: — granadeiros, caçadores, voltigeiros, lanceiros, hussardos, guias, carabineiros, zuavos, couraceiros e os cem-guardas azul e prata da imperatriz Eugenia.

Ele perpassára por essa côrte assombrosa e por outras do velho mundo como um meteoro brilhante. Joven, uma criança quasi, paramentado de general paraguaio, filho do chefe do Estado, as mãos cheias de oiro, rodeado de luxuosos ajudantes de ordens, fôra como um principe herdeiro que percorre o mundo para conhecê-lo.

Tomou terceiro copo de Xerez. Seus olhos começaram a brilhar na sombra da varanda, onde o luar não penetrava e a luz da vela mal esclarecia a penumbra. Suas mãos ondearam em gestos largos. As palavras borbotavam-lhe dos labios grossos com volubilidade. Heitor Varela ouvia-o em silencio, com deleite.

Assim, viu nas suas descrições a Prussia e a Belgica, a Italia e a Espanha, a Holanda e a Inglaterra. Mas aquilo em que mais se demorava o seu interlocutor era

na pintura das forças militares européas. Como abundavam os pormenores precisos sobre o exercito prussiano marchando pelas ruas de Berlim com os seus uniformes severos e os pontudos capacetes ameaçadores, sobre as náus de guerra inglêsas ancoradas nos seus grandes portos militares ante os arsenais pejados de munições.

Entrecortava as descrições de frases como estas:

— O Paraguai deve ter um exercito assim! O Paraguai precisa duma esquadra assim!

Voltou de novo a tratar da França e bebeu o quarto copo de Xerez. Napoleão e Eugenia tinham-no recebido com o sorriso nos labios e lhe dado as maiores honras. Era a época da guerra da Criméa e o fragor das batalhas emocionava Paris. Cada dia chegava a noticia duma vitoria e o povo delirava: Eupatoria, Inkermann, Traktir, Malakof e Sebastopol.

Deu um murro na mesa e exclamou:

— Senhor Varela, o Paraguai tem em Humaitá uma nova Sebastopol que talvez seja um dia famosa nos anais do continente americano!...

Calou-se. Acendeu outro charuto. Ofereceu Xerez a Varela, que recusou com delicadeza, e prosseguiu:

— Ah! Europa! Que terras adoraveis! Que coisas magnificas! Que historia sublime!

Heitor Varela, então, traçou em largas pinceladas a marcha da civilização mediterranea, policiando os barbaros e aclarando as inteligencias com a filosofia dos gregos e a jurisprudencia dos romanos, preparando o advento das épocas melhores e transpondo os oceanos para semear beleza e cultura no seio dos continentes ignotos...

Terminou:

— Nós somos na America os exilados da Europa e, por isso, para ela, saudosamente, a nossa alma se volta a cada passo e ela exerce sobre nossos espiritos a maior das fascinações.

— Europa! Europa! murmurou Solano Lopez. Eu nunca mais voltarei á Europa!

Havia um profundo acento de sinceridade nesse lamento. Varela indagou:

— O general fala sério? Não tem mais, tão moço e em tão alta posição, esperanças de viajar outra vez?

— Não, não tenho, tornou o paraguaio. Vou falar-lhe com franqueza, amigo. E' um pensamento que me obseda, um pensamento fixo esse de que jámais voltarei à Europa. Eu viverei preso toda a vida no Paraguai ou morrerei no Paraguai.

— Por que? inquiriu o visitante surpreso.

— Sabe por que não poderei voltar à Europa? Porque minha sorte será inteira e definitivamente ligada à do meu povo. Meu pai acha-se velho. Além disso, padece duma doença cronica que precipitará sua morte, auxiliada pela idade. Sua vontade e a de meus compatriotas é que eu o substitua no governo. E, nesse dia, eu farei o que ele até agora relutou fazer, apesar de meus conselhos. Sei que o Brasil e seus patricios argentinos cobiçam o Paraguai. Temos aqui elementos suficientes para resistir a ambos; mas eu não hei de esperar que me tragam a luta: prefiro ataca-los. Com efeito, ao primeiro pretexto que me derem, declararei guerra ao Imperio e ás duas outras republicas do Prata, que, embora vivam receiosas uma da outra, se hão de unir para combater-me.

Heitor Varela, espantado, interrompeu-o:

— Ora, general, não creio que nenhum dos seus vizinhos pense em combatê-lo! Na Argentina, então, ninguem cuida disso. Ademais, ela nem poderia fazer nada, mesmo si quizesse. Vive em completa anarquia. Saiu doente para muitos anos das mãos de Rosas. As provincias não entendem Buenos Aires e Buenos Aires não compreende as provincias. Mal podemos arcar com as *montoneras*, as invasões de indios e as rebeliões. Não ha exercito e muito menos dinheiro.

— Escute, tornou Solano Lopez. O meu amigo é ainda muito moço e inexperiente da politica. Eu sou moço tambem, mas estou de posse de segredos que o meu amigo ignora de todo. Asseguro-lhe que não poderei garantir a segurança e a independencia do Paraguai sem antes abater de todo e para sempre a preponderancia do

imperio e as republicas do Prata. Quando fôr tempo de agir, começaremos a preparar... (1).

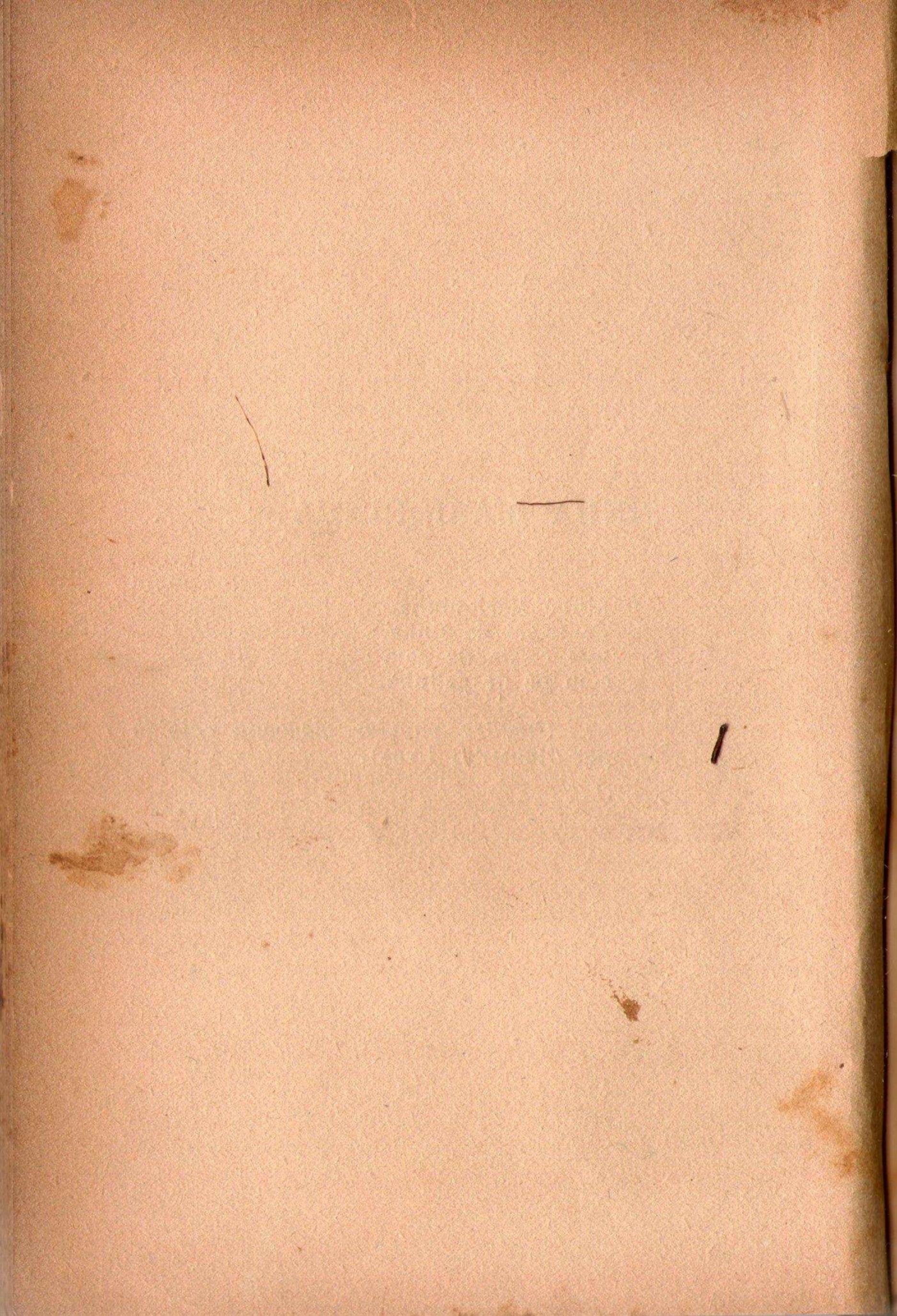
Meia hora depois, Heitor Varela despedia-se do futuro *El Supremo* e caminhava pensativo por entre as laranjeiras floridas, rumo de sua pousada. Voltou-se de subito para trás. A bugia queimava-se solitaria e triste na varanda da casa de Lopez. Elle já se recolhêra. E no luar coado pela arcada do portão, ia e vinha a sombra do *riflero* de sentinela.

---

(1) Todas as palavras de Solano Lopez, que figuram neste dialogo, fôram tiradas textualmente da entrevista, a respeito dessa visita, dada por Heitor Varela a "La Tribuna", de Buenos Aires, no proprio ano em que esteve no Paraguai — 1856.

SINHA' MARIQUINHA

Sinhá Mariquinha,
da tropa de linha,
tem crista de galo
com pé de galinha.

(Quadra popular alagoana colhida por Hormino Lyra).

Todas as epocas ferteis em grandes heroismos tambem o são em covardias sem par. Durante a guerra do Paraguai, si houve aluviões de moços que espontaneamente se ofereceram para ir combater os inimigos da patria, muita gente tudo fez para fugir ao perigoso serviço militar.

O fenomeno é humano e não sómente brasileiro como os pessimistas podem pensar. Si alguns dos nossos rudes sertanejos cortavam os jarretes, afim de não ir para a guerra do *Vidéo* e para a do Lopez, como denominavam as campanhas do Uruguai e do Paraguai, em Roma se chamava *pollice truncus,* ou poltrão, áquele que decepava os pollegares, para não poder empunhar o gladio e o pilo, evitando as carubas e a aeruna das legiões. Na grande guerra, os *embusqués* enchiam a França e os outros paises aliados.

Nessas ocasiões, os governos forçam as populações a fornecêrem soldados para as matanças heroicas, de varios modos. Dessas violencias fica a memoria nas tradições populares, em anedotas, racontos ou canções. Na Argentina, ainda hoje se fala nos voluntarios de *codo a codo,* isto é, de cotovelo com cotovelo, alusão ao fato de irem amarrados (1). E no nosso país é por demais conhecida aquela historia do cabo espalhafatoso que se

---

(1) "Mitre contó con el patriotismo de todo el país, y ese patriotismo le faltó. Las provincias no le abian ayudado — en un año sólo le enviaron para el ejercito de linea ciento treinta y tres hombres! Muchos batallones provincianos de guardias nacionales se habian sublevado". MANUEL GALVEZ — **Los Cacinos de la Muerte,** Juan Roldan & Cia., Buenos Aires, 1928, pg. 309.

No Brasil, felizmente, isso nunca aconteceu.

apresenta ao comandante dum posto militar de recrutamento e diz:

— *Seu* capitão, o voluntario não queria vir nem pelo diabo, mas eu mandei amarra-lo e trouxe-o!

Ao lado dessas exceções, o patriotismo foi entre nós, naquele tempo, fonte de heroismo sem conta e o folk-lore conserva esta quadra ingenua, que pinta a natural simplicidade com que, em geral, o brasileiro aceitou o sacrificio imposto pelas circunstancias:

O duque de Caxias
já mandou me chamar,
mode ir ao Paraguai,
e aprender a brigar. (2)

Conserva outras rimas não menos expressivas:

Seu Rodrigo voluntario,
meu bem!
Segura o ponto, paraguaio'hi vem!

Seu Rodrigo voluntario,
meu Deus!
Segura o ponto, paraguaio esmoreceu!

Ou este samba baiano:

A policia não quer
que eu sambe aqui.

Aqui mesmo hei de sambá!

A policia não quer
que eu sambe aqui.

Vou sambá no Paraguá! (3)

---

(2) Quadra colhida pelo autor no litoral cearense.
(3) Sambas colhidos pelo sr. João da Silva Campos.

E ainda este:

O Lopes subiu ao céu,
para a Deus pedir perdão;
os anjos deram-lhe pedras
e S. Pedro, um bofetão...

O Lopes comeu pimenta,
pensando que não ardia;
agora está se queixando,
toda noite e todo dia... (4)

Tanto quanto o homem, a mulher brasileira valentemente se portou ante a inesperada agressão. Deram uma seus filhos, serenamente. Deram outras suas joias, sorrindo. E algumas quiseram mesmo pisar o sólo paraguaio e bater-se peito a peito com os soldados do Ditador. A famosa Jovita Alves Feitosa, sargento de voluntarios da Patria, foi uma delas.

Numa cidade do interior de Alagôas, havia uma senhora já trintona, de bôa familia, que vivia mais para dentro de sua casa do que para as exterioridades. Tinha razões para isso. Além de solteirona , era muito feia, alta, magra, angulosa, com o nariz pontudo e ornado por uma grande excrescencia carnosa. A não ser para ir á missa, aos domingos e dias santos, não punha D. Maria Teixeira, que os intimos e os escravos apelidavam Sinhá Mariquinha, os pés fóra de sua residencia.

Assim se passaram os anos que lhe enrugaram o rosto e lhe fôram roubando os entes caros, um a um. E, quando o governo imperial lançou pelo Brasil inteiro seu apelo á população para defender a patria ultrajada e violada, D. Maria estava sózinha no mundo.

Na sua pequena e taciturna cidade, começou o alistamento para o corpo de infantaria que se constituia na capital. O velho tenente Freitas, da Guarda Nacional, e o doutor Horacio, um medico setuagenario, fôram en-

(4) Quadras colhidas por D. Ester Ferreira Viana.

carregados pelo Presidente da Provincia desse serviço. Installaram-se no edificio da Camara Municipal, enchêram ruas e praças de cartazes e pregões patrioticos, e começaram a alistar gente moça, logo enviada para Maceió. Alagôas, terra dos Fonsecas, deu magnificas levas de soldados.

Um dia, quando o medico e o tenente coxilavam de calor na sala da municipalidade que lhes servia de escritorio, entrou por ela a dentro um sujeito anguloso e feio, de calças de xadrezinho, sapatos grossos de couro crú, camisa de algodão listado, faca nos cós e um largo sombreiro de carnaúba derrubado sobre o longo nariz verruguento.

— Sou o José Matias, de Penedo, disse, e desejo ir para o Paraguai como voluntario. Vossas Senhorias podem fazer o favor de me alistar.

A voz fina e meio fanhosa fez sorrir o velho tenente. O medico levantou-se, espreguiçou-se lentamente e pôs-se a olhar com curiosidade o desengonçado e tôsco candidato a voluntario. O primeiro começou a encher com a sua letra garranchenta meia fôlha de almasso, fazendo perguntas rapidas: nome, idade, filiação, profissão, logar do nascimento. O recem-chegado respondia a todas com a maior tranquilidade, e de repente, o velho Freitas ergueu os olhos do papel e disse, brusco:

— Aqui dentro não está "chuvendo" nem fazendo sól. Tire o chapéu.

O outro obedeceu e mostrou a cabeça pequenina com o cabelo castanho cortado á escovinha.

— Agora, faça o favor de entrar naquela saleta ao lado.

— Para que, *seu* tenente?

— Para o doutor proceder ao exame medico.

O voluntario mudou de côr. Dominou-se, porém, e falou:

— *Seu* tenente, sou um sertanejo sadio, nunca tive doença alguma e não preciso ser examinado.

— Mas é das instruções. Tem de ser!

— Não quero!

— Vamos, entre!

E o velho oficial levantou-se, deu alguns passos pa-

ra o José Matias e empurrou-o para o compartimento, onde o medico o seguiu.

Decorreram uns vinte minutos. Na sala que o sol enchia de luz, entrando pelas altas janelas, Freitas acendeu um charuto e começou a passear, murmurando:

— Tibes! Nunca vi voluntario mais feio, mais exquisito do que esse. E' capaz de dar até cafifa no batalhão esse sujeito. Preferia que ele fôsse ser voluntario do Lopez... Talvez se acabasse logo a guerra...

Sorria ainda da chalaça, quando o Horacio se mostrou á porta da saleta, de olhos esbugalhados.

— Que aconteceu, doutor?

O medico adeantou-se para a sua mesa, deixou-se cair na cadeira, limpou com o lenço vermelho o suor que lhe aljofrava a testa enrugada e exclamou:

— Tenente, uma destas ninguem acredita! O voluntario é mulher!...

A noticia da tentativa feita por D. Maria Teixeira para servir como soldado correu célere, de bôca em bôca, pela cidade inteira. Nas povoações do interior, certas novas se espalham com a rapidez da radio-telegrafia. E os comentarios multiplicaram-se como tiririca em roça abandonada.

Uns viram no gesto da horrenda solteirona méro fingimento para se tornar notavel, para dar na vista, pois não podia deixar de saber que se examinam todos os que assentam praça. Outros enxergaram nele um grande heroismo, o desejo de desafrontar a patria estremecida. E os que não compartilhavam desses exageros compreendêram que talvez sómente buscasse, para a sua infeliz existencia, um fim digno, sinão glorioso. Mas todos dela riram a valer.

Depois do acontecido, só uma vez a pobre senhora tentou sair á rua. Foi a uma missa dominical. Porém tanto a observaram, tanto a esfuracaram com os olhos, tanto a frexaram de coxixos maldosos, tanto a esfaquearam de sorrisinhos atrozes, na igreja, na praça e até na

propria calçada de sua residencia, que ela nunca mais teve coragem de aparecer.

Quatro anos após, quasi no fim da guerra, uma tarde abriram-se de par em par os batentes da porta de sua silenciosa morada e D. Maria Teixeira assomou entre os umbrais.

Trazia as calças de xadrezinho com que se apresentára ao voluntariado. Cobria-lhe a cabeça uma velha barretina de milicias com penacho verde e amarelo. Puséra ao cinto uma espada de pau, como essas que os meninos fazem para brincar de batalhão. E começou a marchar rua afóra, hirta, solene, imitando com os labios, ora o toque das cornetas, ora o rufar dos tambores.

Os negociantes correram para as portas dos seus estabelecimentos. Os transeuntes aglomeraram-se ás esquinas. Em todas as rotulas surgiram rostos curiosos de mulheres e crianças. E um troço de moleques logo se formou, acompanhando com caretas e assobios os largos passos militares da louca.

De repente, um deles, maior, mais espevitado, que fôra criado em casa de D. Maria, como seu afilhado, lembrou-se do seu apelido domestico e, ajudado de sua fertil imaginação de mestiço, cantou alto esta quadra improvisada:

Sinhã Mariquinha,
da tropa de linha,
tem crista de galo
com pé de galinha.

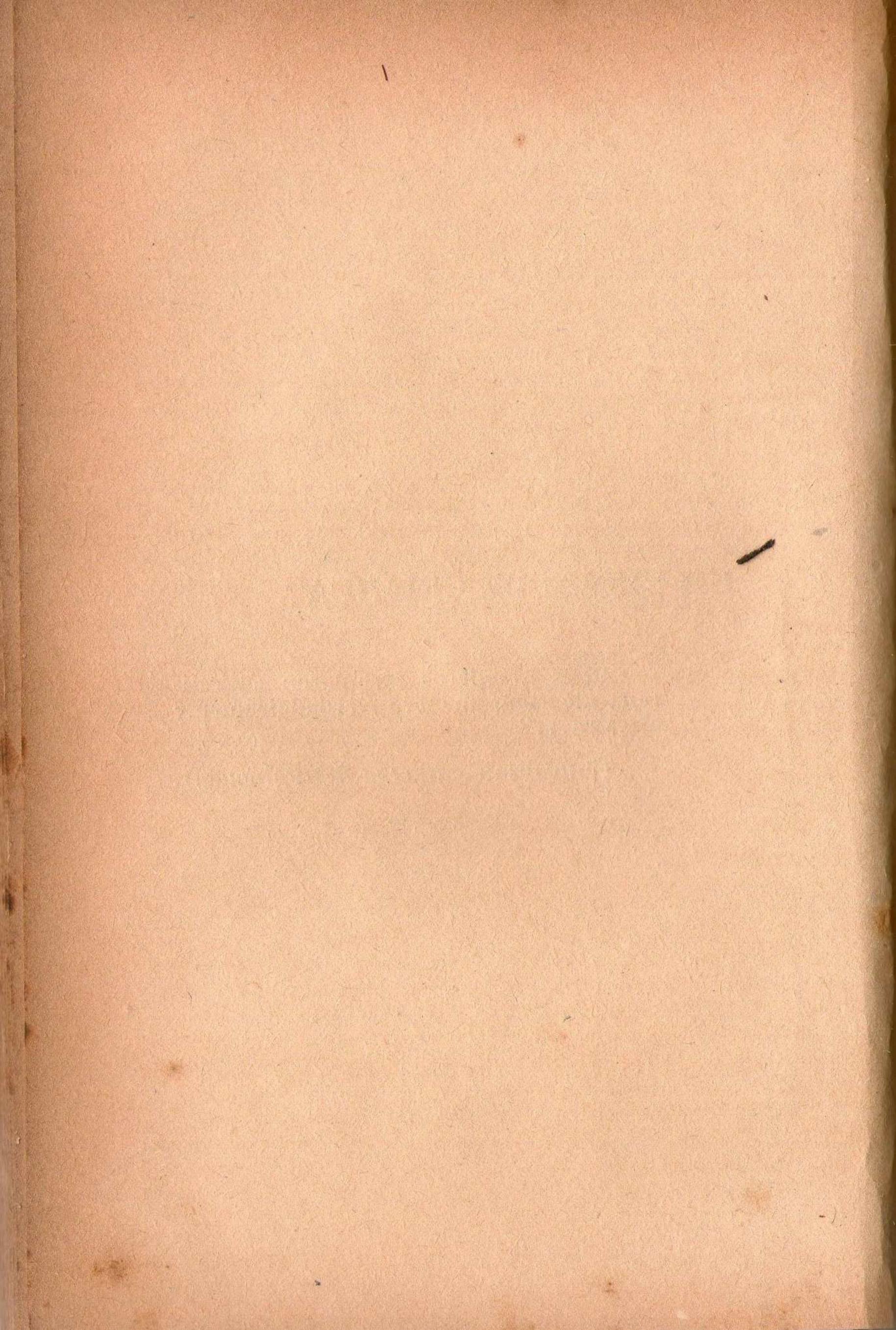
O côro repetiu atraz dele, esganiçado:

Tem crista de galo
com pé de galinha.

E uma chuva de pedras miúdas, acompanhada de estrondosa vaia, foi tangendo de esquina em esquina a desgraçada.

UM CHÔRO DE CRIANÇA

"Los brasileros efectuaron su retirada de uma manera verdadeiramente maestra..."

(THOMPSON - *Guerra del Paraguay*).

Morria o mês de dezembro de 1864. Os dias eram luminosos e quentes. Sobre o estendal liquido dos esteiros, no meio da floração azul e branca dos lirios selvagens, desabrochavam as victorias regias. Entre os cipoáis e as trepadeiras das barrancas, os passaros pescadores saltitavam silenciosos. E sobre o largo, solene, vagaroso rio, onde os camalotes desciam ao sabor da correnteza, passava rapido o vôo dos tuiuiús.

As sentinelas do velho forte de Coimbra, debruçadas dos parapeitos de pedra das cortinas e redentes, ou abrigadas nos pontudos miradouros coloniais de alvenaria, atalaiavam a solidão e o silencio. Aos seus olhos modorrentos estendiam-se monotonas as aguas tranquilas dos banhados doiradas pelo sol e a enrugada superficie do rio sobre o qual boiava, a curta distancia da fortificação, a pequena canhoneira ANHAMBAÍ.

Construido pelos portuguêses, o forte estava desaparelhado de armamento moderno para qualquer eventualidade. Tinha somente onze velhos canhões de bronze em bateria, e, encostadas, sem reparos, mais vinte peças. Sua guarnição não se elevava a duzentos homens. Alem dos cento e vinte cinco oficiais e soldados de artilharia a pé destacados naquele deserto, havia mais trinta guardas nacionais dos povoados proximos, alguns guardas da alfandega, homens pacificos, envelhecidos e desesperançados naquele longinquo e esquecido posto, meia duzia de presos e uma vintena de indios mansos (1). Felizmente, não faltava polvora. Os viveres eram menos abun-

---

(1) Todos os dados referentes a efetivos e artilharia são tirados das **Ephemerides Brasileiras** de RIO BRANCO, pgs. 609, 610 e 612. O' LEARY, em **Nuestra Epopeya**, pg. 23, dá á esquadrilha somente cinco vapores, mas em compensação diz que Barrios levava tres mil homens.

dantes. Apar de todas as reclamações feitas na Côrte, até da tribua do Congresso, o governo imperial não armára, nem tarnecêra ou municiára a provincia de Mato Grosso. Ebora os paraguaios propalassem que ali o Brasil acunlava petrechos belicos, os documentos contemporaneosdesmentem essa asserção (2).

No dia 7 de dezembro, os vigias deram o alarma. Hermenegilo Porto Carreiro, que comandava o forte, correu ás aeias e avistou a frota paraguaia subindo o rio a todo vapor. Comandava-a o chefe Inácio Meza, o mesmo q seria definitivamente batido no Riachuelo e voltaria Humaitá gravemente ferido. A morte em consequenc dos ferimentos poupou-lhe a vergonha de ser fusiladccomo Lopez desejava. Eram as oito canhoneiras a vpor que participariam na luta em onze de

---

2) O darmamento ou antes o abandono de Mato Grosso é um fáto. efetivo total das guarnições dessa provincia, em 1864, segundo o Relatorio do Ministro da Guerra (Jourdan, 1 vol. pag. 84)era de 1327 praças! A população de toda a provincia era d41 mil habitantes, idem, pag. 30. Na pagina seguinte, o mmo autor pinta o "lastimoso estado" de Mato Grosso comodos os pormenores de sua fraquissima situação militar. Os rquivos brasileiros guardam os documentos em que o presidnte general Albino de Carvalho descreve a situação de desanamento e solicita providencias de natureza urgente que mca fôram dadas. O chefe de divisão Jesuino de Lamego Cos relatava ao ministro da marinha em abril de 1864 que osvaporezinhos da flotilha de Mato Grosso estavam desfalcados artilharia, tinham somente cem homens de equipagem e "n podiam ser considerados de guerra". Ainda em março de 15, o correspondente do **Jornal do Comercio** em Cuiabá escria: "Completam-se hoje dois mezes e vinte dias que Coimbrfoi atacada e occupada pelo inimigo, e ainda não temos do gerno nem sinal de animação... Até hoje nem uma arma, m um soldado..." (JOURDAN, op. cit. Vol. I, pag. 51). Na seso da Camara dos Deputados, em 1858, o representante de Mo Grosso, Antonio Corrêa do Couto, dirigindo-se ao ministroa guerra, pronunciou estas palavras: "Estou convencido quesi se desse agora o caso de guerra com o Paraguai, alem a provincia não estar preparada, o governo imperial se via embaraçado em mandar para ali o que ainda lhe falta.. (JOURDAN, idem, pag. 21). OURO PRETO cita, no opusculA **Esquadra e a Oposição Parlamentar**, outro discurso semeante, de 1857, cujo autor morreu em Curupaiti. Isto prova ie o preparo de Mato Grosso é uma baléla lopista e que os eiritos clarividentes do Brasil receiavam a agressão paragua. Contra quem Lopez preparava o seu armamento?

junho, trazendo a reboque duas escunas, um patacho e dois lanchões. Ao todo cincoenta e sete bôcas de fogo. Tinham vindo a bordo mil e duzentos homens das tres armas com uma duzia de canhões raiados e muitas estativas de foguetes de guerra, partidos de Assunção tres dias antes sob o comando do coronel Vicente Barrios; e Lopez lhes dirigira uma enfatica proclamação.

O tenente coronel Porto Carreiro deu-se conta do perigo, que corria e sorriu, altaneiro. Olhou a ANHAMBAÍ. Apesar de só ter dois canhões e trinta e quatro homens, o primeiro tenente Balduino de Aguiar içára o sinal de inimigo á vista e de preparar para o combate. O comandante mandou comunicar-lhe que deviam resistir, abriu as reservas, distribuiu armamento e cartuchame, fez municiar os paióis das baterias, colocou cada homem em seu logar e entregou ás mulheres a faina de preparar cartuchos e ataduras. Assim se dispôs a receber o barbaro invasor de seu país.

Aquella esquadra já desembarcára a expedição de Barrios a uma legua do forte e vinha tomar posição para bombardea-lo, enquanto fôsse investido por terra. Dentro em pouco, as baterias de campanha do inimigo romperam fogo contra as muralhas. A artilharia brasileira respondeu-lhe, mas uma bandeira branca içada nas avançadas paraguaias pôz termo a esse primeiro tiroteio da grande guerra que se iniciava. Barrios intimava Porto Carreiro a render-se e o brioso oficial respondia-lhe que no exercito brasileiro somente se costumava fazer isso com ordens superiores.

E o dia inteiro as peças do exercito e da esquadra cuspiram balás sobre Coimbra e a ANHAMBAÍ, que heroicamente lhes respondiam ao pé da letra. Com o cair da noite, o fogo diminuiu e extinguiu-se.

Mal amanheceu o dia 28, já toda a artilharia paraguaia se encarniçava sobre o forte. E mais tarde o inimigo tentou toma-lo de assalto. O coronel Luis Gonzalez avançou à frente do batalhão numero 6, que tinha setecentas e cincoenta praças, e recuou com elle desordenado sob a chuva de metralha e a mosqueteria dos defen-

sores, perdendo duzentos dos seus comandados. E Barrios não se atreveu mais a atacar o baluarte brasileiro.

Quando de novo a noite cobriu tudo com o seu misterio, Porto Carreiro reuniu os oficiais em conselho e mostrou-lhes a verdade de sua situação. Poderiam resistir algum tempo, porém seriam vencidos pela fome. Esperar socorros era loucura dada as distancias e a carencia de recursos militares em Mato Grosso. O melhor seria frustrar a sêde de sangue dos paraguaios e abandonar a fortaleza, embarcando na ANHAMBAÍ para Cuiabá. Era dificil a empresa, cercados como estavam por forças superiores, todavia valia a pena tenta-la. Todos os oficiais concordaram. E mandou-se um emissario a bordo da canhoneira, afim de tudo ficar bem preparado e bem combinado.

Alta noite, a guarnição deixou o forte no mais profundo silencio. Todos tolhiam a respiração e cautelosamente caminhavam para não sêrem percebidos pelas sentinelas paraguaias. A coluna avançava lentamente, os soldados de baioneta calada ou de carabina engatilhada, perscrutando a treva densa, os oficiais de pistola e espada em punho. Ao centro da tropa, as mulheres e as crianças. Ao lado de sua espôsa, que trazia um filho pequenino nos braços, Porto Carreiro marchava muito atento a tudo. De repente, um chôro de menino vara o silencio angustioso. E' o seu filho que a friagem da noite acorda. O comandante crispa os sobrolhos rapidamente e sussurra, a mão nos copos da espada:

— Senhora, faça calar esta criança, sinão...

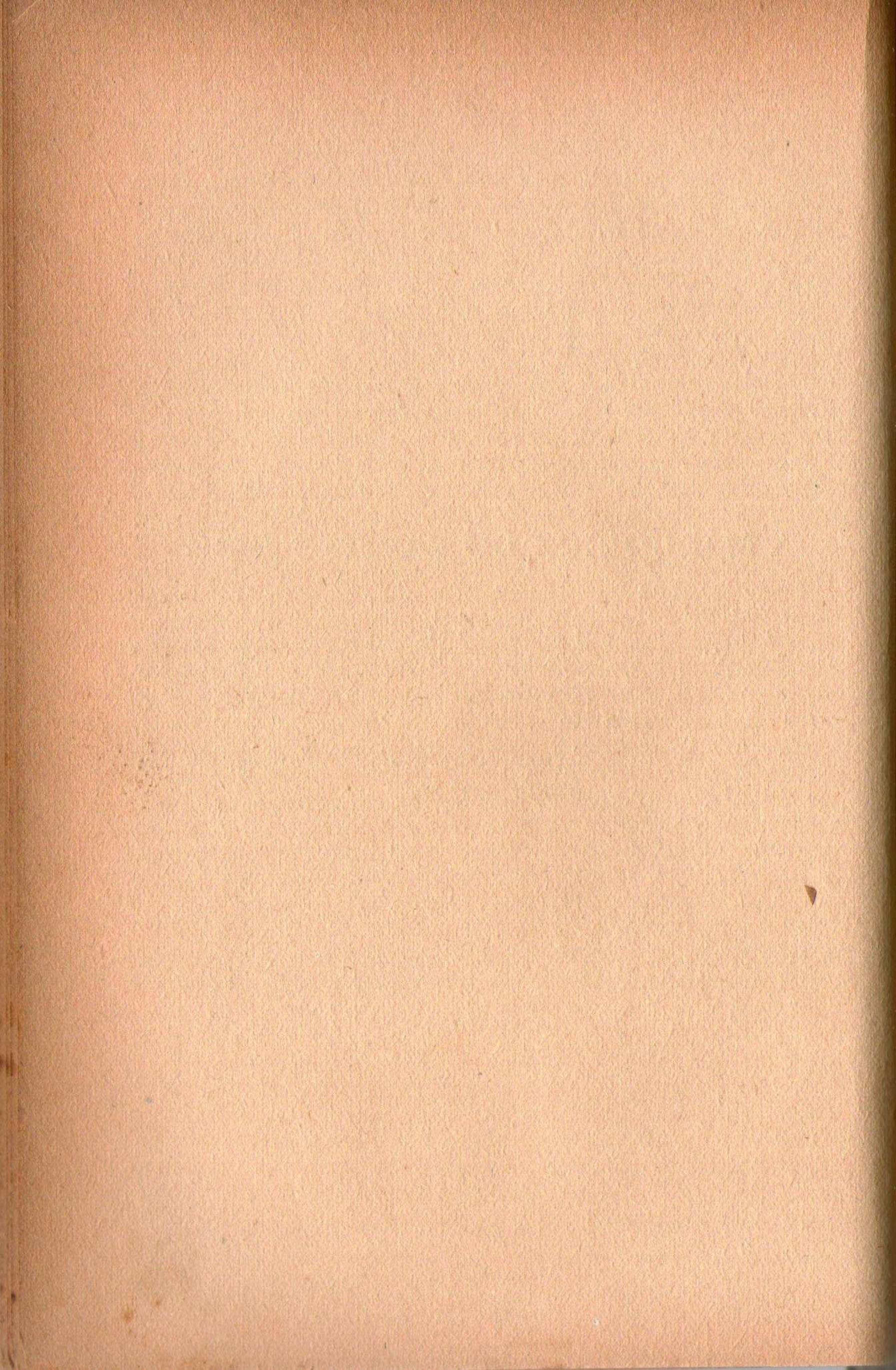
A mãe, toda tremula, aconchega o petiz de encontro ao seio e o acalma. Já estão na praia e os da frente já embarcam nos escaléres da canhoneira. (3)

---

(3) Este episodio é tradição oral na familia Porto Carreiro.

A MALUQUICE DO CAPITÃO DIAZ

"Y cuan prodigioso fuera que, seguido de sus legiones, hubiese ido à derribar las puertas de la sede imperial de los Braganza!"

(JUANSILVANO GODOI — *Monografias Historicas*)

Naquela tarde clara e alegre de março de 1865, o general José Edwiges Diaz ainda era simples capitão e comandava o valente batalhão 40 de linha, que foi talvez a mais famosa unidade paraguaia durante a campanha. No quartel de São Francisco, em Assunção, esperava a visita do marechal Solano Lopez.

Havia mais ou menos um mês que o Supremo mandára chama-lo à sua presença e lhe dera ordem para mobilizar um corpo da guarda nacional da capital e transformá-lo em tropa de linha. Diaz, que tinha grande talento de organizador e um espirito de atividade sem igual, escolheu entre a mocidade de Assunção mil e cem jovens robustos e briosos com os quais rapidamente preparou aquela força de escól.

O futuro defensor de Curupaiti e comandante do centro paraguaio na primeira batalha de Tuiutí, que haveria de dizer a Lopez na sua parte de combate, em guaraní, a celebre frase — *aipebú los cambápe pero nambo-guic*, isto é, meti o pau nos negros, mas não lhes arranquei o couro, passeava no pateo do quartel em companhia do tenente Goiburú, à espera do seu amo.

De repente, o corneta de piquete deu o sinál de general em chefe, as companhias de granadeiros, fusileiros e caçadores começaram a estender-se, saindo dos alojamentos, os metais da banda de musica rebrilharam ao sol, a bandeira tricolor flutuou no ar e Diaz, arrancando a espada da bainha, deu a voz de sentido.

Lopez apeára-se da carruagem à porta do quartel e entrára no pateo. Os soldados apresentaram armas. Ouviu-se respeitosamente, todos de cabeça descoberta, o hino nacional, depois, soltaram-se os vivas da pragmatica:

— Viva o marechal Francisco Solano Lopez!

— Viva a Republica do Paraguai!

O Supremo trajava casaca azul de marechal, bordada a oiro na gola, nos canhões pontudos e na abotoadura, quepi vermelho com ramagens doiradas, calças brancas, banda tricolor com borlas de canutão doirado, espadim com punho de tartaruga e guarda cinzelada, botas à granadeira e esporins. A tiracolo, a gran cruz da Ordem do Merito. Ao pescoço, as comendas da Legião de Honra e de S. Maurício (1). Ladeavam-no o velho vice-presidente Francisco Sanchez, de casaca bordada e chapéu armado, o coronel Barrios, que acabava de regressar da sua facil expedição a Mato Grosso desguarnecido, o ministro Luis Caminos, o major Antonio Estigarribia, destinado ao fracasso de Uruguaiana, e os ajudantes de ordens Godoi e Jesus Martinez.

O ditador mandou este ultimo dizer ao capitão Diaz que fizesse manobrar o batalhão. E, durante cerca de hora e meia, aquele milhar de homens de blusa vermelha, pantalonas brancas, barretinas de couro pintadas de preto, evoluiu magistralmente à sua vista, com verdadeiro garbo militar, apesar de descalço, aliás como quasi todo o exercito paraguaio (2).

Recolhidas as companhias aos seus pousos após o exercicio, Diaz veio cumprimentar respeitosamente o

---

(1) A indumentaria de Lopez está de acôrdo com a descrição de JUANSILVANO GODOI, grande publicista paraguaio, na sua monografia sobre a entrevista de Iataiti-Corá. O quepi rubro florido de oiro, apanhado pelas nossas tropas, acha-se no **Museu Simoens da Silva,** no Rio de Janeiro. Este museu possue tambem uma banda de Lopez. Ambos os objétos fôram apanhados em Lomas Valentinas. A outra banda tricolor e a espada armoriada encontram-se no **Museu Historico Nacional.**

(2) "El traje del soldado consistia en una camisa, calzoncillos y pantalones blancos, camiseta de bayeta grana con vivos blancos y azules, sobre esta camiseta llevaban un cinturón blanco **y no usaban calzado.** El gorro paraguayo era el segundo distinctivo de su uniforme, el de la infantaria era parecido al gorro de cuartel de infantaria de la guardia imperial franceza, pero con pico, y era ó colorado con vivos negros ó negro con vivos colorados. Cuando ya no quedaba paño en el pais, este gorro fué substituido por el kepi de baqueta, que era una buena invención". THOMPSON — **La Guerra del Paraguay,** edição Palumbo, Buenos Aires, 1910, pags. 43, 44. Releva notar que THOMPSON, engenheiro de Lopez, foi tenente coronel do exercito paraguaio e comandou a bateria de Angostura, onde se rendeu sem dar um tiro.

marechal e convida-lo a uma pequena merenda na sala da COMANDANCIA.

O Supremo aceitou.

Um aposento quadrado, bastante amplo. Cinco janelas. Paredes caiadas. Todas núas. Ao centro, uma mesa comprida e cadeiras comuns. Sobre a toalha branca, taças e pratos. Solano Lopez tomou uma cabeceira. À sua direita, Sanchez. À esquerda, Diaz. Os outros em seguida. Soldados serviram bôlos e dôces. Espoucaram as garrafas de champanha.

A conversa sobre a guerra animou-se com o vinho. Barrios contou episodios da invasão de Mato Grosso. De subito, Lopez volta-se para Diaz e pergunta-lhe:

— Você, capitão, que é um espirito inventivo, tem alguma idéa sobre o melhor modo de liquidarmos de uma vez com os negros?

O oficial confiou a sua barba negra, estufou o peito largo e replicou, arteiro e cortezão:

— Nenhum, senhor, porque sómente desejo conhecer o que V. Excia. tenha resolvido, afim de executa-lo.

O ditador sorriu e, depois de percorrer com os olhos todos os presentes, acrescentou:

— Os senhores são necessariamente os generais do futuro e, portanto, os depositarios da minha confiança. Aprecio a sua modestia, porém escutaria com prazer as opiniões francas, sinceras dos meus amigos e servidores.

E o olhar parado de Solano Lopez pesou sobre a face de Diaz. Este levantou-se. A sua alta, esbelta, varonil figura dominou a mesa. Todas as pupilas cravaram-se nele. Falou:

— O mais veemente desejo da minha vida seria V. Exa. entregar-me sete mil homens escolhidos para eu realizar uma idéa que me persegue. Embarca-los-ia nos melhores vapores de nossa esquadra, desceria o rio, atravessaria o estuario do Prata, sem que a esquadra de Tamandaré desse por mim, e iria surgir ante o Rio de Janeiro, atonito, assombrado, apavorado! Em nove dias, estaria à vista da capital do Imperio. Forçaria a barra à noite, sem que suas fortalezas me causassem mal. Em meia hora, desembarcaria a minha gente, atravessaria as

ruas como um turbilhão e cercaria de surpresa o palacio de São Cristovam. Arrancaria lá de dentro D. Pedro II e toda a familia imperial, tra-los-ia para bordo e vinte dias mais tarde entrega-los-ia a V. Exa. em Assunção. Assim, lhes imporiamos a paz.

Houve um grande silencio. Os olhares de Sanchez e de Barrios cruzaram-se espantados. Estigarribia sorria levemente. A larga face de Solano Lopez traduzia uma impressão de agrado. Suas pequenas e alvas mãos ergueram a taça de champanha e sua voz sonora se fez ouvir:

— Brindo à bravura e ao entusiasmo do chefe de policia e comandante do batalhão quarenta, e brindo ao patriotismo sem par do povo paraguaio!

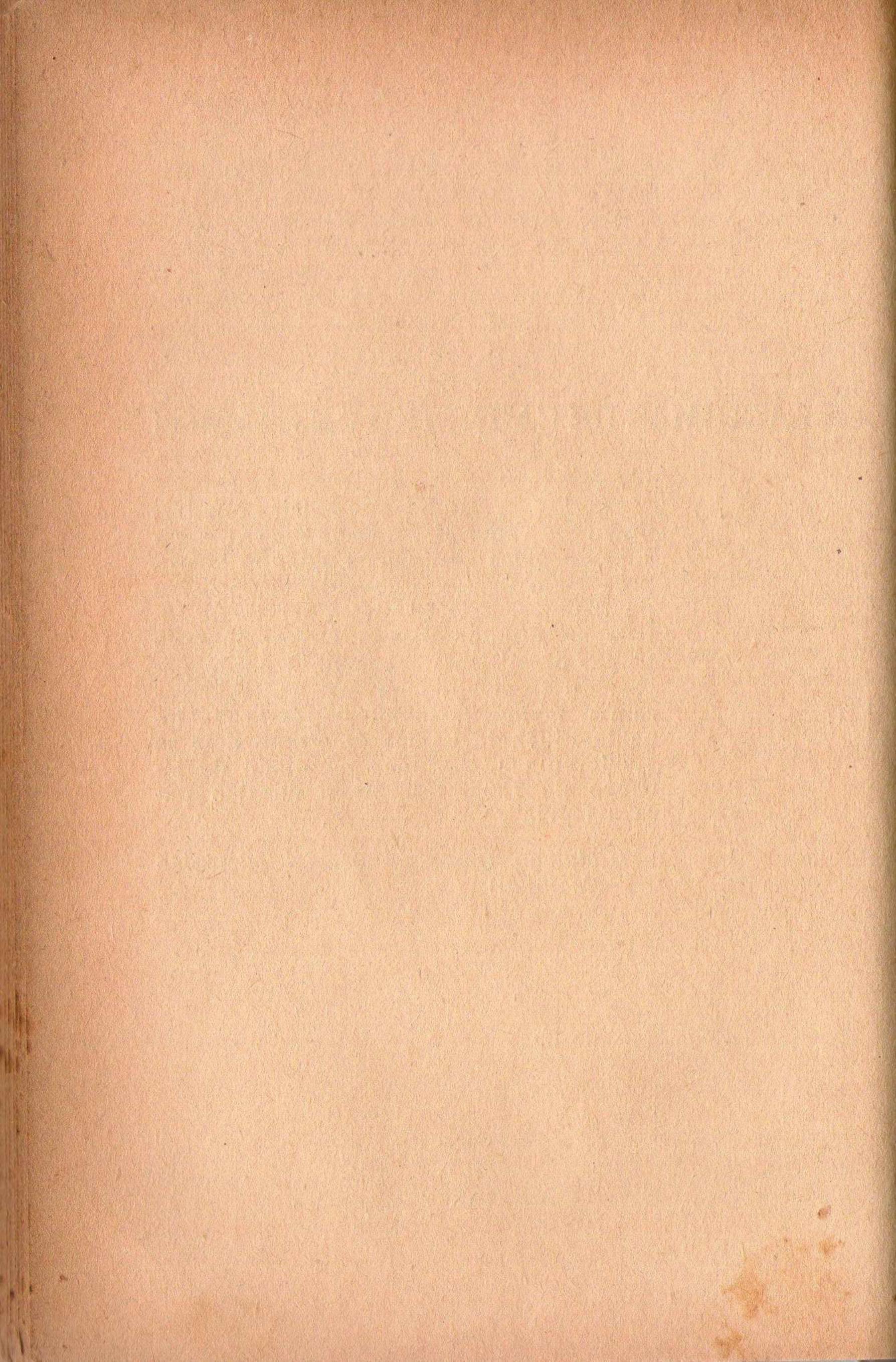
Solano Lopez fez de José Diaz general e seu favorito, entregou-lhe comissões importantissimas, confiou sempre nele, rendeu-lhe as maiores homenagens quando uma bala da esquadra brasileira o feriu de morte na canôa em que pescava deante de Humaitá, e enterrou-o com as maiores honras; porém nunca lhe entregou os sete mil homens escolhidos para vir ao Rio de Janeiro buscar a familia imperial. Foi pena, porque com os seis mil rendidos de Estigarribia e os tres mil vencidos de Duarte ficaria, logo de começo, o exercito inimigo desfalcado de dezesseis mil homens. Foi pena!... (3)

---

(3) Todos os factos narrados neste episodio são tirados do livro de JUANSILVANO GODOI — **Monografias Históricas**, primeira série, Felix Lajouane, Buenos Aires, 1893, paginas 10 a 15. Procurámos manter o mais fielmente possivel as palavras pronunciadas pelos personagens históricos.

AS LAGRIMAS DE CARNEIRO DE CAMPOS

"N. 174 — Bandeira brasileira que tremulou no vapor MARQUEZ DE OLINDA, aprisionado pelos paraguaios, quando levava para Mato Grosso o presidente Carneiro de Campos. Esta bandeira serviu de tapete ao ditador Solano Lopez; mas as tropas brasileiras, vencendo a nação paraguaia e entrando na sua capital, lavaram a nódoa desse ultraje. O bravo tenente Fidencio Lemos do Prado dela se apoderou em Assunção no dia 5 de janenro de 1869, trazendo-a consigo para a patria".

(*Catalogo Geral do Museu Histórico Nacional*)

O vapor brasileiro Marquês de Olinda, aprisionado de surpresa e contra todas as regras do direito das gentes pela canhoneira paraguaia Tacuari, quando demandava a provincia de Mato Grosso, subindo o rio, entrou na noite de treze de novembro de 1864 no porto de Assunção.

Trazia a bordo o respeitavel ancião coronel Carneiro de Campos, oficial de engenheiros, ex-deputado e presidente nomeado pelo governo imperial para aquela circunscrição politica e administrativa do Imperio. Comandava-o o primeiro tenente reformado da Armada José Antonio da Silva Souto. Eram seus passageiros o primeiro tenente de marinha Agnello Mangabeira, o cirurgião do exercito Antonio Antunes da Luz, os pilotos João Clião Pereira Arouca e Antonio Alves Braga, o commissario naval Coelho de Almeida, e fiel Reis, o funcionario aduaneiro Póvoas e mais alguns civis.

Após uma noite de apreensões para todos os que viajavam no antigo paquete de rodas, amanheceu o dia e ele se viu rodeado de chatas com artilharia grossa, que cuidadosamente o vigiavam e de cujos tripulantes partiam insultos tôrpes para os que se achavam a bordo e ignoravam estar o Paraguai em guerra com o Brasil, que aliás não declarára regularmente, sendo aquele aprisionamento áto de verdadeira pirataria.

No seu livro Guerra do Paraguai, em que faz a narrativa historica do que se passou com os prisioneiros do Marquês de Olinda, martirizados sem a menor razão pelo monstro que se chamou Solano Lopez, Lemos Brito descreve desta maneira o que ocorreu em tão triste, dolorosa manhã:

"Ao clarear do dia quatorze, atracam a bordo dois escaleres com força de marinha, comandada por um

oficial. Indo á presença do comandante, declarou-lhe o dito oficial em tom de motejo — *vir fazer-lhe companhia;* e, sem mais satisfações, distribuiu sentinelas no portaló, pôpa e prôa, bem como na casa das maquinas, tomando assim posse do paquete brasileiro.

Apesar disso, conservava-se no topo a bandeira do nosso país, cuja descida se fazia ás seis horas da tarde em meio de um sepulcral silencio; o *rancho* vinha de terra e era enviado pelo consul do Brasil aos prisioneiros.

As malas da correspondencia, retiraram-nas de bordo; e a importancia de duzentos contos em papel, em dois caixotes, levaram-na, praticando dest'arte mais um crime nefando e vergonhoso. Procedêram então a uma rigorosa busca no vapor: oficiais de alta patente, de tres e mais galões, revolviam roupas sujas à procura de armamento!

O proprio carvão de pedra foi por vezes revolvido!...

Nesta ocasião deu-se um fáto sugestivo e que bem comprova a temeridade de nossos compatriotas. O primeiro tenente Agnelo de Faria Pinto Mangabeira, cujo carater altivo e genio arrogante eram conhecidos, possuia pendurada à gaiuta da camara uma gaiola com um trefego e chilreante passaro de sua estima. Indignado com a busca aviltante dos invasores, voltou-se o bravo militar para o chefe das pesquizas e perguntou-lhe em purissimo espanhol, tendo um riso de escarneo á flôr dos labios:

— Então, você não corre tambem a gaiola do passarinho?...

Esbravejou o chefe paraguaio...

Tal qual aquele velho frade do tempo da perseguição religiosa em Portugal, que indagou dos vis esbirros que farejavam e remexiam todo o convento si já haviam dado busca na gaiola do seu canario...

Durante longos dias, a situação se manteve a mesma. Depois duma troca de notas com o ministro José Berges, que devia ter o mais triste fim, vítima da crueldade de Lopez, o plenipotenciario brasileiro Vianna de Lima retirou-se com dificuldade de Assunção, somente obtendo meios de transporte para si e para a sua familia graças à

intervenção do agente diplomatico norte-americano Washburn. Enquanto isso, os brasileiros detidos a bordo, inclusivé o velho Carneiro de Campos, para o qual o governo paraguaio não tinha consideração de especie alguma, passavam privações de toda a casta e eram brutalmente inquiridos de quando em quando sobre as comissões que iam desempenhar, sobre transporte de armamentos e sobre os recursos militares de Mato Grosso.

Fazia um mês que o navio chegára a Assunção aprisionado quando por volta da tarde veio a bordo o ministro da guerra e marinha do ditador, seu cunhado Vicente Barrios. Mandou estender em linha no convéz a oficialidade, a maruja e os passageiros. E declarou-lhes sêcamente que seu governo resolvêra considerar o paquete bôa presa e todos quanto se achavam a bordo prisioneiros de guerra.

Um silencio angustioso pesou sobre aqueles infelizes. Seus olhos procuraram uns aos outros, ansiosos, espantados. Era aquela a dura realidade. O velho Carneiro de Campos, braços cruzados sobre a farda azul, fitava o ministro paraguaio calmamente.

O sol ia morrer. As aguas do rio eram côr de ouro. As matarias do Chaco refletiam-se tremulamente na correnteza. A voz áspera de Barrios ordenou:

— Arriem essa bandeira de negros!

E o pavilhão imperial começou a baixar pela driça, rapidamente. Os olhos tristes dos brasileiros seguiam-no sem pestanejar. Quando tocou as taboas do convéz, de novo a bruta voz do assécla do tirano se fez ouvir:

— Levem isto para servir de tapete a Sua Excelencia!

O tenente Mangabeira fez um movimento para a frente. Clião Arouca, mais calmo, segurou-lhe o braço. Todos os labios se apertavam, todas as mãos estavam crispadas. E, voltando-se para o nobre vulto de Carneiro de Campos, os oficiais viram que as lagrimas borbulhavam-lhe dos olhos escorriam-lhe pelo rosto.

De miseria em miseria, cada dia peor, os pobres prisioneiros do Marquês de Olinda fôram se arrastando

até o recinto do quadrilatero. Primeiro, foi um alojamento de quartel na capital, com a terra batida por leito e reduzida alimentação. Depois, a viagem para a capela de S. Joaquim, com grilhões nos pés, o trabalho nas plantações e o rêlho pelo menor motivo. Por fim, três mezes num passadiço de navio, ao sol e á chuva, deante das baterias de Humaitá, onde morre o pobre Póvoas, vítimado por uma febre maligna aos dezenove anos de idade! Transportados para Villa del Pilar e dahi para Posta do Boqueirão, passam neste ultimo logar dez mezes num xiqueiro inféto. Desde que os prendêram, nunca mudaram de roupa, nunca puderam tomar um banho, cortar o cabelo o fazer a barba, nunca recebêram o menor socorro medico. São tratados como animais e mal os alimentam. Enterram junto ao xiqueiro, sem um trapo a cobri-lo, o pobre fiel da armada, Reis, todo crispado na convulsão do derradeiro delirio...

E o martirio continúa.

Atiram-nos ao acampamento de Passo Pocú. São esqueletos cabeludos, barbudos, fedorentos, repelentes que os paraguaios, brutalmente, obrigam à faxina, espetando-os com as baionetas. E o velho Carneiro de Campos, horrivelmente magro, com uma tanga envolvendo-lhe a cintura, o andar vacilante, varre as imundicies, silenciosamente. Nunca se lhe ouviu um queixume, nunca fez uma suplica aos seus verdugos, nunca teve uma palavra má para ninguem. A resignação dum santo. A dignidade dum herói. E os seus companheiros revoltavam-se contra aquela humilhação injusta e perversamente imposta a um coronel de engenharia, deputado e presidente de provincia do Imperio. Nenhum prisioneiro paraguaio feito por nós jamais se queixou de tratamento similhante.

Vítima daquela tortura verdadeiramente asiatica, adoece o cirurgião Luz. As rações dos prisioneiros são ainda mais reduzidas. Passam dias inteiros sem comer. De tempos em tempos atiram-lhes algumas espigas de milho, crúas. Eles catam pelo chão os restos dos soldados e disputam ossos e viceras aos cães. O infeliz medico militar é levado pela disenteria. Carregam-no para a cóva num couro.

Eles não sabem nada do que se passa alem do recinto do acampamento. Quem procura falar com um soldado é cruelmente punido. Quem procura fugir é sumariamente lanceado. Entretanto, os paraguaios tinham sido desfeitos no Estero Bellaco e aniquilados de tal sorte em Tuiti, a 24 de maio, que se procedêra a terrivel recrutamento por toda a parte para preencher os claros do seu exercito. O insucesso de Curupaiti fizera demorar a marcha das operações, porem Caxias já contornava as posições paraguaias e era somente questão de tempo a queda da Sebastopol americana. De nada eles estavam informados e somente uma esperança remota e vaga aluміava as suas almas abatidas. E, dentro do quadrilatero, além disso, os paraguaios contavam unicamente as suas façanhas e celebravam constantemente vitorias imaginarias.

O comandante Silva Souto cái um dia de fraqueza, careteando ao sol. Seus miseraveis companheiros tentam reerguê-lo. Está morto. As taboas de sangue de Lopez, apanhadas em Lomas Valentinas nas suas bagagens de fujão, quando mencionam desses falecimentos denominam todos — *muerte natural*. Cínico eufemismo!

Daí a dias, vai embora para a grande viagem o altivo tenente Mangabeira. Sempre revoltado, altercava com os algozes, recusava-se á faxina, protestava. Vivia no cêpo ou de pesados grilhões aos pés. Estaqueavam-no ao sol ou á chuva dias inteiros. A tuberculose minou-o rapidamente. Expirou em silencio, calmamente, como quem adormece. Antes, havia dito aos companheiros de infortunio:

— Si algum de vocês escapar, conte aos meus filhos que morri pensando neles (1).

Mais algumas horas e morre o piloto Braga: "Ergue-se do chão que lhe serve de leito, abre os braços, delirando. De subito, começa a blasfemar. Uivos de cães brotam-lhe da garganta: geme, brada, pragueja. Dir-se-ia que está a dirigir um navio em meio a um temporal..." (2)

(1) LEMOS BRITO — **Guerra do Paraguai**, edição Reis & Cia., Bahia, 1907, pag. 71.
(2) Idem, pag. 71.

Os soldados paraguaios arrastam o corpo pelos pés e vão atirá-lo dentro dum valado.

O coronel Frederico Carneiro de Campos só tem agora dois companheiros. São aqueles que deveriam ser poupados pela Providencia para, depois de indiziveis padecimentos, regressarem ao Brasil e testemunharem a barbárie do povo a quem o Imperio fôra forçado a fazer a guerra, libertando-o do despota infame e cruelissimo que ele suportava e com o qual se satisfazia em função da sua propria selvatiqueza e ignorancia. Chamam-se Clião Arouca e Coelho de Almeida. A morte dos companheiros doeu-lhes profundamente, mas o seu animo não se abateu e ainda alimentam esperanças de salvação. Carneiro de Campos tambem. O velho militar e politico somente chorára uma vez: aquela tarde triste e dolorosa em que a mão brutal dum guarani arriára do mastro do *Marquez de Olinda* a bandeira imperial. Depois, as injurias e as humilhações, a fome e a sêde, a doença e a morte nada lhe arrancou mais uma lagrima. Tempera de aço.

Tarde de três de novembro de 1867. Os paraguaios fôram repelidos no seu ataque de surpresa a Tuiutí. Voltam em desordem para o acampamento. Unicamente a cavalaria regressa mais ou menos formada (3). A derrota foi completa; porem como, nas vantagens iniciais do assalto de rapinantes indios, fizeram prisioneiros e se apoderaram de alguns canhões, o Supremo anuncia uma grande vitoria e manda tocar as musicas e fazer vivorios.

Terminado o seu aspero serviço de faxineiro, Carneiro de Campos encosta-se ao umbral do rancho que lhe servia de calabouço, pensativo e triste. Ouve o rumor das aclamações e o som marcial das charangas. Os seus companheiros sussurram-lhe:

— Corre que os aliados fôram completamente derrotados em Tuiutí, que os brasileiros perdêram quasi toda

---

(3) "Sólo la caballeria volvió con alguna ordem. La poca gente que regressó venia completamente desbandada..." Depoimento de Resquin, chefe de estado-maior de Lopez, in **Mastermann — Siete años de aventuras en el Paraguay**, edição Palumbo, Buenos Aires, 1911, pag. 408.

a artilharia e que os prisioneiros são aos milhares. Peor do que Curupaití!

Nisto, surge do lado das linhas de Rojas o comboio dos prisioneiros e vem desfilar por deante dos ultimos sobreviventes do MARQUEZ DE OLINDA. Trópegos, muitos feridos, descoifados, os olhos cravados no chão, caminham, amarrados com guascas dois a dois, primeiro os cavalarianos correntinos, depois os paraguaios da legião de Báez, destinados aos tormentos mais crueis e ao fusilamento pelas espadas, e por fim os duzentos brasileiros do quarto batalhão de artilharia a pé, que, avassalados pelo numero, se rendêram com o major Cunha Matos. Um oficial paraguaio, dando uivos de alegria, alçava-se nos estribos e agitava a bandeira desse corpo. E o pendão auri-verde, manchado de sangue, adejava tristemente ao vento.

Arouca e Coelho taparam os olhos com as descarnadas mãos. Carneiro de Campos fitou a bandeira da sua patria querida e chorou pela segunda vez. Enquanto as lagrimas quentes e grossas rolam-lhe pelas faces cadavericas, o organismo, minado pela fome e pela sêde, cede completamente ao peso da dôr intensa. Ele recúa, cambaleando e chorando, para o fundo escuro do rancho e cái sobre o chão húmido em que dormia. Os companheiros aproximam-se, procuram conforta-lo. Carneiro de Campos limpa com a mão as faces molhadas, tenta sorrir, tenta falar, mas os seus olhos se fecham e os seus membros se inteiriçam. Morre, levando para o tumulo a visão horrivel da bandeira humilhada.

Quando Lopez foi justamente linchado á margem do Aquidabanigui, pagou as suas crueldades sem limites. O que ele fez com esse nobre brasileiro e com todas as outras vítimas de sua fereza tornou-o um individuo fóra da lei. Ele não era mais um chefe de Estado, nem um comandante de Exercito. Não passava dum bandido feroz e errante, que deveria ser justiçado onde seus perseguidores o encontrassem. Faltou, infelizmente, ao general Camara a coragem social — ele que tinha o maior

destemor no campo de batalha — para dizer isso na sua parte ao general vitorioso.

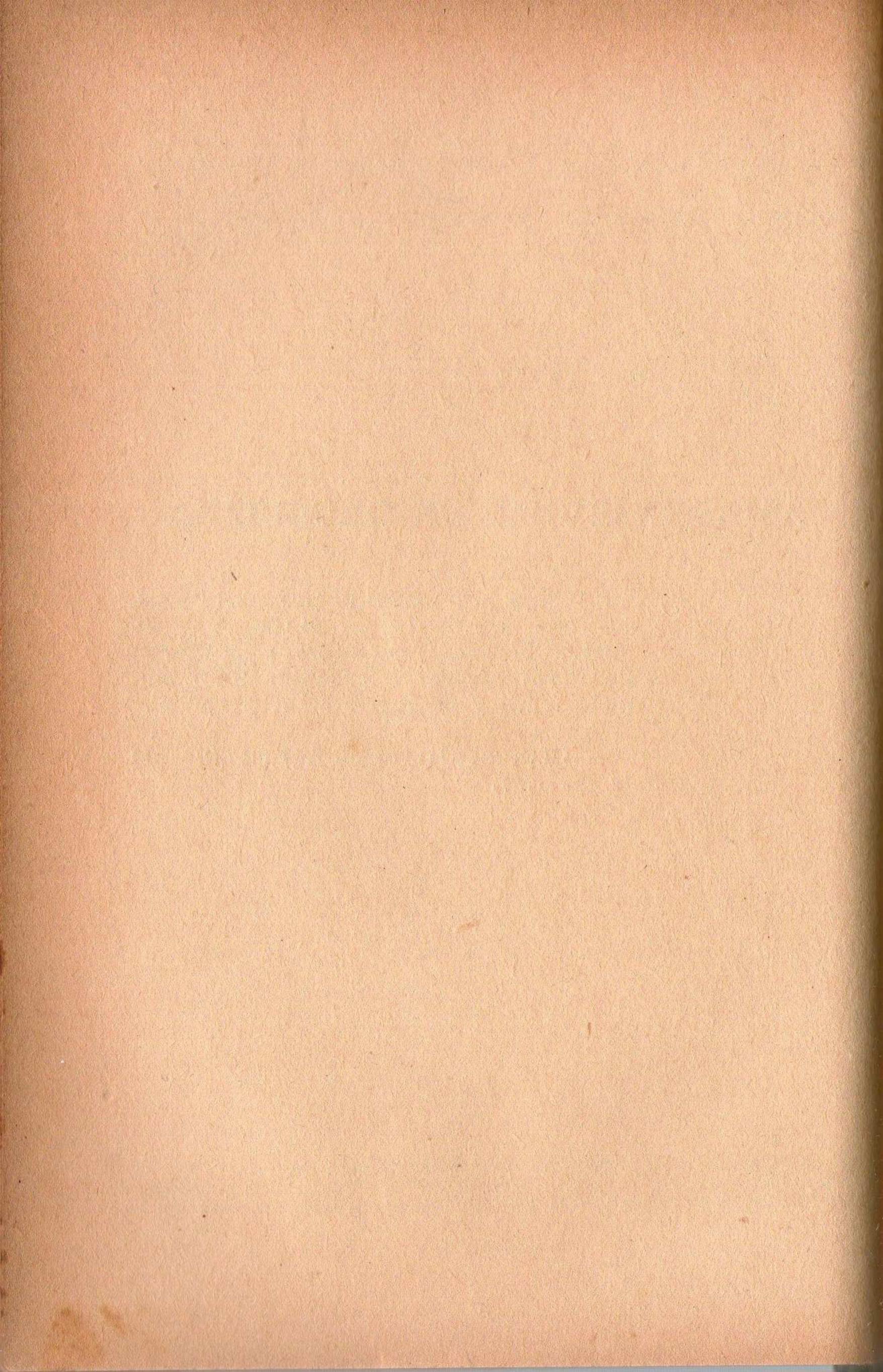
As lagrimas de Carneiro de Campos fôram vingadas. (4).

---

(4) **Mastermann** considera o que Lopez praticou contra o **"Marquez de Olinda"** — "un fáto de pirateria". V. **Siete Años de Aventuras en el Paraguay**, Ed. Palumbo, Buenos Aires, 1911, pag. 62.

AS ASSINATURAS DE URUGUIANA

"Bajo sus amabilidades cortesanas, los tres brasileiros — el ministro de guerra Ferraz, Tamandaré y el Barón de Porto Alegre — escondiam un empeño tenaz y un fuerte amor proprio".

(MANUEL GÁLVEZ — *Los caminos de la muerte*).

Enquanto Flores batia os paraguaios de Duarte em Jataí e Mitre concentrava em Concordia, dificilmente, o exercito argentino, as tropas brasileiras de Caldwell e de Canabarro obrigavam Estigarribia a se refugiar em Uruguaiana. Perseguindo a retaguarda do inimigo, os lanceiros de Bento Martins, futuro barão de Ijuí, entraram nas ruas daquela cidade e lancearam as guerrilhas do batalhão paraguaio 17, ferindo duas vezes o capitão Diogo Alvarenga, seu comandante (1).

Imediatamente, o exerctio brasileiro sitiou o inimigo e, dentro de dias, o general barão de Porto Alegre assumiu o comando das operações. Flôres acampado em Paso de los Libres não tinha meio de atravessar o rio com suas tropas e ansiava por assumir a chefia dos sitiantes de Uruguaiana, afim de vangloriar-se com a capitulação. Viu, imobilizado na outra margem do Uruguai, as tropas paraguaias procurarem fazer uma sortida e sêrem repelidas pelos brasileiros, que, sem o auxilio de seus aliados, ali as tinham encurralado (2). Então, resolveu mandar ao chefe inimigo uma intimação, como si fôra ele o diretor das operações, para que se rendesse. Canabarro tambem intimara o paraguaio a se entregar, E este respondêra que, como militar de honra, não podia aceitar semelhantes propostas.

Os navios trazidos por Tamandaré, dias mais tarde, efetuaram a passagem das forças uruguaias e argentinas para o territorio brasileiro e a 1.º de setembro houve uma reunião dos chefes militares para resolver a situação. A proposito, Jourdan conta, em nota: "Nesta conferencia,

---

(1) Diario de Estigarribia.

(2) JOURDAN, **Historia das Campanhas do Uruguay, Mato Grosso e Paraguai**, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1893, pags. 133 e seguintes.

houve uma discussão um tanto desagradavel entre Flôres dum lado e Porto Alegre e Tamandaré do outro. Flôres havia mandado um recado a Porto Alegre para que avançasse o seu acampamento. Era uma ordem ou um recado de superior para inferior? Porto Alegre não o cumpriu, e, na conferencia que se seguiu deu-se a cena violenta a que nos referimos. Flôres declarou que Tamandaré e Porto Alegre o tomavam por um *sonso* (tôlo), mas que ele não suportaria isso e passaria de novo para a margem direita com as suas tropas, que só com elas era capaz de atacar e destruir a divisão de Estigarribia. Os dois generais brasileiros responderam energicamente, dizendo-lhe que a destruição da coluna de Estigarribia pelos quatro mil argentinos e orientais de que dispunha Flôres não passava duma fanfarronada, e que si ele julgasse melhor voltar á margem direita, podia fazê-lo, porque a provincia do Rio Grande do Sul não precisava de auxilio estranho para aniquilar as forças invasoras. Flôres compreendeu que se tinha excedido, voltou ás bôas e deu explicações". (3) Documentos de origem argentina contam que Tamandaré ameaçou o general uruguaio de cortar-lhe a passagem com a esquadra... (4).

No dia 10 de setembro, chegavam ao acampamento dos sitiantes o ministro da guerra do Brasil Angelo Moniz da Silva Ferraz e o general Mitre, que deixára Osorio em Concordia, substituindo-o, e viera a todo o panno participar do triunfo de Uruguaiana, resultado somente das operações de Caldwell e Canabarro. E todos queriam ser chefes deante da cidade brasileira. Mas, felizmente, ali estava o vencedor de Monte Caseros, com a sua indefetivel brasilidade, para cortar-lhes as asas. Porto Alegre opôs-se a que Mitre assumisse o comando em chefe em territorio brasileiro, o que motivou novas divergencias, como quando Flôres tivera a mesma pretenção.

Tendo Estigarribia escrito a Mitre, fazendo propostas de rendição, este se sentiu tão pouco autorizado a tra-

---

(3) Idem, pag. 141, em nota.

(4) "Tamandaré dijo que tenia los cañones de sus buques para impedir esa operación..." FRANCISCO SEEBER, **Cartas sobre la Guerra del Paraguay**, J. Rosso, Buenos Aires, 1907, pag. 56.

tar com ele em territorio do Brasil que lhe não respondeu.

No dia 2, chegou o Imperador. A artilharia do exercito salvou-o com vinte e um tiros, ás nove horas da manhã. O ministro da Guerra, Porto Alegre, Tamandaré, Flôres, Mitre, Paunero, Canabarro, Caldwell, todos os oficiais generais fôram recebê-lo. Indescritivel entusiasmo reinou no acampamento brasileiro. Sua Magestade, acompanhado pelo marechal conde d'Eu, pelo almirante duque de Saxe e pelo marquez de Caxias, passou as tropas em revista, visitou os hospitais e depositos. Depois, acampou com o seu sequito no meio do exercito, junto ao quartel general.

Daí a dois dias, reuniram-se a bordo do vapor ONZE DE JUNHO, em conselho, os tres chefes de Estado e seus generais. Decidiu-se que o general Mitre não podia assumir o comando em territorio do Brasil e que as operações militares ficariam a cargo de Flôres, Paunero e Porto Alegre, sem que um estivesse subordinado a outro, deliberando-se por mutuo acordo (5.) O tempo era péssimo. Chuvas continuas desabavam sobre os campos, enxarcando-os. A campanha gaúcha era um aguaçal a perder de vista. Resolveu-se o ataque para quando o tempo melhorasse.

Na manhã de 18 de setembro, formaram para o assalto dezesete mil homens, dos quais mais de treze mil eram brasileiros. As forças tomaram as seguintes posições: "A' direita, entre o cemiterio e a vila, estava assestada em bateria, que rapidamente foi construida pelo contingente do batalhão de engenheiros, a artilharia brasileira: á sua esquerda e direita, em cinco colunas de brigadas, a infantaria; o quartel general, com Sua Magestade, os principes, o ministro da guerra, o marechal Marquez de Caxias, proximo á bateria e no centro da infantaria. Mais á direita, até ao rio, as cavalarias do barão de Jacuí. No centro da linha de batalha vinha o exercito argentino, com parte de sua artilharia estendida em linha, e á esquerda o exercito oriental; a divisão Canabar-

(5) JOURDAN, idem, pag. 147.

ro formada em segunda linha, de proteção á primeira". (6)

Quando as avançadas chegaram a trezentos metros dos entrincheiramentos paraguaios, o comandante Cruz Brilhante, com bandeira branca, levou ao comandante da praça a ultima intimação para capitular, assinada pelo Imperador. A's duas horas e meia da tarde, Estigarribia respondia, entregando-se mediante condições. O ministro da guerra do Brasil atravessou, então as linhas inimigas e penetrou na praça, indo entender-se pessoalmente com o comandante inimigo. E, ao decer o sol, perante aquela magestosa formação do exercito atacante, que ocupava um arco de mais duma legua de extensão, cuja corda era o rio, depunha as armas a emagrentada e humilhada guarnição paraguaia.

O Imperador, a cavalo, envolto no poncho de abertura bordada, com o quépi agaloado de coronel de voluntarios da Patria e o espadim de general, ladeado pelos genros e pelo marquês de Caxias, recebeu das mãos de Angelo Moniz da Silva Ferraz a curva e singela espada do major Estigarribia (7). Depois todos se dirigiram á barraca do quartel general para a assinatura solene da áta de capitulação. O major Miguel Pereira de Oliveira Meireles, secretario do comando em chefe, lavrou-a. O capitão Antonio José do Amaral, oficial de gabinete do ministro da guerra, leu-a e collocou-a sobre a mesa, para ser assinada. Mitre olhava aquela cena como simples testemunha, ao lado de Pedro II, os braços cruzados. Flôres, a quem Porto Alegre e Tamandaré, por deferencia, tinham sempre consentido que firmasse em primeiro logar as notas de intimação, estendeu a mão, tomou uma caneta e molhou-a no tinteiro. Porto Alegre tocou-lhe no hombro. O chefe uruguaio voltou-se.

---

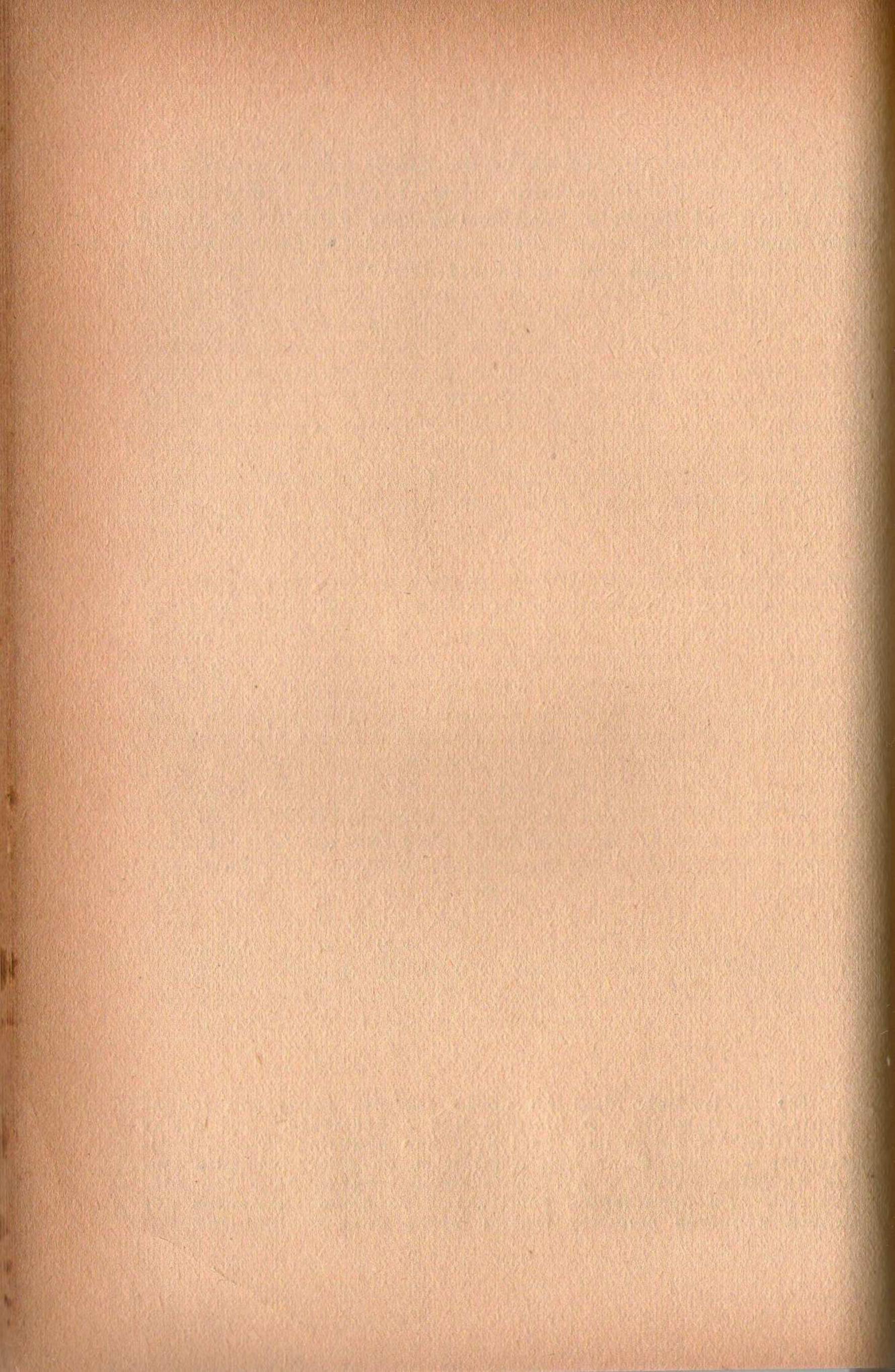
(6) Idem, pag. 152.

(7) Essa espada figura hoje em dia no Museu Historico Nacional. As peças da indumentaria imperial aí referidas, tambem. Todas elas, menos o espadim, fôram oferecidas pelo principe D. Pedro de Orleans e Bragança, neto de Sua Magestade, a essa instituição.

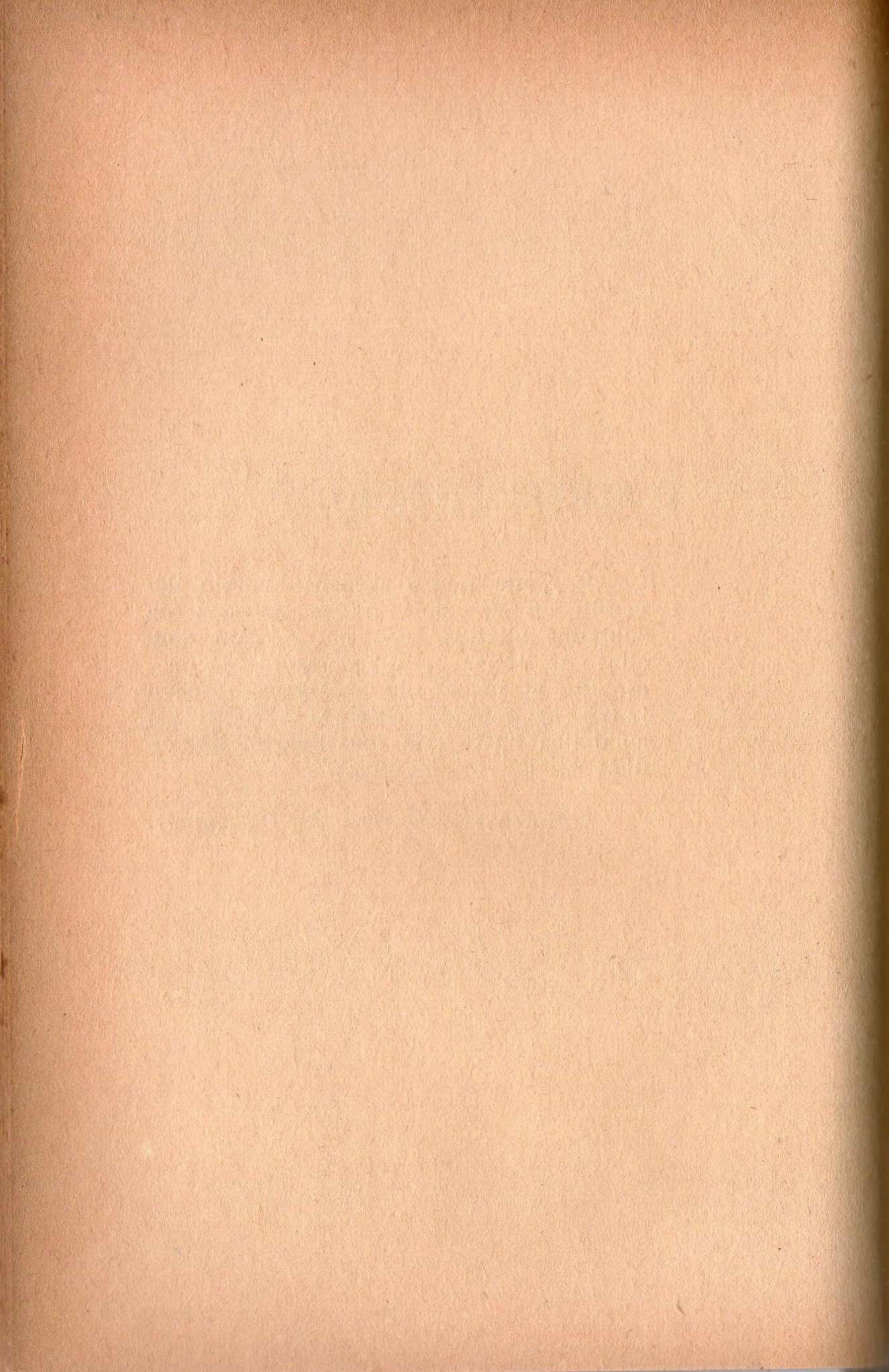
— Estamos no territorio do Brasil e na presença de Sua Magestade o Imperador, disse, rápida e incisivamente, o general imperial. Só assina essa capitulação quem fôr brasileiro.

Flôres deixou cair a caneta (8).

---

(8) A tradição oral no nosso exercito conservou longamente este episodio. A historia não o desmente. Eis o que diz JOURDAN, idem, pag. 148: "... nas negociações com Estigarribia somente figuraram o ministro da guerra Angelo Moniz da Silva Ferraz e o tenente-general barão de Porto Alegre...". Os documentos relativos á rendição existentes nos nossos arquivos somente trazem essas duas assinaturas.

O ALFERES NEGRO

"... un negro sargento volvió llevando en un saco nueve cabeças de soldados aliados, y se presentó com ellas á Lopez... El sargento fué promovido al puesto de abanderado; pero Lopez lo mandó después á todos los combates hasta que fué muerto, librandose asi del oficial negro".

(THOMPSON—*Guerra del Paraguay*).

Lopez estava no acampamento do Passo da Patria, esperando os movimentos do exercito aliado, que, pelo territorio de Corrientes, marchava para as margens do Paraná. Já tinham atravessado o rio as tropas guaranis que haviam invadido aquela provincia e os efetivos concentrados naquela posição ascendiam a uns trinta mil homens.

Quasi todas as noites, partidas paraguaias passavam para o outro lado do Paraná em canôas, afim de surpreender e matar as avançadas ou as sentinelas perdidas da vanguarda aliada que Flôres dirigia. Eram geralmente expedições de cem a duzentos homens (1), que atracavam subitamente os piquetes de cavalaria correntina ou as patrulhas de caçadores orientais e brasileiros, matando alguns, ferindo outros, e, às vezes, carregando prisioneiros.

Destes reides o mais digno de nota foi levado a efeito pelo tenente Viveros á frente de quatrocentos soldados de varios batalhões, escolhidos a dêdo. Partiram do Passo da Patria como uma cabilda de indios, dansando, saltando e gritando (2) ao som de uma das melhores bandas de musica do exercito paraguaio, a famosa *Banda-Paraí*, que tocava, para homenagea-los e excita-los, a marcha favorita do Supremo, aquela que somente ressoava quando ele saia de sua casa ou da missa dominical. Acompanhavam-nos mais de mil mulheres, cantando, aos pinchos, atirando-lhes flôres de laranjeira e verbenas selvagens. Madame Lynch vinha risonha, coberta de sêdas e de joias no meio delas (3), e era a unica que estava calçada. Ao embarcarem no forte do Itapirú, distribuiu-lhes pessoalmente charutos.

---

(1) THOMPSON — **La Guerra del Paraguay**, edição Palumbo, Buenos Aires, 1910, pag. 81.
(2) Idem, pag. 81, 82.
(3) Idem.

Ao entardecer, essa força atacou subitamente, nas imediações de Corrales, a Guarda Nacional de Buenos Aires, que ali se achava acampada e que por um descuido tinha poucas munições. Os paraguaios derrotaram os argentinos e retiraram-se, logo que chegaram reforços, para a margem do rio, regressando ao Passo da Patria de madrugada.

Estendida a força expedicionaria em linha, no meio dos ranchos do acampamento, o tenente Viveros passou-a em revista. Faltavam cento e setenta homens e, entre eles, o sargento González, um negro alto, membrudo, de fisionomia bestial, que viera de Caacupé, onde era escravo, e se distinguia pela sua ferocidade.

Um soldado declarou que o vira durante a noite escafeder-se pé ante pé para o lado dos inimigos, o cuchillo nú na mão. Pensára que decerto ia desertar, mas não tivera coragem de dar o alarma com medo do negro. Si dissesse a menor palavra, González o mataria.

— Ah! negro, rosnou o tenente, si um dia te vejo na minha frente!

A's onze horas da manhã, quando Lopez se levantou e foi tomar seu chocolate, Resquin comunicou-lhe o magnifico resultado da expedição e a deserção do sargento preto. O ditador falou, satisfeito:

— Mandarei cunhar uma medalha para comemorar esta heroica façanha, de prata para os oficiais e de cobre para os soldados.

Depois, encrespando os sobrolhos:

— Mande encepar o soldado que viu o negro ir embora e não deu o alarma e, si o miseravel fôr apanhado, receba quinhentas vergastadas. Após elas, si ainda estiver vivo, fusilem-no pelas costas como traidor!

E continuou tranquilamente a tomar o seu chocolate com chipas (4).

E' noite. Alumiam o terreiro dos ranchos as fogueiras acesas pelos soldados. Brilham na treva cálida e humida dos esteiros, dos banhados e das selvas os inquietos lumes dos insetos.

Lopez está na sua casa provisoria do Passo da Patria. Conversa animadamente, sentado a uma cadeira de es-

---

(4) Especie de pão doce.

paldar, enquanto Madame Lynch e a senhora Martinez cosem junto a uma mesinha. Ouvem-no e respondem-lhe raramente Diaz e Resquin, enquanto o tenente Viveros, convidado naquele dia a jantar em honra do seu audacioso reide, mostra na fisionomia o deslumbramento daquela intimidade.

Lopez falava de Napoleão e da sua gloria refulgente. Por fim disse:

— Espero que não morrerei como o corso corôado depois de lenta e penosa agonia, sujeito ás vilezas de carcereiros covardes. (5) Tenho a firme resolução de jamais me deixar cair prisioneiro, caso a fortuna me seja adversa.

E lançou uma de suas frases de oratoria barata:

— Sucumbirei entre as ruinas do povo paraguaio com o derradeiro de seus defensores, como Constantino Paleologo ao cair Byzancio sob as patas do cavalo arabe de Mahomet II! (6).

Seu olhar perdeu-se no espaço. Madame Lynch fitou nele as pupilas azúes e sorriu. Ergueu-se, deixando a costura sobre a mesa, e falou:

— Em vez de estares a fazer vaticinios tristes, deverias pedir ao tenente Viveros que nos contasse os memelhores episodios do combate de que saíu vencedor.

Lopez fez um sinal ao seu subordinado e este começou a sua narrativa. Contou a sangrenta avançada até o arroio São João pelo meio dos guardas nacionais argentinos que se deixavam degolar, a chegada dos reforços e sua retirada até a picada de Corrales, alem do Peuajó, onde sustentára quatro horas de terrivel tiroteio. Afinal, a cavalaria de Hornos que acode ao galope e eles que buscam as margens do Paraná em ordem, trazendo os seus feridos e entre eles o tenente José Tomás Echanque com o peito varado por uma bala e que morre na canôa que o ia transportar.

O ditador sorri de gozo e ordena:

---

(5) López tinha a mania de se referir sempre a Napoleão. Era o seu idolo, segundo dizem Juansilvano Godoi e o proprio O' Leary, seu panegírista. Vêr JUANSILVANO GODOI — **Monografias Historicas**, primeira serie, edição de Felix Lajouane, Buenos Aires, 1893, pags. 79 e 80.

(6) Idem, pag. 18. Palavras textuaes.

— Tenente Saturnino Viveros, narre alguns de seus feitos pessoais.

O oficial responde:

— Excelencia, não fiz mais nada do que os outros. Echangue é que foi um verdadeiro herói. Vio-o lutando com tres inimigos ao mesmo tempo. Quiz soccorrê-lo, mas ele matou-os todos. Quebrada a espada na luta, tomou a espingarda dum argentino e pelejou com ela até cair mortalmente ferido.

— Era um bravo! sentenciou o Supremo. E indagou:

— E o negro González?

Nisto, um rumor na ante-sala o interrompe. Todos voltam seus olhares para a porta, espantados. Quem se atreverá a interromper o repouso de Sua Excellencia? Um sargento da escolta *Acá-verá* apresenta-se á porta. Bate os calcanhares. Leva a mão ao shaco de ouro aureolado de cobre doirado.

— Dá licença, Excelencia!

— Fale.

— O sargento González, que foi dado como desertor, apresenta-se á porta com um saco. Diz que não se passou para o inimigo, porem foi fazer um grande serviço e traz um presente para Vossa Excelencia.

Lopez olhou para Viveros. O tenente compreendeu o olhar e falou:

— Eu admirei-me muito dessa deserção. O negro sempre foi ótimo soldado e valente como as armas. Foi ele quem transportou aos ombros até a canôa o corpo desfalecido de Echague.

O Supremo ordenou ao sargento:

— Mande-o entrar, mas fique aí na porta de fusil engatilhado e, ao menor movimento suspeito, mate-o!

Essas precauções eram justificaveis ante o receio continuo que Lopez tinha de ser assassinado. Rodeava-lhe a casa triplo cordão de sentinelas. Quem o desejava vêr esperava fóra, no alpendre. E ali mesmo não se podia conversar com nenhum homem da guarda. Thompson, que chegou a tenente coronel paraguaio graças á proteção de Madame Lynch, cujo piano afinava, afirma Resquin, uma vez respondeu ali a algumas perguntas to-

las dum pobre sargento, foi denunciado ao tirano, teve de justificar-se por escrito, e o inferior foi fusilado! (7)

O negro entrou, timidamente, acurvado, arrastando um saco de estôpa manchado de sangue. Estava nú da cintura para cima. As calças que tinham sido brancas não tinham mais côr, de sujas. Rasgadas. Numa correia que lhe servia de cinturão, atravessado, um cuchillo sem bainha. E os grossos labios arreganhados, mostrando a horrenda dentuça amarela.

Lopez afastou-se, recuando, sem tirar os olhos dele. Diaz e Viveros adeantaram-se. O primeiro inquiriu-o:

— Então, você não desertou?

— Não, senhor!

— E o que foi fazer?

— Buscar as cabeças dos argentinos que mataram o meu tenente para trazê-las de presente a Sua Excelencia.

Abriu o saco. A senhora Martinez soltou uma exclamação de horror e tapou a face com as mãos. Madame Lynch aproximou-se daquela oblata selvagem, a sorrir. O ditador curvou-se um pouco, afim de vêr o conteúdo daquele saco tétrico. O negro tirou de dentro as cabeças ensanguentadas, arroxeadas, uma a uma e contou-as. Eram nove. Murmurou:

— Eu sabia que Sua Excelencia haveria de gostar.

Solano Lopez sorriu com verdadeiro prazer e ordenou a Resquin:

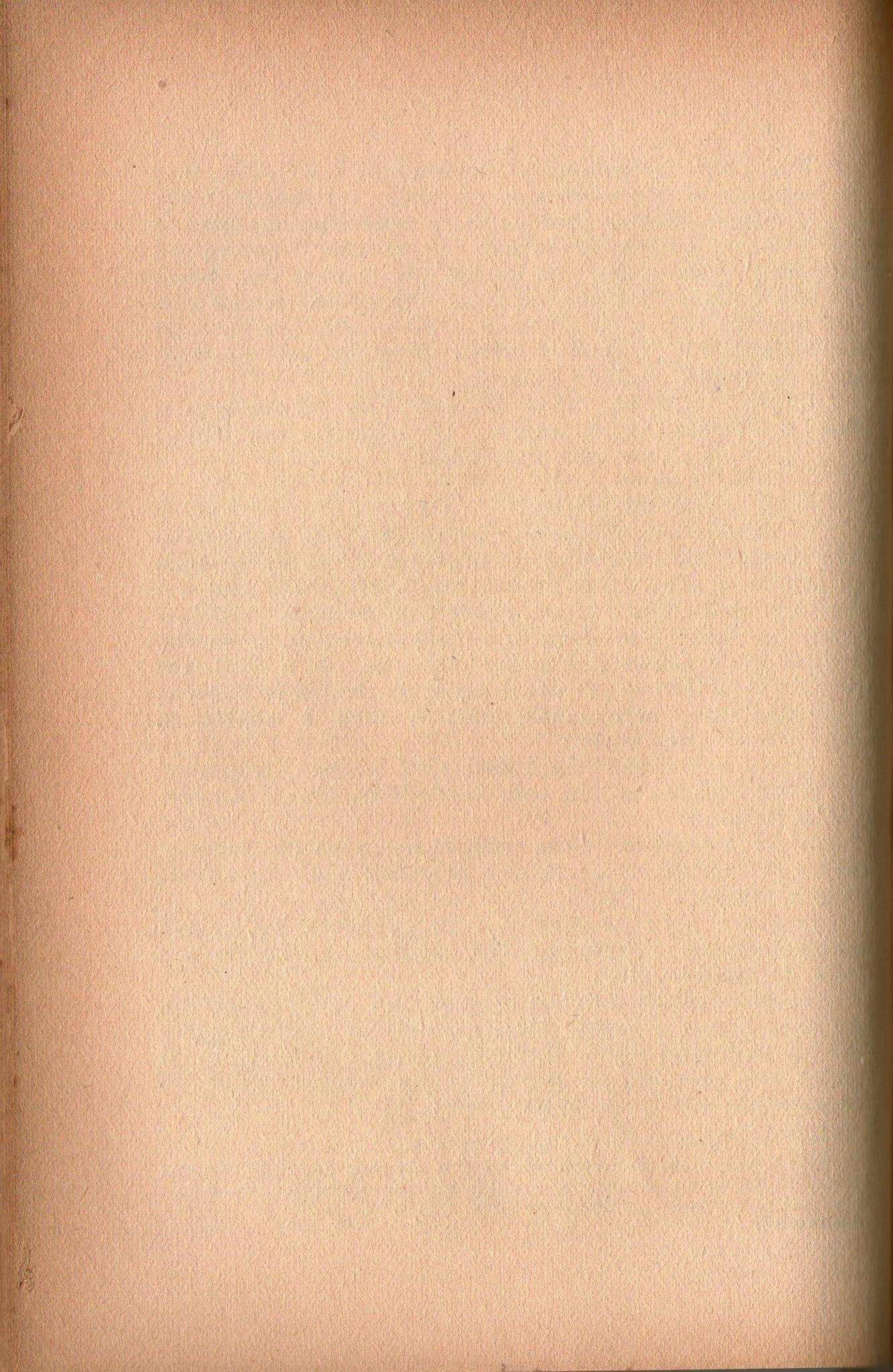
— Faça empilhar estas cabeças na praça da Mayoria, para servirem de escarmento, e promova o sargento Gonzalez a oficial.

O negro caiu de joelhos. E, enquanto balbuciava agradecimentos, o Supremo coxixava ao ouvido do seu chefe de estado-maior:

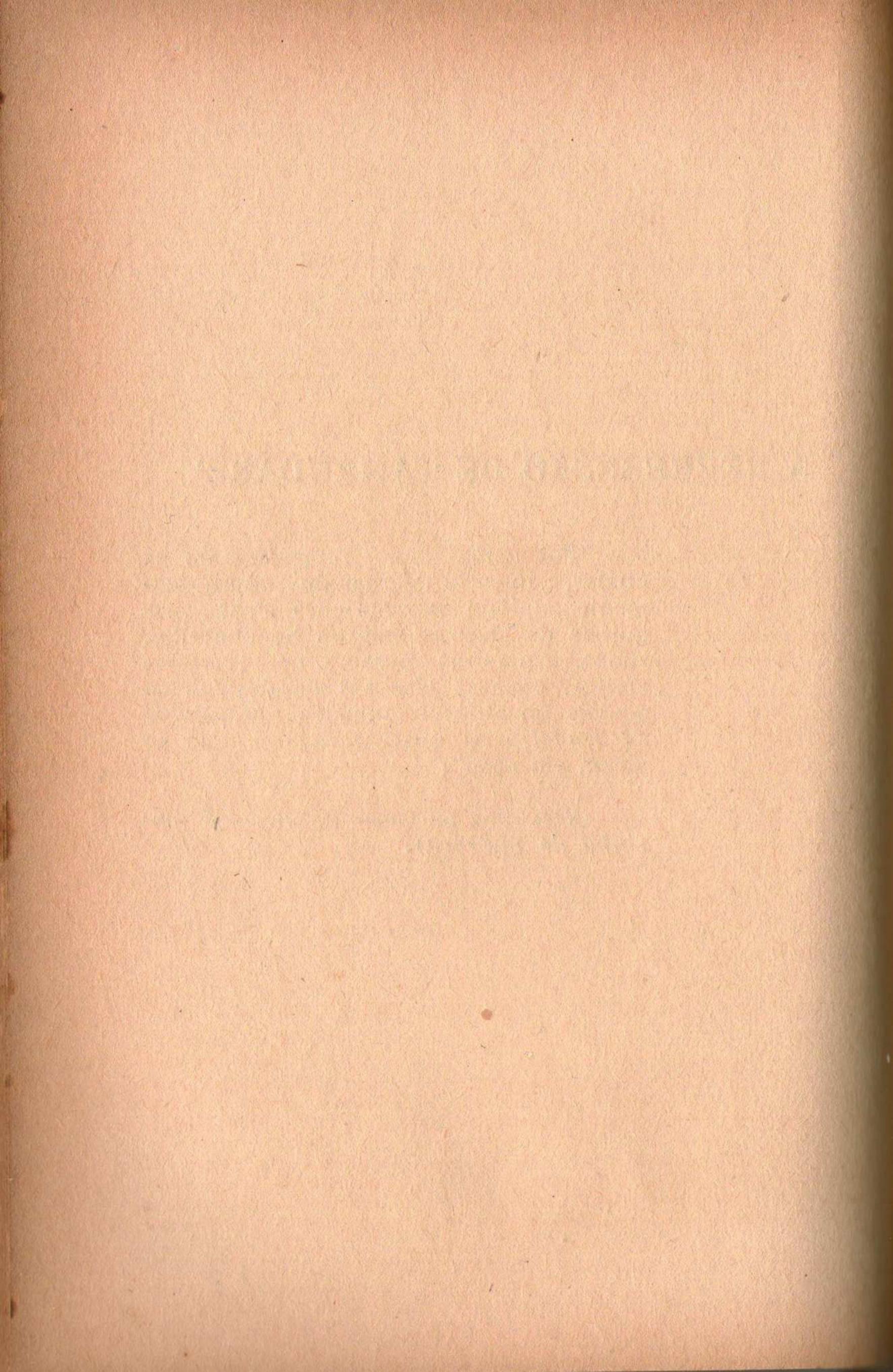
— Não quero oficiais negros no meu exercito. Isto aqui não é o Brasil. Mande pô-lo em postos perigosos, na primeira linha. Exponha-o nos combates. E, si teimar em escapar, na proxima luta arranje meios de lhe mandar uma bala pelas costas. (8)

---

(7) THOMPSON, idem, pags. 79 e 80.

(8) Este meio foi empregado por Lopez, segundo Thompson, Mastermann e outros, contra muitas pessôas que desejava desaparessem. Assentava-lhes praça e fazia-os morrer combatendo...

A REPREENSÃO DE TAMANDARE'

"Foi então que reaparecêram as chatas, invento paraguaio admiravelmente adatado ás condições locais, maquinas de guerras simples no aparelho, rudes, grosseiras, porem de terriveis efeitos, capazes elas sós de destruirem a mais formidavel esquadra. *Monitores de Madeira* as qualificaram os que as viram em ação".

(VISCONDE DE OURO PRETO — *A marinha de out'rora*).

O poder ofensivo da esquadra paraguaia fôra definitivamente aniquilado na batalha naval do Riachuelo. Nove navios brasileiros com 59 canhões e dois mil e duzentos homens batêram-se contra oito vapores paraguaios, seis chatas, quarenta e sete bôcas de fogo e dois mil e quinhentos homens, alem das trinta peças e da numerosa infantaria de Bruguez entrincheiradas na alta barranca do rio. De balas e metralha fôra uma chuva de respeito, como dissera, singelamente, na sua parte, o almirante Barroso. Os corpos a corpos das abordagens alagaram os convézes de sangue. E o grande esporão de aço da *Amazonas*, precedendo a façanha de Tegethof e rclembrando os rostros terriveis das galeras na batalha das ilhas Eginusas (1), praticou prodigios.

Os resultados da pugna tinham sido, em verdade, extraordinarios. Mortalmente ferido, o chefe Meza, invasor de Mato Grosso indefeso. Mortos, os comandantes Robles, Alcaraz e Ortiz. Muitos prisioneiros. Completamente dizimado o famoso corpo 6.° de infantaria de marinha. Tres navios tomados ou metidos a pique. Tres bandeiras em nosso poder (2). Mil e quinhentos paraguaios mortos a tiros a sabre ou afogados. Os barcos inimigos escapos á destruição, esburacados e rôtos, fugindo rio acima, uns a reboque dos outros, perseguidos até o cair da noite e até as aguas territoriais pela BEBERIBE e pela ARAGUARÍ (3).

Em troca de tamanhas vantagens, incediámos com nossas proprias mãos a JEQUITINHONHA encalhada e tivemos menos de duzentos e cincoenta homens fóra de

---

(1) O Museu Historico Nacional guarda hoje esse esporão, que foi fundido em Buenos Aires. Parece, pois, que Barroso tinha a idéa de servir-se do ariete antes da batalha.

(2) Essas bandeiras encontram-se no referido Museu.

(3) Todas as referencias historicas desta narração são tiradas das obras do grande estadista visconde de Ouro Preto, que esmagam de modo completo todas as acusações levantadas dentro e fóra do Brasil contra a esquadra — **A Marinha**

combate. Nenhuma de nossas bandeiras ficou nas mãos do inimigo.

Mas a insidia guarani ainda flutuava sobre as aguas ignotas dos seus rios sob a perigosa forma das suas chatas. Eis como as descreve o grande ministro da marinha ao tempo da guerra, visconde de Ouro Preto: "De madeira tão rija como o ferro, pela qualidade e espessura das peças componentes, a chata era uma embarcação de cento e vinte pés de comprimento, com pouco pontal, rasa, sem remos, velas ou mecanismo a vapor e movendo-se a reboque. Colocada no posto que deveria ocupar, a prendiam em terra ou a rebocador com grossos cabos. No centro do convéz, corrido de pôpa a prôa, apresentava uma escotilha, por cima da qual, assente em reparo acomodado no interior, girava um rodizio de 68, manobrado pelos tripulantes, ocultos no porão. Arfando ao impulso da correnteza e quasi invisivel a alguma distancia, era a chata alvo dificilimo de attingir-se, ao passo que suas balas, deslisando ao lume d'agua, batiam em cheio nos grandes navios, á altura da flutuação, ameaçando submergi-los em poucos instantes (4)".

Enquanto os exercitos aliados ocupavam a margem esquerda do Paraná e os brasileiros se firmavam na ilha da Redenção, de onde hostilizavam as baterias de Itapirú, diariamente se travavam tiroteios entre os nossos navios de guerra e essas embarcações insidiosas, que se ocultavam por trás de rochedos e se metiam nos balseiros ao pé das ribanceiras aonde não era possivel chegar um barco de guerra de certo calado.

A 26 de março de 1866, o encouraçado TAMANDARÉ, que, com outros navios, bombardeava o forte de Itapirú, preparando o desembarque dos exercitos aliados em territorio inimigo, foi hostilizado por uma dessas chatas,

---

de Outr'ora, Livraria Moderna, Rio de Janeiro, 1894, e **A Esquadra e a Oposição Parlamentar**, opusculo reimpresso na **Revista do Instituto Historico**, tomo 90. vol. 144. Tambem em Garcez Palha, citado pelo barão do Rio Branco nas anotações a Schneider, e na **Historia Medico-Cirurgica da Esquadra Brasileira** do dr. CARLOS FREDERICO XAVIER.

(4) **A Marinha de Outr'ora**, pag. 222. Quasi a mesma descrição faz a **Revista Maritima e Colonial**, de 17 de Julho de 1866.

fundeada sob a proteção daquela fortaleza. Apezar da dificuldade em alveja-la, o TAMANDARÉ' meteu-lhe uma bala no paiol e rebentou-a. No dia seguinte, melhor colocada, nova chata rompe fogo contra ele. O navio bate-se contra o forte e a chata até a tarde sem prejuizo algum. Ao regressar ao seu logar na linha da esquadra, um projectil inimigo penetra por uma das portinholas da casamata, arrebenta a cortina de correntes, cujos estilhaços são pelo choque transformados em metralha mata e fere umas tres dezenas de oficiais e marinheiros. O comandante do TAMANDARÉ', Mariz e Barros, sofreu amputação de ambas as pernas, sem cloroformio, fumando um charuto, e morreu como um espartano.

O encouraçado BAÍA vingou o seu companheiro. Nos dias subsequentes, arrombou a perigosa chata e arrebentou com certeira pontaria o canhão de outra que apareceu. Nesses combates, a troca de tiros era continua e temerosa. As granadas arrebentavam com grande estrondo no espaço ou feriam a superficie do rio, espadanando agua. O navio, ora avançava, procurando diminuir a distancia, para melhorar a pontaria, ora se deixava cair a ré, receiando o encalhe nos baixios traiçoeiros. Mas o tiroteio não diminuia. E, de pé, sobre a alta torre de comando, vestido de branco, o boné agaloado sobre os olhos, o oculo ou o porta-voz na mão, a espada á cinta, firme, desprezando a morte que lhe silvava em torno, o bravo comandante Rodrigues da Costa perseguia as chatas covardes.

A sua fisionomia iluminava-se quando uma bala lhes dava em cheio. E gritava para os artilheiros da casamata:

— Acertaram, rapazes!

Na manhã de 30 de março, o comandante Costa, com a fisionomia abatida, chamou o seu imediato e os principais oficiais ao seu camarote e, sem preambulo, mostrando-lhes um papel, disse:

— Eis aqui a minha recompensa pelo que tenho, com vocês, feito estes dias. E leu:

"O almirante visconde de Tamandaré, comandante em chefe de todas as forças navais brasileiras, resolve

nesta data mandar repreender o comandante do encouraçado BAÍA por expôr diariamente, sem necessidade, sua vida, tão util ás condições presentes da patria, mostrando-se sobre a torre de comando horas seguidas e, assim, se fazendo alvo das pontarias do inimigo. Fica o mesmo comandante proibido de proceder desta maneira por ordem superior".

— Está aí o que eu ganhei! concluiu Rodrigues da Costa. O diabo do *velho* não quer que a gente se divirta... (5).

---

(5) "Era um encanto vêr o BAÍA aproximar-se do Itapirú, com o seu comandante, o bravo Costa, de pé em cima da torre de comando, todo abotoado, espada á cinta, boné na cabeça, braços cruzados, firme como uma estatua, afrontando e menosprezando as balas que sibilavam por cima de sua cabeça e as que arrebentavam de encontro ao costado e á torre de combate de seu **desgraçado** BAÍA. Ouvi dizer que só depois de terminante ordem é que ele deixou de assim proceder". Almirante D. CARLOS BALTASAR DA SILVEIRA, **A' Marinha Brasileira**, tip. do "Jornal do Comercio", Rio de Janeiro, 1900, pag. 30.

Esses atos de heroismo eram muito comuns na nossa esquadra. THOMPSON registra um deles. Diz o historiador da **Guerra del Paraguay**, ed. Palumbo, Buenos Aires. 1910, pag 195, que, deante dos canhões de Angostura — "uno de los acorazados habia tenido la suerte de que nunca le acertaramos una sola bala, y era el unico cuyo commandante se mostraba, acompañado de otro oficial, ambos de chaleco blanco, y solian permanecer sobre las casamatas mientres les haciamos fuego". Thompson, simples operario mecanico inglês, contratado para armar e desarmar vagões ferroviarios, foi feito engenheiro militar e tenente-coronel por Lopez, que lhe entregou o comando da bateria da Angostura.

O comandante Rodrigues da Costa, promovido mais tarde a capitão de mar e guerra, exercendo as funções de chefe de divisão, teve a morte dum heróe, quando da primeira abordagem dos nossos encouraçados pelos paraguaios, em 2 de março de 1867. Diz OURO-PRETO no opusculo **A Esquadra e a oposição parlamentar**, loc. cit. pag. 638: "Subiu á tolda do LIMA BARROS o intrepido chefe da divisão Joaquim Rodrigues da Costa; vendeu caro a vida, manejando pela ultima vez sua nobre espada". Escreve BALTASAR DA SILVEIRA, op. cit., pag. 58: "Agarrado pelos paraguaios, que o conheciam, foi arrastado até á escotilha da maquina e aí lhe disse o chefe dos assaltantes **que ordenasse á maquina seguir adeante e sua vida seria garantida.** Costa, com a mesma intrepidez e firmeza de voz, que sabia conservar no meio dos maiores perigos, debruçou-se sobre a escotilha e gritou para baixo: **façam fogo; venham soltar o prisioneiro**".

Foi, desta sorte, o nosso **chevalier** d'Assas.

O MAJOR SOUSA

"Osorio era o bom humor, o largo riso gaúcho sonoro e limpo, sonante como se reunisse todas as cantigas do pampa".

(LUIS DA CAMARA CASCUDO — "*Lopez do Paraguai*").

O exercito brasileiro acampára pela primeira vez no territorio paraguaio. Dois dias antes, os soldados haviam embarcado no porto de Corrientes, em vapores e chatas. Era pela manhã. A luz do sol nascente banhava de ouro o casario pobre da cidade e o vento açoitava nas lomas da redondeza, os galhardetes dos acampamentos militares. As divisões de infantaria de Sampaio e Argolo estendêram-se em colunas de batalhão ao longo da praia que as pequeninas ondas do rio vinham lamber com um sussurro lento de labios que balbuciam.

Sobre as aguas, ao largo, tremulavam nos navios de guerra as bandeiras de sinais. Vozeava a maruja nas canôas, lanchas e escaleres que iam e vinham. Os cordões de baionetas resplandeciam e os gaúchos da escolta do general em chefe aconchegavam á nuca os palas de baêta, indolentemente recostados ás lanças. Nas fileiras dos infantes, os kepis desciam sobre os olhos, abrigando melhor os rostos bronzeados. Duros sertanejos do Norte, tudo para eles era novo naquele país estranho, de gente exotica que falava outra lingua. A alma saudosa da terra natal contemplava aquelas aguas abundantes que nunca tinham visto, filhos de regiões ressequidas, batidas de muito sol.

Ordens borboletéaram pelotões em fóra. Os batalhões moveram-se lentamente, os barcos de toda especie enchêram-se de soldados e rumaram pelo rio, para a esquadra. Rodou a artilharia com um som cavo e lugubre pelo terreno endurecido. Depois, multiplicaram-se as bandeirinhas nos navios, as chaminés golfaram fumaradas que se espalharam em penachos negros pelo céu. E, em fila, a frota começou a subir o Paraná, em demanda das bôcas do Paraguai.

Depois de meio dia, as duas divisões pisavam o territorio inimigo, meia legua a oeste do forte do Itapirú, que a esquadra violentamente bombardeou. Ao ribombar incessante do canhoneio, erguêram as primeiras companhias desembarcadas, com sacos de areia e gabiões, entrincheiramentos de emergencia. A baioneta e a tiro repeliram alguns ataques dos paraguaios. Os veteranos já os conheciam: uns de Jataí, outros de Uruguaiana, outros da marcha através da provincia de Corrientes e faziam má idéa deles (1): Mas a maioria alí era de recrutas, guardas nacionais mobilizados e Voluntarios da Patria, exercitados nos campos da Lagôa Brava. Pela primeira vez, os avistavam. Aqueles indios ou mamelucos reforçados, de fardêtas encarnadas e guritões afunilados de couro preto, com uma fita tricolor na parte de cima, conduzidos por oficiais que lhes davam espadeiradas, quando recuavam, causavam-lhes mais espanto do que temor. Uns, nervosos, calavam as agudas baionetas triangulares, prestes a se atirarem sobre eles; outros, calmos, mordiam lentamente o cartucho, carregavam a Minié com os tempos regulamentares do exercicio de fogo, faziam cuidadosamente a pontaria e, quando o inimigo rolava, escabujando, na vasa do mangue ou no tapete da macéga, diziam com um risinho de môfa aos companheiros, homens de toda côr e variada procedencia — brancos, cafusos, cabôclos, negros retintos:

— Camaradas, aproveitei até a buxa!

No ardor da luta, de repente, um homem passava a cavalo, rodeado de oficiais e lanceiros. Dava-lhe o vento no cobre-nuca do quépi branco e no poncho listado (2), agitando-os como duas bandeiras. Na gola baixa de sua tunica singela e negra, havia bordados de general, mas ele trazia na mão uma lança, como si fosse um sim-

---

(1) "No Brasil e no Rio da Prata tinha-se grande desprezo pelos soldados paraguaios. Ninguem os supunha capazes da selvagem intrepidez e da inexcedivel disciplina que mostraram durante a guerra". BARÃO DO RIO BRANCO. nota a Schneider, **Guerra da Triplice Alliança**, tomo I, pag. 105.

(2) Estes objétos acham-se hoje no Museu Histórico Nacional, de que o autor é o Diretor, na bela Sala Osorio.

ples gaúcho (3). Os soldados velhos conheciam de sobra suas feições varonis, qualquer coisa de leonino no queixo forte, no cabelo basto. Os novos sabiam de sua fama, porém quasi lhe não podiam distinguir a fisionomia entre o esvoaçar do poncho, a poeira e a fumaceira da peleja. Atirava ao som das cornetas os batalhões para a frente, épico, ardendo pelas lutas corpo a corpo, a arma branca. E gritava:

— Não quero um tiro!

Fôra ele quem pisára primeiro a terra paraguaia acompanhado de sua ordenança. Seguiram-no o 2.º de Voluntarios, de Deodoro da Fonseca, o 26 do Ceará, de Figueira de Melo, o 13, de Augusto Cesar, e a bateria de Mallet. A' frente de sua escolta, doze lanceiros sómente, o general sustentára dentro das aguas dum banhado renhida luta contra uma força paraguaia até que os batalhões desembarcados corressem em seu auxilio e conquistassem o terreno paludoso e pérfido, onde os voluntarios do 26 carregaram as peças aos hombros, guiados por Sousa Castelo e Rodrigues da Silva.

Ao cair do dia, o inimigo debandára e fugira. Terrivel

---

(3) Idem. A lança em questão é toda apeirada de prata e ha motivos de presumir que seja duplamente histórica, pois parece ter pertencido ao velho guerreiro dos pampas Bento Manoel Ribeiro. Esta suposição funda-se neste trecho do livro **Apontamentos biograficos para a historia das campanhas do Uruguai e Paraguai**, Rio de Janeiro, 1886: "Na batalha de Sarandí, retirava o general Bento Manoel Ribeiro: após uma porfiada resistencia viu o guerrilheiro caír o seu cavalo; e já se dispunha a vender caro a vida, quando um oficial, reunindo valorosamente algumas praças dispersas, e formando com ellas uma formidavel guerrilha, entreteve o inimigo e sustentou com arrojo vigorosos ataques, até cobrir a retirada do chefe. Esse moço era o alferes Osorio; ganhava as suas esporas e ia, dentre em breve, ser armado cavaleiro. Quando d'aí a pouco se reunia á força de Bento Manoel, ouvia, ao aproximar-se, estas palavras do grande cabo de guerra: — Vem salvo o alferes Osorio? Si aí vem, hei de deixar-lhe a minha lança, quando morrer, porque ele a levará aonde eu a levo".

Bento Manoel terá cumprido a sua palavra e a lança heroica de Osorio nos combates do Paraguai será a mesma que feriu o inimigo da patria em Sarandi e no passo do Ombú? A parte de Bento Manoel sobre a referida batalha declara textualmente: "Comportou-se com muito valor... se fez muito sensivel o seu merecimento... Acompanhou-me e o encarreguei do commando de todas as praças..."

aguaceiro despejára-se do céu e a soldadesca passára a noite inteira debaixo da chuva, encostada tristemente ás suas armas vitoriosas.

Amanheceu o tempo claro. O sol doirava a mata e prateava o rio. Todas as forças estavam em terra. Forte columna paraguia veio ataca-las. Cobria a retirada do grosso do exercito de Lopez, que se ia concentrar nas linhas de Rojas, o que a nossa falta de cavalaria não nos permitia saber, impedindo-nos mesmo de perseguir as unidades derrotadas.

Osorio lançou a infantaria contra essa coluna. Vibrou no ar quente o alarido das cornetas, os tambores rufaram, o passo de carga esmagou o sólo enlameado e os batalhões, estendidos em linha, bandeiras flutuando, moveram-se a um tempo, com gritos roucos de furia e de incitamento. Desalojados dos mangues, repelidos dos macégais, tangidos dos entrincheiramentos a coice de armas e a ponta de espada, os inimigos não podendo refluir para o forte do Itapirú, que se avistava a cavaleiro da margem do rio, com uma cortina de baterias ligando-os aos lamaçais da borda, eriçados de canhões, — porque sobre ele já se estendia a sombra ondulante dos pavilhões aliados, dispersaram-se pelas selvas intrincadas.

A guarnição do forte abandonára-o, juntára-se aos primeiros fugitivos e todos recolhêram-se a um campo entrincheirado que existia na retaguarda.

Antes de atacar esse reduto, o exercito descansou. Levantou no Passo da Patria seu primeiro acampamento. Desde a lombada do alto, onde Lopez construira o forte, até a margem do Paraná, a terra ficou coberta de barracas de campanha.

Ao amanhecer, o alferes José Martiniano (4) do 26

---

(4) "JOSÉ MARTINIANO PEIXOTO DE ALENCAR — Filho de Carlos Augusto de Alencar e natural de Fortaleza, nasceu a 18 de setembro de 1841. A 4 de fevereiro de 1865, com seu irmão Napoleão Peixoto de Alencar, offereceu-se para marchar para a guerra contra o governo do Paraguai, e 4 dias depois no Jornal **Pedro II** publicou uma proclamação entusiastica, convidando os seus patricios para, com ele, defenderem os brios nacionais. José Martiniano disputa a Israel Bezerra a honra de ter sido o primeiro cearense que se alistou como voluntario, sendo aceito seu patriotico oferecimento pelo presidente de então, Conselheiro Lafayette Rodrigues

de voluntarios, moço de bôa presença e de bôa educação, saiu a espiar curiosamente aquela cidade rumorosa, de pano e cordas, estrelejada de lumes. Andou para um e outro lado, entrou em tendas e ranchos de amigos, conversou com camaradas e mesmo com desconhecidos. Mas, quando quis regressar ao seu batalhão, tais voltas tinha dado que não acertou mais com o caminho.

Aproximou-se dumas barracas que lhe pareceram dele. Viu, porém, junto, uma fila de armões e peças mal cobertas com capas de oleado. Havia mulas e cavalos presos a cordas. E um forriel disse-lhe com certo orgulho:

— Aqui está o "Boi de Botas", *seu* alferes.

Era a famosa artilharia a cavalo do Rio Grande. O oficial dirigiu-se sem tardança para outro lado. Mal dera dez passos, as cornetas de cada brigada começaram o toque de recolher. Depois, rufaram longamente os tambores de tos os corpos. Quando se calaram, além do forte, para o sul, as trombetas argentinas bisaram as mesmas notas. Dos vastos, impenetraveis matagáis negros, misteriosamente adormecidos, onde se sabia que ficava o campo paraguaio, veio um som de clarim agudo e triste. Logo, sobre as aguas do rio, de cada navio de guerra se elevaram as vozes dos metais. E, como por encanto, o silencio cobriu o acampamento. Calaram-se as

---

Pereira; percorreu o distrito da capital e a Serra do Baturité e fez aquisição de grande numero de companheiros, incendidos, como ele, em generoso amor patrio. A 5 de abril de 1865 embarcou com o 1.º corpo de voluntarios, que receberam na ocasião da partida uma bandeira oferecida pelas senhoras cearenses. No teatro da guerra, de sua fé de oficio consta o seguinte: Passou o Paraná para o territorio paraguaio a 16 de abril de 1866... Assistiu aos combates desse dia, e ao de 17 do mesmo mês, junto ao forte do Itapirú. Assistiu ao combate de 2 de maio, no qual teve, na parte dada, a seguinte informação: "Este oficial era o porta-bandeira e mostrou com que valor sabia sustentar a bandeira que suas comprovincianas lhe tinham entregado, na occasião de partir do Ceará. . Assistiu á passagem do Estero Bellaco, a 20 do citado mez de maio e á batalha de 24, na qual foi ferido..." BARÃO DE STUDART — **Dicionario Bio-Bibliografico Cearense**, Fortaleza, 1 13, 3.º volume, pags. 167 e 168.

O episodio narrado aqui é veridico e me foi pessoalmente repetido varias vezes pelo proprio José Martiniano Peixoto de Alencar.

conversas, cessaram musicas e cantos, apagaram-se fogueiras. Sómente os espaçados gritos das sentinelas quebravam de momento a momento aquela tranquilidade:

— Sentinela, alerta!

— Alerta está!

O alferes apressou o passo no rumo que lhe parecia ser o de seu corpo, mas atingiu as ultimas tendas do lado do rio e não o encontrou. Enganára-se. A direção devia ser outra. Subiu pequena encosta e deparou um acampamento de cavalaria. Os cavalos relinchavam e o vento frio açoitava as bandeirolas vermelhas das lanças fincadas no chão. Olhou-a. Sob a lamina acerada arqueava-se uma meia lua. Apesar de noviço na guerra, sabia que as da cavalaria regular tinham uma cruzeta. Deviam ser gaúchos da Guarda Nacional. Afastou-se.

Já se sentia cansado e precisava encontrar alguem que lhe desse uma indicação certa. Avistou uma barraca maior, entre arvores, a unica iluminada ainda áquela hora. Chegou á entrada e bateu palmas.

— Entre! respondeu uma voz máscula, imperativa, porém aberta, franca, bôa na sua rudeza.

Entrou. A' luz dum lampeão de querosene, diante de pequena mesa cheia de papeis, um homem forte, de feições varonis, bigode escuro, olhar nobre, sorvia lentamente o conteúdo de uma bomba de ximarrão. Em cima do leito de campanha, dobrada pelo avêsso, uma farda, sob a qual se advinhava o quepi, aparecendo sómente a virola de metal da pala. Do mastro central da tenda pendia um poncho esverdinhado de listas rubras, uma espada de oficial, uma guampa de chifre, uma caixa de binoculo e, presa pela alça de couro, uma lança apeirada de prata na choupa e no couto (5). Nada que indicasse positivamente quem era o homem e qual o seu posto.

Sorriu ao oficial que se adeantava para a luz, acanhado, e perguntou com acolhedora serenidade:

— Que deseja, alferes?

Este, timido, balbuciou:

— Sou o alferes José Martiniano, do 26 de voluntarios, do Ceará...

---

(5) Vide a nota 3.

O outro pousou a bomba de mate sobre a mesa e replicou, mais sorridente ainda:

— A' vontade, camarada... A' vontade! Sou o major Sousa, do 2.º de cavalaria, do Rio Grande. Sente-se, alferes, aqui neste tamborete ou aí na cama e diga em que lhe posso ser util.

Depois, com outro tom:

— Cabo!

Levantando uma cortina, no fundo da barraca, um soldado apareceu. Antes que pronunciasse uma palavra, disse-lhe:

— Traga um calice de vinho do Porto para o senhor alferes.

Voltou-se para este:

— Não lhe mando dar um *amargo,* porque o camarada é *baíano* e não o aprecia. Diga-me, enquanto o ordenança traz o vinho, o que deseja.

O nortista explicou-lhe como se perdêra naquela cidade de pano, de muitas mil almas, e a dificuldade em que estava de retornar ao seu posto, tendo sido surpreendido longe dele pelo toque de recolher:

O major perguntou-lhe:

— Talvez nem tenha jantado, não é verdade?

— Jantei, sim, major, obrigado.

— Mas, a esta hora, depois dum dia de combate e de andar tanto, deve estar cansado e ter fome.

— E' verdade, major.

— Cabo!

— Ora, não se incomode, não se dê esse trabalho major, peço-lhe!

— Cabo, traga um pouco de carne fria, de presunto e pão, e sirva aí o senhor alferes (6).

A generosa hospitalidade do gaúcho encheu o oficial de confiança. Ceiou. O vinho soltou-lhe a lingua e começou a contar historias do sertão na sua pinturesca linguagem. O outro ouvia-o com prazer e curiosidade,

---

(6) FERNANDO OSORIO narra na **Historia do General Osorio,** Leuzinger, Rio de Janeiro, 1894, varios desses acolhimentos generosos, espontaneos, gauchescos de Osorio, que comprovam o relato do alferes José Martiniano.

fazendo-lhes ás vezes perguntas. Tirou do bolso a charuteira de couro.

— Fuma, alferes?

— Pois não, retorquiu o cearense, tirando um charuto.

— Tire todos.

— Não, major, absolutamente não!

— Tire!... Tenho muitas caixas, não me fazem falta. E' para se lembrar de mim quando os fumar.

Consultou um mapa, mandou o ordenança selar dois cavalos, o seu e o dele. Fez-lhe recomendações em voz baixa. Dirigindo-se ao hospede esmagado por tanta gentileza, despediu-o com estas palavras:

— Seu corpo está na primeira linha, entre o forte e a mata. O camarada afastou-se muito. Andou sempre em direção oposta. E' tarde, é longe e não deve fatigar-se mais, porque amanhã precisamos de gente bem dormida para o combate. O ordenança leva-lo-á no meu cavalo, que não é dos peores. Vá com Deus, alferes! Bôa noite.

O sertanejo apertou longamente a mão forte do gaúcho, tão emocionado que mal pôde murmurar:

— Major, muito agradecido ! Deus lhe pague! Lá no 26 tem um homem para tudo... para tudo!

Saiu, montou a cavalo e atravessou o acampamento silencioso e escuro sem dar uma palavra ao seu guia.

Ao apear-se junto de sua barraca, no pouso do 26, entregou ao cabo as rédeas do magnifico alazão em que viera e indagou:

— Como é o nome todo do major Sousa, que me esqueci de perguntar e que desejo guardar de cór? Ele foi tão bom para comigo...

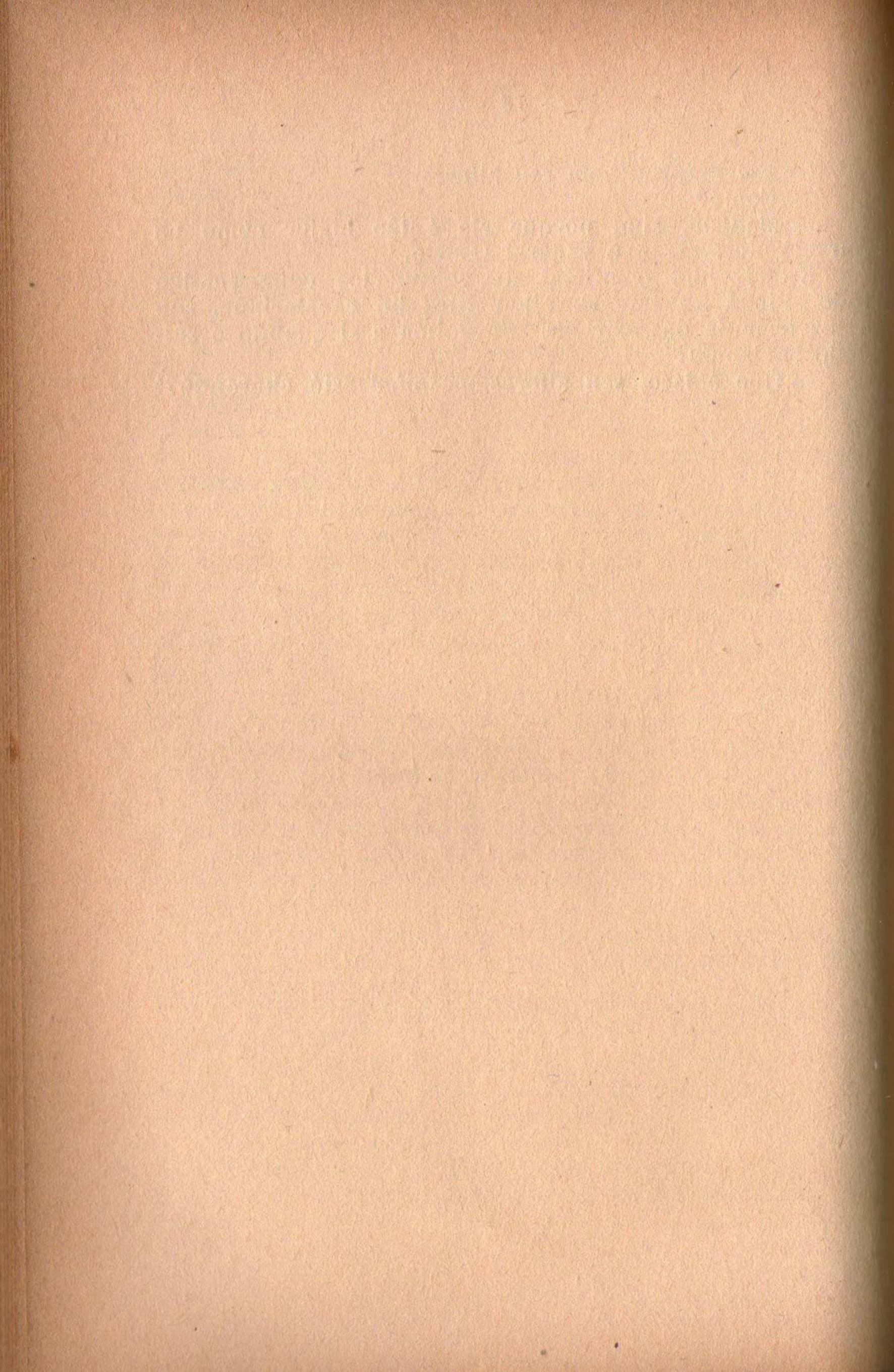
— Que major Sousa? volveu o gaúcho, espantado. Que major Sousa?

— Esse oficial de cavalaria que me recebeu como um fidalgo, me fez ceiar, me emprestou o cavalo e de quem você, camarada, é ordenança.

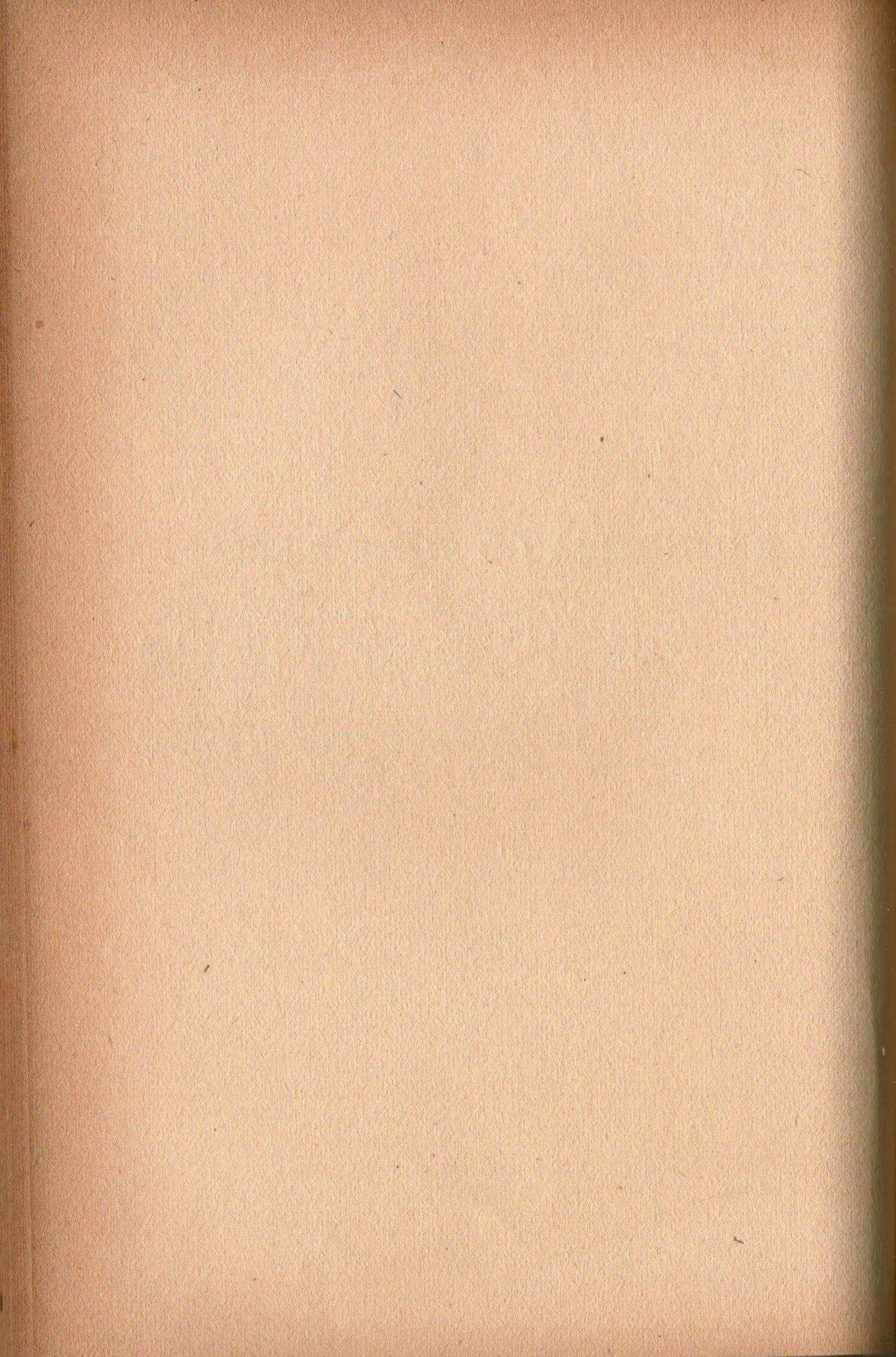
Aí o veterano deu uma risada.

— Ele disse a *seu* alferes que era major?

— Sim, o major Sousa, do 2.° de cavalaria do rio Grande.

— Ele mangou com *seu* alferes...
— Como?
— Mangou, sim, porque ele é tão major como eu sou coronel: ele é o general Osorio.
Estarrecido, o oficial de voluntarios compreendeu tudo. Ficou alí imovel, olhos fitos no cavalariano, sob a luz tremula das estrelas. Só voltou a si quando o soldado exclamou:
— Que é isso, *seu* alferes, *vosmicê* está chorando?!

A BANDEIRA DO VINTE E SEIS

"L'epopée sera de ces histoires hautaines ou tristes, cueillis au vol dans la bataille, les marches ou les campements..."

(H. BOUCHOT — "*L'epopée du costume militaire français*").

— Aos paraguaios, camaradas!

Estes gritos ecoavam adeante do acampamento de Tuiutí, em frente ás matas cerradas que as linhas de Rojas defendiam, sob o sol causticante do dia 2 de maio de 1866. Os inimigos tinham atacado imprevistamente e com grandes forças a vanguarda do exercito aliado. Entraram os orientais de Venancio Flôres que a compunham em formatura com os infantes e artilheiros brasileiros do coronel Pedra, mas, ao embate das massas de cavalaria inimiga, as unidades se desfaziam e a luta se transmudava numa confusão sangrenta de duelos terriveis.

Pedra, montado no cavalo da ordenança por não ter tido tempo de montar o seu, seguido de alguns oficiais e lanceiros, faz prodigios de valor. Os clarins esganiçam-se aqui e ali. Os tiros estrondam. Ha uma gritaria infernal.

Acodem as forças do centro do exercito que acampavam mais proximas, céleres, ardendo em raiva. A primeira que se aproxima é o 26 de voluntarios da Patria, comandado por Figueira de Melo, batalhão de escól, constituido pela melhor gente do Ceará. Manobrava com perfeição e combatia com heroismo. Eil-o que se adeanta para o combate, saúdado pelos gritos de esperança dos que resistiam:

— O 26! O 26!

— Aos paraguaios, camaradas!

São 800 baionetas sob o tremular inquieto duma bandeira bordada a ouro e a sêda pelas moças de Fortaleza. 800 baionetas que as notas agudas da corneta, que acompanha o coronel, ora fazem estender-se em atiradores, ora concentrar-se em quadrado, ora carregar em linha, ao rufar compassado dos tambores.

Recuam os paraguaios de a pé e de a cavalo ante

a precisão daquelles movimentos e a audacia daquele avanço. Recuam para a mata densa e negra, na qual penetram pelas estreitas picadas de onde desembocaram.

Os atiradores do 26 procuram tomar-lhes á retaguarda as peças de que se haviam apoderado; mas eles fogem. Este triunfo e os vivas, as aclamações de orientais e brasileiros enchem de entusiasmo o coração de Figueira de Melo e ele embrenha-se com o 26 na mata misteriosa, em perseguição do inimigo.

Aos olhos da vanguarda de Flôres e Pedra, os cearenses desaparecem na espessura verde e silenciosa.

As fardas vrmelhas surgiam aqui e ali, entre os troncos. Os atiradores descarregavma sobre elas as Miniés. E, em marche marche, o batalhão seguia suas avançadas, no piso dos fugitivos.

De repente, o sol inunda de luz o arvoredo e o batalhão sái numa vasta clareira, de chão humido, quasi sem hervas. De todos os lados, aos milhares, brotando da mata verde, os paraguaios aparecem, cercando os voluntarios isolados e distanciados do exercito. A sua gritaria barbara, alarido de tribu guaraní, vara o espaço, sinistramente (1).

— Em quadrado! ordenou Figueira de Melo. A corneta repetiu-lhe a ordem, as companhias contra-marcharam e executaram a manobra como num dia de parada, e quatro muros de puas triangulares de aço recebêram a carga dos cavaleiros paraguaios. Das arvores em torno, atiradores emboscados cospem balas mortiferas sobre os voluntarios e da bôca das picadas a artilharia os metralha. As fileiras vão sendo rareadas. E, incessantemente, a cavalaria procura penetrar por aquelas brechas da muralha humana.

Resistem os soldados algum tempo áquela luta desigual sob o inquieto tremular da bandeira bordada pelas suas irmãs e pelas suas noivas. Resistem e procuram

---

(1) "El combate lo empezaban siempre con una estrepitosa griteria con que procuraban assustar el enemigo". BLAS GARAY — **Historia del Paraguay**, edição de Uribe & Cia., Madrid e Assumpção, 1896, pag. XI. Conforme se verifica de varias passagens das obras de O'Leary, o costume se perpetuou no exercito do Ditador.

aproximar-se do matagal, onde lhes será mais facil a defesa.

O sol declina. Os gritos de incitamento esmorecem. Os gemidos dos feridos augmentam. E cada vez mais numerosa é a força inimiga que constringe o 26 de voluntarios nos seus tentaculos crueis de ferro e fogo.

O batalhão consegue aproximar-se mais do arvoredo; porém a medida de sua resistencia esgotou-se.

— Estamos perdidos! grita um soldado caindo de joelhos.

— Valha-me São Francisco do Canindé! clama outro transpassado por uma choupa de lança inimiga.

— Salve-se quem puder! brada outro, deixando a formatura para ganhar o mato.

A face palida, escaveirada da derrota apavora o valente batalhão. Os oficiais não contêm mais a soldadêsca. Disjungem-se os muros brechados da formatura e brasileiros e paraguaios se misturam num horrendo corpo a corpo. Homens desatinados, espalham a morte em redor de si como loucos furiosos até sucumbirem ao numero, lavados de sangue. A gritaria é de ensurdecer e de horrorizar. Raros veteranos calmos, guardadas as costas por um tronco de arvore, carregam e descarregam, os musculos do rosto contraídos numa expressão sorridente e feroz. Os feridos e moribundos rebolcam-se pelo chão. Aqueles que procuram fugir são baleados das arvores pelos atiradores ocultos, laçados, baleados ou acutilados pelas costas, pela cavalaria. E os poucos que se entregam são logo ajoujados com rêlhos e levados á garupa dos cavalos.

O batalhão perdeu dois terços de sua oficialidade, o seu major e seiscentas praças entre mortos, feridos e prisioneiros. Escapou unicamente o pequeno nucleo que, rodeando o comandante a cavalo e mantendo certa ordem, pôde alcançar o matagal e nele refugiar-se. Assim se salvou o bravo Figueira de Melo; mas lá ficaram, no chão ensopado de sangue, entre outros, França Leite, Oliveira, Zeferino Martins, Joaquim Lauro, Carlos Manoel. Destes só o primeiro conseguiu escapar. Arastou-se durante a

noite até os postos avançados do exercito com as munhecas em sangue, o corpo em chaga e sem uma orelha.

O 26 pertencia á brigada de Resin, da divisão de Argolo. Quando os primeiros fugitivos aparecêram na orla da floresta e deram a noticia da derrota, a artilharia da divisão estendeu-se á beira do banhado e canhoneou inutilmente o matagal.

Osorio ficou indignado com o desastre em que perecêra o 26. Mandou chamar Figueira de Melo ao quartel general, na manhã do dia seguinte.

Em frente á barraca, sob uma arvore, cotovelos fincados na mesa de pinho, esperou-o. Ao seu lado, tranquilo, Argolo confiava a barba escura. Pedra, de pé, apoiava-se á espada. Resin, sentado num tamborete, pregava os olhos no chão.

Figueira de Melo apresentou-se seguido por alguns oficiais. Tinha os olhos encovados, a barba e os cabelos em desalinho, a farda manchada de lama e sangue. Fez continencia e esperou.

Osorio levantou-se nervoso. Deu alguns passos para lá e para cá. Depois, com um arranco:

— O sr. prepare-se para ser submetido a conselho de guerra

— Mas, sr. General, replicou o outro, eu cumpri o meu dever.

— Perder um batalhão é um crime!

— Não o perdi por meu gosto e por minha infelicidade não morri com os meus soldados. Obedeci a ordens superiores indo em socorro da vanguarda.

— E quem lhe deu ordens de perseguir o inimigo?

— O entusiasmo da vitoria e o meu dever de soldado.

— Mas por que não recuou, logo que se viu cercado?

— Porque seria comprometer o 13 de infantaria que me seguia e que se sacrificou depois, bastante, para salvar os destroços do 26.

Osorio mordeu o bigode. Tirou maquinalmente um charuto do bolso e amolgou-o. Fitou instantes o coronel que não abaixou os olhos e, como ultimo recurso:

— Coronel, onde está a bandeira do seu batalhão, a bandeira bordada pelas moças do Ceará?

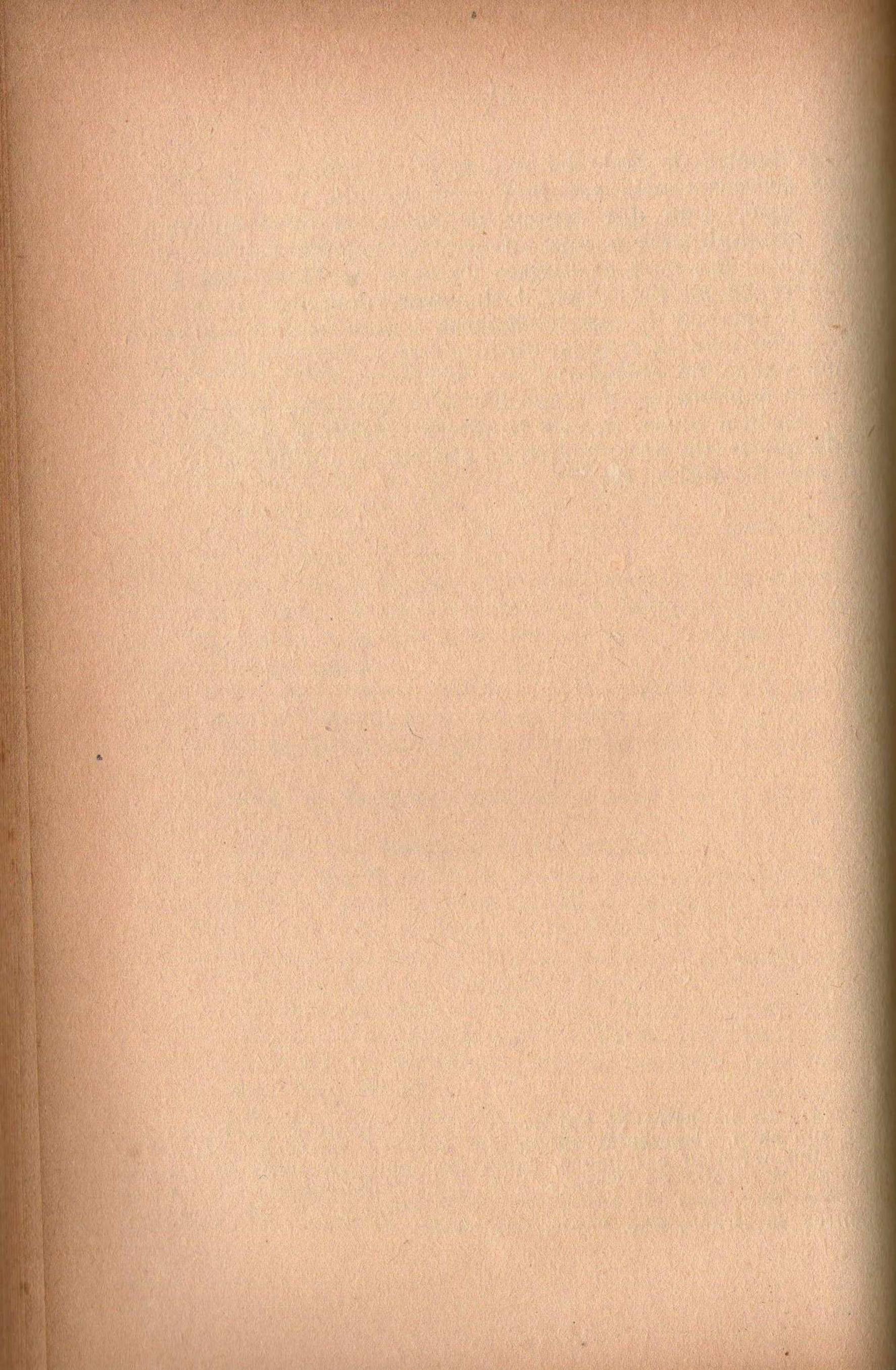
Figueira de Melo baixou, então, a cabeça e as lagrimas correram pela sua face emurchecida.

Nisto, dum dos grupos de soldados que espiavam das proximidades o que ali se passava, um cabôclo de cabeça chata, com as divisas de cabo na blusa rôta e o numero 26 na barretina, destacou-se, deu alguns passos para a barraca do quartel-general, juntou os calcanhares, fez a continencia e disse, dirigindo-se a Figueira de Melo, com a mão no coração:

— A bandeira do nosso 26, sr comandante, está aqui!

Abriu a blusa, tirou a bandeira rasgada e ensanguentada que trazia de encontro ao seu corpo e a depôs sobre a mesa de pinho. (2)

---

(2) "A bandeira só appareceu no dia seguinte, conduzida por um cabo, toda esfarrapada, em pedaços. Bordada a oiro, trabalho artistico e mimoso, saído das mãos de distintas senhoras da capital do Ceará...". J. L. RODRIGUES DA SILVA — **Reminiscencias da campanha do Paraguay**, Cia. Melhoramentos do Brasil, São Paulo, pagina 46.

BAIANO DORMINHOCO

"De chôfre pula, já de carabina engatilhada, um paraguaio que fingia de morto, rapido, o agride. O soldado proximo, por sinal desprezivel, sempre embriagado, negligente em seus uniformes, pesadêlo dos superiores, enfim, volta-se para o oficial que se preparava para a vindita e diz-lhe:

— Não, *seu* alferes, este é meu!"

(J. L. Rodrigues da Silva — "*Recordações da Campanha do Paraguai*").

No acampamento da Lagôa Brava, um voluntario se distinguia pelo seu relaxamento. Tinha o apelido invulgar de Rolamboide e era um vicioso contumaz. Preguiçoso, jogador e bebado, vivia continuamente castigado. O seu aspecto causava asco e dele todos os companheiros se afastavam. A soldadesca dos corpos da Baia, caprichosa no uniforme, valente e disciplinada, renegava aquele soldado negligente e cinico.

Seu maior pecado era o da preguiça. Chafurdava-se numa lezeira irritante, evitando todo e qualquer serviço, coxilando na formatura e dormindo por toda a parte Deixou o exercito aquele acampamento, embarcou em Corrientes, nos navios de Tamandaré, e saltou no Passo da Patria sem que o Rolamboia tomasse geito de querer emendar-se.

Embriagou-se antes do embarque e foi por isso açoitado a bordo. Aí passou o tempo a preguiçar e jogar na prôa. E na terra paraguaia pisou tão lerdo e impressavel como sempre. Dizia o capitão de sua companhia, cansado de puni-lo sem proveito:

— Ah! si uma bala paraguaia me levasse esse pesadêlo...

Ele ouvia essas e outras, alvarmente, com um sorriso parado nos labios grossos e moles de mulato.

A 14 de abril de 1865, afim de mascarar sua retirada para as linhas de Rojas, Lopez mandou atacar as forças brasileiras desembarcadas por um destacamento de quatro mil homens. A artilharia ligeira de João Mallet recebeu-o com todas as honras, protegida pelo 26 de voluntarios. Mais atraz, o 13 de infanteria descansava armas, em reserva. O fogo inimigo convergia sobre os artilheiros e os voluntarios cearenses. Osorio, de rédeas

caidas sobre o pescoç do cavalo e binoculo em punho, à direita do 26, dava ordens de combate. E quatro batalhões de linha, seguidos de dois de voluntarios, sustentavam o peso do assalto paraguaio. De repente, o heroi gaúcho impacientou-se guardou o binoculo, agitou o seu chicotinho de trança com aneis de ouro e explodiu:

— Isto já está durando muito!

Voltou-se para o corneteiro que estava a seu lado:

— Mande avançar o 13, em acelerado.

O metal falou e a linha de armas brancas moveu-se, faiscando, contra o grosso paraguaio.

— Vamos acabar com isso! disse dali a pouco o general aos seus ajudantes e ordenou ao corneta:

— O 26, a baioneta!

Assim, a coluna inimiga foi varrida do campo e atirada para os matos e banhados, depois de sérios prejuizos.

Durante a ação, o Rolamboide, que nunca se vira naquelas aperturas, si nada fez de notavel, tambem não deu parte de fraco. Não deshonrou, apesar dos seus vicios, debaixo da fusilaria e da metralha, o glorioso nome dos bravos soldados da sua terra. E lá estava ele, ainda mais sujo e desalinhado, no seu posto da segunda companhia, quando o batalhão formou depois da vitoria.

— Onde estão suas armas? — perguntou o coronel, detendo o cavalo deante dele.

O voluntario mostrou o réfle que lhe pendia do cinto:

— Quebrei a coronha da Minié na cabeça dum paraguaio, *seu* comandante.

O oficial deu de rédeas ao cavalo, bruscamente, resmungando:

— Mentiroso!

A macéga cobria-se de cadaveres brasileiros e paraguaios confundidos. Retirados os feridos para o hospital de sangue nas cercanias do Itapirú, um alferes recebeu ordem de incinerar os corpos de ambos os partidos (1),

---

(1) "Al dia siguiente — dice en su memoria el general Fotheringham — procedieron (los Aliados) a la magna cremación de los cadáveres; se hacian unas piras colossales, como la de Dido, antes de su sacrificio, pero no de leña, sim de cuerpos flacos apergaminados. Como arde furioso el cuerpo

depois de verificar si estavam mesmo mortos e de identificar os brasileiros.

Entre os soldados que escolheu para auxilia-lo nessa penosa e triste tarefa estava o Rolamboide. Dizia ele aos companheiros:

— Só assim eu conseguirei encontrar os pedaços da carabina e o molequete em cuja cabeça quebrei...

Os outros riam-se.

Empilhados os cadaveres em montões, aqui e ali, apareceu o voluntario com um pedaço de Minié na mão. Adeantou-se para o alferes e falou:

— O senhor está vendo aqui o numero? E' a 2.639, a minha espingarda. Quebrei-a na cabeça daquele paraguaio ali.

Apontou um soldado da cavallaria inimiga estendido sobre outros cadaveres. Estava caído de costas, tinha a cabeça ferida e ainda apertava na mão direita o seu clavinote. O baiano concluiu:

— Vossa Senhoria poderá provar ao *seu* comandante que não é mentira.

Começavam os outros soldados com fachos a queimar as pilhas de mortos. Chamas lamberam o ar. Nisto, o paraguaio machucado pelo Rolamboide, que já se afastava do alferes, levanta-se da pilha em que se fingia morto, aperra o clavinote atira-se contra o descuidado oficial que superintendia aquele tétrico serviço. Soltam um grito os voluntarios que á distancia incendiavam as tulhas e desembainha o alferes a espada; mas o Rolamboide, voltando-se de repente, não dá tempo a ninguem de agir. Fugira-lhe como por encanto a lezeira das pernas, em dois pulos interpõe-se entre o oficial e o paraguaio, abaixa-se como um gato, mete-lhe a cabeça na bôca do estomago e atira-o estrebuchando a quatro passos de distancia. Com um salto mais cái-lhe em cima e o resto da coronha da Minié lhe esfarinha a cabeça. Mata-o desta vez de verdade...

---

humano, por más flaco que esté! Verdaderas antorchas fúnebres aquellas, formadas por el Mortal Coal de seis mil valientes..."

J. J. O' LEARY — **Nuestra Epopea** — Edição La Mundial, Asunción, pag. 203.

Na presença do comandante, o Rolamboide abotôa a farda e perfila-se. O alferes acabava de participar o ocorrido ao seu superior. Torce o coronel os bigodes negros, olhando daltabaixo a praça relaxada. E. de subito:

— Que quer você, camarada, a promoção a cabo ou uma folga de quinze dias, com dispensa da prontidão e da revista?

— A folga, *seu* comandante, replicou ele, satisfeitíssimo.

— Está bem. Póde ir.

Alguns passos adeante, o oficial pára e indaga do soldado que lhe salvou a vida:

— Rolamboide, por que você recusou ser cabo?

— Valha-me o Senhor do Bom Fim, *seu* alferes! Pois vossa senhoria não sabe que cabo tem muito que fazer e que eu gosto de dormir? Agora eu vou dormir *no gostoso* quinze dias... E quando acabar, mato outro daqueles desgraçados para ter outros quinze...

O FÔSSO DO BOI DE BOTAS

"A' inexcedivel bravura e atividade de Osorio deve-se a vitoria, pois aparecia em toda a parte em que a luta era mais cruenta".

(MARECHAL BORMANN — *Historia da Guerra do Paraguai*).

Quasi meio dia. No céu espanado de nuvens muito azul, o sol flameia e a sua luz intensa cobre a triste paisagem paraguaia. Alumiam as aguas dos esteiros. Incandecem os areiais dos passos Branquejam as tendas dos vastos acampamentos aliados, em Tuiutí. Acabara-se a carneação e as tropas faziam o rancho á sombra de arvores e de latadas. Súbito, estala no ar, bem alto, um foguete de guerra. Ouve-se a explosão. Uma fumacinha leve esgarça-se lentamente no espaço.

E' sinal do ataque paraguaio. Vai se travar a maior batalha campal do continente americano. Quatro grandes colunas inimigas, saindo das selvas e rompendo os banhados, cáem de surpresa sobre os flancos e o centro dos exercitos aliados, constrangindo-os nos seus tentaculos de ferro e fogo.

Os seis mil homens do intrepido José Edwiges Diaz surgem da Bocaina e atiram-se galhardamente contra a esquerda dos brasileiros, levando por diante a vanguarda da primeira divisão de infantaria As tropas de Resquin arrancam furiosamente contra a retaguarda argentina, batem a cavalaria de Corrientes e só se detêm ante a resistencia dos infantes. A gente de Barrios sorrateiramente caminha pelo potreiro Piriz, afim de nos tomar pela retaguarda, porem topa com Osorio que a destroça e a põe em fuga pelo Sauce. E toda a cavalaria de Marcó tenta romper o centro do exercito em formidaveis investidas

Poucos minutos depois daquele foguete se perder nas alturas, a cavalaria paraguaia começa a sair da espessa mata de Rojas pelas estreitas picadas e a formar na orilha da vegetação, para a carga. Eram linhas continuas de fardas vermelhas que se iam estendendo a pouco e pou-

ce, que se iam multiplicando umas por trás das outras. Trapejam no ar os estandartes tricôlores. Faiscam as lanças agudas. Vibram os clarins.

Hilario Marcó, que comandava aqueles milhares de cavaleiros guaranis, galopa pela sua frente de batalha, ergue o sabre recurvo sobre a cabeça e dá o sinal da carga. Então, os compactos esquadrões trotam, galopam e carregam a vanguarda do exercito composta das tropas orientais. Ereto sobre o seu cavalo ruço, o vulto de Flôres dirige os movimentos de sua heroica infantaria, o poncho esvoaçando no meio do inquieto faúlhar das baionetas. A carga inimiga desenvolve-se em ordem na planicie, executando as manobras com a correção dum dia de parada. A mão de Flôres ondeia no ar. O seu corneta de ordens faz o metal falar, esganiçado, estridente. E os batalhões rapidamente formam em quadrado.

Mas a cavalaria paraguaia volve subito á direita e, precipitando o seu movimento, acomete a linha das baterias do famigerado Boi de Botas, o 1.° regimento de artilharia a cavalo.

As quatro baterias estendiam-se diante dum esteiro e ao lado dum laranjal abandonado. Defendia-as um largo fôsso réz véz do chão. Os canhões estavam guarnecidos. carregados, conteirados e apontados. A cavalhada e os armões alinhavam-se á retaguarda. Soldados e oficiais, a pé, nos seus postos de combate. Só o comandante Mallet montado, observando o inimigo.

O regimento entrára em Tuiutí no dia vinte de maio e desenvolvêra-se em batalha sobre a divisão testa de coluna do exercito, a quilometro e meio das linhas de Rojas. Em posição os vinte e oito canhões; aliados os armões, as carretas, os carros manchêgos, as galeras, as forjas de campanha; enfileirados os homens, a pé, rédeas das montarias passadas nos braços, tanto artilheiros como condutores; reunida a oficialidade na testa da linha, o coronel Mallet, dirigindo-se aos comandantes de baterias e o major fiscal Severino Martins da Fonseca, futuro barão de Alagôas, disse-lhes com a sua voz larga e um tanto estrangulada:

— Meus senhores, nós aqui estamos mal, porem po-

dia ser peor. Em todo caso, devemos estar sempre preparados todos para qualquer surpresa, sobretudo por parte da cavalaria. Portanto, as minhas ordens são: meias guarnições a postos todos os dias sob a fiscalização dum dos capitães. Prontidão rigorosa todas as noites. E o sr. major mande abrir á frente das baterias um fôsso bastante largo e profundo. E' ordem do general Osorio. O trabalho deve ser feito no maior silencio e as terras retiradas da excavação não deverão ser acumuladas em parapeito, mas espalhadas de modo a não dar a perceber ao inimigo que estamos defendidos. E eles que venham! ! (1)

Assim, o Boi de Botas esperava calmamente a carga paraguaia.

A cavalaria avança, desenfreiada. Ao tropel dos milhares de cascos a terra estremece. O uivo dos clarins rompe, ás vezes, o rumor estrondeante do galope. E o sol chispa nas laminas açacaladas, coroando de raios os regimentos que carregam, na frente o *Acá-verá* e o *Acácaraiá* com seus terriveis *rabos de galo* (2).

A voz de Mallet desce sobre o seu querido regimento do alto do belo cavalo zebruno:

— Granada e metralha! Espoletas a seis segundos!

A carga vem como um furacão. Está a quinhentos metros das baterias, a duzentos, a cem, a cincoenta! Os artilheiros empalidecem de ansiedade. As mãos dos chefes de peça crispam-se nos cordões das espoletas de detonação. Os oficiais sofregos não tiram os olhos do gigantesco e amado comandante, que segue calmamente o ataque com o seu binoculo de campanha.

Ha mais do que um murmurio de impaciencia no gran-

---

(1) Estas palavras do coronel Mallet, bem como certos pormenores historicos da batalha, são tirados, com a maior fidelidade possivel, num trabalho de ficção, do artigo **O Primeiro Regimento de Artilheria a Cavallo na Batalha de vinte e quatro de Maio**, do marechal CUNHA MATTOS, publicado no **Jornal do Commercio** de 24 de maio de 1908, desprezada a parte parcial do mesmo em que o seu autor procura diminuir a gloria do general Osorio.

(2) **Acá-verá**, em guarani cabeça-brilhante, porque o seu alto shaco tinha uma virola de latão luzente. **Acá-caraiá**, cabeça de macaco, por causa da peluda cauda de macaco que lhes ornava o capacete.

de regimento. Ha uma trepidação. Mallet sente-a. Tira a luneta dos olhos e deixa cair estas palavras sibilantes:

— Os primeiros são para o buraco. Precisamos honrar o fôsso, que nos deu tanto trabalho, amigos! Por aqui eles não passam!

Um suspiro de alivio. Todos compreendem. Todos sentem que o seu coronel sabe bem o que faz. Mas um barbarizo atroz, a velha usança guarani de amedrontar o inimigo, gritando, ganindo, vociferando, estronda e se avoluma quasi aos seus ouvidos. A cavalaria paraguaia está a quatorze metros dos canhões, sabres alçados, lanças sacudidas no ar, os homens sobre os estribos, de pé, todos os clarins esganiçando-se! Mas as primeiras filas emborcam no fôsso. Embrulham-se homens e cavalos. Ha um espernear gemente e louco naquele valado horrivel. E o galopar das outras filas passa por cima daquele sólo móle, movediço e ensanguentado.

A corneta do comando dá o sinal de fogo. As vinte e oito peças vomitam uma chuva de chamas e de ferro sobre os soldados de Marcó. E a cavalaria de Lopez recúa em desordem, dizimada lateralmente pela fusilaria dos infantes de Flôres, enquanto que, erguendo a espada luminosa, Mallet grita, rubro, estuante de alegria:

— Por aqui não entram!

E o regimento inteiro, fremente de entusiasmo, atrôa os ares com a antiga aclamação do nosso exercito:

— Viva o Imperador!

Os cavaleiros rubros reflúem até os arvoredos de Iatiticorá e ali reformam seus esquadrões, repousam minutos e investem a artilharia a cavalo, ainda mais furiosos. De novo galopam e carregam, aos berros, os sabres relampeando. De novo, se acercam como loucos das baterias brasileiras. De novo, Mallet somente manda fazer fogo quando os esquadrões se engolfam no fojo que mandára abrir. E de meio dia até quatro horas da tarde, epicamente, dez vezes a coluna de Marcó carrega o Boi de Botas e dez vezes recúa, desbaratada e diminuida, até reduzir-se de tres mil homens a quinhentos.

Em frente ás baterias, os soldados e cavalos mortos formavam horrendos montões, em que ainda pernas e braços se mexiam, e dos quaes saiam gemidos lancinantes.

Um ou outro cavalariano de farda vermelha arrastava-se pela lama ensanguentada.

Os vinte e oito canhões estão em silencio. Serventes e artilheiros limpam o suor do rosto. Os oficiais aproximam-se um pouco para trocar impressões. Entretanto, a batalha continua. Argollo, indo, por ordem de Osorio, em socorro da divisão de Sampaio, que caira mortalmente ferido, determinára a vitoria á esquerda do centro. Mas Osorio ainda se batia com as forças de Barrios e os argentinos sustentavam o peso dos ataques de Diaz.

Marcó lança-se á testa daqueles ultimos quinhentos soldados contra a infantaria de Mitre. Mallet vê o movimento e ordena á bateria Krupp do regimento que desfaça aquela operação. Os canhões troam e a sua pontaria magistral faz com que as granadas acompanhem a tropa inimiga, no desenvolvimento de sua carga, como si fossem a sua sombra, ceifando pelotões inteiros. Então, os derradeiros esquadrões de Lopez dão meia volta e somem-se no mato.

Entardece. Sombras se alongam sobre os esteiros tristes. As aclamações da soldadesca celebram a grande vitoria. Travara-se nesse dia, 24 de maio, a maior batalha campal da America. Doze mil paraguaios entre mortos e feridos juncavam o campo da luta (3), o exercito de Lopez fôra estrondosamente derrotado (4).

---

(3) Declaração do general Isidoro Resquin, comandante de uma das colunas atacantes na batalha de Tuiutí e chefe do estado-maior de Solano Lopez, feita em Humaitá, no quartel general do exercito brasileiro, no dia 20 de março de 1870, segundo está em MASTERMANN — **Siete Años de Aventuras en el Paraguay**, edição Palumbo, Buenos Aires, 1911, pag. 405.

(4) "La derrota fué completa" — RESQUIN idem. "Puede decirse que la raza española del Paraguay fué aniquilada en la batalla de Tuiuty" — MASTERMANN, idem, pag. 90. "El fuego cesó a las cuatro de la tarde; los paraguayos se hallaban en derrota completa su ejercito enteramente destruido" — THOMPSON, **La Guerra del Paraguay**, edição Palumbo, Buenos Aires, 1910. pag. 98:. "La batalla del 24 de Mayo fué de las más sangrientas de toda laguerra; i su resultado un completo desastre" — JUANSILVANO GODOI, **Monografia Historicas**, primeira serie, Felix Jajouane, Buenos Aires, que pudo aniquilar al enemigo, salió destrozado, por obra de la inexpe-

Entardece. A brisa do rio refresca os campos. O gemido dos feridos amortece-se á distancia. Mallet, um tanto palido por ter sido ferido, embora sem gravidade, apeia-se do cavalo sobre que estivera cinco horas seguidas. Dá alguns passos em companhia de Cunha Matos, seu ajudante.

Caminhando, os dois passaram a linha das baterias e abeiram-se do fôsso atupido pelos cadaveres dos cavalos e dos cavaleiros inimigos. Mallet contemplou aquele espetaculo com meditativa tristeza. Cunha Matos falou, como si tivesse pesado tecnicamente os sucessos do dia:

— Senhor coronel, aniquilando a cavalária paraguaia, o senhor quasi decidiu a vitoria. . .

Mallet, disse, zombeteiro:

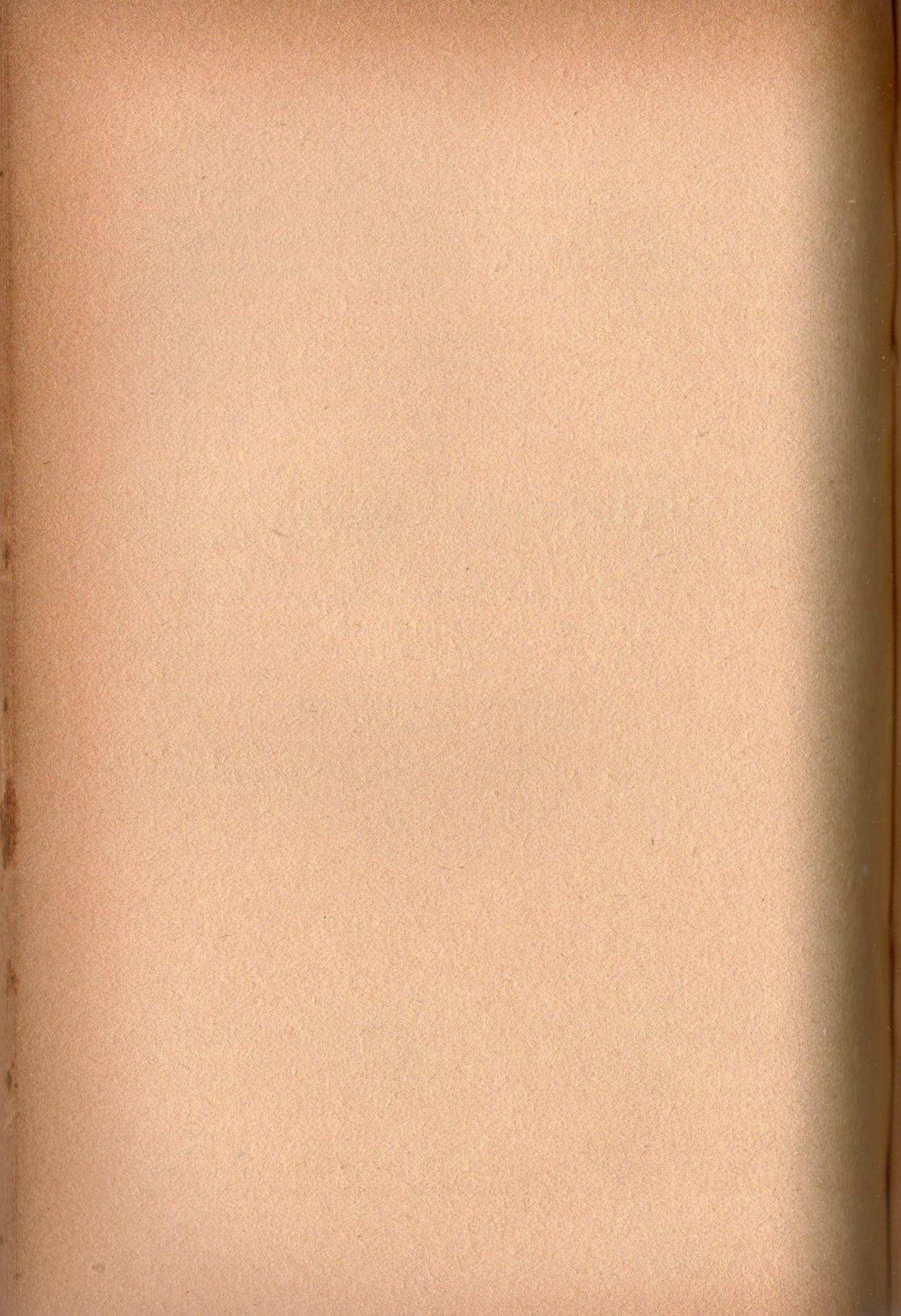
— Senhor capitão, faça continencia áquele buraco. Ele é que é um dos maiores herois do dia.

---

riencia de nuestros generales". ". . . abatiendo para siempre nuestro poder militar". O' LEARY — **Nuestra Epopea** — ed. La Mundial, Assunción, pags. 417 e 424.

O CORNETA DA MORTE

"Puis dans la forêt pressée,
Voyant la charge lancée
Et les zouaves bondir,
Alors le clairon s'arrête,
Sa dernière tâche est faite,
Il achêve de mourir!"

(PAUL DÉROULÉDE — *"Le Clairon"*).

Ainda não era meio dia e, no acampamento do exercito brasileiro, que os pantanais intransponiveis e as linhas inexpugnaveis de Rojas imobilizavam, andava a soldadêsca na faina diaria ou repousava após ter acabado de manducar sua carneação. Quasi hora da sésta naquela região de calor e humidade. Pelotões de gaúchos ainda churrasqueavam á sombra dos umbús e a fumarada gordurenta das fogueiras subia preguiçosamente para o céu azul. Cada pôça de agua no meio da macéga era, sob a luz ofuscante, uma placa de ouro liquido. Relinchos de cavalos, rodar de viaturas, vozear de muita gente, gritos, um ou outro toque de corneta enchiam de arruido as ruas daquela cidade provisoria.

Para o lado do *Comercio*, onde em ranchos e sob latadas se estabelecera a cáfila de traficantes, agiotas e exploradores de toda a casta, lingua e nação, que seguia o exercito, eram maiores o rumor e o movimento. Ali se bebia e se jogava, se palestrava e se amava.

Chinas de saia e cabeção demoravam pelas portas das tascas ou cantavam sentadas á entrada de suas choupanas. Uma ou outra profissional de alto coturno passava, orgulhosamente desdenhosa (1). Naquele bairro do acampamento, o caçador a pé do Nordeste, de vivos verdes ou amarelos na fardêta, acotovelava o gaúcho alto, empavonado, bravateante, de bombachas de xadrez, (2) tunica militar paramentada de vermelho lenço ao pescoço e chapeirão de barbicaixo soqueixado; a farda enfeitada de carmezim do artilheiro misturava-se ao uniforme severo e simples do sapador; e o voluntario da Patria, de insignias aureas no braço, mesclava-se aos ca-

---

(1) J. L. RODRIGUES DA SILVA, **Reminiscencias da Campanha do Paraguay.** Cia Melhoramentos do Brasil, São Paulo, pg. 43: "O acampamento do Commercio era o **boulevard**, o nosso famoso club" pg. 44: "...hetairas de alto coturno, de origem platina ou européa...".

(2) GUSTAVO BARROSO e J. W. RODRIGUES **"Uniformes do Exercito"**, Forroud, Paris, 1922, pranchas, de 1865 a 1870.

valarianos de frisos brancos nas carcelas e aos guarda nacionais do Rio Grande, que arrastavam com empafia enormes chilenas de prata.

A barulheira do acampamento, ás vezes, diminuia de intensidade e, então, se ouviam os gritos distantes dos quero-queros nos banhados traídores do Estero Bellaco. Corriam ajudantes de ordens a cavalo para o lado onde ainda se erguiam algumas casas da vila abandonada de Tuiutí. Uma banda de musica afinava os instrumentos debaixo dum tôldo. Alguns soldados de infantaria carregavam agua e lenha. E, sózinha, á sombra de pequena coberta de palhas, um gaúcho cantava — viola.

Tenho saudades dos tempos,
daqueles tempos passados,
em que eu montava um tordilho
com arreios prateados
e riscava campos em fora,
entre os monarcas largados.

Eu namorava uma dama,
eh! puxa! moça bonita!
Trazia-me pelo freio
como ninguem acredita;
mas, por Deus, que era bela
com seu vestido de chita!

E tinha os olhos bem guapos,
para falar a verdade!
Si ela olhava p'ra mim,
não me sentia á vontade,
perdia logo os estribos.
Que moça! Barbaridade!

Arrastando as grossas botas, um cabo de artilharia a cavalo, gaúcho tambem, aproximou-se, dizendo:

— Tudo isso, camarada, é a querencia bulindo lá por dentro! Puxa! barbaridade!... Ando como uma saudade dos pagos...

O outro sorriu e continuou a cantar:

A sorte passou-me o laço
e atirou-me para aqui,
maneou-me nestes campos
que chamam de Tuiutí.
Por Deus que tenho saudades
dos pagos onde nasci!

O cabo-artilheiro puxou do bolso um jornalzinho mal impresso, amarelado, que alguns oficiais e soldados publicavam no acampamento e interrompeu o cantor:

— Esta modinha veio aqui na "A Saudade". Guardei-a, mas até agora só a decorei do meio para o fim, que achei mais bonito que o principio. Queres que te acompanhe?

E os dois, em côro:

Tenho saudades dos pagos,
saudade do meu rincão,
onde eu era conhecido
por homem de opinião,
saudade do bom churrasco
e do mate chimarrão!

A cruel deixou-me á soga
demonstrou alma pequena:
mas, si ainda me recordo
do olhar dessa morena,
qualquer pesar me diverte,
qualquer gosto me dá pena...

Alguns tiros ecoaram do lado das linhas paraguaias. Flócos de fumaça boiaram no ar quente. Uma corneta esganiçou-se, longe, e um rumor insolito dominou o campo. O artilheiro deu um pulo:

— Vou ver o que é!

O outro ainda tirou uns gemidos das cordas, ainda cantou:

E vocês inda não sabem
para que serve esta espada!
Venha de lá quem vier,
hei de dar-lhe uma peixada!
Caramba! Si eu visse o Lopez,
estava a guerra acabada!...

Um negro retinto, corneta de voluntarios, apareceu correndo.

— Olá! corneta, que diabo é isso?

— Os paraguaios, camarada, os paraguaios!

Parou, respirou ofegante, levou o instrumento á bôca e tocou reunir. As tendas em derredor eram as de seu batalhão, que, bem almoçado, coxilava á sésta. A soldadêsca, afivelando cinturões, correu aos sarilhos das Miniés. Os oficiais surgiram de espadas núas em punho. O corneteiro continuava a tocar. O comandante montou a cavalo, barbas ao vento. A bandeira, erguida por um alferes, desfraldou-se. E duas longas linhas de aceradas baionetas estendêram-se luminosas e ameaçadoras.

O comandante ergueu o braço agaloado, sua espada relampeou no espaço e ele gritou:

— Ao inimigo, soldados do 42 de voluntarios da Patria! Ao inimigo, paulistas!

O corneteiro logo se postou à sua retaguarda e tocou acelerado. O batalhão moveu-se como um só homem.

O gaúcho cantador agarrára a espada e, não podendo, com certeza, alcançar o seu corpo, enfileirou-se com os voluntarios. Uma balburdia e um barulho infernais enchiam agora o acampamento. Por toda a parte e de toda a parte corriam soldados a pé e a cavalo. Estalavam no ar as notas dos clarins. Rufavam tambores. Crepitavam descargas de fusis. Troava a artilharia.

Saindo, sorrateiramente, das trincheiras, os paraguaios tinham caído de surpresa sobre o acampamento aliado. Resquin, Diaz e Barrios, os melhores generais de Lopez, conseguiram trazer pelas matas, ás escondidas, 14 esquadrões de cavalaria, 22 batalhões de infantaria e 40 canhões. Desembocaram de subito sobre as vanguardas, esmagaram-nas e passaram adeante. Deu-se o alarma. A soldadêsca espalhada e ociosa perdeu a tramontana e foi incorporando-se ás formaturas que encontrava ou morrendo picada a sabre pela cavalaria inimiga, que carregou furiosa acampamento afóra.

Os paraguaios investiram fortemente a ala esquerda do exercito. Logo ao primeiro embate, separaram-na do centro, onde se achavam os uruguaios de Flôres, assaltan-

do, ao mesmo tempo, em habil diversão, os argentinos que formavam a ala direita. Puseram-nos em derrota, tomando-lhes tambores e armas. (3) Então, pretenderam atirar os brasileiros nas lamas perfidas do Estero Bellaco. Mas, no centro, Flôres resistiu como um valente. Á esquerda, a *divisão encouraçada* de Antonio Sampaio foi como aqueles hoplitas dos combates antigos, que, jungidos por uma cadeia de bronze, não arredavam pé do logar, os mortos unidos aos vivos! E Osorio, reunindo aos brados, de lança em punho, temeroso, formidavel, todos quantos andavam sem nucleos e sem ordem, avançou contra o inimigo á frente duma chusma de todas as armas, que a sua palavra e o seu exemplo transformaram em heróis, enquanto Mallet, tomando posição com as suas peças, metralhava á queima-roupa os atacantes, e a brigada ligeira do general Neto e os duzentos oficiais transformados em lanceiros pelo coronel Amaro Barbosa carregavam-nos pelos flancos, furando-os a lança e cortando-os a espada.

O 42 de São Paulo foi das forças mais bem organizadas que seguiram o primeiro impeto de Osorio. Seis corneteiros tocavam fogo e avançar á sua frente, e o setimo, aquele que dera o alarma, caminhava a poucos passos do coronel Gomes de Freitas, repetindo no metal curvo e sonoro as ordens que elle transmitia. O suor aljofrava-lhe a face de azeviche. Uma bala levára-lhe de raspão o quépi branco e ele sorria, mostrando os dentes alvos.

Mal o batalhão se aproximou da luta formidavel travada á esquerda, do lado do Estero, os obuseiros trazidos pelos paraguaios e rapidamente assentados no arraial brasileiro abriram fogo contra ele. Uma rajada de metralha passou silvando. Houve gritos de dôr e de raiva. As baionetas diminuiram nas fileiras ceifadas. Quatro dos seis corneteiros morderam o chão. E o comandante, do alto do cavalo, agitando a espada, descabelado, uivou como um possesso:

— A eles, paulistas! A eles!

Os aços triangulares apunhalaram, rangendo, os bron-

---

(3) O Museu Histórico Nacional possúe alguns tambores do exercito argentino retomados pelos brasileiros aos paraguaios.

zeos peitos nús dum regimento de indios mansos do Chaco, de saiotes, balandraus e guritões de couro crú. Na confusão do horrendo entrevero, os rostos tomavam expressões demoniacas. E a espada do gaúcho cantador, que vinha a pé ao lado do corneta, fazia prodigios. Ele gritava:

— Toca firme, *baiano* preto! Ah! si eu visse o Lopez!... Puxa! Barbaridade!

As cornetas calaram-se. O anjo da morte abafára suas vozes para sempre. E o batalhão de voluntarios cedia agora terreno a um choque brutal da cavalaria de Resquin. O cavalo do comandante abateu e este, de pé, lutava como um simples soldado.

— João José!! gritou ele.

E o corneteiro negro, de um pulo, ao seu lado:

— Pronto!

— Toque avançar!

A corneta vibrou no meio do rumor, da confusão, da fumaceira e da poeirada. Vibrou ardente, heroica. E, de repente, Osorio veio de poncho ao vento e lança em punho, como um semi-deus das batalhas. Um fremito agitou as linhas desfalcadas do 42. A cavalaria rubra foi repelida a arma branca. Os voluntarios trepavam sobre os corpos quentes dos cavalos mortos para melhor ferirem no rosto os cavaleiros que teimavam em não fugir.

Subito, a voz de metal que incitava aqueles valentes parou. O negro soltou um gemido e deixou cair o instrumento. O gaúcho que o seguia, com a cabeça laivada de vermelho por um golpe de espada, susteve-o. João José reagiu, aprumou-se e disse-lhe:

— Camarada, apanhe a minha corneta e dê-m'a que a bala me quebrou o braço.

Uma chuva de pelouros caiu, sibilando, sobre o 42. Cinco ou seis oficiais tombaram aqui e ali. O bravo Gomes de Freitas estendeu-se imbobilizado pela morte. De todos os lados, nuvens de paraguaios a pé e a cavalo, aproveitando o momento, assaltam os voluntarios de São Paulo. Do batalhão, não restam mais, dentro de minuto, do que algumas dezenas de homens em volta do trapo augusto da bandeira imperial. E um soldado extraviado traz-lhes o desanimo desta triste noticia:

— Morreu o general Sampaio! (4)

Entre elles, coberto de sangue, o braço direito inerte ao longo do corpo, a corneta empunhada pelo esquerdo, o negro toca de novo fogo e avançar! De repente, ajoelha-se; o gaúcho fiel ampara-o e elle pede:

— Camarada, desta vez é a perna que os malditos me quebraram... Encoste-me áquele montão de mortos, pelo amor de Deus!

O outro encosta-o e, novamente, o toque de avançar e o fogo vibra no espaço.

Mais uma vez, o vulto de Osorio surge entre pontas de baionetas e choupas de lanças que alumiam ao sol. Ressôam clarins. Os paraguaios não resistem ao seu ataque. Fogem desmoralizados, perseguidos pelos lanceiros, e as reliquias do 42 são salvas.

Uma das ultimas balas do inimigo vencido vára o peito do corneteiro. Ao seu lado, o gaúcho agoniza. João José vê as fardas encarnadas que se retiram e as fardas azúes que as perseguem, avista o general idolatrado que galopa de poncho ao vento e tudo compreende. Leva aos labios ensanguentados a corneta e morre, tocando a marcha batida da vitoria!

Osorio olhava de cima do cavalo o cadaver do negro encostado aos outros cadaveres. Um dos poucos oficiais vivos do 42 contava-lhe o que se passára. O general perguntou:

— Como se chamava o corneta?

— João José de Jesus.

— De que logar?

— De Jacarei, em São Paulo.

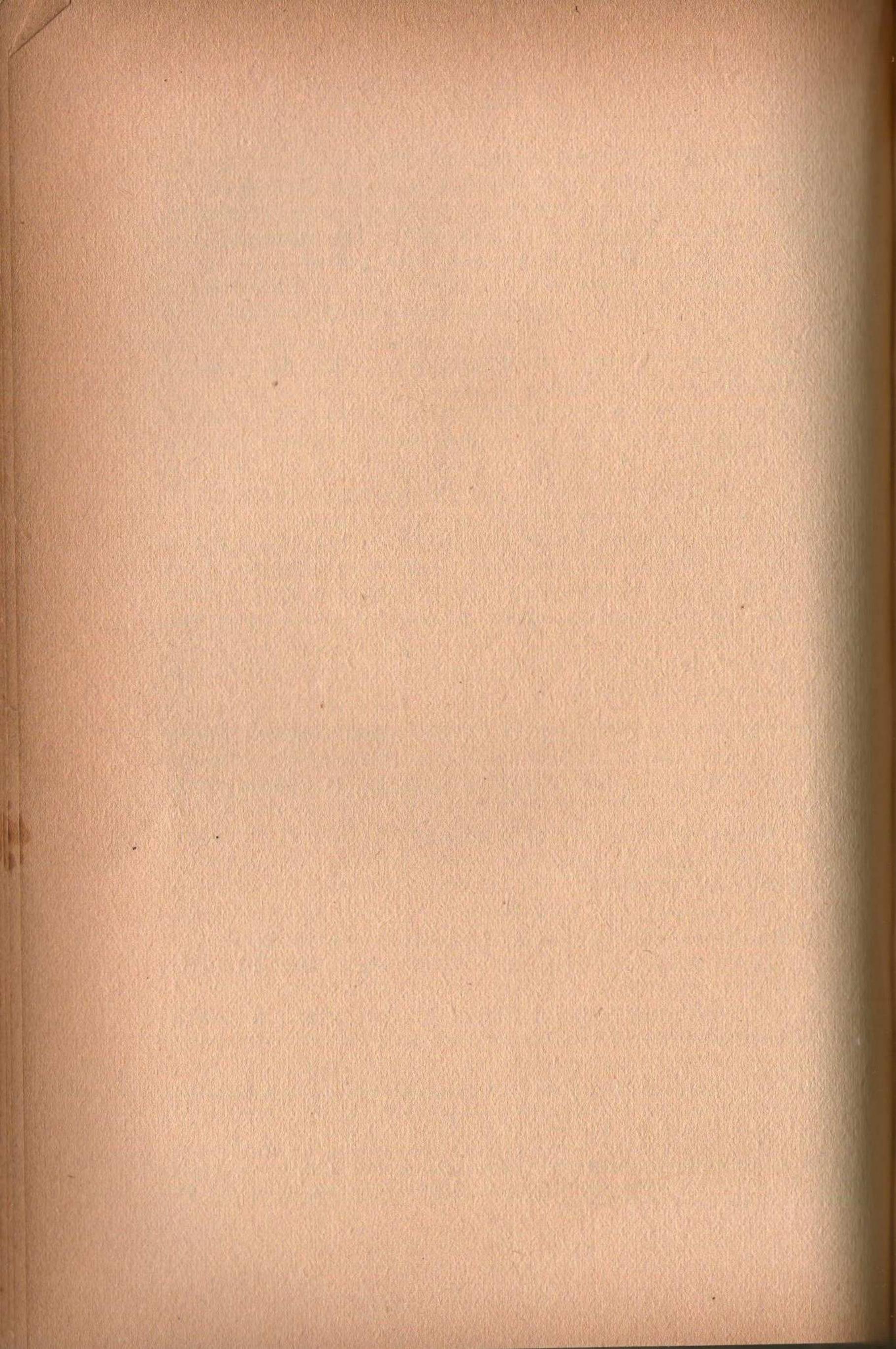
Voltando-se para um dos ajudantes, Osorio falou:

— Tome nota, capitão, para a ordem do dia do exercito.

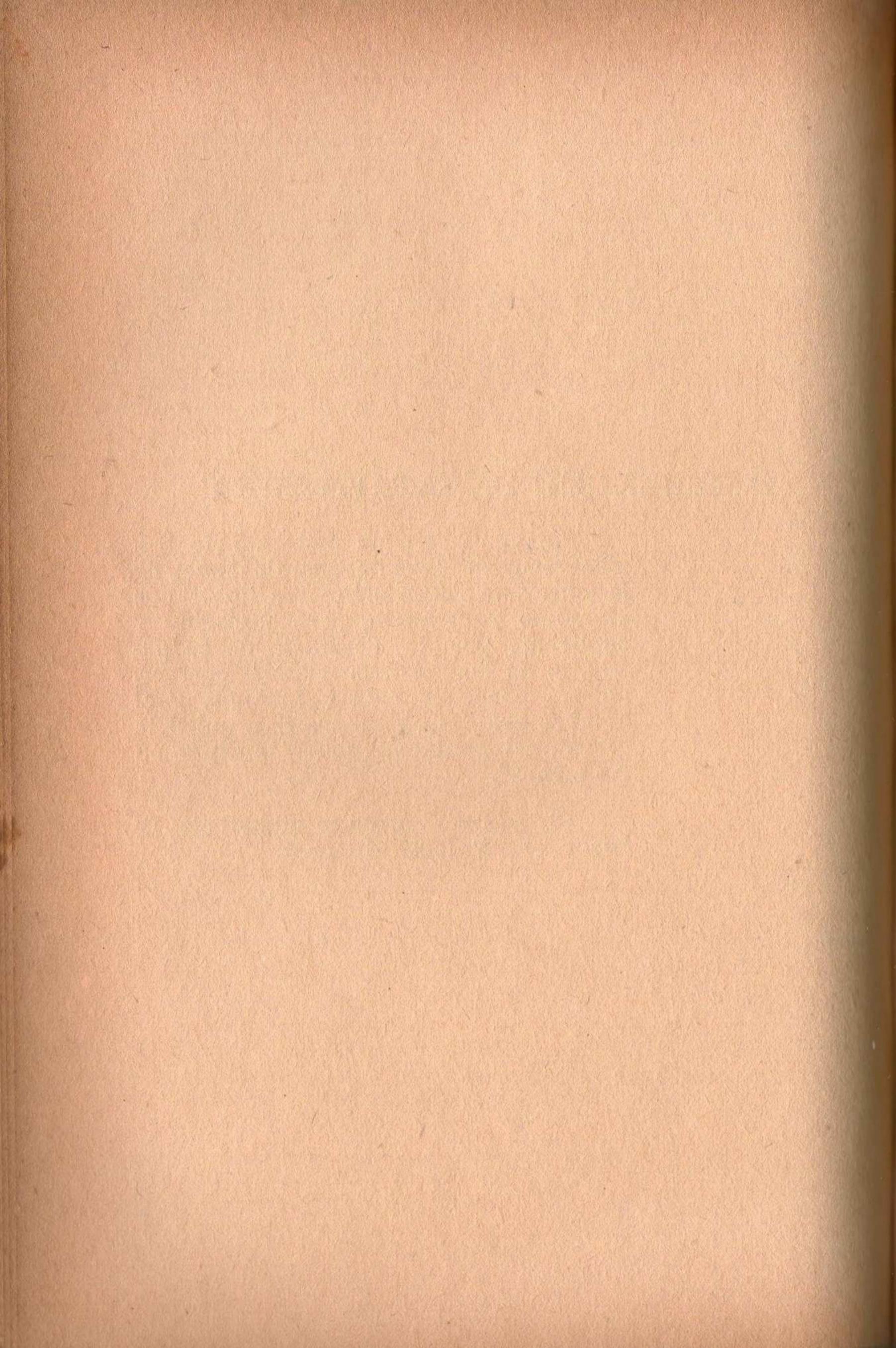
E, endireitando o peito largo, fez ao morto a continencia militar. (5)

---

(4) O general Antonio de Sampaio faleceu após a batalha em conseqüencia dos ferimentos nela recebidos; mas é natural ter corrido o boato de sua morte durante a ação.

(5) O episodio aqui narrado foi transmitido ao autor pelo bravo voluntario da Patria José da Costa Sobrinho, residente em Niteroi. José Bonifacio o Moço escreveu uma ode ao corneta João José de Jesús.

O REBENQUE DE IATAITI-CORA'

"Siempre será un momento de tragico recuerdo para la historia aquel de la entrevista entre el hombre fuerte por el ánimo y el brazo, pero adolorido y suplicante por la desgracia de su patria, a la que estaba viendo perecer, poco a poco, en cada hecatombe, y el hombre vanidoso y mediocre a quien la casualidad ponia un poder inmenso en las manos".

(R. BLANCO-FOMBONA citado por O' Leary em *Nuestra Epopea*).

O marechal Solano Lopez apareceu montado no seu cavalo branco na picada do Passo Gómez, afim de que os aliados pensassem que era aquele o unico caminho de acesso para as posições paraguaias (1), e dirigiu-se ao pequeno bosque de palmeiras de Iataiti-corá, donde se devia realizar sua entrevista com os chefes aliados, pedida na vespera por uma nota enviada pelo coronel Martinez. D. Bartolomeu Mitre levara-a ao conhecimento do general Flôres e do general Polidoro. O primeiro aceitára a proposta de má vontade. O segundo recusára energicamente qualquer participação brasileira no assunto. E, enquanto isso, Porto Alegre esperava impaciente ordens e reforços para atacar Curupaití.

Naquela manhã de 12 de setembro de 1866, o Supremo tinha-se esmerado no trajar. Vestira um uniforme novinho em fôlha: quépi rubro florido de ouro, casaca azul de marechal com bordados, poncho de vicunha forrado de sêda tricolor, espadim, talim de oiropel, botas á granadeira (2). Trazia uma escolta de vinte e quatro soldados do celebre regimento *"Acá-caraiá"* e um sequito de uns cincoenta oficiais generais, superiores e subalternos, entre os quais seus dois irmãos. Viera até suas linhas do quartel general de Passo Pocú numa carruagem americana. Sua gordura já começava a fazê-lo evitar o cavalo. E tinha tanto receio duma traição, julgando os outros por si, que emboscára, a curta distancia

---

(1) "...hizo un largo rodeo para salir por el paso Gómez y hacer creer al inimigo que este era el unico camino que existia". THOMPSON, **La Guerra del Paraguai**, edição Palumbo, Buenos Aires, 1910, pag. 115.

(2) O uniforme do Lopez está minuciosamente descripto em THOMPSON, op. cit., pag. 115 e em JUANSILVANO GODOI, **Monografias Historicas**, edição Lajouane, Buenos Aires, 1893. 1.ª serie, pag. 138.

do sitio da conferencia, um batalhão de atiradores escolhidos, armados com fusis de retro-carga e prontos ao menor sinal (3).

Lopez esperava os melhores resultados dessa conferencia Sua imaginação delirante sempre lhe fazia vêr as coisas por um prisma diverso da realidade. No fundo, ele queria ganhar tempo para fortificar Curupaiti, por onde receiava um ataque dos inimigos que poria em pessima situação. Mas deixava-se embalar pela esperança de conseguir introduzir a sizánia entre os aliados, separando Mitre do Brasil. Lá dentro de sua alma essa idéa fervia... (4)

Na vespera, á noite, estivera excitado, de humor alegre, falante. Convidára varios generais e oficiais superiores para jantar, anunciára-lhes o encontro e com sua voz sonora e dramatica de orador popular narrára áqueles rudes companheiros a campanha de Creso na Partia. Referindo-se á tragica morte do triunviro romano na sua entrevista com Surena, uma ruga contraíu-lhe a fronte e ele perorou:

— E' certo, entretanto, que o general romano não ...

---

(3) "En efecto — mil soldados entresacados del cuerpo selecto del ejercito y provistos de cien tiros cada uno, á media noche habian sido colocados sigilosamente en lugar estratéjico, proximo al sitio donde tendria lugar la entrevista. con la orden de proceder a una señal convenida... La persona del general Mitre, pués, estuvo durante cinco horas completamente a mercel del dictador..." JUANSILVANO GODOI, op. cit. pag. 118.

"...hizo emboscar en el paso, á corta distancia del sitio en que tuvo lugar la conferencia, un batallón entero de rifleros". THOMPSON. op. cit., pag. 115.

(4) "Llegó á creer de buena fé en la posibilidad de la paz, continuando el en el gobierno de la republica. Pero, para el caso de que esto no fuera viable, acariciaba poder arribar en otras condiciones á un acuerdo con el presidente Mitre, á fin de que se retirara con el ejercito argentino del teatro de la guerra, dando por rota de hecho la triple-alianza. Esta solución le halagaba intimamente; mas si tampoco fuera viable, se conformaria con haber ganado unos dias de tregua, mientras se terminaban las fortificaciones de Curupaiti". GODOI, idem pa. 115. "...Solano Lopez, vivia de ilusiones..." CECILIO BAEZ, **Cuadros Historicos y Descriptivos**, Assunción, 1906, pag. 194.

teria perecido, si seus proprios soldados não o tivessem entregado ás mãos dos partas... (5).

. Bartolomeu Mitre vinha singelamente trajado: sobrecasaca militar sem galões ou bordados, chapéu de feltro escuro e espada comum pendendo do talim com as côres nacionais. Flôres, que andava geralmente á paisana, puséra por exceção seu quépi de brigadeiro. Poucos ajudantes de ordens. Nenhuma escolta. Ninguem emboscado nas proximidades.

A sessenta passos de distancia (6), as duas comitivas fizeram alto. Os tres generais apearam-se, adeantaram-se e trocaram apertos de mão. Conversaram instantes de pé, parados. Lopez culpou Flôres de ter provocado a guerra. O uruguaio encolheu os ombros. O Supremo, então, atacou a ação do Imperio e estranhou que os dois chefes de paises republicanos como ele e da mesma raça lhe fizessem guerra, servindo aos interesses do Brasil. Disse, sorrindo:

— Si me deixarem sózinho com os brasileiros, estão estes devorados!

Flôres aborreceu-se e perguntou a Mitre:

— O general fica?

— Sem duvida.

— Pois eu retiro-me, lamentando não ter agido como o general Polydoro.

— O Supremo, amavelmente, propôs ao uruguaio um copo de vinho. D. Venancio recusou.

— Em lembrança deste encontro a meio dos azares da guerra, acrescentou, meloso, troquemos os nossos rebenques.

Flôres replicou friamente:

---

(5) E' ainda GODOI quem narra (idem, pag. 116) esse jantar e essa conversa que tirou, segundo declara, dos apontamentos intimos de Madame Lynch.

(6) Todos os pormenores do que narramos são fielmente extraídos de JUANSILVANO GODOI, na sua monografia sobre a conferencia de Iataiti-corá, de THOMPSON, de O'LEARY em **Nuestra Epopea, el Mariscal Solano Lopez** e da monografia sobre Iataiti-corá, de CARLOS PEREIRA, e de SEEBER. Evitamos as citações a cada passo para não fatigar o leitor.

— Não desejo trocar coisa alguma com o senhor marechal.

— Então, sirva-se ao menos de um charuto, insistiu o tirano, oferecendo-lhe a charuteira.

— Só fumo os meus! tornou o gaucho sêcamente e deu-lhe as costas. (7)

Mitre e Lopez ficaram sósinhos e começaram a passear, conversando, á sombra das palmeiras.

De repente, Lopez parou e fixou sua atenção numa força argentina, que evoluia ali perto, numa pequena planicie. D. Bartolomeu declarou-lhe que era o batalhão do major Mansilla, filho do general do mesmo nome. Lopez, que professava alto apreço, diz JUANSILVANO GODOI (8), por seu pai, herói do combate de Obligado contra as naves inglêsas e francêsas, manifestou o desejo de falar-lhe pessoalmente. O major foi chamado á sua presença e por ele muito bem tratado. Mas, no intimo, o astuto despota não cria que os argentinos ali estivessem por acaso, o que era verdade: estava certo de maneira absoluta que Mitre tomára tambem suas precauções...

A conversa dos dois chefes durou cinco horas. Os ajudantes de ordens trouxeram cadeiras, mate, bebidas e charutos. Ambos palestraram na maior intimidade. BLANCO-FOMBONA resume o que se passou neste periodo de sintetico e brilhante estilo: "Solano Lopez expôs razões de politica e interesse para que a Argentina se afastasse da luta. Mitre foi surdo a qualquer acordo. Em vão, Solano Lopez esgotou os recursos de seu talento; em vão lhe fez compreender que estava servindo aos interesses do Brasil, inimigo tradicional da Argentina, contra um povo irmão de raça, irmão pela geografia, pela lingua e pelas instituições politicas; em vão lhe tocou a nota sentimental e cavalheiresca: em vão! Mitre mostrou-se inacessivel e não cedeu uma linha. Não esquecia que, naquele mesmo campo de Iataiti-corá, aquele

---

(7) "Nada deseo cambiar con el mariscal! — Un cigarro replicó Lopez. — Fumo los mios! fué la respuesta seca y talvez poco galante..." FRANCISCO SEEBER, **Cartaz sobre la Guerra del Paraguay**, edição J. Rosso, Buenos Aires, 1907, pag. 154.

(8) Op. cit. pag. 119.

homem que estava deante de si lhe infligira uma lição militar e uma derrota (9)".

"Durante o correr da controversia, o presidente Mitre, afirma GODOI, concretizou uma proposta de acordo sobre a base da definitiva separação de Lopez do governo do Paraguai e sua retirada do país.

— Isso somente me imporão, replicou elle rapidamente, na minha derradeira trincheira, nos confins do Paraguai!

A conversação girou em torno de outros assuntos e Lopez que observava atentamente seu interlocutor e se penetrára de suas verdadeiras condições de carater, modificando notavelmente o juizo erroneo que formava a seu respeito, em virtude de informações apaixonadas, disse-lhe:

— Lamento, general, tê-lo conhecido tão tarde.

— Já tratára comigo no ano de 59, quando me fez a honra de visitar-me em Buenos Aires, lembrou Mitre.

— Sim, porem naquela ocasião V. Ex. não me falou de politica e sim de livros guaranis, tornou Lopez vivamente".

E passaram a tratar de bibliografia, das edições de Belgrano e de Diego Barros Araña (10).

Lavrou-se uma áta do que se havia passado, que ambos assinaram. Depois, trocaram seus rebenques e fizeram brindes reciprocos com o excelente rum da farta adega de Lopez (11).

Separaram-se.

Enquanto fraternizavam assim os dois chefes platinos, passava-se o seguinte, narrado por Thompson e confirmado por outros historiadores: "Lopez aproveitou-se da cortesia de Mitre para cometer um ultrage contra todas as regras da bôa fé". Foi o caso que os seus soldados, graças á suspensão de hostilidades do momento,

(9) J. E. O' LEARY, **El Mariscal Solano Lopez**, pags. 198-9.

(10) GODOI, op. cit., pags. 141 e 142.

(11) Idem, pags. 142 e 143. José Maria Lafuente dá tambem os mais interessantes pormenores nas publicações que fez. Ele foi secretario de Mitre.

se apoderaram de alguns paraguaios que serviam com os aliados e de alguns oficiais argentinos que se adeantaram imprudentemente até o meio dos lopistas, os quais pereceram depois de atrozmente supliciados. Dois dos oficiais argentinos em questão eram ajudantes de ordens de Mitre (12).

O general argentino deixou que o Supremo inferisse de sua conversa que o ataque de Curupaiti seria levado brevemente a efeito. Lopez mandou fortificar terrivelmente a posição pelo general Diaz, que a tornou inexpugnavel. E, quando os brasileiros e argentinos a atacaram, fôram repelidos com gravissimas perdas.

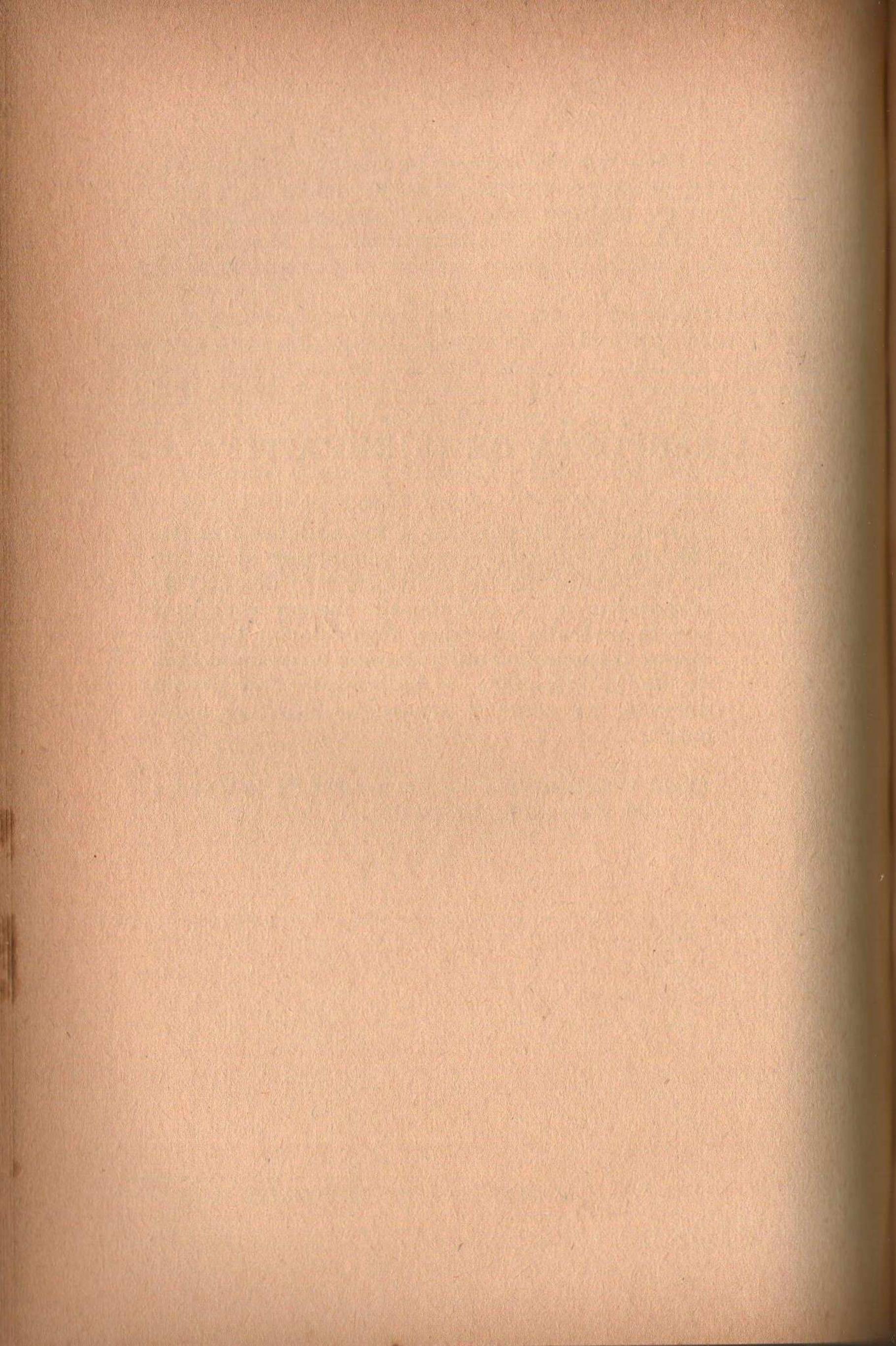
Foi esse o preço de sangue que o general Mitre pagou pelo rebenque que Lopez lhe deu, em troca do seu, na suspeitissima entrevista de Iataiti-corá. Felizmente, durante os cinco anos da campanha, a unica coisa que os generais brasileiros trocaram com o inimigo fôram balas...

---

(12) THOMPSON, op. cit., pag. 117.

A RESPOSTA DE CURUPAITI

"Las fuerzas brasileiras a las ordenes del Barón de Porto-Alegre marchaban por el monte de las costas, que terminaba á tiro de fusil de la bateria, á cuya distancia fueron recibidas por la metralla enemiga. Contestaron bizarramente el fuego llegando algunos cuerpos al borde de la trinchera, y batiendose con arrojo durante las cuatros horas que duró el combate".

(José I. Garmendia — *Recuerdos de la Guerra del Paraguay,* 1.ª parte).

Apesar do couraçado RIO DE JANEIRO ter batido numa mina e ido a pique, perdendo quasi toda a tripulação e o bravo comandante Silvado, o entusiasmo das tropas que, ás ordens do velho general Manoel Marques de Sousa, conde de Porto Alegre, desembarcaram para atacar o forte de Curuzú não soffreu o menor abalo. Voluntarios, guardas nacionais, infantes de linha, todos marcharam destemerosos contra aquele reduto, de cujos bastiões dezoito peças de grosso calibre vomitavam a morte.

Da orilha dos matagais, a artilharia de campanha do inimigo varria os arredores da fortificação.

Porto Alegre montou a cavalo em grande gala, conforme seu costume: chapéu armado, dragonas de canutões, casaca bordada na gola, no peito, nos punhos, nas costuras, e todas as véneras reluzindo. Os alferes e brigadas desfraldaram as bandeiras auri-verdes, as cornetas tocaram e a infantaria correu, de baioneta, como louca, para os muros da fortaleza. Nada lhe tolheu o impeto, nem o banhado que atravessou com agua pelo pescoço, levando as munições na cabeça. (1) E o fogo da esquadra desmontou os canhões do Curuzú.

Alguns batalhões penetram nas matas, desalojam os paraguaios e tomam-lhes a artilharia de campanha. E os outros vão cravar as laminas triangulares das baionetas nos defensores dos bastiões.

---

(1) "...si los paraguayos se resistieron con heroismo, los brasileros se condujeran con innegable osadia..." pag. 262. "Aquel triunfo puramente brasilero, debido a la iniciativa y al valor del ejercito imperial" pag. 267. "Porto Alegre, como Osorio, tenia esta rara virtud, solo reservada a los valientes, de entusiasmar a las tropas..." pag. 295 "Nada mas detuve a los brasileros..." pag. 296.

— J. E. O'LEARY — **Nuestra Epopea**, edição La Mundial, Asunción.

Entre clamores, o pavilhão tricolor do Paraguai desce tristemente do mastro e nele sobe, vitoriosa, ao som da marcha batida, a bandeira imperial.

Adeante do Curuzú o terreno descia em rampa suave; depois, de novo se elevava e, nessa elevação, apareciam as fortificações de Curupaiti: uma esplanada semeada de bocas de lobo e de abatizes, cavalos de frisa, profundo fôsso com estacas espontadas sob o lodo, e, logo, o respaldo da alta muralha. Lá no alto, os pescoços negros de cincoenta e oito canhões, defendidos por alguns milhares de homens.

Das tropas atiradas em perseguição dos paraguaios que fugiam do Curuzú e suas cercanias, duas companhias correram até Curupaiti, escalaram os parapeitos de surpreza e penetraram na fortificação. De todos os lados os inimigos as cercaram. Defenderam-se como féras juncando o chão de paraguaios mortos em volta de cada brasileiro; mas pereceram esmagadas pelo numero.

Alguns soldados escapos á chacina trouxeram a noticia daquele prodigio de audacia ao quartel general e Porto Alegre assim se convenceu de que a fortaleza não era inexpugnavel, como se dizia.

Mandou um ajudante de ordens pedir a Mitre, que era o general em chefe dos alliados, ordens para, aproveitando o enthusiasmo da vitoria, assaltar o forte que cobria Humaitá antes que o ditador lhe reforçasse a artilharia e a guarnição. Mitre, que se conservára inativo, sem atacar as linhas de Rojas, embora ouvindo o canhoneio do Curuzú, respondeu a Porto Alegre nestes termos um tanto ambiguos: "General, é muita coisa dois triunfos em um só dia!"

Porto-Alegre era brasileiro até o cerne da alma e sentio perfeitamente o que queria dizer o recado sob a sua fórma elogiosa. Gaúcho destemido, veterano de todas as campanhas do Sul contra os gringos, o maior vulto do exercito, naquele momento, depois de Caxias, doía-lhe receber ordens dum estrangeiro e na sua alma aquelas palavras ficaram gravadas a fogo para têrem um dia merecida resposta.

Lopez pediu a celebre entrevista de Itaiticorá, para ganhar tempo, fortalecer e guarnecer melhor Curupaiti,

que o segundo corpo, estabelecido no Curuzú, ameaçava. Quando Mitre, aceitando o encontro, para ele convidou Polidoro, que era o comandante em chefe do exercito imperial, recebeu esta altiva resposta: "O governo imperial enviou-me ao Paraguai para depôr e expulsar Lopez, de acordo com o tratado da Triplice Aliança. Não posso, portanto, tratar com um homem de quem devo arrancar a faculdade de cumprir qualquer tratado". E o general brasileiro insistiu pelo ataque geral ás linhas inimigas.

Mas a conferencia se realizou sem Polidoro e não deu resultado algum. A inação prolongou-se. Porto-Alegre impacientava-se.

Enfim, a 21 de setembro de 1866, forçado pelas circunstancias, Mitre resolveu o ataque de Curupaiti. As tropas argentinas e brasileiras desembarcaram no Curuzú, reunindo-se ás que alí já se achavam. E Mitre, com grande surpresa do velho Marques de Sousa, veio assumir o comando em chefe das operações.

Mandou fazer uns reconhecimentos rapidos, incompletos e não se decidiu logo. A' noite, uma chuva torrencial converteu a baixada que se estendia ante o forte em um pantano horrivel, onde a artilharia dificilmente encontrou logares mais ou menos firmes para se estabelecer e canhonear os entrincheiramentos, auxiliando o bombardeio da esquadra.

Apesar de tudo, o exercito amanheceu formado e pronto para o combate, no dia 22. Porto-Alegre, em grande uniforme, faúlhante e impávido, assumiu o comando do centro, dos seus voluntarios de chapéuzinho preto, que o resto do exercito, por pilheria, dizia que os paraguaios chamavam: — *Los paisanos de Puerto-Alegre.* E, quando o toque de avançar vibrou no quartel general argentino, ele desembainhou a espada invita, — Viva o imperador! — e conduziu, sorrindo, de barbas ao vento, os seus heroicos batalhões. Ruge-rugiram no ar as bandeiras tremulantes, batêram os tambores o passo de carga, alumiaram ao sol as baionetas.

Saraivadas de metralha, de cachos de uvas, de balas conjugadas, despejadas das cortinas e redentes do forte,

varriam pelotões inteiros. Porto-Alegre mandou tocar as musicas. As bandas clangoraram dobrados. E o exercito continuou a marcha como para uma revista, com aquele ancião coberto de plumas, de bordados e condecorações á frente, erguendo no ar a espada rebrilhante, como si fôra um ente sobrehumano.

De repente, deteve o cavalo, estupefato. A seus olhos estendiam-se novos entrincheiramentos, cobrindo os antigos, ligando o rio á lagôa Piriz. Enquanto durára a inação de Mitre e houvera a entrevista com Lopez, tinha-se feito aquela obra nova. E, agora, as colunas de assalto teriam de transpôr duas linhas em logar de uma. Marques de Sousa encrespou os sobrólhos e bateu com os copos da espada nos coldres, rosnando:

— Ah! gringo, estragaste-nos a festa!...

A infantaria brasileira transpôs o pantanal, venceu os abatizes e as bôcas de lobo. O fôsso e a contra-escarpa não a detiveram. Começou a escalar os bastiões, cravando com as baionetas aceradas os artilheiros paraguaios nos reparos de suas peças. Mas os batalhões argentinos fôram contidos pelo paúl e pelos cavalos de frisa. Sobre eles chovia terrivelmente a metralha. E Mitre, que os via tão sacrificados, enviou a Porto-Alegre um dos seus ajudantes para dizer-lhe que recuasse, se abrigasse sob a proteção da artilharia do Curuzú e da esquadra, pois não valia a pena perder tanta gente num assalto até ali sem resultado. (2).

O general brasileiro, já desmontado e sem chapéu, as cans ao vento, o olhar em brasa, vira os seus valentes galgarem os parapeitos das trincheiras, sabia que eles acabariam por toma-las e respondeu de dentes cerrados:

— Não recúo um palmo!

---

(2) "...deseando conocer la verdadera situación de la batalla por nuestra izquierda, donde bizarramente se bate Porto Alegre, se ordena a dos ayudantes se dirijan á aquel punto...". J. I. GARMENDIA — **Recuerdos de la Guerra del Paraguay.** 1.ª parte, edição Jacobo Peuser, Buenos Aires, 1890.

"Porto Alegre, que se sentia mas superior al generalisimo, al cual habia conocido en la campana contra Rozas, actuando em Caseros como general, cuando Mitre era un simple coronel de artilleria se apressuró a contestarle con su proverbial altivez...". J. E. O'LEARY, op. cit., pag. 257.

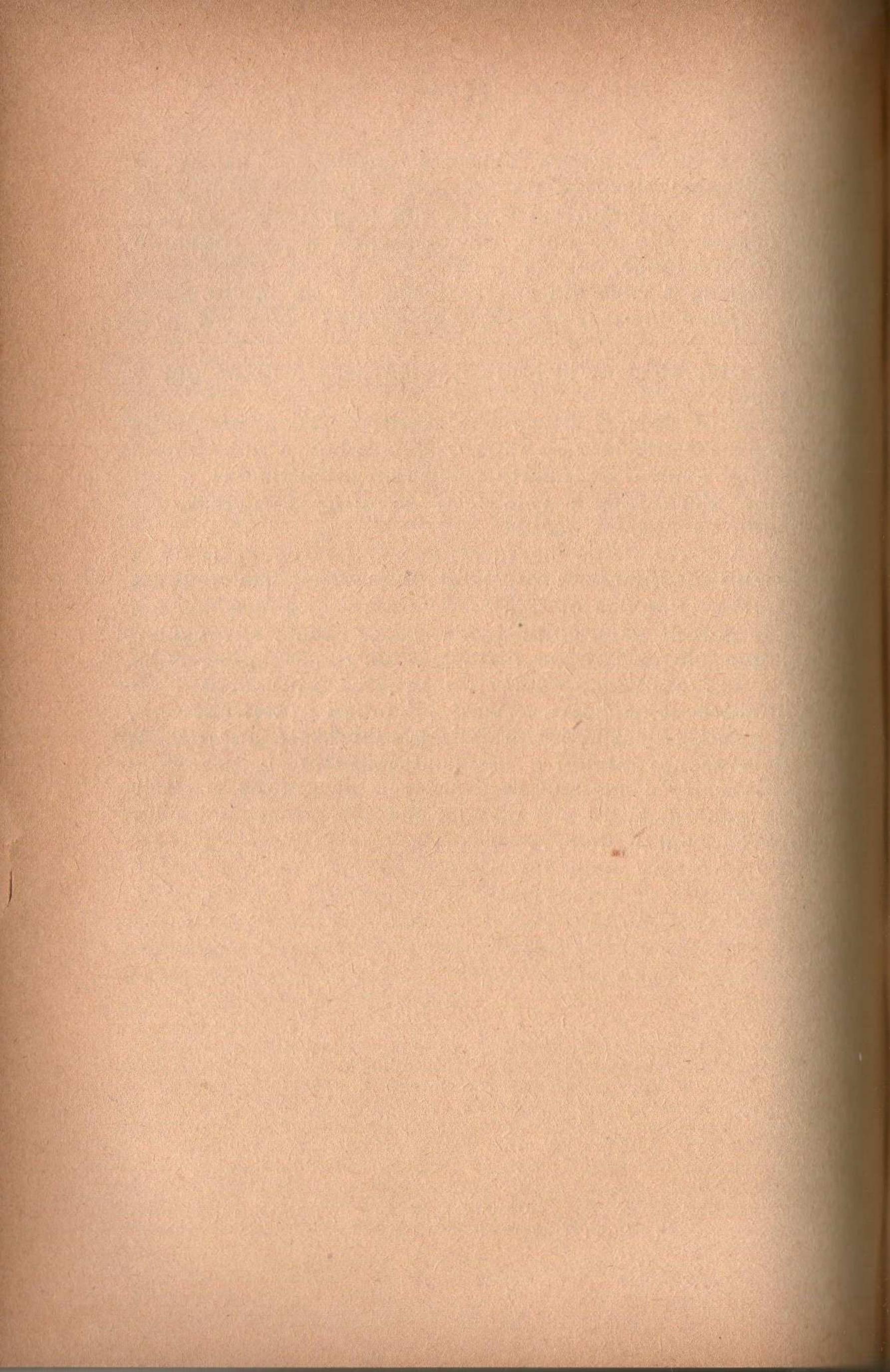
Daí a pouco, novo ajudante árgentino chegou ao pé de Manoel Marques de Sousa e deu-lhe a ordem de retirada do comando em chefe, em tom firme. O gaúcho, chamarrado de ouro, que combatia a pé, enquanto o outro, de longe, queria governar a peleja, enfuriou-se Era chegada a hora da sua resposta, de ha muito guardada. Deu-a brusca, áspera, mas sincera como ele proprio:

— Diga ao general Mitre que vá para o diabo que o carregue!

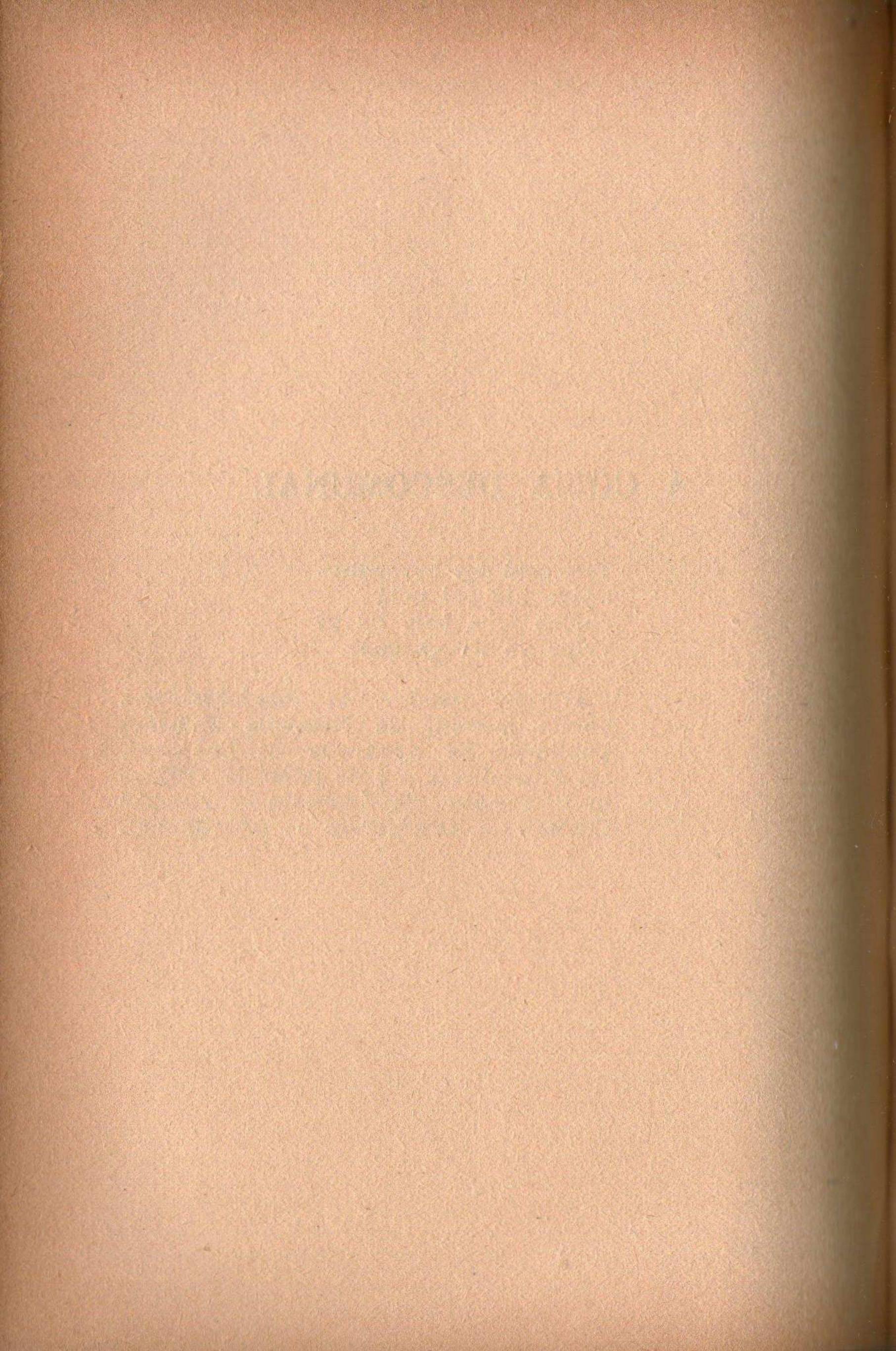
Minutos depois, do quartel general argentino partia o toque de retirada e os milhares de homens que tinham avançado contra Curupaiti recuavam humilhados e dizimados. Porto-Alegre veio com as ultimas fileiras, recolhendo os ultimos feridos.

A' noite, na sua barraca de campanha, escrevia a parte dos acontecimentos, máu humorado, em mangas de camisa. Um dos ajudantes de ordens pegou a sua casaca de grande gala, empoeirada, enlameada e ensanguentada, que ele atirára ao chão e, dobrando-a, para coloca-la sobre o pequeno leito do general, viu-lhe as abas rendilhadas pelas balas. O oficial olhou o seu chefe, e, como gozasse de sua intimidade e soubesse o que pensava, dele se aproximou e disse, sorridente:

— General, a melhor resposta que o senhor poderia dar ao general Mitre era mandar-lhe esta casaca para ele comparar com a dele...

Porto-Alegre nem levantou a cabeça.

A COISA DESCOMUNAL

Tou catú los byronauta
upéva nté yai potá
chãjha icha bola itá pé
yvipe ya ity ghaguá!

(Ultima quadra da *Pandorga-Vevé*, poesia guaraní de Natalicio Talavera publicada na tipografia do *Cabichué*, em Passo-Pocú, a 4 de julho de 1867 — in *El Parnaso de Guarania* — NARCISO COLMAN — *Ocara-Poty* — 2.º volume).

A imobilidade do exercito em Tuiuti, que já durava demasiado, aborrecia terrivelmente o marquez de Caxias. Desde que assumira o comando em chefe das tropas do Imperio, seu espirito procurava qualquer meio de sair daquela inação desmoralizadora, que era carateristica de Mitre, o qual jamais aproveitou uma oportunidade de avançar. Fez de 24 de maio, onde Osorio foi o verdadeiro general em chefe (1), uma *vitoria paralitica*, na fraze de Zeballos. Voltando de Buenos Aires após a marcha de flanco, encalhou em Tuiucué. Foi preciso que deixasse o comando em chefe para Lima e Silva levar o exercito a Assunção. Acostumado a comandar e a vencer, (2) o velho soldado, cuja espada pacificára e unira

---

(1) "Porque sabido es que el general Mitre era incapaz de dar orden en el terreno de los hechos. Combinadas las operaciones, no podia ya modificarlas en presencia de las difficultades imprevistas. Tal lo afirman sus contemporaneos. Y asi se vio en muchas ocasiones, llegando a ser derrotado hasta por los indios salvajes, armados a lanza, contando el con fuerzas superiores de las tres armas. Asi sucedió en Sierra Chica, donde perdió toda su artilleria, y su ejercito fué casi totalmente desbandado. Don Dimacio Velez Sarsfield comentó su conducta em Pavón en esta frase sangrienta: "Batalla ganada, general perdido"... En cuanto a su conducta en la guerra del Paraguay, bastaria recordar lo que pasó en Tuyuti, el 24 de Mayo de 1866. Invadido el campamento de los aliados por cuatro colunas paraguayas, Mitre olvidó su papel de generalisimo y de sus labios no partió una sola orden para su ejercito. Y, cuando tudo parecia perdido, el mariscal Osorio salvó la situación, obrando por su propia cuenta..." J. E. O'LEARY **Nuestra Epopea**, pags. 126 e 127.

(2) "Si se nos atacaba por nuestro flanco izquierdo, estábamos perdidos, pués ya no habia tiempo para fortificar aquel costado. Y el movimineto de flanco era por demais sencillo, todos los jefes y oficiales de la Alianza lo pedian. Pallejas se hizo eco de esas vozes en una de sus cartas. Sólo el general Mitre persistia en operar por el frente, aunque sus panegiristas

o Imperio, vinha disposto a romper fôsse como fôsse as linhas inimigas ou a contorna-las, de maneira a atingir sua capital e pôr termo á campanha. Tinha certeza de que levaria a cabo sua missão e sujeitou-se a todas as provas para isso, mesmo as mais espinhosas. Sobre sua chegada ao acampamento de Tuiutí em dezembro de 1866, escreveu um historiador estrangeiro, dizendo como se pusera sob as ordens de Mitre: "Deve ter sido muito duro para Caxias, velho guerreiro que só conhecêra a vitoria, que comandava trinta mil homens e uma esquadra, submeter-se a um general de brigada, que tinha apenas seis mil soldados e acabava de ser batido" (3).

O velho general brasileiro estudou, longa, detidamente a situação em que se encontravam os alliados. Estavam acampados com relativa segurança em Tuiutí, tinham seu aprovisionamento de viveres e munições garantido pela frota, mas era inutil pensar em avançar e a menor polegada de terreno que porventura se perdesse redundaria em golpes morais terriveis nas situações politicas internas dos paises da Triplice Aliança.

Em frente ao exercito, estendiam-se as linhas de Rojas, impenetraveis, bem artilhadas, ligando os marneis do baixo Niembucú e as lamas traidoras do Estero Belaco ás margens paludosas da lagôa Piriz. Adeante dessa, as fortificações de Curupaiti, que, por culpa de Mitre, obrigaram Porto Alegre a recuar, impediam a passagem entre a mesma lagôa e o rio. Cincoenta e oito canhões estendiam sobre as muralhas os seus pescoços negros e sinistros, beijados pela sombra esvoaçante da bandeira tricolor.

Era necessario contornar todas essas inexpugnaveis posições de qualquer maneira. Atravessar o rio, tomar a margem direita e subi-la até além do Humaitá seria temeridade, pois ali estava o tremedal do Gran-Chaco, peor

---

digan lo que digan y publiquem las cartas que quieran" Idem, pag. 186.

(3) THEODORE FIX, *La Guerre du Paraguay*, edição Tanera, Paris, 1870, pag. 114.

do que dez fortalezas. Sómente restava um recurso: rodear pelo Estero e pelo Niembucú, cortando depois ao norte as comunicaçes de Humaitá com Assunção.

Para realizar esse plano com exito, o general em chefe — porque, desde que chegára, toda a gente tinha sentido que o chefe não era mais Mitre e sim, pelo talento e pelo valor, o integro e intemerato marquez — o general em chefe precisava conhecer o terreno em que se ia arriscar. Mas como? Não existiam cartas topograficas daquelas regiões invias. Não se encontravam guias. Muito raramente se conseguia dum prisioneiro paraguaio, oficial ou soldado, uma informação exata e não se podia aventurar, em reconhecimentos perigosos, a cavalaria naquela zona ignota e enxarcada.

Então, Caxias teve a feliz idéa de repetir na America do Sul as experiencias já feitas pelo estado maior prussiano e de observar a região do Estero por meio de balões cativos. Mandou construi-los sem perda de tempo no Rio de Janeiro, por dois irmãos americanos, os engenheiros Green, que os levaram a Tuiutí. Desembarcaram com os seus inumeros caixotes de apetrechos no Passo da Patria. Aí as carretas apanharam todo esse material, transportando-o para o quartel do comando em chefe. Houve no acampamento uma curiosidade imensa de vêr os balões e muito soldado deixou o seu corpo a uma legua de distancia para vir rodar pelas cercanias do estado-maior e olhar os preparativos para o enchimento dos nunca vistos engenhos.

Enfim, um dia, o primeiro balão cheio de gaz se arredondou no espaço. Duma quadra entre barracas, guardada por soldados dum batalhão de caçadores, se fizéra campo de aeronautica. E o exercito inteiro pasmou para o aparelho nunca visto.

Caxias e Osorio assistiram á primeira experiencia de ascensão. Foi numa segunda-feira, 8 de Julho de 1867. Tomaram logar na cesta um engenheiro polaco que servia no exercito argentino, contratado pelo estado-maior imperial para a nossa aeronautica, e um soldado da Legião

Paraguaia, constituida em Buenos Aires e composta de inimigos politicos de Lopez a serviço dos aliados, o qual se dizia conhecedor da região. Os aeronautas deviam examinar minuciosamente o territorio inimigo na direção de sudeste, afim de vêr si era possivel ao exercito passar pelo Estero Belaco e pelo baixo Niembucú, e, si havia, além desses pantanais, terras firmes onde pudessem as tropas se estabelecer para atacar Humaitá.

O aeróstato subiu lentamente, lentamente. Aos poucos, os caçadores a pé iam largando as cordas que o prendiam e ele se elevava. Mal assomou a uns vinte metros acima do acampamento um clamor de espanto ecoou nas linhas paraguaias de Rojas. O povo de Lopez vivera sempre segregado do mundo, mergulhado na mais profunda ignorancia e dominado pelo mais ferrenho fanatismo. Nunca ouvira siquer falar em balões.

Mal os soldados do Ditador avistaram a esfera de pano, arregalaram olhos assombrados e fizeram o sinal da cruz. Que coisa seria aquella que subia no espaço sozinha, devagar, redonda como gigantesca bala de descomunal canhão?

Do alto dum mangrulho que atalaiava o campo brasileiro, uma sentinela berrou em guarani:

— Karai ambaé, morubixaba guassú, akakuá, ou memê! ou memê! (a).

E o paraguaio tremia dos pés á cabeça. Um oficial surgiu ao pé do mangrulho, onde se ajuntavam alguns soldados pelos gritos da sentinela e indagou:

— Abaé pikó? (b)

O infante guarani respondeu de dentes cerrados:

— Anheté xé karai! (c).

(a) Comandante, uma coisa descomunal, aumentando e caminhando para aqui.

(b) Que é isso?

(c) E' verdade. Estas frases guaranis fôram fornecidas ao autor pelo bravo tenente-coronel Jorge Maia, residente no Meier, o qual as tinha ouvido no Paraguai, durante o tempo em que alí brilhantemente serviu ao seu país.

Em tres pulos, o oficial galgou a plataforma do mangrulho e avistou o monstro apocaliptico. De baixo, os soldados ouviram suas exclamações de espanto:

— Ou memê! Ou memê!...

Os entrincheiramentos de Rojas cobriram-se de soldados fardados de vermelho, curiosos, boquiabertos, soltando barbaras interjeições guturais, enquanto os caçadores brasileiros, puxando os cabos que o prendiam, iam levando o aeróstato para o acampamento da segunda divisão, paralelamente ás linhas inimigas. O alvoroço dos paraguaios, que se ouvia de longe, era cada vez maior. Serenou com a presença subita do coronel Bruguez, que ordenou a uma das baterias de canhões raiados fizesse algumas descargas contra aquela *coisa descomunal.*

Por esse tempo, o balão, que subira mais ou menos a uns cem metros, descia no acampamento argentino, era esvaziado e guardado. Seus tripulantes tinham observado bem as posições da esquadra brasileira em Itati, as linhas de Curupaiti e o Curuzú. Do lado que interessava Caxias nada puderam examinar. Os nevoeiros que se erguiam áquela hora dos paúes de Niembucu e do Estero Belaco impediam totalmente a vista e eram desses que se não dissipam com o correr do dia, antes aumentam cada vez mais.

Os paraguaios estavam apavorados e comentavam entre si o aparecimento da *coisa descomunal.* Um deles lembrou, ignorando talvez que o colera devastava os exercitos aliados tanto quanto a eles, que aquilo é que dava o colera! E os guaranis passaram a noite inteira a rezar, superexcitados pelo pavor.

Como o Coronel Portinho tivesse limpado de paraguaios as margens do rio Paraná até Sete Quedas e Osorio houvesse trazido de Tio Domingos sete mil homens de reforço, o marquez achava asado o momento para iniciar a grande marcha de flanco. Ordenou que de novo se tentasse o reconhecimento do terreno por meio dos balões.

Subiram os dois desta vez, tripulados por oficiais escolhidos do corpo de estado maior de 1.ª classe, entre os quais dizem que estava Benjamin Constant Botelho de Magalhães. (4). As observações fôram realizadas com o melhor exito. O tempo clarissimo ajudou os planos do general em chefe. Verificou-se a praticabilidade da passagem pelo Estero e que, além dos pantanos, em San Solano e Tuiucué, o terreno era seguro.

Os paraguaios não cuidavam que Caxias pensasse em contornar as posições de Rojas. O inutil bombardeio de Curupaiti pela esquadra, a concentração de Osorio em Candelaria e a ação de Portinho, Paraná acima, tudo lhes fazia crêr que os brasileiros pretendiam marchar diretamente de Candelaria a Assunção. E para facilitar-lhes o avanço, ali estavam as *coisas descomunais* que davam o colera...

A ascenção conjunta dos dois balões espantou e amedrontou ainda mais os guaranis das trincheiras. Mal os dois globos se ergueram no espaço, as sentinelas dos mangrulhos esganiçaram-se a uivar. O soldado que á primeira vez chamára o seu comandante lá estava. Viu o primeiro balão e persignou-se. Avistou o segundo e caíu de joelhos.

Para observar melhor a região do Estero, os aerostatos aproximaram-se muito das linhas paraguaias, depois que estavam bem alto e quasi fóra do alcance de suas balas.

Ajoelhado, o indio disparou varias vezes a arma contra os balões. Eram aqueles malditos que traziam o colera e as bexigas. Eram eles que desgraçavam seus pobres irmãos, amigos e parentes. Eram eles o peor flagelo da guerra. Espumava de raiva fanatica, carregando e escorvando a arma. Depois, como estivessem

---

(4) Varios veteranos da campanha têm contado ao autor que Benjamin Constant subiu no balão cativo. Entretanto, nenhuma referencia sobre o fato se encontra nos documentos oficiais.

mais perto, ao seu espirito obumbrado pelo odio e pelo pavor pareceu que podia atingir o mais proximo, o que a menor distancia fazia parecer maior. Sacou a baioneta do cinturão, calou-a na espingarda, adeantou-se para a extremidade da plataforma do mangrulho e, como louco, deu um salto para cravar o ferro agudo na *coisa descomunal*...

Bruguez, de pé sobre uma meia lua do entrincheiramento, fazia erguer alguns colos de obuseiros para bombardear os balões que pairavam serenamente no espaço, ligados ao sólo pelos longos cabos que as mãos calosas dos caçadores a pé sustinham. Ao rumôr da queda do soldado precipitado do alto mangrulho, voltou-se e, olhando o corpo que pendia imovel da contra-escarpa do fôsso, acendeu lentamente um charuto...

A *coisa descomunal* foi, com efeito, peor para o exercito do Lopez do que o colera e a variola. Graças ás observações que permitiu, Caxias realizou o movimento de que dependeu a sorte da guerra. A 22 de julho, pela manhã, o marquez deixava o velho e glorioso Porto-Alegre em Tuiutí, e, entregando o comando da vanguarda a Osorio, metia o grosso do exercito pelos tremedais, com agua até a cintura. A' frente o corpo de sapadores e pontoneiros, o heroico batalhão de engenharia, cognominado ARRANCA-TOCO, preparava o caminho, combatendo a selva intrincada e a lama traiçoeira.

Ao entardecer, o exercito chegava a San Solano e a Tuiucué. As guardas avançadas attingiam o rio Hondo e avistavam, entusiastimadas, as torres brancas da igreja de Humaitá. E um regimento de centauros gaúchos cortava os fios do telegrafo que ligavam a fortaleza á capital do Paraguai.

Do dia seguinte em deante, a *coisa descomunal* boiou de novo no céu sobre o acampamento de Tuiutí. Seu aparelho de sinais mantinha as comunicações de

Porto-Alegre com o comando em chefe. E, sempre que ela aparecia, o inimigo se alvoraçava com o mesmo estribilho guarani:

— ... ou memê!... ou memê!...

---

(5) "Segunda-feira, 8 de julho de 1867... Estando a atmosfera menos carregada de nevoeiros do que na vespera, e prometendo melhorar o tempo, efetuou-se a ascensão aerostatica no mesmo logar em que foi preparado o balão ao meio-dia, sendo daí conduzido até o centro do acampamento da 2.ª divisão de infantaria, percorreu paralelamente á linha das trincheiras da vanguarda o espaço entre aquele acampamento e o dos argentinos, onde deceu..."

"Sexta-feira, 12 de julho... O dia estava nublado e o vento era calmo. O balão atingiu a altura de mil pés inglêses. O inimigo rompeu baterias. Alem do engenheiro polaco, subiu tambem desta vez, como observador, o capitão do estado-maior de 1.ª classe Francisco Cesar da Silva Amaral... Os observadores retificaram algumas posições á vista do mapa que levaram...".

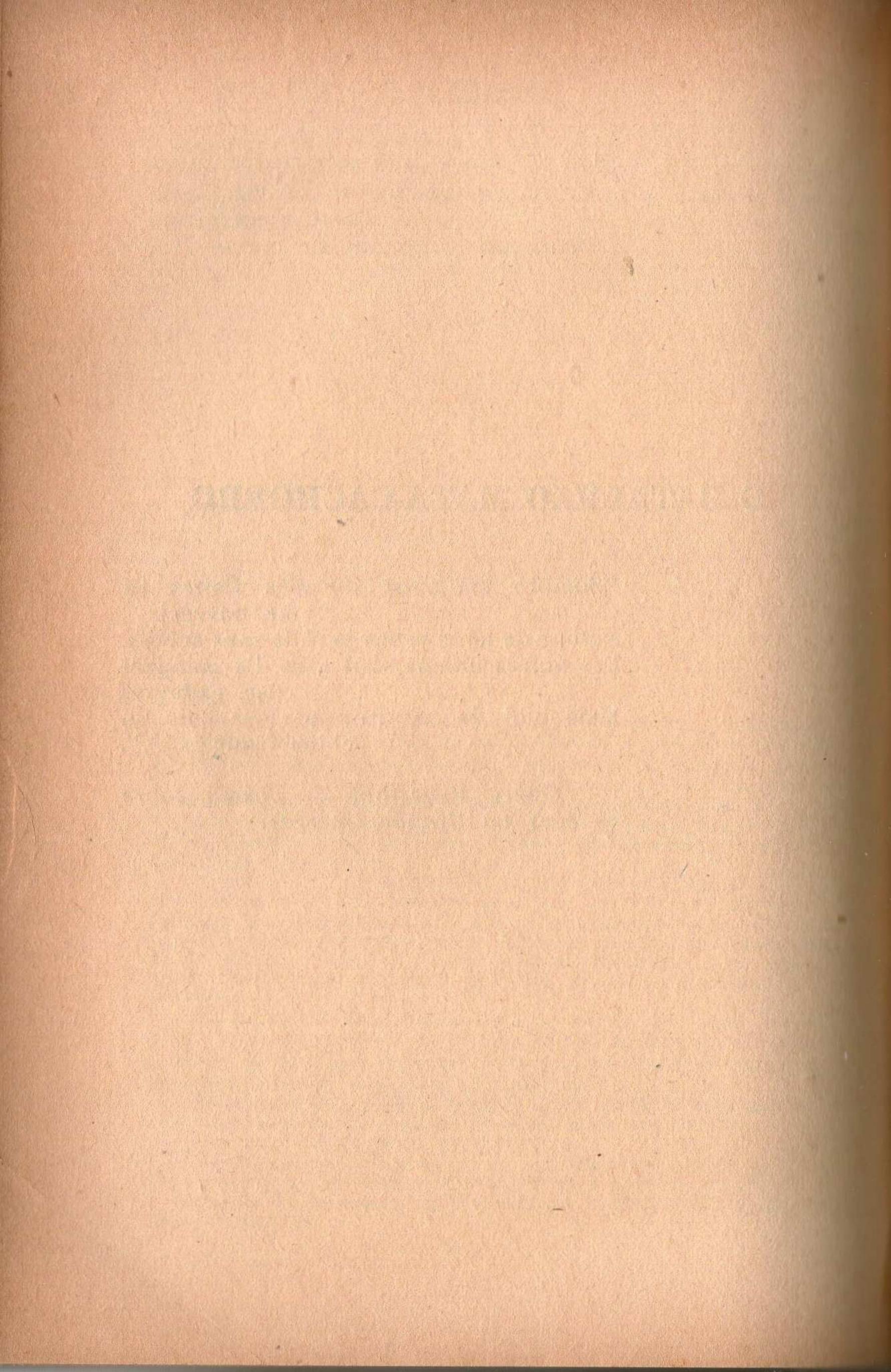
"Sabado, 20 de julho... A' tarde houve uma ascensão aerostatica na extrema direita do campo argentino, elevando-se o balão a 450 pés inglêses. Como observadores subiram os capitães Amaral, Conrado e Madureira...".

"Quarta-feira, 25 de setembro... O balão conservou-se elevado por espaço de tres quartos de hora, esperando os observadores, capitães Amaral e Madureira, e 1.º tenente Madureira, que se dissipasse o nevoeiro... S. Ex. deu ordem para que regressasse no dia seguinte o balão para o Passo da Patria...".

Diario do Exercito, na Revista do Instituto Historico, tomo 91, volume 145.

O BATALHÃO MATA-CACHORRO

"Sombre maigreur de mes flancs tu
me navres!
Autour de leurs repas je rôde sans succès.
Les autres chiens sont gras, ils mangent
des cadavres
Mais moi, je ne peux pas: je suis un
chien français...".

(René Fauchois — *poema sobre os cães na Grande Guerra*).

O velho major Viana era um veterano da campanha contra o Paraguai. Cabeça muito branca. Andar ainda bem firme. Fisionomia expansiva. Um riso claro e sonoro. Todo otimismo. Um bravo na sua modestia. Medalha de prata com o passador numero cinco. O habito de Cristo. A vénera da Rosa. Vivia do comercio, depois de ter durante longos anos comandado o batalhão de policia do Ceará.

Com ele fôra em 1865 para Concordia e á sua frente pisára o territorio inimigo. Como o corpo tivesse pequeno efetivo e não fôsse grande a sua instrução militar, Osorio entregára-lhe, bem como ao batalhão policial da Baía, que vinha da tomada de Montevidéo, o serviço de policia do campo. Era um posto de alta responsabilidade, embora não perigoso. Manter a ordem num acampamento de algumas dezenas de mil homens, cheio de mulheres e de vendedores ambulantes, com botequins onde os soldados se embriagavam e tendas de jogatina, além disso evitando as rixas entre os individuos de nacionalidades diversas — brasileiros de todos os matizes, argentinos e correntinos, uruguaios e paraguaios da famosa legião organizada em Buenos Aires — não era tarefa isenta de trabalhos e de aborrecimentos. E ela não impedia que, no momento da luta, a policia do acampamento tivesse de entrar em fogo e de carregar a baioneta como qualquer outra tropa.

O major Viana conduzira-se sempre com tal energia, coragem e habilidade que somente elogios merecêra, primeiro de Osorio, depois de Caxias e Porto Alegre e por fim do Conde d'Eu.

Conheci-o já bastante idoso. Embora fôsse um menino, ele gostava de conversar comigo e contava-me

muitas historias da longa campanha. Um dia perguntei-lhe com a minha curiosidade infantil:

— Major, porque toda a gente chama os soldados de policia de mata-cachôrros. Eu nunca os vi matando cachôrros.

O ancião sorriu e replicou-me:

— E' uma historia do Paraguai.

Eu era louco por historias do Paraguai.

— Conte, major Viana, por favor.

Ele já estava sentado numa cadeira de vime, á porta de seu armazem, gozando a frêscura da tarde. Tirou o charuto da bôca e começou a falar. Eu era todo ouvidos. Um embevecimento.

— No nosso acampamento, no Paraguai, havia milhares e milhares de cachôrro. Todos os cães vadios de Corrientes tinham acompanhado o exercito e se reunido com os dos nossos soldados. Durante os longos meses e anos da campanha fôram se multiplicando de maneira assustadora. Era cachôrro a dar com um páu. Milhares e milhares. Viviam dos restos dos ranchos da soldadesca e de todas as sobras das cozinhas. Andavam até gordos.

Fez uma pausa. Puxou algumas baforadas de fumo do charuto. Prosseguiu:

— Quando aparecia cachôrro magro, já se sabia que era paraguaio (1). Os desgraçados suportavam fomes terriveis. A comida em Humaitá mal chegava para os donos. Eles só passavam bem quando encontravam algum cadaver de gente ou de cavalo. Depois de Curupaiti, estiveram algum tempo com os nossos, mais cobertos. Fóra dessa época andavam na espinha. Os soldados chamavam-nos *Passados*, como aos desertores. E os nossos cachôrros não gostavam deles. Cheiravam-nos, reconheciam-nos, e expulsavam-nos do acampamento a dentadas. "Lá vai um cachôrro passado!" berrava um caçador ou um fusileiro e saíam quatro, cinco homens

---

(1) "Os seus cães (andam sempre com uma malta deles) latiram horrivelmente toda a noite...". TAUNAY, **A Retirada da Laguna**, tradução do Barão de Ramiz Galvão, edição Garnier. Rio de Janeiro, pag. 134.

atrás dele com páus e com pedras. Era raro o passado que escapava...

Quando o marquez de Caxias executou sua marcha de flanco rumo a Tuiu-cué e São Solano, a policia da Baía seguiu com o quartel general e eu fiquei com a do Ceará em Tuiutí. A canzoada, infelizmente, não se repartiu com as tropas. Poucos fôram os cadelos que acompanharam o grosso do exercito. A grande maioria, habituada ao velho pouso, ficou nele. Tendo diminuido o numero de soldados, é que a gente via a quantidade de cães que existia. A comida de um corpo de exercito não podia ser a mesma do exercito inteiro. E essa diminuição emagreceu a chachorrada e buliu-lhes com os nervos. Não se podia mais dar um toque de corneta. Juntava-se um bando de bichos e começavam a uivar horrivelmente. Os toques prolongados e de conjunto de silencio e de alvorada eram acompanhados por um côro tão pavoroso de latidos, ganidos e uivos que os abafava.

Os comandantes de corpos representaram contra iso ao visconde de Porto Alegre. O general mandou me chamar e deu-me ordem para fazer a policia matar os cachôrros. No dia seguinte, os meus soldados espalharam-se pelo acampamento a matar os infelizes animais. Foi uma espantosa chacina. A' tarde, os sapadores queimaram montões de cachôrros mortos. Perecêram cães veteranos de Paissandú e Uruguaiana, e todos os que nascêram desde o Passo da Patria. Não se respeitaram nem os dos coroneis e generais. Foi no embrulho um perdigueiro do proprio visconde. Houve alguns incidentes desagradaveis, mas ordens são ordens e cumprem-se. O certo é que nessa noite o toque de silencio não teve acompanhamento.

E foi daí que veio para a policia de nossa terra a alcunha de mata-cachôrro. E' pilheria que me faz sempre sorrir, porque melhor do que ninguem sei sua origem, e nunca me ofendeu.

Para dizer que nunca, minto. Uma vez queimei-me com ela. Foi nas vesperas da segunda batalha de Tuiutí. Um capitão da cavalaria corrientina da divisão Cáceres perguntou-me si eu tambem tinha morto cachôrro

naquele celebre dia, com um risinho de mófa. Para evitar brigas, virei-lhe as costas e retirei-me. Na hora do ataque paraguaio, os correntinos afrouxaram e deixaram-nos passar (2). Eu tinha os meus homens entrincheirados nas proximidades do Comercio dos argentinos e faziamos um foguinho bem nutrido sobre os nossos inimigos, com toda a calma, como si estivessemos matando cachôrros... De subito, vejo o capitão correntino a pé, correndo com alguns de seus comandados e perseguido de perto pela cavalaria de Lopez. Abatemos metade dos perseguidores com uma descarga quasi á queima roupa. Depois, eu dei o grito que era o terror dos nossos adversarios — *A baioneta!* (3). A negrada pulou fóra da trincheira e salvámos os nossos aliados. Mostrei ao capitão, que estava muito palido e sem fôlego, os paraguaios mortos que juncavam o campo e disse-lhe, sorrindo:

— Capitão, o sr. acha que hoje eu matei cachôrros?...

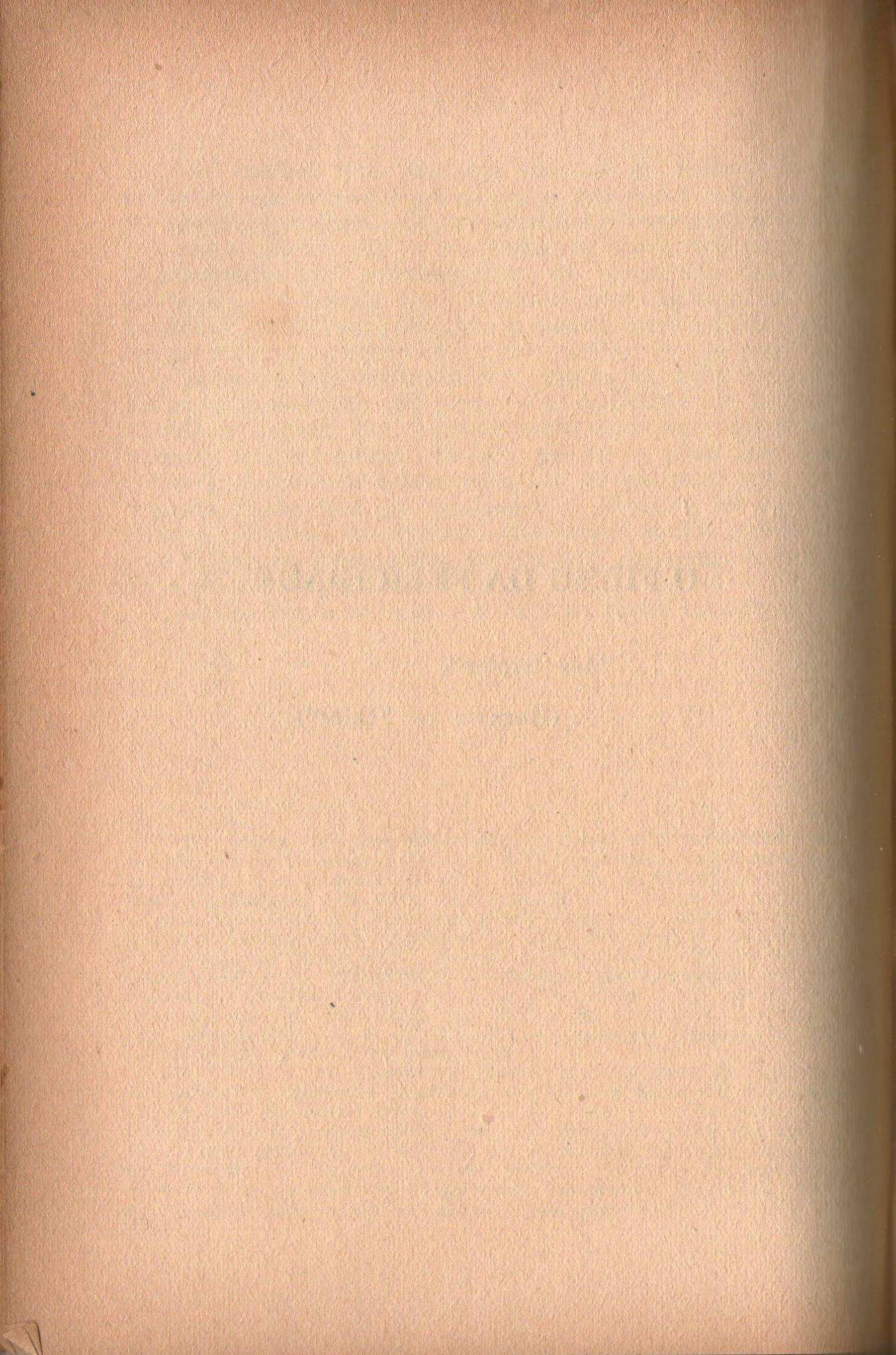
---

(2) "Es cierto que desbarató la caballeria correntina de los generales Cáceres y Hornos, y á numerosos batallones de la division del general Rivas". JUAN E. O'LEARY — **24 de Maio — Tuyuty,** Asuncion, 1914, pag. LXI. "Sobre la isquierda, la caballeria de Resquin arrolló cuanto encontró en su primera carga, acuchillando á la caballeria correntina, mandada por los generales Cáceres y Hornos, y dispersandola totalmente". — THOMPSON — **Guerra del Garaguay,** edição Palumbo, Buenos Aires, 1910, pag. 98. "De esto resultó un choque con la caballeria correntina, la que, como siempre, fué rechazada". J. E. O' LEARY — **Nuestra Epopea,** edição La Mundial, Assuncion, pag. 108.

(3) Ordem de Caxias a Mena Barreto para a tomada do Taji: "... devendo o ataque ser feito a baioneta, afim de evitar que se reproduzisse o fáto do ataque do Potreiro, em que tivemos grande prejuizo, por ter demorado este expediente, sempre infalivel na derrota da infantaria inimiga". **Diario do Exercito,** 1.o de novembro de 1867, in "Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro", Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1926, tomo 91, volume 145, pag. 135.

O FILHO DA FELICIDADE

"Aes triplex".

(HORATIO — "*Odes*").

Uma tarde, um oficial que vinha a correr do lado das famosas Linhas Negras, entrou pelo acampamento da 1.ª divisão do exercito brasileiro como louco.

A' porta da sua barraca, o general comandante da divisão ia montar a cavalo. O oficial, esbaforido, afastou os ajudantes de ordens e viu-se deante de Alexandre Gomes de Argolo Ferrão. Antes que pronunciasse uma palavra, este perguntou-lhe com a maior serenidade:

— De que se trata, camarada?

— Sr. general, venho buscar socorro! E' uma coisa horrivel!

Tartamudeante, quasi sem folego, alagado de suor, contou que uma força do 26 de voluntarios, da brigada de Carlos Resin, fôra surpreendida pela cavalaria paragiaia numa picada da mata. Oficiais e soldados estavam se defendendo como leões; mas eram um contra dez e teriam de sucumbir. Um soldado fugira em busca de socorro, fôra ferido e viera morrer-lhe nos braços, nas guardas avançadas. Então, como era tambem oficial do 26, resolvera vir ao comando da divisão dar aquela noticia:

E concluiu:

— Sr. general, mande logo um desses batalhões de infantaria ou de zuavos salvar aquela gente!

O visconde de Itaparica olhava calmo o agitado mensageiro e refletia: si a luta era entre pequena força brasileira e grande contingente inimigo, qualquer socorro já chegaria tarde; si o avanço de paraguaios era para um ataque de vulto, não devia arriscar gente sem informação mais segura. Montou a cavalo, ordenou aos ajudantes que fôssem vêr o que havia e perguntou, intempestivamente, ao oficial, afim de evitar qualquer precipitação nociva:

— Alferes, o sr. gosta de musica?
— Sim, sr. general.
— Muito ou pouco?
— Muito.
— Que instrumentos prefere: os de pancadaria, os de corda ou os de sôpro?
— Os de sôpro, sr. general.
— E, destes, os de madeira ou os de metal?
— Os de metal.
— Qual é o mais belo instrumento de metal, alferes?
O oficial, impaciente, ansioso, nervoso, sem compreender aquela tortura a que o superior o submetia, somente se continha graças ao freio da disciplina. Replicou, tremulo:
— O clarim, que dá o sinal de avançar.
— Engana-se, alferes, retrucou o baiano imperturbavel, o mais belo instrumento de metal, não é o clarim, que toca a carga, mas o trombone de vara, cuja voz murmura, enquanto ele vai e vem — "não tenha pressa! não tenha pressa!"

Nisto, chegavam os ajudantes com as noticias. Os paraguaios tinham chacinado toda a força do 26 antes mesmo de o alferes ter tido tempo de chegar á barraca do general. Qualquer ordem para o avanço de tropas teria sido um alarma em pura perda (1).

Outra vez, Argolo estava fleugmaticamente, como de costume, em ponto perigoso, quando dele se aproximou um ajudante de ordens do comando em chefe. Transmitiu-lhe apressadamente o recado que Caxias mandára e, ávido de se afastar daquele posto, onde as balas assobiavam continuamente, fez rapida continencia e deu de redeas ao cavalo.

Argolo compreendeu o motivo da pressa e, mal o outro ia cravando as esporas no vasio do animal, para galopar, indagou:

— Capitão, o sr. fuma?

(1) Este episodio foi narrado ao autor por seu padrinho, Antonio Leal de Miranda, alferes do 26 de voluntarios, que lhe afirmou ter-se passado com ele proprio.

— Fumo, sr. general, respondeu o ajudante com um riso amarelo.

— Então, continuou Argolo, maliciosamente, vou dar-lhe oportunidade de apreciar um dos meus baianos.

As balas paraguaias sibilavam sinistramente em torno deles, colhendo soldados e oficiais do 13 de infantaria estendido em linha. O general tirou vagarosamente a charuteira do bolso, aspirou-lhe o perfume e passou-a ao ajudante com estas palavras:

— Veja, capitão, que belo trabalho o desse couro e como é bem cinzelado o monograma. Presente dum amigo da Baía. Os charutos são feitos especialmente para mim, com fumo plantado na sombra. Cheire. E' um perfume que acalma os nervos. Sirva-se á vontade.

As balas sibilavam. Gemidos de feridos cortavam o ar. O capitão tomou um charuto e restituiu a charuteira. Argolo aproximou-se dele, riscou um fosforo, acendeu-lhe o charuto e obrigou-o a fumar um pouco — para dizer-lhe, com conhecimento de causa, si era bom ou não...

Quando o largou, o ajudante saíu em disparada. O general sorria entre o sibilo das balas e a fumarada da peleja.

Por isso, o exercito inteiro o apelidára *Vai de maninho*... (2).

Certa manhã, o visconde de Itaparica acendia seu charuto depois do café, quando se lhe apresentou um tenente de cavalaria, do estado-maior de Osorio, com um recado. Recebeu o gaúcho amavelmente, mas notou que trazia enormes chilenas de parta e resolveu pregar-lhe uma peça á custa daquelas espóras descomunais.

Como o outro lhe trouxesse noticias da vanguarda, duma picada que os sapadores estavam abrindo sob o fogo do inimigo, pôs o quépi á cabeça, afivelou o talim e propôs-lhe:

— Vamos vêr isso de perto?

— Pois não, sr. general.

Partiram juntos. Perto da picada, o visconde apeou-

(2) Anedota referida ao autor, em carta, pelo sr. B. Argolo, decendente do Visconde de Itaparica.

se e o tenente teve de imita-lo. Entraram no caminho aberto ás pressas e ainda não destocado. O general colcou o oficial á sua frente. A cada passo deste, as chilenas embaraçavam-se nos cipós, prendiam-se nos garranchos, esbarravam nos tócos, enganchavam nas raizes e o gaúcho levava um tombo.

Argolo guardava a sua imperturbabilidade, porém ria-se por dentro e de quando a quando dizia com a maior seriedade:

— Camarada, porque não tira as suas esporinhas?... (3).

As balas paraguaias cortavam, silvando, o ar luminoso, que tremia na vista. Meio-ia em ponto. O visconde de Itaparica, trepado numa trincheira, examina com o binoculo as linhas de Rojas, para seguir os efeitos das granadas de nossa artilharia.

Devido á sua pequena estatura, ás vezes põe-se na pontinha dos pés. Ao seu lado, um general alto, que viéra visita-lo e ele, maliciosamente, trouxera até ali, não póde ficar quieto um instante e, mal ouve o sibilo duma bala, encolhe-se, abaixa-se.

De repente, Argolo volta-se para ele e diz-lhe serenamente:

— Collega, muita gente zomba de mim, porque sou de pequena estatura e chega mesmo a dizer que a natureza não foi prodiga para comigo. Felizmente, colega felizmente, porque, sendo deste tamanho, não tenho necessidade de agachar-me, como você, quando as balas passam... (4).

Tratava-se de levantar algumas trincheiras de proteção ás tropas que trabalhavam na dificilima estiva do Chaco. O oficial de engenharia encarregado do serviço era muito pernostico. Descreveu a Argolo os varios sistemas aconselhados pelos tratadistas para o revestimento dessas obras de defesa. O general ouvia-o em silencio. Ao terminar, o engenheiro perguntou-lhe:

---

(3) Idem.
(4) Idem. Tambem no livro abaixo, pag. 65.

— Com que V. Ex. quer que eu revista os entrincheiramentos?

— Com tudo o que quiser, replicou-lhe serenamente Argolo, menos com *pomada* (5).

Os invejosos do exercito, sempre que se falava do valor de Argolo, diziam, perversamente, porque ele era filho natural do barão de Cajaíba e duma senhora chamada Felicidade: — o filho da Felicidade... E nunca se sabia si o F era maiusculo ou minusculo.

Essa maldade chegou ao conhecimento do visconde de Itaparica.

Apresentou-se ele, depois do seu monumental trabalho do Chaco, ao marquez de Caxias, que se achava na sua barraca rodeado de generais e ajudantes de ordens. Entre essas pessôas, estavam muitos dos tais invejosos. Argolo, chamado pelo general em chefe, vinha dum posto perigoso, onde centenas de vezes arriscára a vida. Havia rastos de balas na sua farda empoeirada.

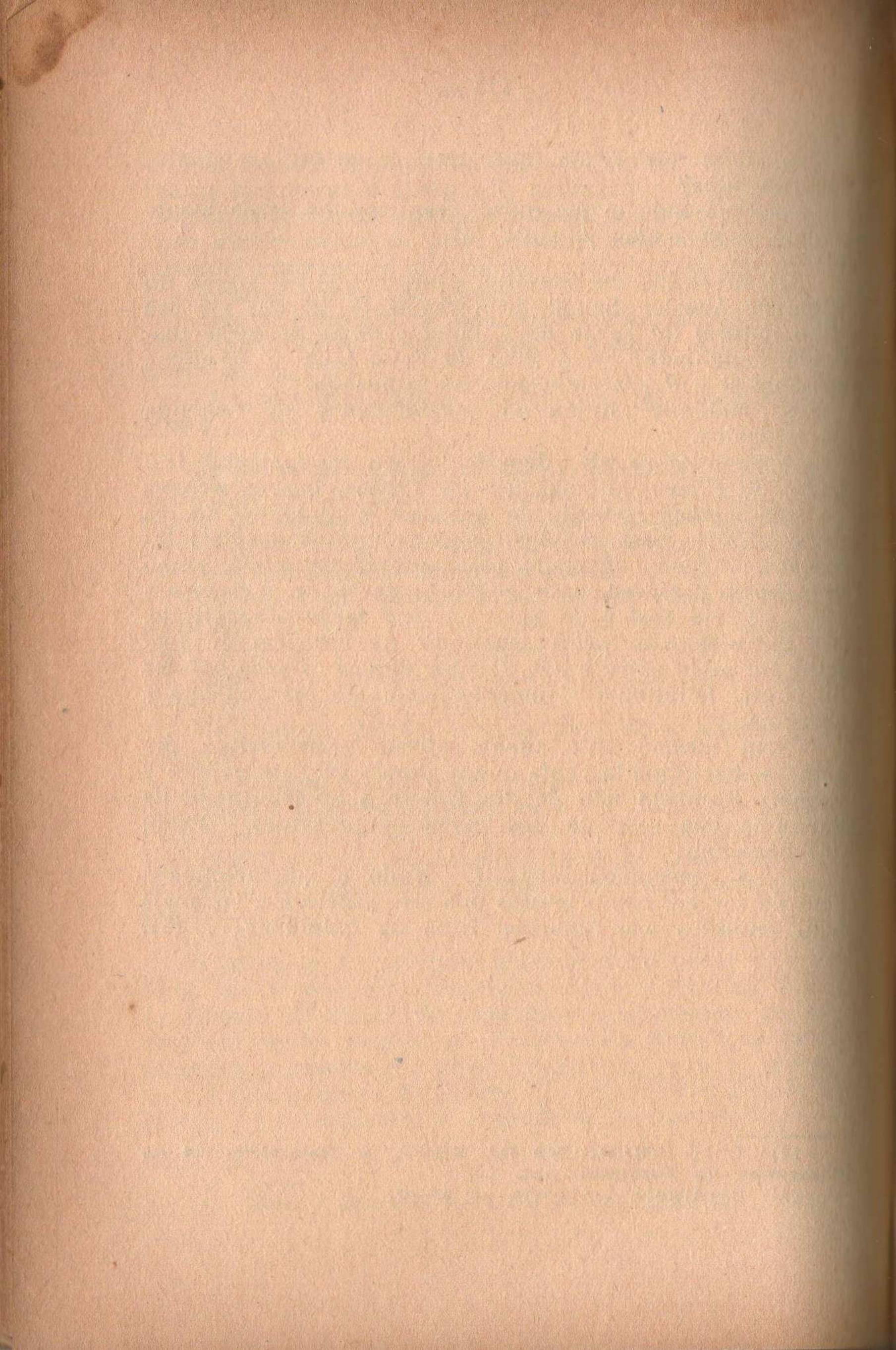
Entusiasmado pelos seus atos de coragem e satisfeito por vê-lo salvo e são, Caxias, contra os seus habitos de frieza, felicitou-o vivamente, elogiou-o em voz alta e abraçou-o.

Nem mesmo ante aquela efusão emocionante do velho e disciplinado chefe que o glorificava, ele perdeu a calma. Tambem não deixou passar a oportunidade de dar uma bôa resposta aos invejosos presentes. Falou *de mansinho*:

— Sr. marquês, nada fiz. Tudo o que aconteceu vem de ser eu, como muitos dos srs. generais e coroneis aqui reunidos *não ignoram*, filho da felicidade... (6).

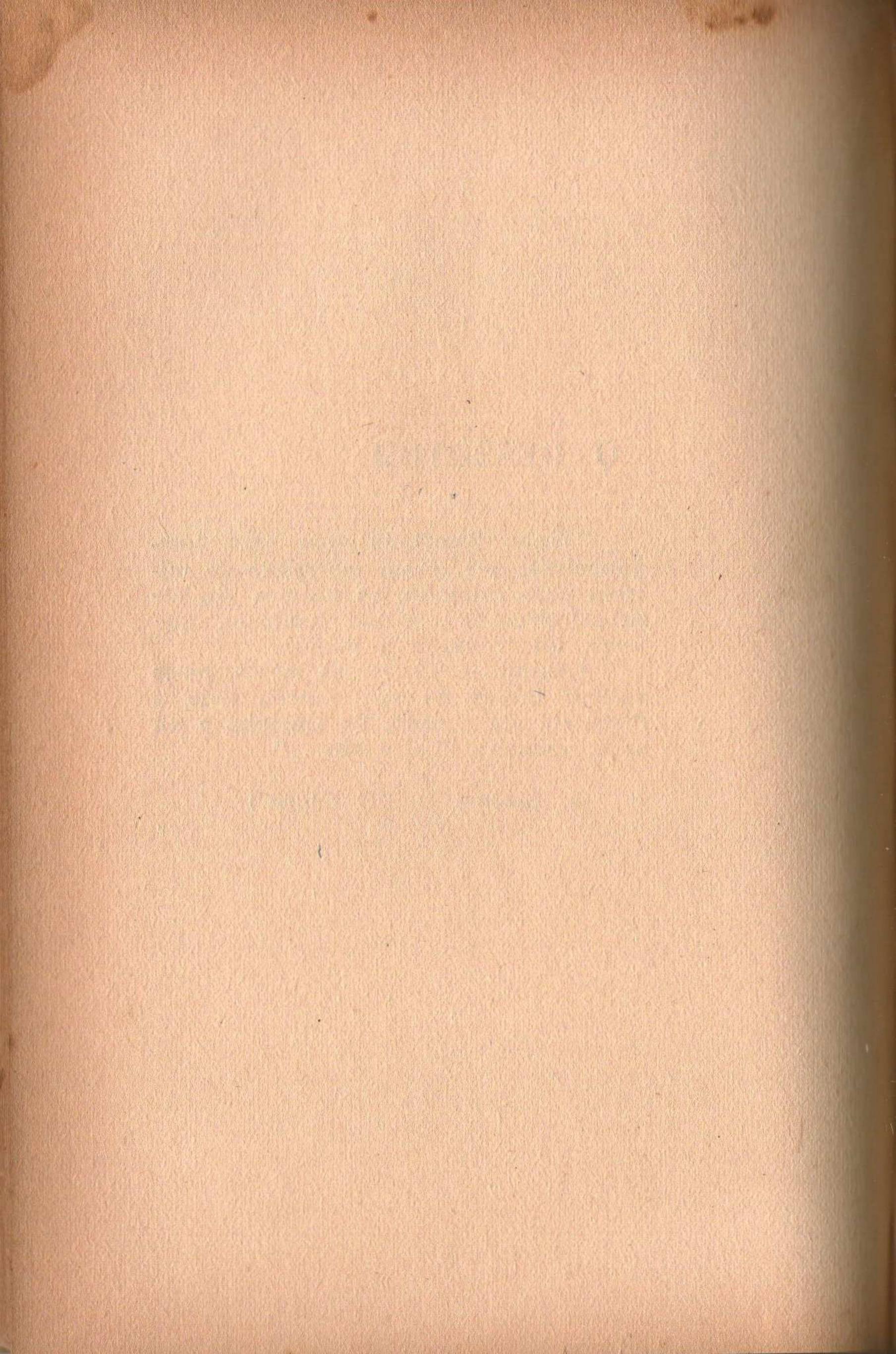
---

(5) J. L. RODRIGUES DA SILVA — **Reminicencias da Campanha do Paraguai**, pag. 65.

(6) B. Argolo, em carta ao autor.

O DESERTOR

"Tinha desertado com sens companheiros, que fôram morrendo de miseria pelo caminho, os ultimos viu ele submergirem-se em um banhado, que força foi transpôr a nado.

Seguindo a pé, largos mêses, pelos sertões invios do sul, venceu toda a distancia até a serra da Guaiuba e ali se apresentára vivo e são..."

(J. Brigido — *"O Ceará"*).

A casa da familia Pedreira ficava ao pé da serra da Aratanha, sobre uma elevação de terreno suavemente bombeada, de onde se avistavam os telhados escuros da vila da Guaiuba. Cercavam-na por todos os lados paisagens caracteristicas. Da parte de trás, a serrania alcantilada, solene na sua ampla roupagem de florestas seculares, escondendo a ossada formidavel de granito. A' frente, o plaino ondulado do sertão coberto de carrascáis e catingas, com os dentes azues das montanhas distantes mordendo os amplos horizontes. E o esplendor do sol no descampado céu do Ceará derramava sobre aquele rincão o seu diluvio de luz.

Joaquim Rodrigues Pedreira fôra tabelião na cidade de Pacatuba. Envelhecêra sobre os autos, e, quando uma catarata lhe cobrira os olhos com o seu véu opaco, vendêra o cartorio e viera acabar seus dias naquele pequeno sitio. Viuvo desde muitos anos, dos oito filhos que tivéra sómente lhe restava a mais moça, a Florinda, morena esguia e leve, que lembrava pela sua esbelteza viva a nervosidade dos veados. Tinha uns olhos negros tão cheios de luz que o filho do Manuel Pingão, criador rico da redondeza, o José, rapaz forte, belo e trabalhador, logo á primeira vez que os viu ficou para sempre deslumbrado.

Eram vizinhos e a estrada da vila que levava á fazenda dos Pingões passava pela porteira do sitio dela. Nunca o José a frequentára tanto como depois que lhe descobriu essa virtude, ele que nem pensava antes na existencia da Guaiuba — *logar feio* — todo voltado para outros lados, para a Canôa, o Baú e mesmo o Baturité. Das idas e vindas, passou rapidamente a ir dar dois dedos de prosa, a fazer companhia aos dois solitarios, antes do anoitecer. Um mês mais tarde ficava noivo.

Estava marcado o dia do casamento, quando foi declarada a guerra entre o Imperio e a Republica do Paraguai. Por toda a parte se alistavam voluntarios, mobilizavam-se guardas nacionais e recrutavam-se soldados. A politicagem das aldeias aproveitava o momento para mover perseguições aos adversarios. O velho Pingão era *ximango*, isto é, liberal, e o chefe *carangueijo* ou conservador da Guaiuba, para vingar-se dele, mandou agarrar José, num domingo á noite, quando saía da casa da noiva, remetendo-o logo para a capital da provincia.

Não tendo o filho amanhecido em casa, o fazendeiro mandou procura-lo, aflito. Seus *cabras* encontraram um velho caçador de tatús que lhes deu a noticia de ter visto o rapaz nas unhas do destacamento da Guaiuba. O velho Pingão ficou como uma féra, armou vaqueiros e agregados, e rumou para a vila. De passagem pelo sitio, contou o que acontecêra. Resolutamente, a Florinda mandou selar um cavalo para acompanha-lo. O cégo perguntou, apreensivo:

— Que é que vocês vão fazer?

— Tira-lo da cadeia! respondeu altaneiro o pai.

Entrou o bando pela vila adentro, provocantemente; porém nada mais pôde fazer. Uma escolta a cavalo levava o rapaz para Fortaleza com muitas horas de antecedencia, o chefe *carangueijo* escondêra-se e o destacamento tinha saído em diligencia... Então, todos regressaram de cabeça baixa para a fazenda.

Uma semana depois, ao atravessar a praça da vila, saindo de casa para ir jogar gamão na botica, que ficava fronteira á matriz, o chefe politico foi morto com certeiro tiro. Anoitecia. As pessôas que, ao estampido, acudiram ás portas de suas moradías somente viram o corpo emborcado no chão. Mas o boticario, que o esperava á frente de seu estabelecimento, tivera tempo de avistar um vulto correndo agachado pelo capinzal que havia atrás da igreja.

A primeira carta que Florinda recebeu do noivo veio do Rio de Janeiro, cheia de saudades e de lagrimas. A indumentaria e a impedimenta maltratavam terrivelmente o pobre rapaz, livre filho da selva e da campina.

Apertava-o a disciplina do conde de Lippe e doia-lhe profundamente a violencia atroz de que fôra victima.
O pai consolara-se com a vingança cruel que tirara e a noiva, cujo carater altivo se não deixava abater, pensava já que aquilo talvez fôsse melhor para o José. Teria ocasiões de pegar a sorte pelos cabelos. Com alguns átos de bravura, poderia voltar oficial e condecorado. Então, como não seria grande o seu orgulho ao entrar na igreja vestida de noiva pelo braço do seu herói? Que inveja não teriam as outras? E a sua fantasia levava-a mesmo mais longe...

Passaram-se quasi dois annos. O cego morreu. Vieram cartas de Corrientes e Tuiutí, com os seus grandes selos de papel de côres vivas e o distico: *exercito em operações*. Depois, mais nada. E já havia uns oito mezes que se não tinham noticias do José Pingão, quando acontece este facto espantoso:
A' noite, finda a modesta ceia de coalhada e rapadura, a Florinda foi sentar-se na varanda da casa. Fazia luar. Azulada luz misteriosa enchia a amplidão. O vôo silencioso e rasteiro dos bacuráus riscava o ar. Cada tronco sêco, cada folhagem de torem, cada copa de acende-candeia parecia de prata. E, ao longe, nos pedregáis da serra, as mães da lua gargalhavam.
A moça pensava na sua triste vida: sozinha no mundo depois da morte do pai, com o noivo perdido em terras ignotas, numa guerra mortifera e infindavel! De subito, como si saísse do sólo, um vulto se ergueu diante dela. Aproximara-se tão silencioso e lento que sómente o sentira quando lhe interceptou a claridade do luar. Ergueu os olhos, fitou bem o vulto e, pondo-se de pé, recuou com um grito.
— Sou eu, Florinda!... Eu!
Muda, pasmada, ela não podia acreditar. Não podia! E pensou que era o fantasma do noivo morto na guerra que lhe vinha pedir orações. Recuou mais e perguntou, a voz sumida:
— Que queres, José?
Elle tomou-lhe as mãos dum salto e disse-lhe, comprehendendo o seu medo:

— Florinda, eu estou vivo. Vim de longe somente para te vêr!

Só então, ao contato de suà carne, ao som de sua voz, ela sentiu que era ele mesmo. Seu olhar percorreu-o da cabeça aos pés. Como estava mudado! Magro, o rosto requeimado, a barba crescida, coberto de trapos e os pés nús, côr do chão.

— Como pudeste voltar?... A guerra acabou?

Uma aluvião de perguntas correu de seus labios.

Ele sentou-se no rebordo do pavimento atijolado do alpendre e narrou-lhe horas seguidas sua espantosa odisséa. Morto de saudades, roído de privações, arrochado pela disciplina, não pudera mais suportar aquela vida infernal do exercito. Além disso, o terror de morrer do colera enchêra-lhe a alma e, uma noite, com alguns companheiros, gente dos sertões nordestinos, desertára.

Contribuiram muito para isso os conselhos dum soldado de cavalaria, que não conheciam mas que vinha á noite conversar com eles no acampamento e que os convencêra de que por terra o Paraguai ficava muito perto dos servos do norte do Brasil. O governo é que fazia dar voltas por mar e rio, para que perdessem a pista e não pudessem regressar. Ofereceu-se mesmo para guia-los (1).

---

(1) "Sexta-feira, 4 de julho de 1867... o comandante do regimento argentino San Martin trouxe ao quartel general 17 praças do nosso exercito, mandadas apresentar pelo general Gelly y Obes, com a declaração de terem sido aprisionadas, a noite passada, pelo piquete do mesmo regimento, que fazia as avançadas da direita; desconfiando-se que iam para o campo inimigo, em vista da direção que levavam, guiadas por um individuo de raça india, e que denunciava ser algum agente disfarçado do inimigo, incumbido da dupla missão de espionagem e sedução para a deserção das praças dos exercitos aliados!... Declararam elas pertencer aos ultimos contingentes chegados do Rio de Janeiro; que não iam para o inimigo e sim para sua provincia natal, como lhes tinha declarado o tal individuo suspeito".

"Domingo, 18 de agosto de 1867... O deputado do ajudante general junto ao 2.º corpo de exercito acampado em Tuiutí, comunicou haver alí falecido de colera-morbus o individuo José Justino Constantino, que se achava respondendo a conselho de guerra pelo crime de haver tentado seduzir 10 praças..."

Diario do Exercito, in **Revista do Instituto Historico**, tomo 91, volume 145.

Atravessaram o Paraná em uma balsa abandonada. Transpuseram o territorio argentino como tropeiros e alcançaram a fronteira do Rio Grande. Daí, exercendo todas as profissões, sofrendo todos os martirios, caminharam a cavalo e a pé, conforme as necessidades, até a Baía, onde se refizeram um pouco. Um companheiro desistira da empresa e ficára trabalhando em uma estancia do sul. Dois morreram afogados na travessia dum alagôa. Outro faleceu na Baía e o quinto foi assassinado numa rusga, dentro duma venda, no sertão da Paraíba, de modo que somente ele atingira a terra natal!

Os galos amiudavam o canto, a lua escondia-se por traz da serra e o ventinho fresco que soprava do nascente anunciava a aurora. Florinda levantou-se.

— Já foste vêr teu pai?

— Ainda não. Só pensava em te ver. Vim de tão longe somente para te vêr.

Ela estava hirta, com uma serenidade de aspéto que o atemorizou. Sofria muito! Todo o seu glorioso sonho alí estava reduzido a nada. O seu herói durante dois anos não se distinguira na campanha e acabava sendo aquele homem acovardado, sujo, rôto, fugitivo, em resumo — um simples desertor!

— Que tens, Florinda? indagou ele, suplice. Que tens.

Ela não respondeu.

— Vamos, que tens? Estás zangada comigo? E' assim que me recebes depois de tanto sofrimento?... E' assim?... Por que?

A voz da rapariga vergastou-o como um xicote:

— Vai á fazenda, toma a benção de teu pai e volta para a guerra. E's um desertor, um homem deshonrado. Não te quero vêr nunca mais. E talvez te perdôe, si voltares.

— Mas voltar como? Si me entregar aqui, serei preso e castigado, fusilado na certa. Regressar a pé ao Paraguai é impossivel como impossivel tornar a aparecer no exercito... Não tenho mais forças para ser soldado... Será possivel que não tenhas pena de mim que fiz tanto sacrificio por ti?

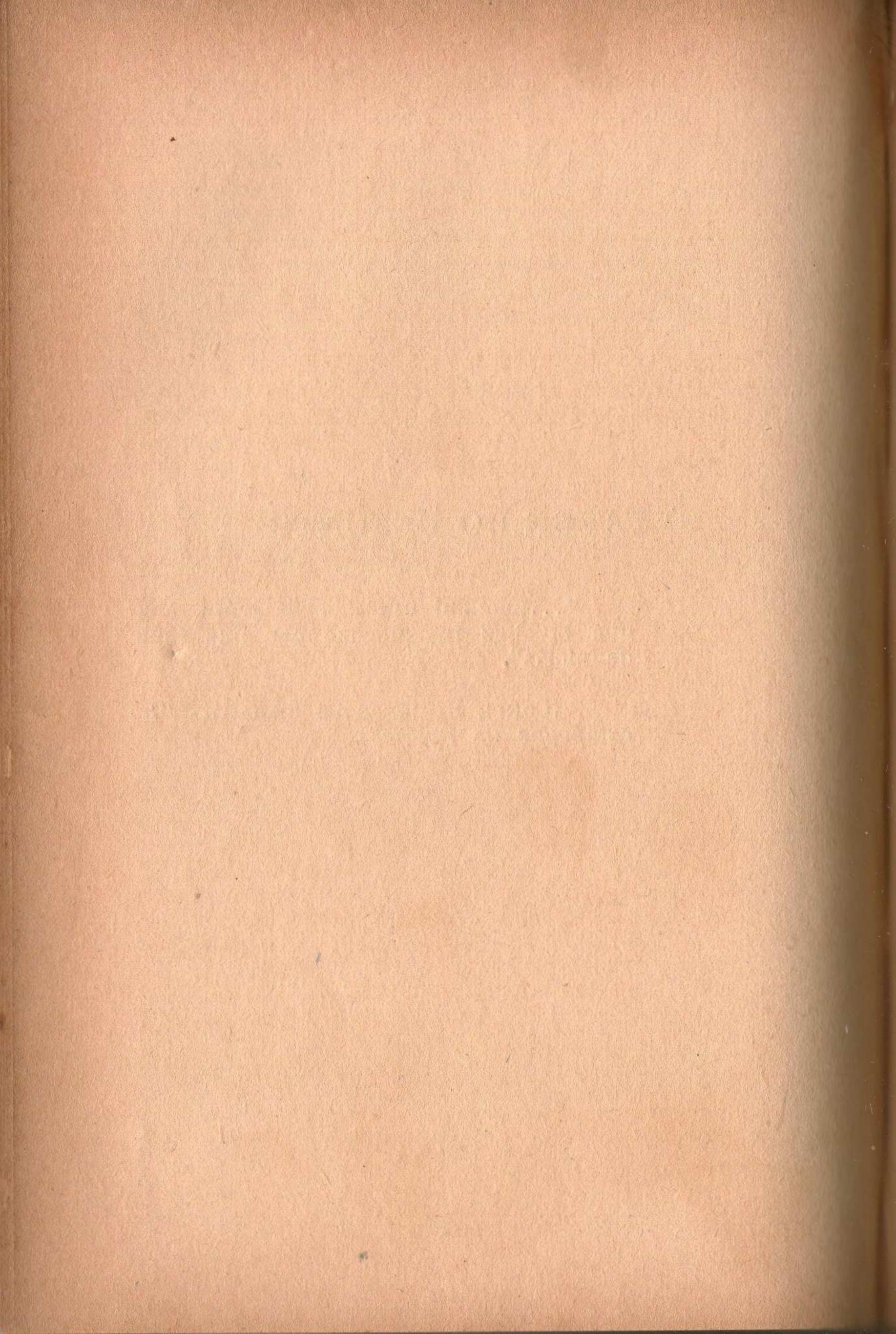
— Não, porque tiveste mais medo dos paraguaios do que da travessia do Sul até aqui e eu não posso ser mulher dum homem que me envergonhe.

José Pingão viu que era inutil insistir e, sem se virar para trás, caminhou lentamente, de olhos no chão, para a casa paterna. E as suas lagrimas fôram molhando a fina poeira daquela estrada que tantas vezes trilhára cheio de esperança e de alegria.

O sol nascia e a luz sanguinea iluminou em cheio o rosto da moça encostada a uma das forquilhas do alpendre, todo orvalhado de pranto...

O FAVOR DO DEFUNTO

"...pendant ces mortels jours, chaque bivouac fut marqué par une foule de morts".

(Conde Philippe de Ségur — *"La campagne de Russie"*).

A noite estendeu seus negros véus á face da terra paraguaia. A' beira de pequeno banhado, alguns voluntarios, que tinham perseguido a retaguarda do inimigo em derrota, detiveram-se fatigados. Luziam nas trevas, sobre as aguas turvas, grandes pirilampos, e das podridões dos charcos erguiam-se as chamas azuladas dos boitatás. Os fios de luz das estrelas escorriam nas laminas das baionetas.

O oficial que comandava aqueles homens, um alferes, embainhou a espada e disse-lhes:

— O pessoal do Lopez foi tão infeliz neste segundo ataque de Tuiuti como no primeiro... Vejam vocês o campo em que estado ficou (1)

Todos os olhares percorrêram o espaço de terreno que a fraca luz das estrelas lhes permitia vêr e, em todo ele, vultos imoveis de homens juncavam a macéga.

— Bem, vamo-nos embora, disse o oficial.

E o grupo caminhou pela escuridão. Daí a pouco a lua redonda e ensanguentada assomou por trás das matas espêssas. Parecia vir espiar o campo de batalha, curiosa e, ao mesmo tempo, pasmada. Lentamente, subiu no céu limpo, diminuindo de tamanho e empalidecendo de côr. A' sua luz, os voluntarios viram todo o horror que os rodeava. Misturados, os corpos rigidos dos inimigos,

---

(1) "...a perda do inimigo, não contando com os extraviados e feridos, orçava por dois mil mortos no campo da acão". **Diario do Exercito**, pag. 139. "... de los 8.000 hombres quedó fuera de combate casi uma tercera parte. El batallon 40 fué aniquilado nuevamente y su banda quedó completamente destruida, volviendo solamente cien hombres; el batallón 20, que entró en combate fuerte de 460 hombres, salió sólo con 76; y el batallón 3, fuerte de 400 hombres, quedó reducido á 100..." THOMPSON — **La Guerra del Paraguay**, edição Palumbo, Buenos Aires, 1910, pag. 154.

as fardas escuras dos brasileiros e as baetas rubra dos paraguaios. Uns ao lado dos outros, nas mais diversas e exoticas posições. Uns por cima dos outros, abraçados, esmagados ou confundidos.

No silencio noturno, os insetos ciciavam. As aguas quietas, entre os arvoredos negros, eram laminas de prata. E, ás vezes, do meio dos cadaveres saía o estertor rouco de um moribundo...

Assim os soldados chegaram ao acampamento. O combate terminára ao escurecer e, mortos de fadiga, todos os batalhões tinham caído a dormir nos logares onde se achavam. Apenas as sentinelas velavam, embrulhadas nos capotes escuros, e Frei Leandro, o franciscano que era o apostolo do exercito, passava devagar e gravemente pelo meio dos mortos, aspergindo com agua benta amigos e adversarios, e recitando em voz baixa as orações funebres (2).

Onde fôra o abarracamento daqueles voluntarios somente existam cinzas. O incendio ateado pelos assaltantes consumira tendas e choupanas. Então, desalentados, a cair de sono, os soldados disseram:

— *Seu* alferes, é melhor a gente se acomodar por aqui mesmo. Com o dia claro, procuraremos o nosso corpo.

— Está bem, replicou o oficial.

Todos desemalaram os capotes, estendêram-nos sob as arvores proximas, desafivelaram os correames e deitaram-se. O alferes imitou-os. Daí a segundos todos ressonavam, menos ele. Não achára um tóro de madeira, uma pedra, nada para encostar a cabeça. Enrolára no lenço os cópos da espada e procurára fazer disso travesseiro; mas a forma, o tamanho e a dureza do objeto de tal modo lhe faziam doer a nuca ou a face, conforme a posição escolhida, que desistiu de poder dormir assim. E pôs-se a olhar em volta de si á procura de qualquer outra coisa melhor: uma mochila perdida, uma patrona velha. Nada viu. Uma nuvem grossa velou a luz da lua e ele começou

---

(2) Cena similhante a essa foi pintada por De Martino. Seu grande e admiravel quadro com a figura central do frade que asperge os cadaveres á luz da lua, pode ser visto, no Museu Historico Nacional, na Sala dos Troféus.

a apalpar o chão. Deu com as pernas frias dum soldado morto. Ora, na guerra como na guerra! pensou lá consigo. Estirou-se mais, acommodou a cabeça doída sobre as côxas rigidas do cadaver e ferrou no sono...

A' primeira claridade da manhã, cornetas, tambores e clarins tocaram a alvorada. Ao som repetido e saudoso daquelas notas tão conhecidas, os voluntarios despertaram e começaram a rir por vêrem o seu chefe com aquele originalissimo travesseiro.

O seu riso acordou-o. Esfregou os olhos, espreguiçou-se e pôs-se de pé. Todos perfilaram-se em silencio.

— Sargento, perguntou, de que vocês estavam rindo?

O inferior respondeu:

— *Seu* alferes, o senhor desculpe; mas nós achamos graça no travesseiro que o senhor arranjou...

Mal se lembrára o oficial do que fizera na vespera, embriagado pela fadiga e pelo sono. Passeou um olhar indagador em volta.

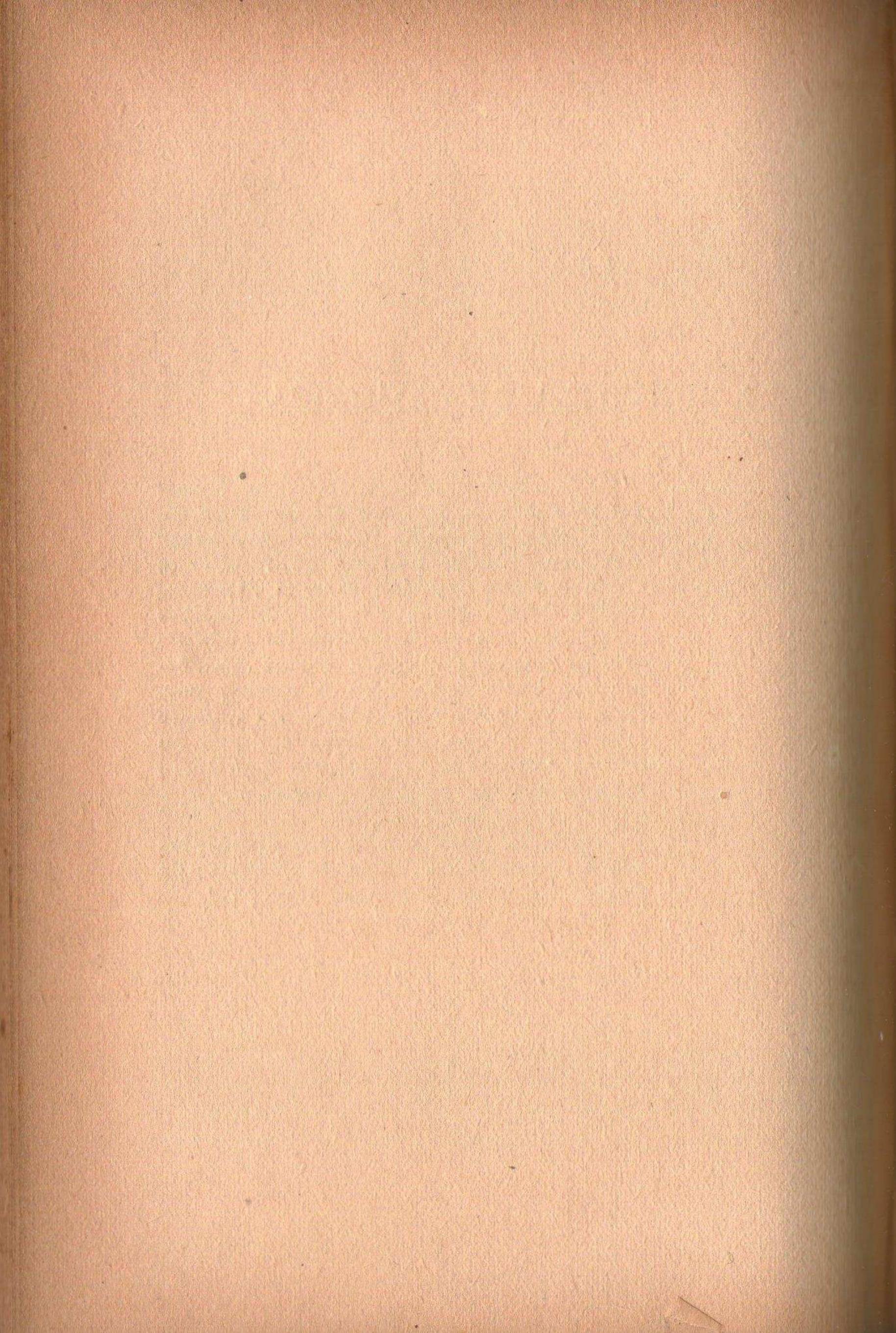
E o sargento, apontando com um dedo um dos cadaveres proximos que tinham inchado durante a noite, disse:

— O sr. aproveitou aquele major paraguaio...

— Irra, exclamou o alferes. Si eu tivesse adivinhado que me aconteceria isto no escuro, teria esperado a lua para escolher um brasileiro. E' coisa que sempre detestei ficar devendo favor a inimigo...

A SURPRESA DE CAIMBOCA'

"O comandante faleceu em consequencia de sete ferimentos, todos de espada, tres dos quais profundos e sobre a cabeça, outro tambem profundo na côxa, e outro na mão direita, decepando-lhe dois dêdos desta. O capitão mandante, em consequencia de mais de seis golpes na cabeça e varios no corpo, foi encontrado com o craneo partido. O alferes comandante do piquete teve dois golpes na cabeça e outro no ombro esquerdo. O alferes secretario foi gravemente ferido na cabeça".

(*Diario do Exercito em Operações sob o comando em chefe do marquez de Caxias* — 2 *de dezembro de* 1867).

Dois de dezembro de 1867. Aniversario de Sua Majestade o Imperador D. Pedro II. Ao toque de alvorada, todos os regimentos e batalhões formaram nos seus bivaques, de calças brancas e tunicas azúes, charlateiras e dragonas, palmatorias e pennachos, as armas faiscando de limpas, com aquele asseio que Burton e Gould não se cansaram de louvar nos nossos acampamentos, com aquela ordem que Siber, apesar de sua má vontade contra nós, reconhecia existir onde quer que Caxias commandasse. As cornetas e tambores, os pifanos e as caixas de guerra fizeram ressoar em todo o exercito que flanqueava o quadrilatero paraguaio, desde Itapirú e Tuiuti até Tuiu-cué e Taji, a marcha batida. Depois, as charangas e bandas de musica tocaram o hino nacional. E, enquanto o general em chefe por entre as brumas matutinas passava em revista por brigadas todas as forças do corpo de exercito de Osorio, a artilharia dava a grande salva.

Pouco antes de tão festiva e ruidosa alvorada, na hora que se costumava denominar "a descoberta do dia", sairam com varios destinos destacamentos e patrulhas destinados a bater os arredores das posições brasileiras e a reconhecer as proximidades das inimigas. Nas linhas avançadas do Taji, o corpo que devia fazer esse serviço naquela manhã era o 26 de voluntarios, composto da melhor gente do Ceará.

A's cinco horas e meia da manhã, quando mal começavam a esgarçar-se os nevoeiros que subiam dos pantanáis, partiram do acampamento os exploradores do 26: vinte e um soldados, dois cabos, um sargento e o alferes Domingos Candido de Carvalho. Mal o piquete se pôs em fórma, o comandante do batalhão, major

Sebastião Tamborim, disse para o capitão mandante Delmiro Farias:

— Vamos acompanhar a força?

O outro prontificou-se:

— Vamos, comandante, é sempre um bom passeio.

Antonio Maciel de Araujo Lopes, alferes secretario, que ouvia os dois, perguntou a Tamborim da porta da sua barraca:

— Posso ir tambem, comandante?

— Vamos.

— E você, *seu* Maracanan, vai tambem? indagou o capitão dum tenente que fumava encostado ao tronco dum jataí.

Ouvindo a sua alcunha muito cearense, muito do Aracatí, sua terra, o tenente Leite Barbosa (1) voltou o rosto para aquele que o chamava e respondeu fleugmaticamente:

— Eu não gosto de desmanchar prazeres, mas esses passeios pelos matos cheios de paraguaios ainda acabam mal. Esses indios são danados para fazer tocaias e, si de frente não tenho o menor medo de meia duzia deles, pelas costas não quero ter um só. Pois si eles, feridos no meio da macéga, se divertem em cortar os jarretes dos nossos pobres padioleiros que andam a recolhê-los para serem tratados como gente!

— Ora, disse o capitão, eles não têm coragem de se aproximar tanto de nossas linhas.

— Você, companheiro, tornou Leite Barbosa, é que tem coragem de mais, pois se atreve a dizer uma coisa dessas, quando sabe de fonte limpa que esses selvagens chegam a penetrar disfarçados nos nossos acampamentos, roubam as nossas sentinelas perdidas para obtêrem informações a nosso respeito e degolam qualquer homem que apanhem isolado. Vestem até para melhor comodidade o nosso uniforme (2).

---

(1) A biografia deste valente oficial cearense e as dos seus companheiros aqui nomeados poderão ser lidas na excelente obra do Barão de Studart — **Dicionario Bio-Bibliografico Cearense.**

(2) "A' noite, o general barão do Herval expediu a S. Ex. o seguinte telegrama: "Um dos paraguaios passados para os argentinos disse a um dos vaqueanos, que está no meu quartel

A voz da prudencia falava pelos labios daquele oficial, cuja bravura fôra de sobejo provada em muitas ações. Tamborim chamou o capitão José Franklin de Alencar Lima e ordenou-lhe:

— Venha conosco e traga um pelotão da sua companhia.

O piquete explorador marchou á frente. Seguiu-se-lhe o grupo alegre dos oficiais, uns a cavalo e outros á pé. Por fim, o capitão Franklin e umas quinze praças.

Descêram por um trilho da selva até um pequeno banhado. Tudo silencioso e deserto. Alguns passaros voavam sobre a agua tranquila. O céu azulecia por entre os nevoeiros que se adelgaçavam e rasgavam. Tamborim dispôs os soldados do capitão Franklin em atiradores á beira do charco. Apeou-se com os outros companheiros, amarraram os animais ás arvores e, flanqueando o banhado, na cauda do piquete explorador, fôram sair num pequeno campo atapetado de verbenas selvagens. Ali se detiveram alguns minutos. A' sua frente o terreno se elevava coberto de vegetação densa, na qual se distinguia a bôca escura de uma picada denominada pelos paraguaios de Caimbocá.

O major Tamborim mandou o alferes Carvalho explorar as proximidades da mata com meia duzia de homens. Com os outros, bateu ele mesmo o terreno em volta do pequeno campo. Nada viram de suspeito. De repente, o alferes sái do bosque aos pulos, gritando:

— Os paraguaios! Os paraguaios!

O sangue corria-lhe da cabeça ferida por um golpe de espada. Mal tem tempo de dizer ao comandante:

— Cercaram-nos de surpresa, sem dar um tiro, e acutilaram todos num momento!

E tomba, arquejante, na macéga.

Soldados e oficiais agrupam-se em volta do comandante. Alguem sussurra-lhe rapidamente ao ouvido:

---

general, que Lopez todas as noites mandava ao nosso acampamento espiões, que trazem fardamento igual ao nosso, e que um deles é o negro ou pardo, que tem uma cicatriz em uma das sobrancêlhas e é sargento". **Diario do Exercito em Operações**, na **Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro**, tomo 91, volume 145, pag. 68, Imprensa Nacional. Rio de Janeiro.

— Não lhe disse que era perigoso, major?

Tamborim volta-se e dá com a face leonina de Antonio Leite Barbosa.

— Você veio?

— Vim, porque sabia que havia perigo.

O comandante esttndeu-lhe a mão.

Nisto, os paraguaios sáem da mataria com um berreiro atroz. As suas camisolas rubras mancham de sangue o verde da paisagem. E' um regimento de cavalaria a pé, armado de lanças curtas e de sabres afiados. Os vinte e poucos brasileiros acolhem-nos com uma descarga certeira, que atira ao sólo, escabujando, uma duzia deles. Mas não têm tempo de tornar a carregar os fusís. São envolvidos pelos inimigos furiosos e trava-se uma luta hedionda a arma branca. Vinte contra trezentos! A voz de Tamborim ecôa potente sobre o tapezapear das laminas de aço:

— Cearenses, ninguem se rende! Vamos morrer matando!

Antonio Maracanan brada, erguendo a espada no meio do torvelinho:

— Costas com costas, companheiros! Recebamos a morte de frente!

A luta renhidissima demora uns quinze minutos. Ouvindo a gritaria, o rumor dos ferros entrechocantes, o capitão Franklin manda um cabo em busca de socorro, avança pelo banhado com a sua diminuta força e atira no montão de paraguaios que se encarniçam sobre os brasileiros. Receiando o ataque duma tropa mais numerosa, o regimento inimigo, que ignora o numero de homens daquelle pelotão de apoio, foge e se dispersa na selva impenetravel.

No meio do campo, um unico combatente está de pé, cambaleando como um ébrio, cego pelo sangue que lhe corre da testa. E' o tenente Leite Barbosa. Do fiador de couro que lhe enrola a munheca pende um troço de espada. Daí ha pouco um batalhão de zuavos da Baía enviado por Argolo chega a todo pano, espalha-se rodamoinhando, as longas baionetas luzindo ao sol da manhã, por toda aquela mataria, percorre a picada de Caimbocá, e dos paraguaios somente encontra o rasto, alguns mori-

bundos e cadaveres, armas ou barretinas perdidas na fuga. Enterra, então, os mortos e carrega os feridos.

Estes são poucos: Tamborim, o alferes Araujo Lopes, o alferes Carvalho, um sargento e duas praças.

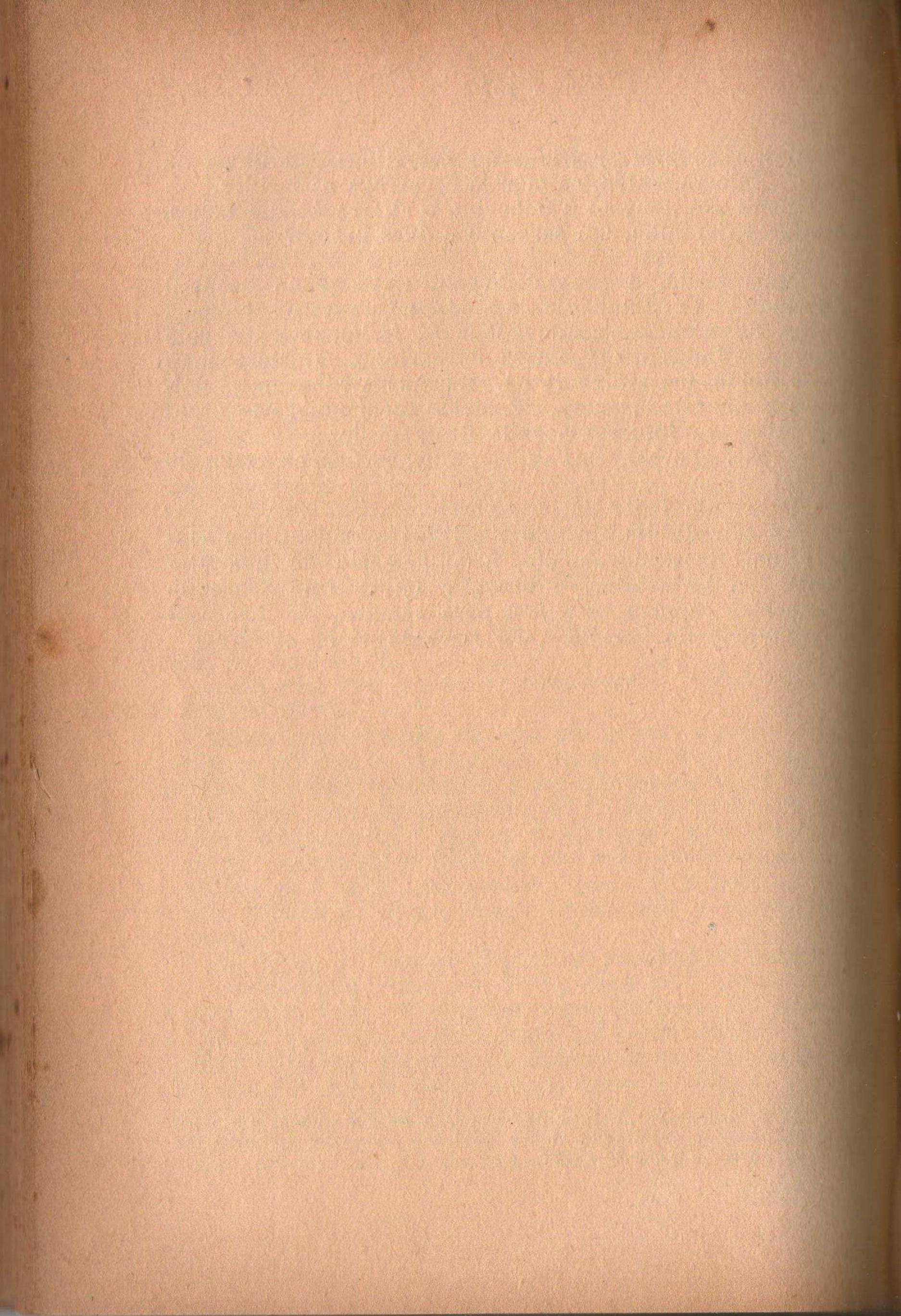
Mais tarde, o general Argolo visita-os no hospital de sangue. Um estudante de medicina, cearense tambem, Metón de Alencar, vendava-lhes os ferimentos. Argolo teve para todos uma palavra de carinho. O Maracanan era o unico que estava de pé. Os outros achavam-se deitados e em estado grave. E Metón ,com um certo orgulho, disse ao futuro visconde de Itaparica:

— Sr. general, eles estão todos feridos na testa, de frente!

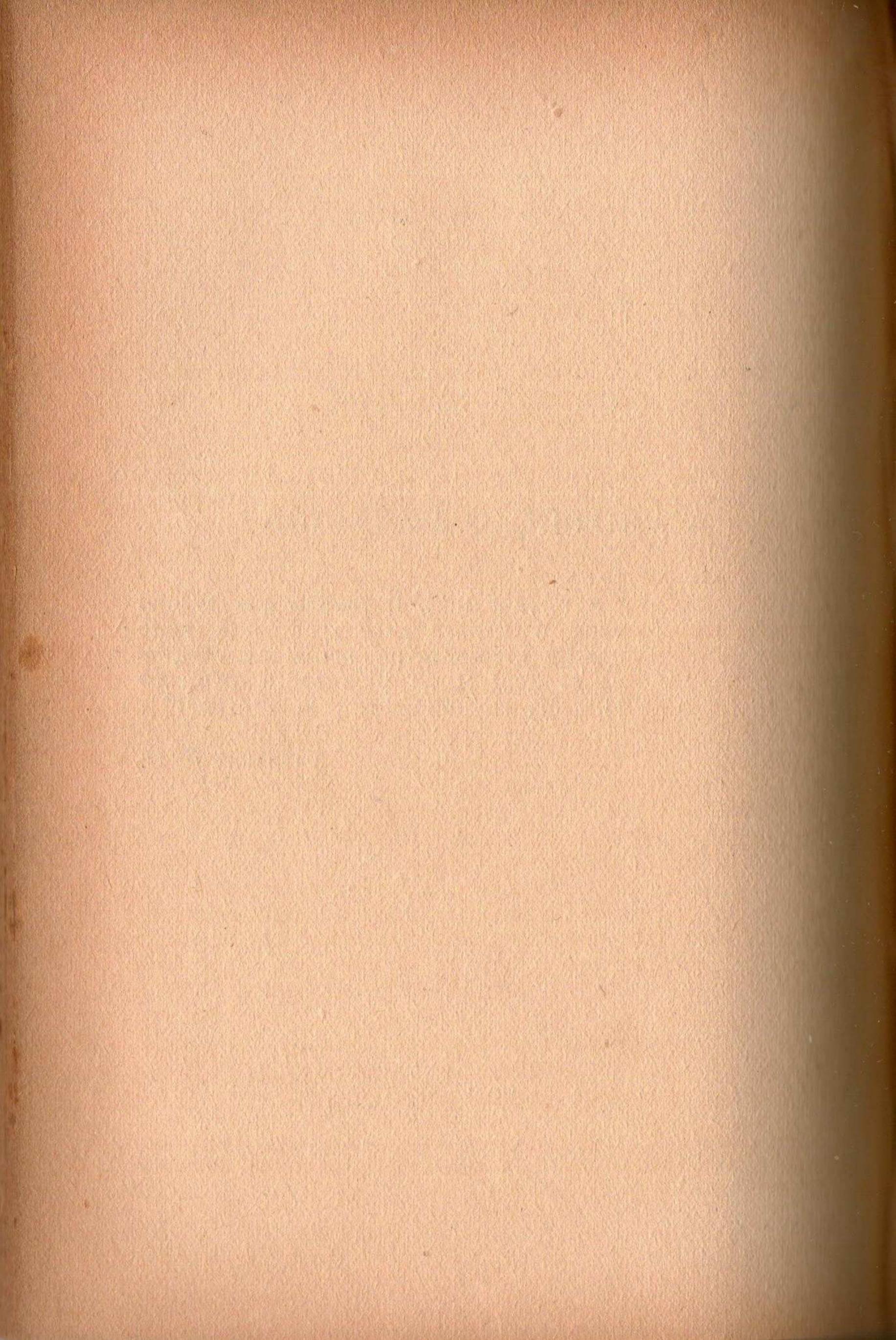
O tenente Leite Barbosa sorriu.

Ao cair do dia, quando a artilharia saúdou com vinte e um tiros, novamente, o aniversario de Sua Magestade, o Imperador, o bravo e imprudente Sebastião Tamborim fechava os olhos para sempre, a mão leal apertando a do tenente Leite Barbosa (3).

---

(3) A descrição sucinta da surpresa de Caimbocá, que serviu de base á fabulação deste veridico episodio, acha-se na mesmo obra, pags. 160 e 161.

A PROMOÇÃO MERECIDA

"Avant tout, il faudra que le ciel vous o departi avec prodigalité cette qualité précieuse qu'aucune ne remplace et dont il est plus avare qu'on ne le croit communément, la bravure!"

(GENERAL FOY).

Entre o arvoredo, no meio do terreno paludoso, os soldados que avançavam cautelosamente viam os respaldos do reduto do Estabelecimento eriçado de fusis, de metralhadoras de tres canos (1) e de canhões. Assentada á margem do rio Hondo, aquela fortificação cobria Humaitá ao Norte. Era necessario toma-la para completar o plano de cerco do grande baluarte paraguaio delineado pelo marquez de Caxias. E, por isso, Andrade Neves trazia ordens severas para o ataque.

Depois de algumas horas de fogo, rarearam os defensores dos muros de terra, diminuindo o tiroteio e uma especie de calma subita encheu aquele logar sinistro. Era o preludio do assalto.

De repente, as cornetas tocaram, rufaram os tambores e Pinheiro Guimarães, de espada núa na mão, correu á frente de alguns batalhões de voluntarios contra o reducto terrivel. Novamente, o fumo e o clarão das descargas abrolharam na crista das trincheiras e o gemido dos feridos tombados pelo chão mostrou os seus efeitos. Transpôs a infantaria em louca arremetida os fôssos lodentos e cheios de espinhos, galgou a contra escarpa, subiu pelos aterros. Alguns soldados decididos conseguiram desalojar os paraguaios que defendiam a ponte-levadiça, cortaram os rêlhos que a prendiam e ela caiu com estrepito sobre os moirões da ribanceira.

Um grito de triunfo se elevou da infantaria ardente, cujas baionetas tremiam á luz do sol e que se despejou no interior do reducto, em seguimento de Pinheiro Guimarães, a espada relampeando no ar.

---

(1) **Coheteras,** aparelhos inventados no Paraguai para lançar os famosos foguetes **á congreve,** verdadeiras metralhadoras da epoca.

Durante o mortifero avanço na parte de terreno descoberto que rodeava o reduto, um vulto de homem a cavalo mantinha-se firme na sela, ereto, as barbas açoitadas pelo vento, o poncho-pala esvoaçando como uma bandeira, a distribuir ordens. Suas bombachas brancas estavam respingadas de lama, do cinto de couro sobre a tunica singela pendia um grande revolver e a sua mão nervosa e queimada de sol descansava sobre o punho dourado da espada.

Era o general Andrade Neves, futuro barão do Triunfo, o que haveria de ser o herói de Avaí, o esmagador dos quadrados de Cabalero na Estrada de Villeta.

Ao redor dele, as balas de fusil assobiavam, roncavam os pelouros da artilharia. Era como si não ouvisse. Impavido, rigido, de quando a quando sorria para um dos ajudantes, fazendo qualquer comentario.

Entre os oficiais do seu estado-maior estava um capitão graduado, filho da cidade do Rio Pardo, que nunca se distinguira na campanha e por isso arranjára, por meio de recomendações, ser nomeado ajudante de ordens do general. Julgava poder assim chegar a major sem grande esforço, e mal sabia em que cipoal se metêra.

Havia muita bala e o coitado tremia a cavalo, mudava constantemente de logar, ficava arripiado ao vêr cair aqui ou ali um soldado e, ás vezes, procurava mesmo abrigar-se por traz dos outros ou de qualquer arvore isolada (2).

Não passou aquilo despercebido a Andrade Neves. Voltou-se na sela e dirigiu-se ao capitão:

— Camarada, aquiete-se. Eu sou surdo, felizmente, e não ouço o ronco das balas; mas, si ouvisse, era o mesmo, porque já devia estar acostumado. Vá se acostumando, sinão volta para o Rio Pardo capitão graduado como d'antes. Vá se acostumando.

Quando a infantaria de Pinheiro Guimarães invadiu o Estabelecimento, Andrade Neves fez um sinal aos seus oficiais e precipitou-se a galope pela ponte arriada. Não

(2) O autor deve este raconto ao escritor Hormino Lira, que o ouviu do general José Joaquim de Andrade Neves Meireles, descendente do impavido Barão do Triunfo.

ouviu, por isso e por ser, na verdade, surdo, a resposta que lhe dera o ajudante exortado:

— Ora, general, eu prefiro ser capitão graduado nesta vida a ser major efetivo na outra...

Dentro do reduto, de todos os lados, as balas choviam, porque, emboscados por toda a parte, os paraguaios não se rendiam e combatiam até morrer. Tombavam soldados mortos e feridos ás dezenas. Pinheiro Guimarães conseguiu arriar do mastro a bandeira paraguaia, cercado por um grupo de bravos, e hastear a brasileira, porém tivera a bainha da espada inutilizada pelas balas (3). Um corpo a corpo pavoroso, uma gritaria medonha, um inferno de sangue, furia e dôr.

Do alto do seu cavalo, o capitão graduado do Rio Pardo desabou no chão sem um gemido e sem um estertor, atingido no peito por uma bala paraguaia.

Ultimara-se a limpeza da fortificação conquistada. Andrade Neves apeava-se, enxugando o suor da testa alta e nobre, para apertar a mão do heroico Pinheiro Guimarães. Os voluntarios delirantes davam vivas. E os defensores de Humaitá ouviam de longe, furiosos, aquelas aclamações e viam, mais furiosos ainda, tremulando no ar, as côres imperiais.

Um tenente disse ao ouvido de Andrade Neves, qual tinha sido a resposta do capitão graduado á sua objurgatoria.

— Onde está ele? perguntou o general.

O tenente apontou o cadaver estirado entre outros cadaveres.

— Coitado! disse Andrade Neves, Deus não escutou os seus votos e promoveu-o a major efetivo na outra vida. Foi uma promoção merecida...

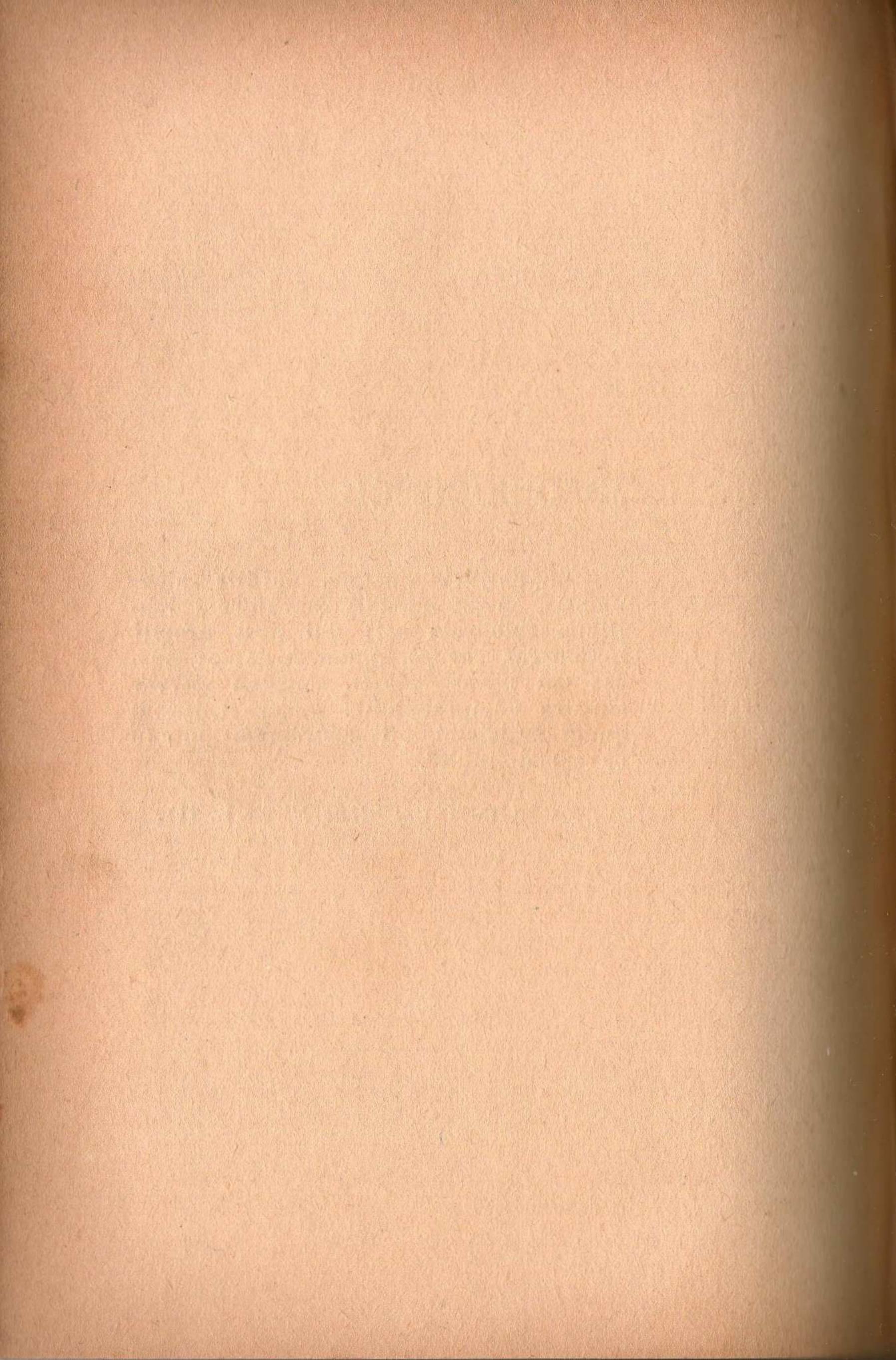
E caminhou para Pinheiro Guimarães que se aproximava empoeirado e ensanguentado.

---

(3) Essa bainha pode ser vista na Sala dos Troféus do Museu Historico Nacional, onde tambem figura a bandeira paraguaia arriada pelo general Pinheiro Guimarães do mastro do reduto Cierva ou do Estabelecimento.

JOÃO SORONGO

"Cynaegiri quoque, militis atheniensis, gloria magnis scriptorum laudibus celebrata est: qui post proelii innumeras caedes, quum fugientes hostes ad naves egisset, onustan navem sinistra comprehendit: quam et ipsam quum amisisset, ad postremum morsu navem detinuit".

(JUSTINUS, *"Opera"* — L. II).

Pela cidade de Fortaleza, em tempos idos, havia passado uma companhia de zarzuelas. As espanholas ardentes que a compunham deixaram de seu *salero* duradoura lembrança e uma delas mesmo foi recordada por muitos anos seguidos nas ruas da pequena capital nordestina. Dansava graciosamente o sorongo e um cabôclo, que vivia bebendo por todos as vendas das esquinas, entendeu, depois de tê-la visto dansar uma vez numa festa popular, de imita-la, e, desde esse dia, perambulando pelas vias publicas, ganhava os vintens com que acudia ás exigencias do vicio, dansando o sorongo como a Manuelita.

Ninguem sabia quem na verdade era. Aparecêra com uns comboieiros do Cascavel e ficára na cidade, onde, dentro de pouco tempo, pela bebedeira constante e pelas graçolas, se tornára um tipo popular. Chamava-se João e, após as imitações da Manuelita, ficou sendo João Sorongo. Assim viveu alguns anos e, si alguem perguntava por que, ainda relativamente moço, se entregara áquela existencia humilhante e triste, baixava a cabeça e caminhava sem responder como que apunhalado por um desgosto profundo. Entretanto, parecia até que tinha tido certa educação, porque pelo menos sabia lêr e escrevêr.

Em março de 1865, a noticia da declaração de guerra ao Paraguai alvoroçou todas as capitais das provincias. Pouco tempo depois, começou a organização dos celebres batalhões de voluntarios em todas elas. Em Fortaleza, a certas horas, tambores e cornetas da Guarda Nacional ressoavam ante o largo portão do quartel de linha, atraindo a rapaziada, que ia assentar praça cheia de entusiasmo. Acorriam estudantes, moços formados, empregados

no comercio, filhos de familias, lavradores da redondeza e mesmo sertanejos vindos de bem longe.

Um dia, menos bebedo do que em outros, João Sorongo apanhou um jornal e nele leu, encostado a uma esquina, a proclamação do governo imperial sobre a guerra. Guardou o jornal no bolso e pôs-se a caminhar — coisa estranha! sem entrar em venda alguma, até chegar na rua de Baixo, subira a esplanada do quartel e nele entrar.

Asentou praça e nunca mais bebeu. Toda a gente o via, com espanto, fardado, fazendo exercicio no pateo da fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. Não dava palavra a ninguem. Não sorria. E, quando os moleques gritavam, reconhecendo-lhe o rosto sob a pala quadrada do quépi: — "João Sorongo! João Sorongo!" ficava impassivel.

O 26 de voluntarios da Patria partiu de Fortaleza, sob o comando do major José Nunes, recebeu um contingente de cearenses alistados no Recife e chegou ao campo de concentração da Lagôa Brava, depois de longa e penosa viagem por mar, por rio e por terra. Ali conquistou a fama de ser o batalhão que melhor manobrava em ordem unida e em ordem dispersa. Sob o comando de Francisco Frederico Figueira de Melo, destinado a morrer vitima de suas proprias ordens, atingido pela bala duma sentinela, pisou o sólo paraguaio, no Passo da Patria, em segundo logar, acompanhando o 2.º de voluntarios comandados por Deodoro da Fonseca. Fez parte da Brigada de Carlos Resin, na divisão de Argolo, e distinguiu-se em varias ações celebres. Embora tivesse perdido dois terços do efetivo no Estero Bellaco e os melhores oficiais na ingloria surpresa de Caimbocá, carregou o inimigo em Itororó, pelo estrado da ponte que a metralha varria, a baioneta, sob o olhar faúlhante de Osorio, que lhe gritou:

— Cearenses, com vocês eu vou até ao inferno! (1).

---

(1) Esta frase de Osorio foi repetida ao autor pelo alferes do 26 de voluntarios, Antonio Leal de Miranda, ferido no estrado da ponte de Itororó, que afirmava tê-la ouvido. Aliás, a tradição dela era corrente entre os veteranos cearenses da campanha.

João Sorongo, sempre silencioso e abstemio, retoma aos paraguaios um tambor tomado aos argentinos, na primeira batalha de Tuiutí; aprisiona um oficial da cavalaria inimiga, na segunda; corta, de baixo de fogo, com o alferes Leal de Miranda, os rêlhos que prendiam a levadiça do Estabelecimento, permitindo a entrada de Pinheiro Guimarães com a sua gente; e transporta ás costas, em Itororó, sob o chuveiro de balas, o capitão de sua companhia ferido no ventre.

Com essa fé de oficio, o antigo bebedo das ruas de Fortaleza se apresenta á batalha de Avaí. Antes que Andrade Neves despejasse do cimo das colinas, como Ney em Eylau, os seus esquadrões de lanceiros sobre as hostes de Lopez, a luta foi de vida e morte. O general Cabalero trouxera gente escolhida para cobrir a estrada de Villeta. Prometêra ao Ditador que os brasileiros só passariam sobre seu cadaver e sabia que representava arriscado e importante papel na longa tragedia que se desenrolava na sua patria.

Os paraguaios tomaram posições nas lomas que cobriam os vastos, perfumosos laranjais que se estendem até Santo Antonio e o famoso Passo de Baldovina.

Era no mês de dezembro. Soprava do rio um vento impertinente. Pela manhã, Osorio lançou seu corpo de exercito ao ataque. Itaparica acompanhou-o. E Caxias, do alto dum serro, dirigio a ação. A formidavel artilharia de campanha dos paraguaios ceifava pelotões inteiros nas massas atacantes. A voz aspera, estridente das cornetas subia no espaço, onde estremeciam as côres imperiais. E sob o açoite da chuva constante a loma empapava-se de sangue.

Os seis regimentos de cavalaria inimiga carregaram na escalada das lombadas de terra os infantes nordestinos, mas fôram repelidos em desordem, a arma branca. Atrás deles, surgiram onze batalhões de solida infantaria. E o entrevero foi pavoroso. Argollo penetrou naquela balburdia e foi ferido. Uma bala varou o queixo de Osorio, obrigando-o a trocar o cavalo por um carrinho, como o Marechal de Saxe em Fontenoy e Massena em Essling. Depois, seus padecimentos aumentaram e o marquez mandou-o recolher-se ao hospital de sangue. Mas,

para animar as tropas, rodeado de lanceiros, o carro continuou a passar e repassar por entre as linhas... vasio (2).

Os nossos conseguiram desalojar dos comoros a infantaria paraguaia e tangê-la para a planice de Avaí, onde Caballero reformou as fileiras batidas e opôs tenaz resistencia até que Andrade Neves o esmagou. Quando os paraguaios recuavam, um de seus grupos conseguiu levar uma bandeira tomada aos brasileiros. Era composto por uns doze soldados de cavalaria a pé, que se afastavam atirando, defendendo-se do melhor modo, ajudados pelos acidentes do terreno. Carolino Sucupira, que já tomára e retomára varias vezes outra bandeira durante a batalha (3), o avistou. Reuniu alguns voluntarios e perseguiu-o, mas um pelotão de cavalaria inimiga barrou-lhe o caminho e, aos gritos de triunfo, o bando guardaria o troféo, si uma féra de forma humana lhe não aparecesse pela frente.

Parecia ter surgido do sólo aquele cabôclo de olhos de brasa que espumava, uivando coisas incompreensiveis. Levou a Minié á cara e derrubou com certeiro tiro o que levava a bandeira imperial. A sua baioneta rangeu logo nos ossos do peito de outro, que tombou arrancando-lhe a arma das mãos. Apoderou-se do largo *cuchilio* do morta e precipitou-se contra os restantes, que sobre ele disparavam os bacamartes em pura perda. Matou dois paraguaios mais e feriu um terceiro, apoderando-se do simbolo sagrado. Não pôde, entretanto, vencer o numero e, rodeado de inimigos, tombou acutilado, abraçando o trapo verde e amarelo!

Desbaratado o pelotão de cavalaria, os voluntarios de Sucupira correram contra os sobreviventes do grupo que se encarniçavam em golpear o herói agonizante. Cercaram-nos, mataram-nos e retomaram a bandeira cobiçada com brados triunfais.

Ao longe, na direção de Lomas Valentinas, a cavalaria do barão do Triunfo e de Mena Barreto perseguia

---

(2) Esse carro celebre acha-se recolhido ao Museu Historico Nacional.

(3) Essa bandeira está guardada no mesmo estabelecimento, ao qual foi remetida pelo Ministerio da Guerra.

as tropas dispersas e desmoralizadas de Caballero, que fôra ferido, combatendo, derrubado do cavalo e escapára por milagre (4). E os clarins do comando em chefe anunciavam a vitoria.

Carolino Sucupira parou junto ao montão de mortos. Apoiou-se á espada e, olhando o soldado brasileiro caído entre tantos paraguaios, de bruços, ordenou a um cabo:

— Vire esse corpo!

A face livida, contorcionada, de olhos abertos e vitreos ficou exposta ao sol. Ambas as mãos decepadas. Entre os labios cerrados, fiapos da bandeira, como si, não a podendo segurar mais com os dedos, a tivesse agarrado com os dentes.

Carolino Sucupira baixou a cabeça em silencio.

Levantou os olhos. Um dos voluntarios, anspessada do 26, levava a mão á pala do quépi branco.

— Fale, camarada.

— Conheço este voluntario, seu tenente. E' da minha companhia e chama-se João Sorongo (5).

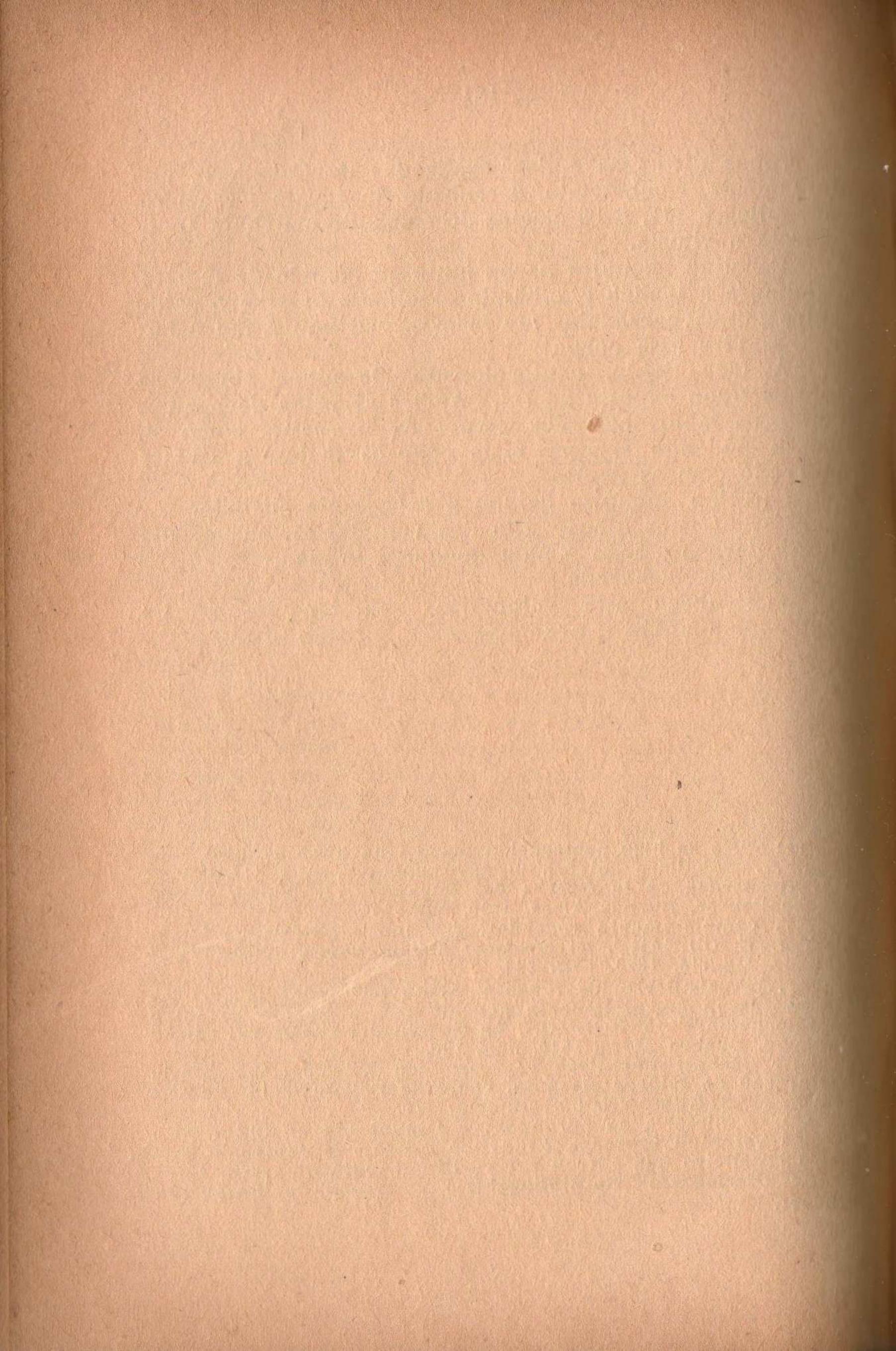
---

(4) "No se hizo persecución porque no hubo á quien perseguir... Caballero salvóse milagrosamente". J. I. GARMENDIA, **Recuerdos de la Guerra del Paraguay**, 1.ª parte, edição Jacobo Peuser, Buenos Aires, 1890, pag. 346.

"Y, completamente rodeados, fué inutil nuestra resistencia". J. E. O'LEARY, **El Mariscal Solano Lopez**, edição Felix Moliner, Madrid, 1925, pag. 226.

"...la caballeria los rodeó y atacó por todos lados. Entonces fueron completamente acuchillados, y apenas se salvo un sólo hombre". THOMPSON, **La Guerra del Paraguay**, edição Palumbo, Buenos Aires, 1910, pag. 196.

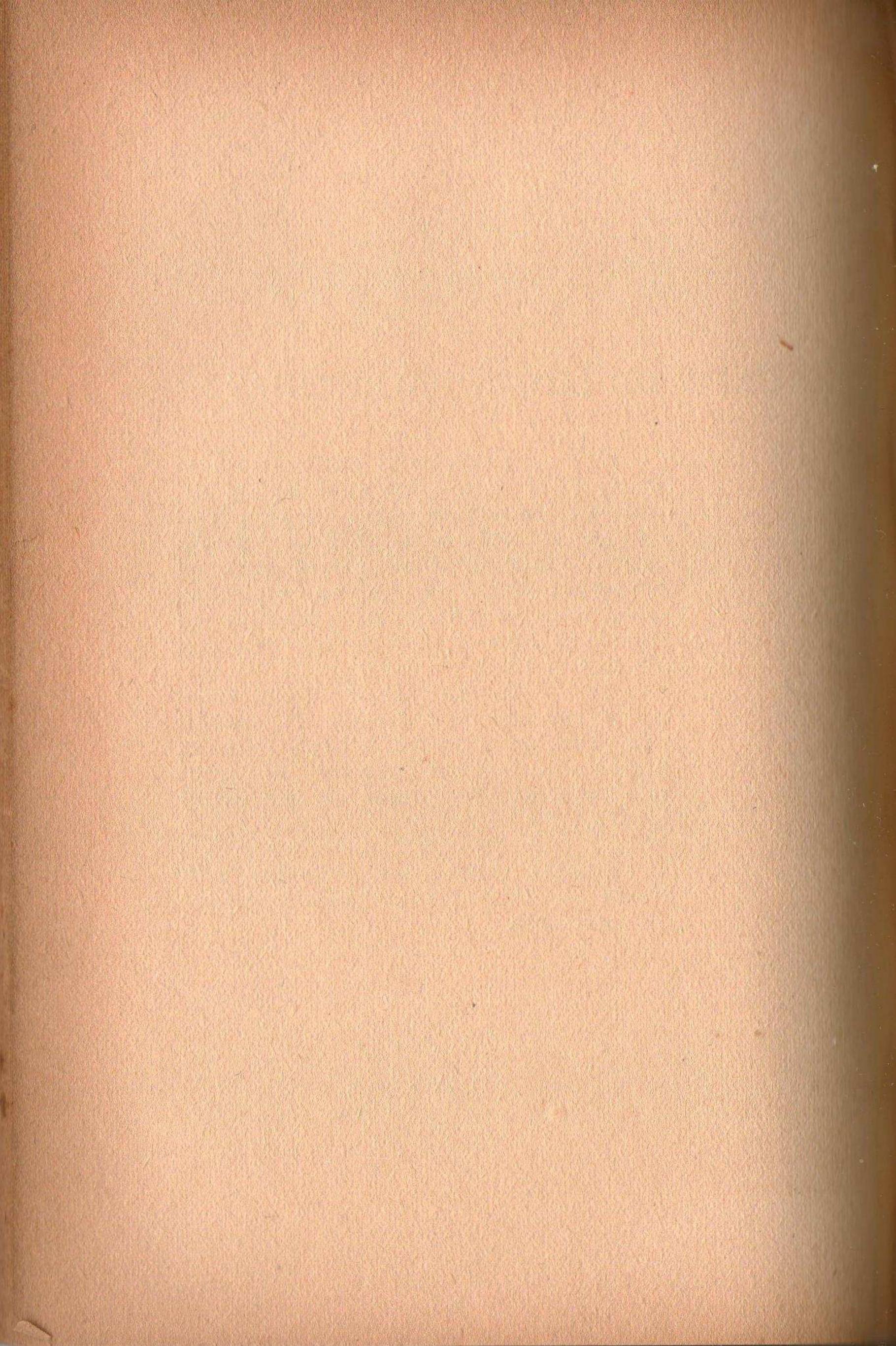
"El general Caballero regresó con solo dos hombres". Declaração de Isidoro Resquin, chefe de Estado Maior de Lopez, in MASTERMANN, op. cit. pag. 411.

(5) A historia do Sorongo foi comunicada ao autor pelo heroico veterano cearense Francisco Pedro dos Santos, o primeiro brasileiro que entrou em Peribebui, cuja biografia figura no **Diccionario Bio-Bibliografico Cearense** do Barão de Studart.

O CAFE' DE LOMAS VALENTINAS

"17 — Desideravit igitur David et dixit: O si quis daret mihi aquam de, cisterna Bethlehem, quae est in porta!

18 — Tres ergo isti per media castra Philisthinorum perrexerunt, et hauserunt aquam de cisterna Bethlehem, quae erat in porta, et attulerunt ad David ut biberet; qui noluit, sed magis libavit illam Domino,

19 — Dicens: Absit ut in conspectu Dei mei hoc faciam, et sanguinem istorum virorum bibam, quia in periculo animarum suarum attulerunt mihi aquam! Et ob hanc causam noluit bibere..."

(BIBLIA SACRA — *Vulgatae editionis — Liber primus paralipomenon* — caput XI).

A's duas horas da madrugada de 21 de dezembro de 1869, o marquez de Caxias montou a cavalo e á frente de seu estado maior deu o sinal de marcha ao exercito brasileiro. E as aguerridas tropas que tinham forçado, patinhando em sangue, a passagem de Itororó e esmagado completamente os escolhidos veteranos de Caballero em Avaí, iniciaram o seu movimento na direção de Lomas Valentinas, em duas grandes colunas comandadas por José Luis Mena Barreto e Jacinto Machado Bittencourt. Mal o sol ensanguentou o horizonte, as tropas fizeram alto no meio do campo. Tinham deixado as moxilas e as bagagens em Villeta, envergavam os seus melhores uniformes e as suas armas bem polidas, bem limpas, luziam como si fôssem novas. Deante de cada corpo, um oficial leu a famosa ordem do dia em que o general em chefe concitava seus comandados a destruir o ultimo baluarte do tirano, atacando-o com a certeza do triunfo, porque aquele que os guiava nunca fôra vencido. Bem poderia acrescentar que jamais haveria de ser. E uma aclamação formidavel, partida de vinte mil peitos de bronze, abalou a terra paraguaia.

De novo, as colunas puserma-se em marcha, capturando os piquetes avançados do inimigo, enquanto a cavalaria de Andrade Neves descrevia uma grande curva, contornando as posições do Ditador e explorando o potreiro Marmoré, onde se achavam suas reservas de gado. Em frente á linha fortificada do Piquissiri, já o sol se alteando no horizonte, João Manoel Mena Barreto recebe ordem de destacar-se do grosso do exercito com as suas cavalarias, apoiadas em infantaria e artilharia suficientes, para bater a guarnição da mesma linha pela retaguarda. O valente gaúcho prolonga-se com as trincheiras, assalta-as de subito, toma as peças a arma branca, mata

ou aprisiona os defensores. E, assim, isola Angostura, que deveria mais tarde render-se sem dar um tiro.

Os soldados de Caxias avançam solenemente contra Ita-Ivaté, contra as celebres mesetas onde os guaranis outróra esperaram o grande conquistador Irala, que os bateu (1). As avançadas reconhecem-nas. Os esculcas que mais se aproximaram avistaram os canhões em bateria, as linhas de atiradores entre os laranjais viçosos, mesmo as reservas adensadas ao pé dos pequenos bosques de guairi, irundei, tarumá e timbó.

Por volta de meio dia, o exercito repousa e alimenta-se á vista das posições do inimigo, que rompe o seu fogo de artilharia. Respondem violentamente os canhões de Lobo d'Eça. São duas horas de cerrado bombardeio. Granadas, lanternetas, balas rasas, cachos de uva silvam, assobiam, grasnam, rasgando o espaço. O sôpro aflautado dos projeteis dos Withworth leva a morte por onde passa.

A' sombra dum quebracho, Caxias aprecia com a luneta o feito das nossas balas sobre as mesetas das lombas. Um ajudante de ordens coberto de poeira e lama chega a galope e comunica-lhe que Andrade Neves varreu de inimigos o potreiro e arrebanhou quatro mil cabeças de gado.

— Volte, diz-lhe Caxias, calmamente, e diga ao general que faça seguir o gado para Villeta, deixe o coronel Vasco Alves com a gente de seu comando, guardando o potreiro, e venha fazer junção com a ala que vai atacar.

Depois, deu algumas ordens em voz baixa aos seus ajudantes e assistentes, que partiram em todas as direções. Daí a pouco as cornetas e clarins de todas as divisões, brigadas e corpos davam seguidamente os toques de ensilhar cavalos e de chamada ligeira. Por fim, o de sentido.

Eram tres horas da tarde (2).

---

(1) CECILIO BÁEZ, **Cuadros Historicos y descriptivos**, edição H. Krauss, Asunción, 1906, pag. 21.

(2) Todos os pormenores historicos do episodio fôram fornecidos ao autor pelo **Diario do Exercito**, na **Revista do Instituto Historico**, tomo 91, vol. 145, pags. 578 a 589.

O marquez olhou o seu corneteiro de ordens, um preto retinto, de quépi branco a tres pancadas (3) e fez-lhe quasi imperceptivelmente sinal com os olhos. O negro levou o curvo e luzente metal aos labios grossos, e tocou avançar e carregar. Um grito uníssono partiu do exercito inteiro, abalando a atmosfera:

— Viva o imperador!

As espadas dos oficiais relampearam no ar, as baionetas agudas faiscaram, as bandeiras desfraldadas agitaram-se sobre as massas dos atacantes, ressoou cavamente na terra humida o passo de carga dos infantes e o trote de milhares de cavalos. Rompeu dos entrincheiramentos a tremenda mosquetaria adversa. Os foguetes a congréve esfusiavam, terriveis. As balas conjugadas em correntes rodopiavam, ceifando vidas. Os sacos de couro da metralha paraguaia rasgavam-se, espalhando pregos, pontas de baionetas, pedras, estilhaços de toda a especie. E o gemido dos feridos e o ralar dos moribundos povoavam a macéga de horrores.

Ao impeto da carga brasileira, a paraguaiada não resiste. O "remedio infalivel" da baioneta obra prodigios e a nossa infantaria, a baianada valente, passa os abatizes, salva os fóssos atulhados de salchichões e de alfafa, galga os parapeitos e cái dentro do recinto da primeira meseta. Então, gritando como possessos, alçando os pesados sabres afiados como navalhas, lanhando com as chilenas brutais os vasios dos seus magros e arripiados cavalos, o regimento *Acá-moroti*, comandado pelo bravo Valois Rivarola, carrega os infantes vitoriosos, que se dispersavam, perseguindo os paraguaios. A diversão inesperada sobrestem o impeto dos atacantes. O terreno, com os seus capões de mato, as suas moitas traiçoeiras, favorece as tocaias guaranis e impede o desenvolvimento das cargas da nossa intrepida gaúchada, que avança sobre os cavaleiros inimigos e os sabreia e lanceia. Uma bala

(3) "...hace senal á su negro corneta, y aquel ser insignificante entre tanta grandeza, estremece el espacio con el toque de ataque..." J. I. GARMENDIA **Recuerdos de la Guerra del Paraguay**, primeira parte, edição Jacobo Peuser, Buenos Aires, 1890, pag. 341.

de ferro (4) derruba do cavalo, com o calcanhar esfacelado, o grande e heroico Andrade Neves, mas os soldados vingam-no, abrindo a espada a cabeça do valente chefe inimigo.

São seis horas da tarde. Ha tres horas que dura o combate. O sol desaparece por traz das colinas num mar de sangue, que parece refletir a côr do campo de batalha. Não ha crepusculos naquela região, e a noite desce rapida e muito negra. O tiroteio morre aos poucos. A artilharia cala-se. As cavalarias reformam suas linhas. A ordem do comando em chefe é esta: não perder um palmo do terreno conquistado e esperar o dia para avançar mais.

Ninguem jantou. Ninguem dormiu. Os soldados e oficiais passaram a noite vigiando e por vezes combatendo. Os generais não passaram melhor do que eles. Absolutamente não. Machado Bittencourt, doente do figado, de causticos abertos, ficou de pé no campo da ação, as rédeas do cavalo presas no braço. E o velho e imenso Caxias não se apeou. O *Diario do Exercito* diz com a simplicidade de Xenofonte: "S. Ex. o sr. marquez de Caxias deu ainda, durante todo esse dia e noite, os mais salutares exemplos de abnegação e desprezo da vida. S. Ex. manteve-se, durante toda essa noite, de horrivel recordação, a cavalo nas suas linhas de fogo indicando a todo o seu exercito como cada um se deve manter no seu posto de honra".

Amanheceu.

A' primeira claridade do dia, o velho marquez olhou para Fonseca Costa, seu chefe de estado maior, futuro visconde da Penha, e disse-lhe, sorrindo:

— Antes de recomeçar, um cafézinho bem quente não seria máu...

O rumor da fusilaria e os primeiros tiros de canhão quasi lhe apagaram as ultimas palavras. A batalha terrivel reatava-se.

Meia hora mais e, em pleno fogo, quando Caxias se aproximava de Machado Bittencourt, afim de transmi-

---

(4) **Uma bala historica.** Artigo de J. ARTUR MONTENEGRO no **Album da Guerra del Paraguay,** Buenos Aires, 1896, tomo III.

tir-lhe pessoalmente algumas ordens, o capitão Cesario Nunes, seu ajudante de campo, apresenta-lhe uma fumegante canéca reiuna de lata e diz-lhe:

— Sr. marquez, V. Ex. queira desculpar, mas foi esse o café que se pôde arranjar de baixo do fogo do inimigo.

O general em chefe indagou:

— Os soldados tiveram tempo de tomar café esta manhã?

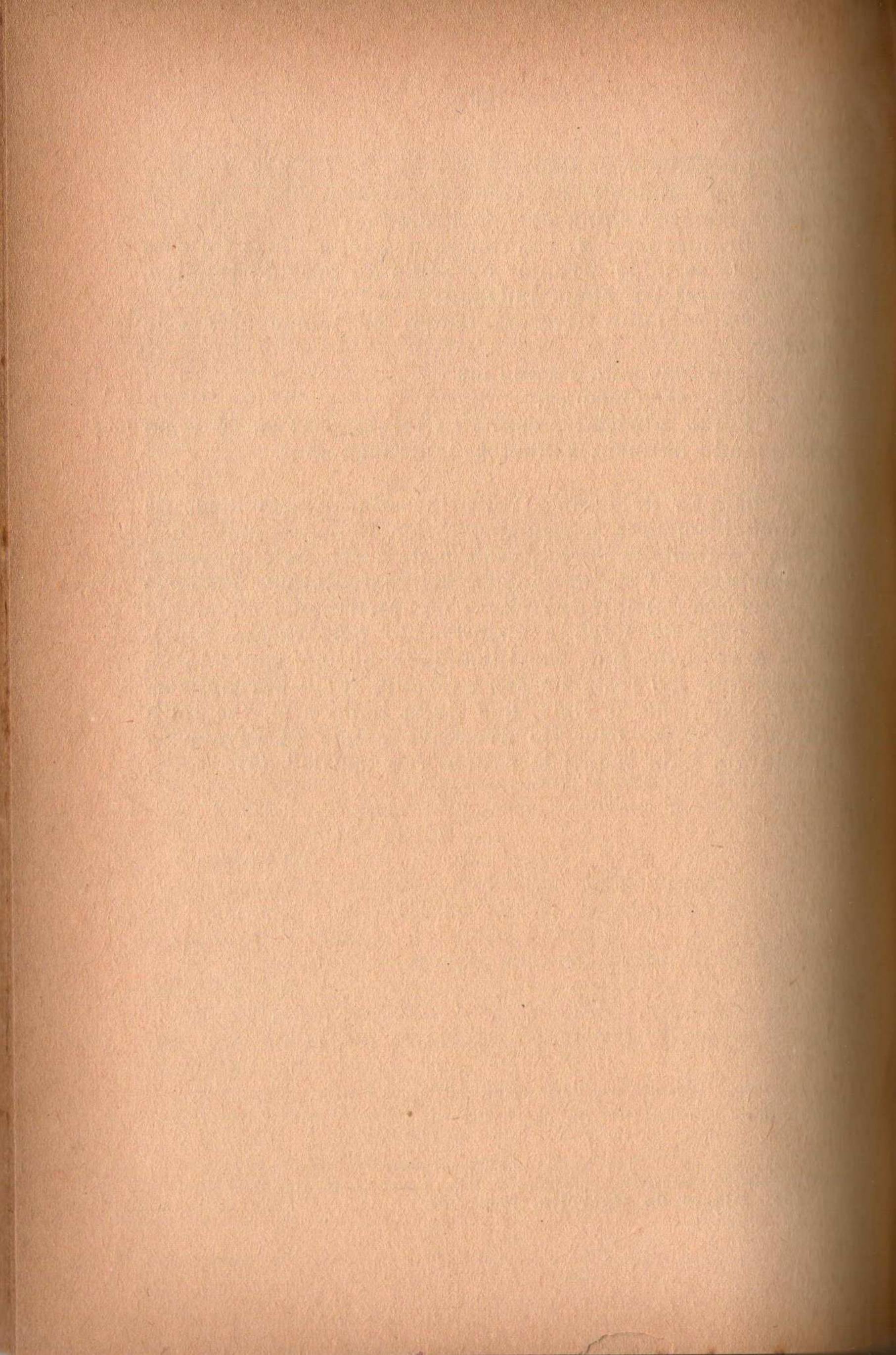
Jacinto Machado respondeu:

— Não, sr. marquez.

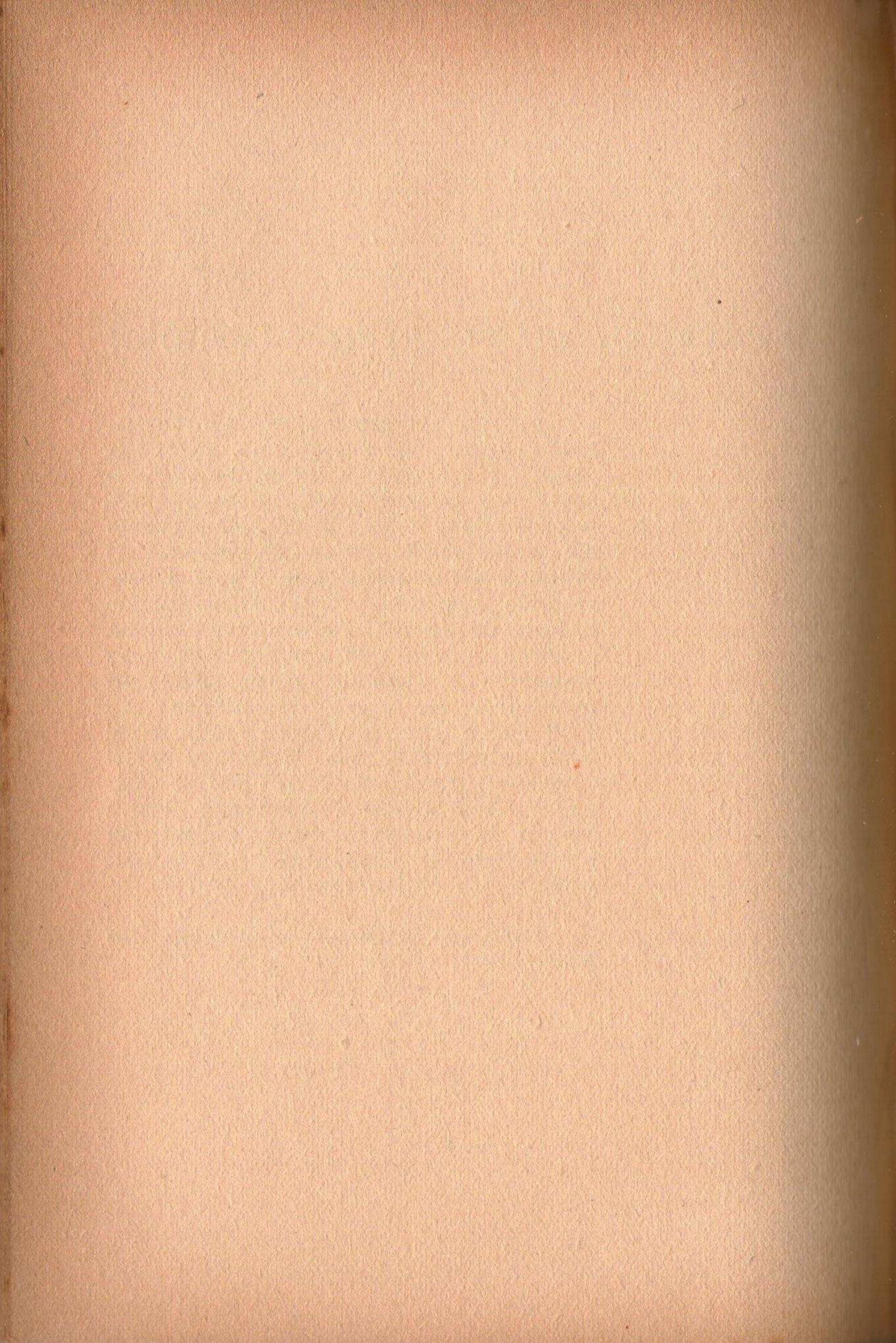
— Então, obrigado, capitão Cesario, mas eu só tomo café quando os meus soldados puderem tomar.

A batalha de Lomas Valentinas durou seis dias. Os entrincheiramentos paraguaios fôram tomados um a um, depois de tiroteios formidaveis e de terriveis entreveros. No domingo, 27 de dezembro, diz textualmnte, o *Diario do Exercitos* "O inimigo viu-se completamente envolvido num circulo de ferro e abandonado pelo tirano caprichoso e covarde, que, sacrificando o ultimo punhado de homens que lhe resta de seu exercito, fugiu vergonhosamente, assim que o vigia, que tinha junto a si, lhe indicou que o nosso exercito avançava e que as cavalarias carregavam pela esquerda e pela retaguarda" (5).

---

(5) **Diario do Exercito.** pag. 588.

O PAPAGAIO DO MINISTRO WAHSBURN

"...pobre funcionario moscovita, tendo pedido uma graça ao czar Alexandre I e a obtido, levára-lhe de presente um grande e belo papagaio, assegurando-lhe que o mesmo gritava em francês: — *Vive l'empereur!* O despota talvez conhecêsse o que a esse respeito escrevêra Plinio sobre o papagaio da India: *Imperatores salutat,* guardou a ave com prazer nos seus aposentos e, quando mais tarde ali penetrava, ela ganiu esganiçada: — *Vive l'empereur Napoleon!* Todo o palacio estremeceu. Sua Magestade quasi desmaiou. Ordenou logo que o papagaio fôsse morto e degredado para a Siberia o ousado doador. Porém em breve tudo se esclarecia... Fôra um francês que iludira sua bôa fé..."

(GUSTAVO BARROSO — *Atravéz dos Folk-Lores*).

O exercito brasileiro acabára de cercar completamente as fortificaçes do famoso quadrilatero paraguaio e a esquadra forçára as baterias de Humaitá e do Timbó. Lopez, que se escafedêra da sua Sebastopol em perigo e estava em S. Fernando, ordenára a evacuação de Assunção e a transferencia da capital para Luque. Fóra da policia, de uma pequena guarnição e de algumas mulheres e crianças, somente ficaram na cidade uns cem estrangeiros (1). As casas estavam fechadas e as ruas inteiramente desertas. A' noite, os agentes do Supremo percorriam-nas, armados de lanternas e de chaves falsas. Abriam as residencias mais ricas e saqueavam-nas, remetendo joias, dinheiro e coisas de preço para o acampamento do ditador (2).

Quando os primeiros monitores brasileiros se apresentaram á vista de Assunção, a capital não dava sinal de vida. Eles deram alguns tiros contra a bateria que a defendia e, não tendo tropa de desembarque, regressaram para o ancoradouro do Taji. Uma das granadas caiu no palacio do governo, destruindo parte da fachada. Entretanto, a presença dos navios brasileiros aquem de Humaitá ficava demostrada e o ditador não poderia encobri-la ao seu infeliz povo. E uma testemunho dos acontecimentos assegura não saber si os habitantes de Assunção recebêram tais novas com tristeza ou com alegria... (3).

Lopez ficou furioso com a frieza da gente da capital e inventou a celebre conspiração que ensanguentou os

(1) MASTERMANN, **Siete años de Aventuras en el Paraguay**, edição Palumbo, Buenos Aires, 1911, pag. 243.
(2) Declaração da senhora Duprat de Laserre, in MASTERMANN, idem., pag. 333.
(3) Idem, pag. 143.

campos de S. Fernando. "O açoite funcionava sem descanso e sobretudo o cêpo uruguaiano deixou odiosa recordação. O corpo era oprimido entre dois fusis colocados sobre os hombros e amarrados a outros que estavam cruzados entre as pernas. A opressão sobre o coração exercida por esse instrumento de tortura é peor que a dôr das carnes maceradas até que comecem as costelas a se quebrarem... Rompem-se os ossos ou rebenta o coração. E terrivel suplicio era o lanceamento, usado depois de Lomas Valentinas. Imagine-se o sentenciado com os olhos vendados e de joelhos. Um lanceiro atrás e outro adeante na atitude de descarregar o golpe feroz. A um sinal, os dois lançaços simultaneamente atravessam, dum lado, o esterno ou a mama, do outro, as espaduas. A vitima espetada estorce-se e convulsiona-se e crispa as mãos, enquanto o verdugo revolve a lança dentro da ferida" (4).

Com aquela tortura e a perspetiva deste suplicio os homens e mulheres presos na capital como suspeitos *confessavam* aos chamados tribunais de sangue, em que se distinguia o monstruoso Maiz, sua culpabilidade e a de quantos lhes fôssem nomeados. E, assim, Lopez conseguiu forjar o horrendo processo em que embrulhou seus irmãos, seus ministros e a melhor gente do Paraguai, dando pasto á sua crueldade, á sua vingança e á sua avidez.

Segundo os seus panegiristas, tratava-se dum entendimento entre o ministro Berges, seus irmãos e cunhados com o marquez de Caxias para a proclamação dum novo governo e sua destituição. Segundo alguns denunciantes, a alma danada da conjura fôra o ministro norte-americano Washburn, antigo comensal e intimo do tirano, que conhecia muitos dos seus segredos e de quem ele queria descartar-se.

A vida das pobres familias arrancadas de Assunção e atiradas em Luque era horrivel. "Acamparam sob arvores ou ao ar livre durante um mês chuvoso e sofrêram

(4) Dr. MANUEL DOMINGUEZ, **El Civico**, ano X, n.º 2493, in **El Mariscal Francisco Solano Lopez**, edição da Junta Patriotica, Asunción, 1926, pag. 209.

todas as castas de miserias. A alimentação era excessivamente rara e cara. Nada se fazia. Todos os negocios e atividades estavam paralizados e os habitantes morriam ás centenas de fome e de enfermidades" (5). Entre os poucos que tinham conseguido ficar na capital, apesar da notificação de mudança da mesma feita pelo ministro Berges ao corpo diplomatico, estava o sr. Washburn. Ele já era suspeito a Lopez quando os monitores do chefe Delfim Carlos trocaram tiros com a bateria de Lambáre. Ter ficado na capital tornou-o ainda mais.

Na legação norte-americana, refugiaram-se diversos estrangeiros que temiam as iras do suspeitoso despota ou estavam ameaçados pelos seus esbirros: o major Manlove, o americano Bliss, o boticario Mastermann, o ministro do exterior do Uruguai que abandonára Montevideu quando os brasileiros a ocuparam, destinado a ignominiosa morte, D. Antonio de las Carreras, e seu secretario Rodrigues, e alguns operarios inglêses que tinham terminado seus contratos com o governo paraguaio e não desejavam renova-los. Havia, ali, ao todo, entre homens, mulheres e crianças, vinte e duas pessôas (6).

O coronel Fernandez, que governava a cidade, mandou cercar de policiais a legação americana, com ordem de prender quem quer que dela saisse, menos o ministro e este até o dia de sua partida do país, teve de se sujeitar a tal vexame.

Mastermann conta que os bichos domesticos da capital abandonada tambem procuraram aquela casa, onde havia vida e alimentação. Os cães sem dono ladravam-lhe em volta. Os gatos famintos roubavam-lhe até os frangos do galinheiro. Os moradores viram-se obrigados a caça-los com armadilhas e a tiro. Mataram mais de trezentos. E nove papagaios da vizinhança solicitaram a hospitalidade norte-americana. Fôram alojados num grande bambú estendido no corredor da habitação.

Um deles pregou terrivel susto a todos os refugiados. Devia ser brasileiro, sem duvida, trazido por algum oficial ou soldado do saque de Mato Grosso.

---

(5) MASTERMANN, idem, pag. 144.
(6) Idem, pag. 143.

Estava o ministro Washburn á mesa do almoço com os seus hospedes, quando um grito áspero e fanhoso ecoou no casarão:

— Viva Dom Pedro Segundo!

Estarrecidos, lividos, todos se entreolharam. O diplomata yankee levantou-se e disse:

— Quem será o imprudente que nos quer comprometer?! Imaginem si a policia paraguaia ouve uma coisa destas! Estaremos perdidos!...

Mal acabava de falar, outra vez o grito perigoso:

— Viva Dom Pedro Segundo!

—Senhores, continuou o ministro. procuraremos em toda a legação o autor desta pilheria de pessimo gosto.

Todos levantaram-se e espalharam-se pelo casarão.

Dentro de instantes, de novo o viva apavorador e o grito do sr. Meinke, secretario da legação:

— Venham cá! Venham cá! Encontrei o criminoso.

Dirigiram-se cavalheiros e senhoras ao corredor. Sob a longa haste de bambú cheia de papagaios, o jovem diplomata ria-se gostosamente. Apontando um dos louros ao sr. Washburn, disse:

— Eis aí o imprudente.

O papagaio volta-se para o ministro e berra:

— Viva Dom Pedro Segundo!

— Torça-lhe o pescoço imediatamente, sr. Meinke, ordenou Washburn palido. Este bicho é um perigo. Torça-lhe o pescoço!

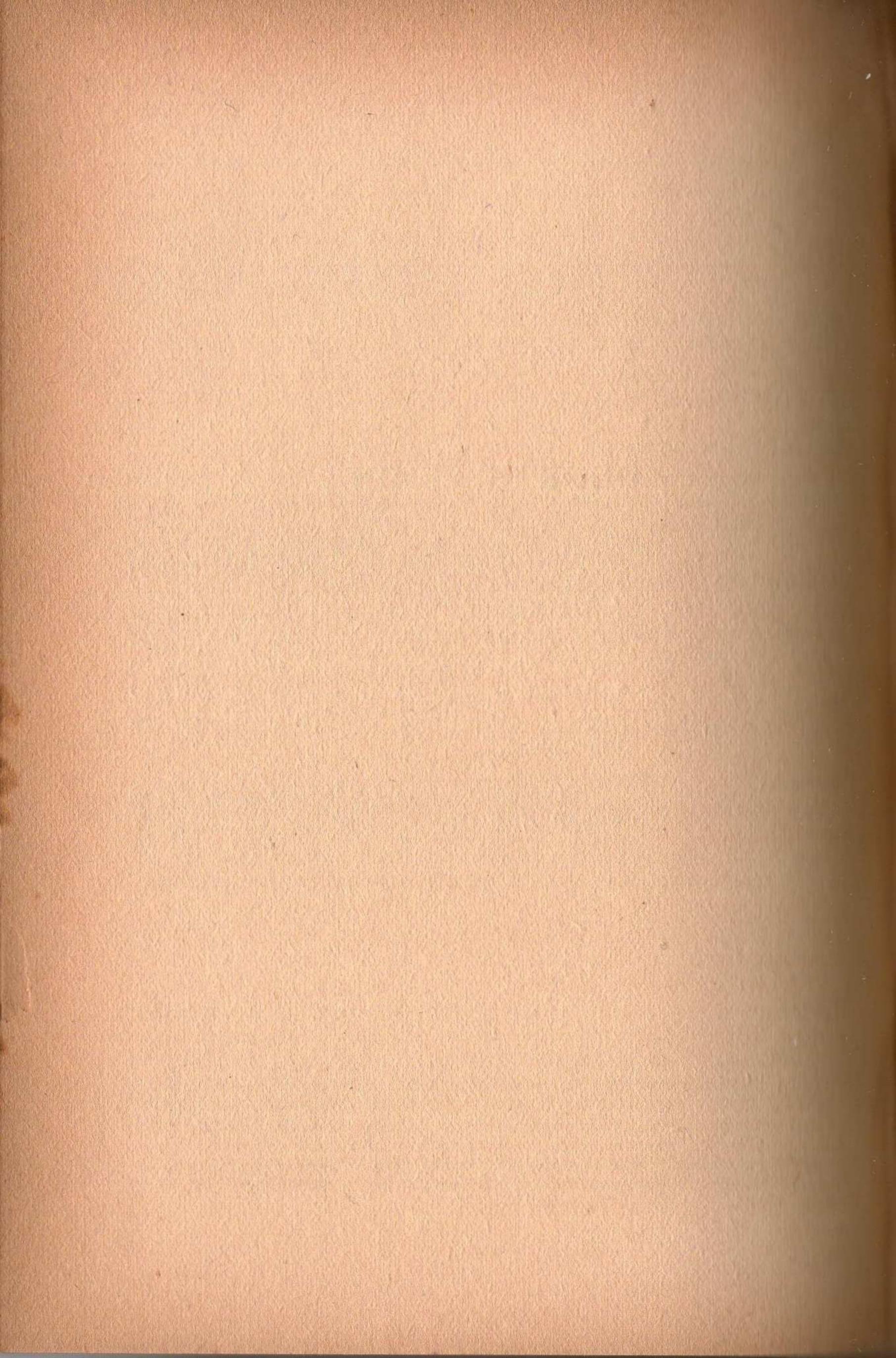
E, assim, perdeu a vida o pobre papagaio brasileiro que, em plena guerra, vivou o seu soberano dentro da capital do inimigo... (7).

---

(7) "Uno de ellos nos asombró muchisimo, lanzando el grito de VIVA PEDRO SEGUNDO. Holá, exclamó Mr. Washburn mirando atónito á su rededor. Que es esso? VIVA PEDRO SEGUNDO, repitió el loro dandose vuelta para mirarlo de frente. Tuerzale Ud. el pescuezo immediatamente, dijó á Mr. Meinke, su secretario, si no quiere que todos nos veamos en apiertos. En efecto el perigo era grande". Idem, pag. 145.

ODOR DE FEMINA

"Nenhum canto alegre animava o espirito do infante fatigado; não se ouvia nenhum sinal de interesse; não se percebia nenhum indicio de surpresa... Todos prosseguiam, taciturnos, e indolentes, através dos campos uniformes... O oficial sempre montado em marcha..."

(SIBER — *Ruckblick auf Den Krieg Gegen Rosas*).

Já a infantaria de Caxias varrêra as linhas do Piquissiri, tomára Ita-ivaté e Angostura, e a cavalaria de Andrade Neves esmoera os escolhidos soldados de Caballero, em Avaí. As tropas brasileiras marchavam com segurança para Assunção.

Explorando o terreno, na vanguarda, para alem da estrada de Villeta, ia uma forte coluna de infantaria ligeira, composta por soldados do 26 de Voluntarios da Patria, o heroico batalhão do Ceará, que havia sido incorporado a outra unidade, tão desfalcado ficára após o combate de dezembro de 1868 (1).

Passavam no céu azul, lentamente, os urubús engordados em Lomas Valenitnas. Perlongando os banhados, estendiam-se imensos laranjais — comuns naquela região paraguaia, — todos brancos de flôres que embalsamavam o ar.

A's margens dos potreiros, gritavam tristemente os quero-queros.

A soldadesca caminhava silenciosa e unida, cheia de saudade do seu sertão escaldante, que havia anos deixara para as duras lides daquela campanha. Nem um canto. Nem uma voz alegre.

A tropa devia atravessar um laranjal perfumado. Sumiram-se os tambores sob as pequenas arvores; sumiu-se o comandante, a cavalo; sumiram-se os soldados.

---

(1) "Sabbado, 12 de dezembro de 1868... A' vista do grande prejuizo sofrido pelo exercito nas duas ultimas ações, determinou S. Ex. que fôssem dissolvidos os batalhões nos. 26, 28, 42, 44, 48 e 55, passando os seus oficiais e praças a preencherem os vasios dos outros corpos". **Diario do Exercito**, in **Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro**, tomo 91, vol. 145, pag. 374.

Toda a fôlhagem rescendia um perfume de noivado. Uma grande paz reinava naquela sombra cheirosa. Mais tristes e nostalgicos marcharam todos.

De repente, um cabôclo atarracado, arrebitando o nariz como a farejar, na direita da terceira companhia, não se pôde conter, pensando na aspera vida de guerra, tão erma de sorrisos femininos, e gritou:

— Valha-me São Francisco das Chagas! Que cheiro bom de mulher!

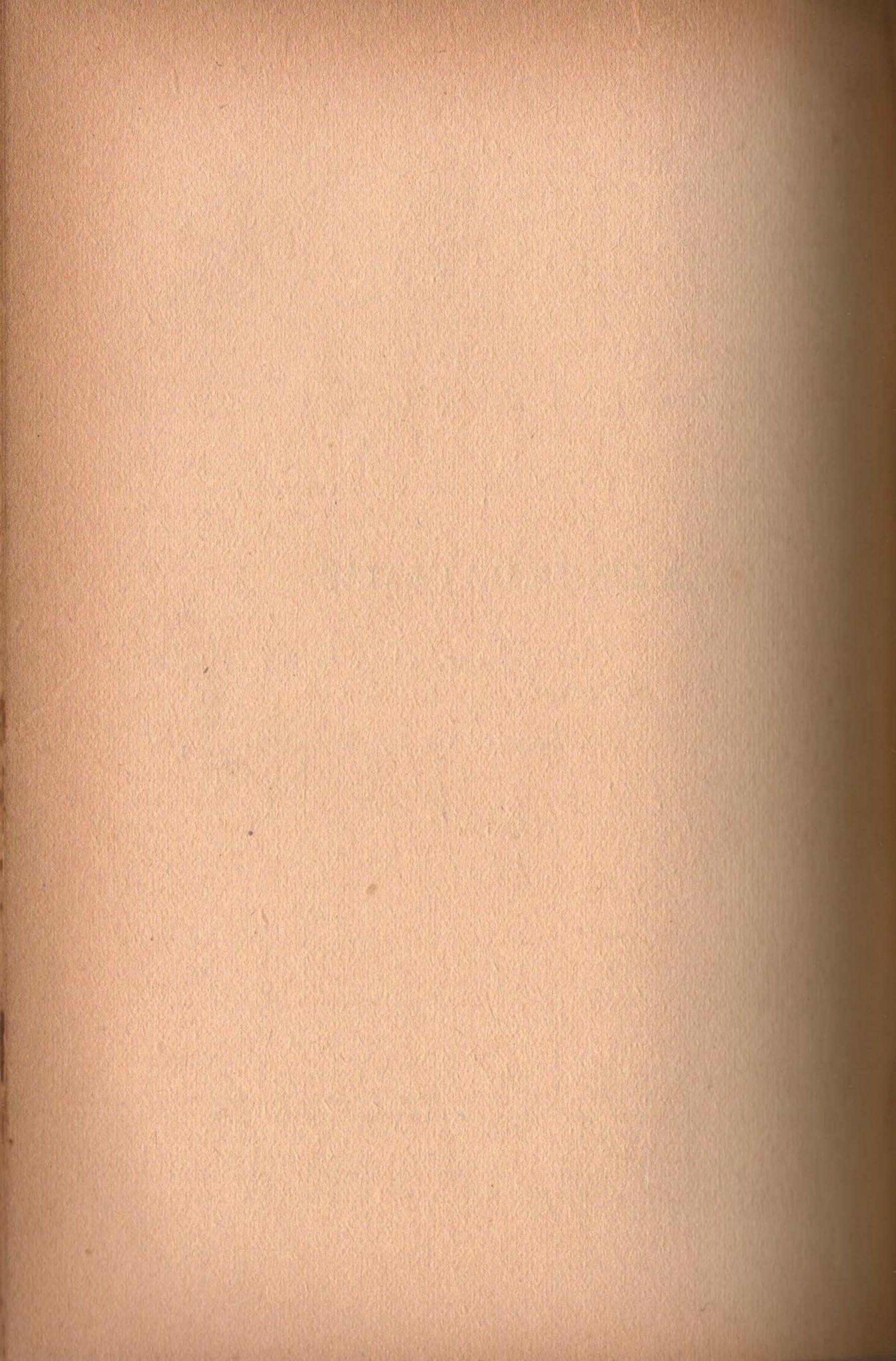
E uma gargalhada sacudiu a tropa toda (2).

---

(2) Embora este livro tenha vasta documentação historica, o autor considera-o mais de folk-lore da guerra do que de outra coisa. Reuniu nele historias que lhe contaram velhos soldados do Paraguai, alguns versos, tradições e anedotas esparsas. Acha, pois, não podia deixar de incluir o pequeno raconto, tipicamente cearense, que aí está, embora já conste de seu anedotario nordestino CASA DE MARIBONDOS. Foi-lhe narrado pelo alferes do 26, Antônio Leal de Miranda.

A LINHA DE CAXIAS

"O seu bom senso tocava ás raias do genio".

(VISCONDE DO RIO BRANCO).

Quando o marquez de Caxias chegou á porta da sala, já os oficiais generais, que ele mandára convidar para uma reunião no palacio do governo, estavam a postos. Conversavam em pequenos grupos nos claros das janelas, em voz baixa. Voltaram-se rapidos, perfilados e silenciosos, para a entrada, mal nela assomou o vulto do comandante em chefe.

Depois do seu ferimento em combate, o velho guerreiro sentia-se peorar de saúde dia a dia. A idade, os trabalhos, o clima do Paraguai abateram sua resistencia férrea. No Te-Deum com que se solenizou a ocupação de Assunção, tivera um desmaio (1). Depois, o falecimento de seu inseparavel companheiro, amigo e secretario, coronel Fernando Sebastião Dias da Mota, contribuira ainda mais para agravar-lhe os padecimentos e quebrar-lhe as energias (2), como a Inhauma e como a muitos outros. Estava emagrecido e palido; mas conservava sempre aquela linha impecavel que nada podia quebrar. No peito da farda, corretamente abotoada, luziam á direita as agulhetas doiradas de ajudante de

---

(1) "Em seguida, foi ouvir missa na catedral com todo o seu estado maior, tendo então uma sincope, que não o deixou acabar esta solennidade". **Diario do Exercito**, na **Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro**, tomo 91, volume 145, pag. 514.

"Caxias, usé á la fois par l'âge et par les fatigues de cette longue guerre, blessé..." Th. Fix, la Guerre du Paraguay, Tanera, Paris, 1870, pag. 176.

(2) "**Quinta-feira, 14 de janeiro de 1869.** Hoje, pelas 11 horas do dia, depois de lenta e consumidora enfermidade, morreu o coronel Fernando Sebastião Dias da Mota, secretario geral do commando em chefe... S. Ex. (o marquez de Caxias), sensibilizado por tão profundo golpe, mandou convidar a toda officialidade para assistir ao seu funeral...". Idem, pagina 612.

campo do Imperrador. A mão enluvada repousava sobre o punho da espada e a barba encanecida se mostrava bem aparada e bem tratada. Acompanhava-o o cirurgião-mór Bonifacio de Abreu.

Cumprimentou com a cabeça a todos, esboçando um sorriso, e indicou-lhes as poltronas que rodeavam uma longa mesa. Os oficiais generais, um a um, apertaram-lhe a mão e sentaram-se com um rumor de espadas arrastadas. Ali estavam Guilherme Xavier de Sousa, que deveria substitui-lo no comando em chefe até á chegada do conde d'Eu, João Manoel Mena Barreto, destinado a morrer gloriosamente em Peribebui, Carlos Resin, pequeno, vivo, valente como as armas, Salustiano dos Reis, Vitorino, Mallet, Polidoro, Argolo, Jacinto Machado e mais alguns. Os ajudantes de ordens ficaram de pé aos cantos: o capitão de mar e guerra Pereira da Cunha, os tenentes-coroneis Luis Alves Pereira e José Maria de Alencastro, o major Francisco Cesar do Amaral, encarregado do *Diario do Exercito*, e alguns capitães cujos nomes mostravam que eram filhos ou netos de celebrados heróis das guerras do sul: André Alves de Oliveira Belo, Luis Carlos Barreto Pereira Pinto e Francisco de Paula de Andrade Neves (3). Cinco ou seis coroneis, que comandavam brigadas tambem tinham sido convocados: Martins de Menezes, Silva Pedra, Oliveira Bueno, Jardim.

Pelas janelas abertas de par em par, entrava o sol da manhã e um vento frio e sutil. Morria o mês de fevereiro e, desde os primeiros dias de janeiro, a velha cidade de Assunção, fundada no seculo XVI sob a divisa *Vestigia nulla retrorsum*, caíra em poder do exercito brasileiro. A bandeira imperial tremulára sobre os edificios no dia de Ano-Bom. Iniciara-se para as armas do Imperio com esse prenuncio feliz o ano da graça de 1869. Pouco mais de mil homens, a brigada do comando de

---

(3) Sebastião Barreto Pereira Pinto foi um dos heroicos comandantes de divisão do marquês de Barbacena no Passo do Rosario. André Alves de Oliveira Belo foi o chefe de estado-maior de João Propicio Mena Barreto na campanha do Uruguai, em 1864. Andrade Neves era o Barão do Triunfo. Que nomes no estado-maior de Caxias!

Hermes da Fonseca, haviam embarcado no dia 31 de dezembro em Santo Antonio e ocuparam a capital paraguai abandonada no dia 1.º.

Poucos dias depois, o exercito, deixando as posições de Angostura guardadas pelos argentinos de Gelly y Obes, punha-se em marcha para a cidade. As guardas avançadas avistaram as torres da catedral no dia 4 de janeiro. No dia 5, todo o exercito entrava triunfalmente pelas ruas entre a população, faminta e miseravel. Quasi não se viam homens. Algumas mulheres, com os filhos nos braços, que pediam pão. Um ou outro velho. Caxias, a cavalo, rodeado pelo estado-maior, apeára-se á porta do palacio do governo e dele tomára posse.

Semana e semana, a capital deserta e triste fôra se animando e alegrando. Depois de alguns excessos e pilhagens, impossiveis de evitar quando um exercito penetra em cidades ao abandono, restabelecera-se a ordem e imperava a diciplina. Os batalhões aquartelaram nos edificios publicos — palacio do Governo, Cabildo, palacio do Congresso, teatro, chefatura de policia e Clube Nacional, e nas maiores casas particulares encontradas sem dono — as dos irmãos de Lopez e dos ministros, ou acamparam nos suburbios, sobretudo do lado do cemiterio da Recolleta. Caxias estabeleceu o quartel-general no Cabildo e tomou para sua residencia a quinta de D. Carlos Antonio Lopez, pai de Solano (4). Os traficantes

---

(4) "El marqués de Caxias, asi que entró en la Asunción, mandó instalar sus fuerzas en los edificios publicos y particulares. El palacio de gobierno, el cabildo, el palacio del congreso, los teatros, el departamento de policia, los cuarteles, las oficinas publicas, el club nacional, las casas de los hermanos del mariscal Lopez y todas las de las familias distinguidas, fueron las que quedaron marcadas con la huellas caracteristicas del paso o ocuapación de toda fuerza invasora. El marqués de Caxias se instaló en la quinta del ex-presidente Carlos A. Lopez, hoy **Choza Adelina**, sobre la avenida Valenzuela-esquina Peru'". HECTÖR F DECOUD, **Sobre los Escombros de la Guerra — Una Decada de Vida Nacional**, tomo I, pag. 13, Asunción 1925. O mesmo autor conta que os nossos soldados saquearam as casas da capital vencida e escrevêram nas suas paredes estas palavras: **Peor fizeram os paraguaios em Uruguaiana e Corrientes**

"Ao chegar S. Ex. á referida capital, ordenou que toda a infantaria viesse aquartelar nos edificios publicos". **Diario do Exercito**, idem, pag. 608.

gringos estabeleceram-se por toda a parte. As familias paraguaias escondidas nos matos regressaram pouco a pouco aos seus lares. Abriram-se hoteis, cafés, salas de dansa, casas de jogos inocentes como o bilhar e proibidos como a vermelhinha. As ruas movimentaram-se. Apareceram algumas carruagens e senhoras de vestidos de sêda, mas descalças.

Com o sol que entrava pelas janelas no vasto salão, vinha o rumor das ruas: zunzuns, pregões, gritos, galopes de cavalos, um ou outro toque de corneta.

Caxias, depois de expôr aos generais o estado e situação do exercito, o que se sabia da atuação de Lopez em Cerro-León, mostrou alguns dos ultimos despachos recebidos da Côrte e referiu-se á sua partida. Passaria o comando ao marechal de campo Guilherme Xavier de Sousa e retirar-se-ia pelo paquete GUAPORÉ (5), declarou. Sua saude malbaratada, o cansaço, a idade não lhe permitiam ultimar a campanha. Aliás, de certo modo, ele a julgava terminada por haverem ocupado a capital do inimigo, desmoralizado e em fuga.

Nisto, um rumor de vozes altas, discutindo, ecoou da ante-sala pelo reposteiro grosso e vibrou no salão. O marquez calou-se. Todos os rostos voltaram-se para a porta. João Manuel da Fonseca Costa, chefe do estado-maior do general, levantou o cortinado e, dirigindo-se a Caxias, disse:

— Sr. marquez, é aquele capitão de artilharia que requereu varias licenças para voltar ao Rio, afim de tratar da saude e que V. Ex. negou. Ele tem vindo constantemente aqui e insiste em falar pessoalmente com V. Ex. Estava discutindo com o alferes comandante da guarda, porque queria entrar á força.

Com a retirada de Osorio, depois de Avaí, com o boato da partida do marquez, houvera no exercito um

---

"Depois de haver percorrido belos e apreciaveis sitios, entre eles a quinta de Lopez, assentou S. Ex. em fazer nela sua residencia...". Idem, pag. 613.

(5) "Ao anoitecer saiu S. Ex. da quinta, acompanhado dos generais Guilherme, Jacinto e Salustiano, embarcando no vapor GUAPORE' com os oficiais do seu estado-maior e o cirurgião mór do exercito". Idem, pag. 614.

enxurro de pedidos de lincenças para voltar ao Brasil. Todos alegavam enfermidade contraida na campanha. Caxias negava terminantemente essas permissões. Guilherme Xavier de Sousa, quando o substituiu, abriu a valvula e foi tal o alude de licenciados que o conde d'Eu, no dia de sua chegada a Assunção, teve de mandar sustar a partida dum vapor que levava meio cento deles... (6).

— Mande que esse oficial se retire, ordenou Caxias calmamente a João Manuel da Fonseca Costa.

Mas, empurrando o coronel que impedia a passagem, o oficial de artilharia penetrou no salão. Seguia-o, furioso, o alferes da guarda. Era um capitão alto e magro, nervoso, de olhos esverdeados. Parou ante aquela assembléa surpresa, de golas bordadas e punhos cobertos de galões. Passou os olhos espantadiços pelos comandantes de divisões e brigadas; deteve-se no general em chefe. E os seus labios balbuciaram:

— Senhor marquez...

— Vamos, retire-se, capitão! mandou o chefe do estado-maior, pondo-lhe a mão no hombro.

Então, ele explodiu:

— Senhor marquez, eu preciso ir ao Rio... Preciso!... Todos os que têm proteção vão lá gozar a vida. Eu, que a tenho arriscado tantas vezes, não consigo isso. Qual é o empenho que é necessario arranjar para V. Ex., senhor marquez?...

Alguns generais puseram-se de pé. Caxias impassivel, sentado, guardava o mais profundo silencio. O alferes, o capitão Bernardino Mesquita, comandante do piquete de escolta, e Fonseca Costa seguraram o oficial pelos braços e puxaram-no para a porta. Ele forcejou por ficar no mesmo lugar e disse mais algumas inconveniencias do mesmo jaez das primeiras.

Então, Mallet, que era o comandante da artilharia, pôs-se de pé e ordenou, indignado:

---

(6) "Chegando o principe a Assunção, no momento exacto da partida dum vapor com cincoenta e tantos a bordo mandou sustal-a..." J. L. RODRIGUES DA SIVA — **Reminiscencias da Campanha do Paraguai**, Cia. Melhoramentos de S. Paulo, pag. 72.

— Alferes, chame a guarda e mande recolher preso o capitão ao regimento de artilharia a cavalo!

Foi quando Caxias rompeu o silencio com o maior sangue frio:

— Não vê, general, que esse homem está fóra de si? Eu não posso admitir que, em perfeito estado, um oficial brasileiro falte ao respeito que deve ao seu chefe supremo. Tenha paciencia. Não o faça prender.

E, dirigindo-se a Fonseca Costa:

— Coronel, leve o capitão com todo o cuidado e mande submete-lo a exame de saúde.

O artilheiro foi arrastado para fóra da sala e o velho marquez, depois de fazer com os dedos o gesto de que a bola daquele oficial girava em máu sentido, pausadamente prosseguiu o que estava dizendo:

— Como os senhores sabem, a nossa situação...

Carlos Resin tocou no ombro de Silva Pedra, que estava ao seu lado:

— Você viu?

E o coronel:

— Sempre a mesma linha impecavel: não admite a indisciplina sinão como um gesto de loucura.

Os dois não continuaram a cochixar, porque o olhar vitreo (7) de Caxias neles se deteve um instante.

---

(7) "...envergando a farda ricamente bordada de marechal, de chapéu armado e com o punho profusamente agaloado de oiro, assistia ao desfilar das tropas, com semblante indolente, labio pendido e casualmente lhes lançava seu olhar vitreo".

Retrospecto da Guerra contra Rosas, de SIBER, pag. 42.

O BATALHÃO DE SANTOS

"Victorino, incendiant sur son passage une usine pour l'extraction du soufre, alla, occuper Itacurubi. Dans son depart precipité, l'ennemi avait abandonné des charreïtes toutes chargées appartenant à la mére de Lopez, dans la maison de laquelle avaient eté amoncelées toutes les depouilles des églises du Paraguay".

(TH. FIX — "*Guerre du Paraguay*").

Como o general Polidoro tivesse caido doente, o comandante do 2.° corpo do exercito brasileiro foi confiado ao general Vitorino Carneiro Monteiro, que morreu Barão de S. Borja. Era um chefe valente e desabusado que demonstrou excelentes qualidades militares na perseguição do inimigo pelas Cordilheiras.

Nos primeiros dias de agosto de 1869, Osorio acampára com o 1.° corpo em Costa Pocú, á bôca da picada de Valenzuela, op ronde, vinte e quatro horas depois, as forças de Vitorino começaram a subir a serrania. A's primeiras lombadas e contrafortes, suave perfume de flôres silvestres fez dilatarem-se todos os peitos. Alguns soldados de infantaria trautearam canções. E os tambores dum batalhão de voluntarios, com as caixas presas ás costas como moxilas, assobiaram alto o toque de marcha das cornetas; depois, lembrando inconscientemente a meninice, cantaram:

Marcha, soldado,
Cabeça de papel,
Marcha direito
E vai para o quartel!

Grandes arvores, de ramarias folhudas espalhavam sombra densa pelas ladeiras atapetadas de capim verde, de maneira que o sol ardente não castigava a tropa. Todos iam contentes. Os infantes aligeiravam o passo, os cavaleiros tinham vontade de galopar e os artilheiros empurravam, cantarolando, as carretas e os armões que as parelhas puxavam incitadas pelo grito rouco dos condutores. Parecia mais uma marcha festiva do que uma arrancada guerreira.

Em menos de uma hora, o corpo de exercito galgou o divisor de aguas da pequena serra, pomposamente chamada cordilheira, pela picada de Valenzuela. Então, ainda mais ligeiro, começou a descê-la. Aí, espontaneamente, a infantaria acelerou o passo, as cavalarias galoparam com os estandartes palpitando ao vento como verdes asas prisioneiras, e a artilharia rodou a trote largo com o seu rumor lugubre e ameaçador. Em volta, o deserto, um silencio de morte. Ninguem nas raras choupanas abandonadas. Nem um animal domestico á vista. Nem um passaro cantando no arvoredo. As criaturas mansas tinham sido varridas pela guerra. As criaturas selvagens fugiam do ruido dum exercito em marcha. Somente a brisa agitava as franças dos umbús solitarios e achamalotava numa caricia os capinzáis amarelentos.

Após meio dia, descida a ultima rampa, os brasileiros desembocaram da picada numa grande planura atapetada de relva, aqui e ali ensombrada por altos grupos de arvores. Vitorino examinou detidamente com o binoculo a região. Avistou, em frente, as casas do povoado de Valenzuela. Perto, uma chaminé de fabrica cortava o azul do céu. Tudo parecia abandonado. Deu algumas ordens aos ajudantes que partiram em varios rumos. O exercito fez alto e um corpo de cavalaria correu pela estrada em direção á aldeia, dividindo-se, ao aproximar-se dela, em pelotões, que se espalharam por todos os lados.

Daí a pouco, as informações chegavam ao comando em chefe: não havia ninguem nas casas, ninguem na fabrica.

De novo, o exercito se pôs em marcha e, rindo, galhofando, a soldadesca encheu de vida e alegria a abandonada povoação. Ao atravessar o estado maior a rua que acompanhava a estrada, duma pequena casa saíu, correndo, uma mulher. Atirou-se á frente do cavalo do general e disse, louca de contentamento:

— Ah! mon géneral... je suis française... entendez-vouz, française!... Je m'appelle Madame Michel et je suis la seule personne qui est restée ici... Figurez-vous, mon géneral, ce j'ai su souffrir, pendant que les

soldats de Lopez ont occupé cette bourgade!... Ces bêtes fauves ne parlaient que le guarani, un charabia, un jargon horrible! C'etait affreux, mon géneral!... (1).

Vitorino, sorridente, mandou dar-lhe o que precisasse e foi examinar a fabrica. Era uma usina de extração de enxôfre para o fabrico de polvora. Ali se supria de materia prima o Arsenal de Assunção, tão bem aparelhado que fundia canhões de muitas toneladas e preparava metralhadoras ou fogueteiras de tres canos, sistema Wagener (2).

O general ordenou que se incendiasse a fabrica. Os sapadores prepararam fachos e, dentro de minutos, ardiam o casarão e as dependencias.

A' luz dessa imensa fogueira, o exercito acantonou nas casas vasias de Venezuela. Foi uma noite de alegres cantares até o toque de silencio, de sono reparador até que as cornetas e clarins enchêram o espaço com as notas quentes da alvorada.

Arrumadas as bagagens, selados os cavalos, apertados os correames, engatadas as peças nos armões, de

---

(1) THEODORE FIX, **La Guerre du Paraguay**, Tanera, Paris, 1870, pag. 184, nota. VISCONDE DE TAUNAY, **Diario do Exercito**, Cia. Melhoramentos, vol. II.

(2) Enquanto os brasileiros usavam estativas de foguetes de guerra **á congréve** de modelo classico na época, os paraguaios possuiam verdadeiras metralhadoras para lança-los. O Museu Historico conserva uma delas com a inscrição: **Inventada y Fabricada por Wagener — Asunción** — 1864. Segundo o insuspeito testemunho de Découd — **Una decada de Vida Nacional** Asunción, 1925, pag. 17 sabemos que o arsenal da capital paraguaia "estaba montado a la altura de muchos de Europa.... bajo la dirección superior de técnicos europeos contractados". A' **cohetera** (fogueteira) em questão refere-se J. E. O'LEARY em **Nuestra Epopea**, pag. 219, desta forma: "Y a tal extremo llegó el entusiasmo que no faltó quien inventára un canon de retrocarga, nuevas especies de bombas, **coheteras simplificadas**..." O grifo é nosso. Documentos oficiais paraguaios indicam que o inventor dessa arma Guillermo (Wilhelm) Wagener, **armero de professión**, contratou seus serviços ao governo de Solano Lopez no dia 5 de janeiro de 1864. Já o Paraguai se armava...

A' pagina 201 do vol. I do **Diario do Exercito** de Taunai, relativa á batalha de Campo Grande, se lê que entre o armamento tomado se viam: "armas de construcção bastante singular, modernas e não conhecidas de nossos mais experimentados oficiais".

novo as tropas se puseram a caminho, mal o sol ensanguentou o horizonte coberto de nuvens acasteladas. Seguiram pela planicie vasta e refrescada pelas brisas das montanhas, até avistarem as casas de outra vila. Uma partida de lanceiros gaúchos foi reconhecê-la. Apesar do silencio de morte, havia gente, mas ninguem capaz de resistencia. Na vespera, dali fugira a mãe de Lopez. Chamava-se a localidade Itacurubi.

A cavalaria de Vitorino apanhou ainda as carretas em que a progenitora do Supremo conduzia através das Cordilheiras tudo quanto lhe pertencia e tudo quanto pudera colher, que o general mandou logo salvaguardar e inventariar (3).

Algumas centenas de habitantes tinham ficado nas suas casas de telha e taipa ou nas suas palhoças. Faziam pena! Velhos, mulheres e criancinhas, todos rôtos e tão famintos que mal se podiam arrastar. Aqui, ali, os urubús bicavam um cadaver de menino morto de inanição. Vitorino mandou distribuir roupas e viveres áqueles infelizes. E as mulheres, recebendo dos soldados brasileiros mantimentos e fazendas, pediam para apalpar-lhes as costas e murmuravam, cheias de espanto, umas para as outras, vendo desmentidas as invencionices espalhadas pelo Ditador:

— Santo Dios! los macaquitos no tienen cola!... (4).

Um velho guarani indicou a um anspessada de certo batalhão de caçadores a casa que pertencêra á mãe do tirano. Acompanhado por outros camaradas, o soldado arrombou a porta e nela penetrou, levado mais pela curiosidade talvez do que pela cobiça. E todos arregalaram os olhos de espanto. As salas e quartos estavam cheias de alfaias de igreja. Todos os objetos de prata e ouro dos templos do Paraguai tinham sido acumulados naqueles aposentos. Era uma incalçulavel riqueza em metal, em valor artistico e historico. Calices, lampada-

(3) "O dictador levava fuga tão acelerada que abandonava pelo caminho carretas de sua bagagem". J. L. RODRIGUES DA SILVA, **Reminiscencias da Campanha do Paraguai**, pagina 76.

(4) Tradição oral conservada entre os veteranos da campanha.

rios, ciborios, hostiarios, turibulos, patenas, sacras, castiçais, candelabros, galhêtas, resplendores, crucifixos, âmbulas, evangeliarios, pias batismais, casúlas, estólas, paramentos, toalhas de renda de nhanduti, e uma sala inteiramente atupida de imagens de santos, grandes e pequenas, algumas de ouro, centenas de prata e uma infinidade de madeira, de marmore, de gêsso e de barro.

De volta ao acantonamento, o anspessada contou o caso ao pessoal de sua companhia, que lá foi vêr as preciosidades. Horas, após, o batalhão inteiro passára pela casa da mãe de Lopez, entrando disfarçadamente em pequenos grupos pela frente e saindo sorrateiramente pelos fundos.

Quando a noticia daquele deposito chegou ao quartel general e Vitorino foi examina-lo, ordenando que lhe puzessem guarda e se fizesse minucioso inventario, estavam somente as imagens de grande tamanho. Todas as outras tinham desaparecido...

Mais tarde, o general foi informado de tudo o que acontecêra. Esperaram que, furioso, mandasse castigar todas as praças do batalhão culpado. Tal, porem, não se deu. Sorriu e guardou silencio.

No dia seguinte, o corpo de exercito pôs-se de novo em movimento. Devia alcançar Peribebuí, derradeira capital de Lopez fugitivo. Ali chegariam de diversos lados o corpo de Osorio e as forças volantes de Mena Barreto, afim de ser levado a efeito o ataque geral sob o comando do conde d'Eu.

A' frente de seu estado-maior, Vitorino postou-se á margem da estrada. De acordo com suas ordens, desfilou primeiro a cavalaria sob o inquieto esvoaçar das bandeirolas vermelhas e brancas; depois, a artilharia, com os seus chefes de peça de espadas núas; por fim, a infantaria. Fechava a marcha o batalhão de caçadores que visitára a casa da mãe de Lopez.

Vitorino mandou que fizesse alto. Ao comando dos oficiais, as carabinas resoaram, descançando na terra dura. O exercito alongou-se, distanciado, pelo plaino, como uma serpe imensa e multicôr. O batalhão espe-

rava. Quando o viu inteiramente isolado, o general avançou para as suas fileiras e disse:

— Meus filhos, fui informado do que praticastes e não quis envergonhar-me diante das outras tropas. Atribúo terdes carregado as imagens, não ao desejo de apropriação indebita do alheio, porem á vossa devoção por esses santos. Por isso, perdôo-vos. Ides deixar na estrada o que trazeis nas moxilas. As carretas do trem que vêm aí atrás recolherão tudo. Si amanhã, em Peribebuí, ao passar Sua Alteza Imperial em revista este batalhão, dentro das moxilas houver qualquer coisa escondida, seus donos serão imediatamente fusilados!

Fez um aceno amavel ao comandante a partiu a galope, rodeado pelos ajudantes, enquanto que, humilhados, os caçadores iam, um a um, desafivelando as moxilas e abrindo os embornais e as patronas.

Adeante, no alto dum serro, o general parou e voltou-se para trás. Já o batalhão, a marche-marche, procurava apanhar a retaguarda do corpo de exercito. Mas, no logar onde estivera parado, outro batalhão ficára, substituindo-o: um batalhão de imagens grandes e pequenas que refulgiam ao sol. Marcavam exatamente o logar de cada soldado. Ao invés de baionetas, traziam as palmas dos martirios, os báculos dos episcopados, as duplas cruzes bizantinas, os filaterios e as bandeirolas, os lábaros e os cajados. As de ouro e prata faiscavam. As de barro ou madeira ficavam mais escuras sob a luz crúa. As primeiras pareciam os oficiais e as segundas, os soldados daquela imovel tropa em miniatura...

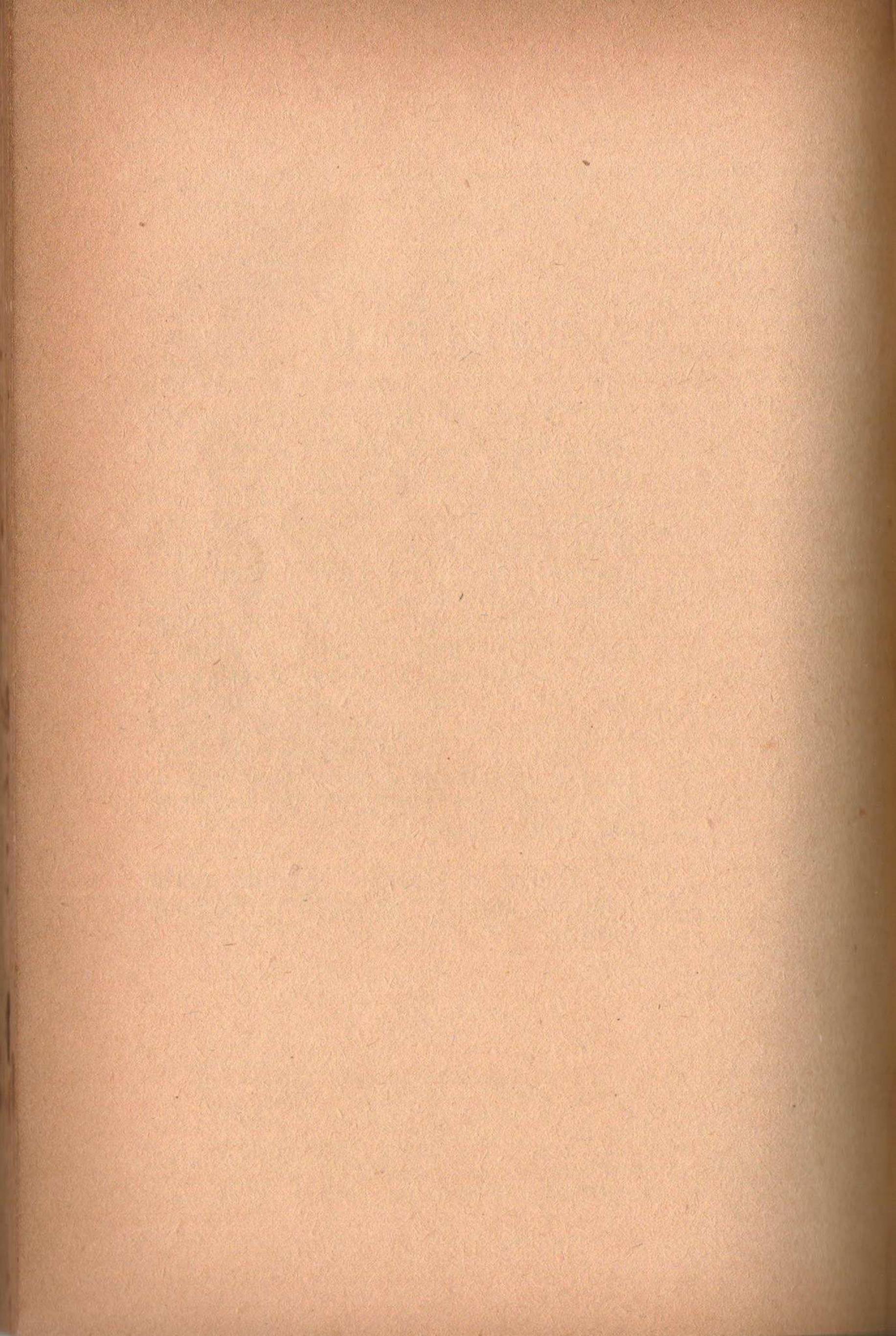
O general Vitorino soltou uma sonora gargalhada (5).

---

(5) Varios oficiais cearenses que fizeram a campanha das Cordilheiras repetiram-me essa hitoria. Um deles foi o major Pedro de Araujo Sampaio, que tinha bela fé de oficio e o passador n.º 5, e foi durante mais de trinta anos Delegado de Policia de Fortaleza, chegando o povo a confundir o seu nome com o cargo que exercia. E ouvi muitas vezes dizêrem: — Fulano foi nomeado **Sampaio** de tal logar...

O ALGOZ DE IBICUÍ

"O capitão D. Julio Insfran foi, por ordem minha, passado pelas armas porque se fez responsavel pelo sangue inutilmente vertido no combate, não querendo render-se... Outra coisa mais grave pesava sobre o dito capitão Insfran: foi a conduta infame que sempre observou, não só com os prisioneiros do exercito aliado, sinão tambem com os seus proprios patricios e com as infelizes mulheres e crianças, que por diversas ocasiões fez degolar. As declarações de todos os presos e até de todos os seus subalternos são identicas e contribuiram muito para que se impuzesse esse castigo a um malvado que bem o merecia".

(Parte do Coronel Hipolito Coronado ao general uruguaio D. Enrique Castro).

A fundição de Ibicuí era um inferno. Num pequeno vale, entre dois asperos serros, a chaminé do seu forno mirava-se nas aguas tristes dum arroio lento e pobre. Um muro alto circulando um casarão e alguns galpões, e era tudo. Beirando a agua, fornos baixos, feitos de argila batida, com um respiradouro redondo, para purificar o salitre. Encostadas á muralha, tulhas de lenha. Sob uma latada de ramos, a carvoaria. Meia duzia de ranchos da guarnição e dos artifices á sombra das raras arvores.

Fugindo pelas Cordilheiras, depois da derrota de Lomas Valentinas, Lopez mandára o capitão Juliano Insfran, um de seus mais dedicados e ferozes oficiais, comandar aquele estabelecimento, que lhe devia ser de grande utilidade na ultima fase da guerra. Estabelecido em Ascurra, o ditador correspondia-se frequentemente com o seu subordinado, estava ao par de tudo quanto se passava na fabrica de ferro excitava-o a tiranizar aqueles que ali vegetavam e a fazer o trabalho render o mais que era possivel.

Havia na fundição quarenta e cinco operarios — ferreiros, carpinteiros, moldadores, torneiros, cerca de quatrocentos soldados, quatro oficiais e cento e cincoenta e cinco presos, dos quais dois terços eram prisioneiros de guerra brasileiros e argentinos. Tomados no combate do Estero Bellaco, no dia dois de maio de 1866, eles tinham estado nos cêpos do Passo Pocú, nos calabouços de Humaitá e nas prisões de Assunção, onde aterravam as ruas enlameadas e faziam todo o serviço de limpeza publica. Ha tres anos, portanto, penavam no Paraguai, maltratados, reduzidos á mais triste degradação.

Espetros. Deles somente quarenta podiam trabalhar. Com um anel de ferro no tornozelo pelo qual eram acor-

rentados á noite, tendo por unica roupa uma tanga de couro crú, esqueleticos, raiados pelas cicatrizes das servicias, cabelos e barbas imensos, de gente nem o aspeto tinham mais. A's quatro horas da manhã, eram despertados a vergalho e formavam no pateo para a revista, seguindo logo para a mata proxima, onde faziam lenha. Transportavam-na aos hombros ou em couros de arrasto para a carvoaria. Ao meio dia, a unica refeição diaria: numa gamela, alguns pedaços de carne ordinaria ou de viceras, boiando num caldo ralo. Sem sal. Muitas e muitas vezes nem isso: uma espiga de milho sêco para cada um. E viam-se aqueles infelizes andar de quatro patas no chão, catando os ossos esbrugados pelos soldados paraguaios ou a entrecasca das laranjas que chupavam!

Nas prisões, gemiam roidos de vermina, encepados ou amarrados com guascas, seus companheiros enfermos. Havia mais ali alguns desertores paraguaios a ferros, com grilhões de barras, com cadeias e com soquetes, tão dignos de lastima quanto os prisioneiros.

O chefe de milicias de Caapocú fornecia o gado e minerio para Ibicuí, e a fabrica produzia tanto quanto permitiam a rudeza e o atraso de suas maquinas e oficinas, fundindo canhões e morteiros, balas redondas de ferro simples ou encamisadas de aço, rodadas de carretas e de peças, cabos e ferros de lança (1).

O capitão Insfran, chefe da fundição, era um monstro. Comprazia-se em torturar todos os que dele dependiam. Os tenentes Pedro Samúdio e Moreno, seus imediatos, não se atreviam a discutir-lhe as ordens, sempre dadas em tom que não admitia replicas, e muito menos a iludi-las de qualquer maneira, tanto era o receio que dele tinham. E só o alferes D. Ventura Cáceres, se-

---

(1) Todos os pormenores relativos á fundição de Ibicuí, ás atrocidades alí cometidas, à crueldade do seu comandante são tirados fielmente do folheto do cadete SEIFERT — **Os Sofrimentos dum Prisioneiro ou o Martir da Patria**, edição da Tip. Constitucional, Fortaleza, 1871, impresso pelo autor depois da campanha e por ele distribuido no Ceará, sua terra natal; do livro do tenente-coronel MARIO BARRETO — **A Campanha Lopezguaia, Rio de Janeiro,** 1928, pags. 23 a 26; da propria parte do coronel Hipolito Coronado ao general Castro; e do **Diario do Exercito** do VISCONDE DE TAUNAY, Cia. Melhoramentos de S. Paulo, vol. I, pags. 54 a 55.

tuagenario, oficial reformado, possuia naquele covil um coração.

A's escondidas de seu chefe, tudo punha em pratica para aliviar o martirio dos infelizes prisioneiros. Dava-lhes alguma comida ou algum remedio á noite, quando até as sentinelas dormiam. Dizia-lhes em voz baixa palavras de consolo e de animação. Muitas vezes, fingia que os castigava, quando eram condenados aos açoites.

As noticias que começaram a correr, no principio de maio de 1869, a respeito da aproximação de forças aliadas, chegaram por acaso aos ouvidos dos prisioneiros e produziram entre eles muita ansiedade. O capitão Insfran redobrou de crueza. Fê-los dormir desse momento em diante agrilhoados. Estaqueou os que cochixavam qualquer coisa por ocasião da comida. Diminuiu-lhes as rações. Mandou chicotear os que procuraram saber alguma novidade dos seus guardas. E não passava por perto dum daqueles miseraveis que o não lanhasse com as suas desmesuradas chilenas.

Certa manhã, formou todos os presos, sãos e enfermos, no páteo, e disse-lhes, com um risinho de escarneo:

— Si por acaso os *negros* vierem até aqui, mandarei cortar o pescoço de todos vocês. Não escapa nem um para contar a historia!

E, voltando-se para o alferes Cáceres, ordenou rispidamente:

— O senhor fica sendo responsavel por estes *cambás*. Logo que se aproxime qualquer força aliada da fundição, mande matar todos.

O velho oficial fez um sinal de assentimento com a cabeça e piscou um olho, rapidamente, aos miseros condenados, como a soprar-lhes:

— Tenham confiança em mim.

O conde d'Eu ordenára ao general Enrique Castro, comandante das forças orientais, que fizesse alguns reconhecimentos na direção de Ibicuí. O general moveu-se para Franca-Isla e atirou á sua frente algumas partidas de descobridores de terreno. Uma delas, composta de oitenta soldados de cavalaria, sob o comando do coronel Hipolito Coronado, attingiu a fundição paraguaia.

Mal o seu piquete avançado saíu do mato, as sentinelas deram alarme. Seus gritos e os toques de corneta alvoraçaram os desgraçados prisioneiros como o anuncio duma esperança.

Os soldados paraguaios armaram-se e municiaram-se a toda pressa, entrincheirando-se por trás do muro. Alguns homens e o tenente Moreno, que se achavam do lado de fóra da fabrica, correram para o portão, porem não tiveram tempo de atingi-lo. Os cavaleiros uruguaios interceptaram-lhes a passagem e fizeram-nos prisioneiros. Apeando-se rapidamente, entraram no pateo de clavinas aperradas, sem dar aso a que os atacados lhes barrassem a passagem. Dentro daquele recinto, o combate foi curto e terrivel. Uns trezentos guaranis fôram vencidos, após nutrido tiroteio, pelos oitenta homens de Coronado. Mais de vinte perecêram. Insfran, Samúdio e uns cincoenta homens rendêram-se. O resto fugiu para a mataria proxima.

Enquanto se travava a luta, o alferes Cáceres levára, cumprindo ordens recebidas, os prisioneiros para trás da fundição, afim de executa-los. Tinha consigo um cabo e tres soldados. O primeiro, de má catadura, disse:

— Vamos lancear logo estes negros?

O alferes respondeu-lhe:

— Não. Vamos degola-los com todas as regras.

— Isto demora muito, redarguiu o paraguaio.

— Não faz mal, concluiu o alferes. Cumpra minhas ordens sem abrir a bôca. Amarre os prisioneiros um a um. Fez-se o que ordenára. Então, o cabo arrancou o cuchilho da bainha e ganiu:

— Agora, vamos começar!

— Quem os degola sou eu. Quero ter este gostinho, falou o velho Cáceres, mostrando uma faca afiadissima.

Dirigiu-se aos infelizes, porem em logar de cortar-lhes as carótidas, principiou a examinar as guascas que lhes prediam os pulsos e sussurrava-lhes:

— Estou ganhando tempo.

O cabo e os soldados impacientavam-se. De repente, o fogo do outro lado da fabrica cessa e momentos após

surgem num canto da fundição as cabeças de alguns soldados uruguaios. Ouvem-se tiros. Os tres guardas tombam feridos. E toda a força de Coronado cerca o alferes e os prisioneiros.

Vendo estes ajoujados com rêlhos e aquele velho de farda vermelha com uma faca em punho para degola-los, o coronel oriental empalidece de raiva e exclama:

— Matem este carrasco!

Mas a gritaria de protesto dos prisioneiros argentinos e brasileiros abafa-lhe a ordem. Um brado ecôa mais forte:

— Ele é o nosso protetor, senhor coronel!

Deante do oficial vencedor, ergue-se um fantasma. Nú, livido, trémulo, a cabeleira intensa, chagado, lanhado de vergastadas, uma perna ferida, os olhos muito azúes perdidos no fundo das orbitas negras. Fedia como um animal doente. E fala:

— Sou José Antonio Seifert, primeiro cadete do vinte e seis de voluntarios, aprisionado e ferido no combate do Estero Bellaco (2).

E conta rapidamente a sua miseria, a miseria de seus companheiros, tudo quanto padeciam e a bondade do velho Cáceres. Coronado, cheio de emoção e de piedade ante tanto sofrimento, indignado ao mesmo tempo, indaga:

— Então, quem vos reduziu a este estado

O dedo descarnado do cadete Seifert aponta o capitão Insfran, que dois cavalarianos orientais custodiam:

— Foi aquele monstro, senhor coronel!

— Foi aquele monstro! clamam todos os infelizes.

Coronado volta-se para o chefe paraguaio:

---

(2) O primeiro cadete José Antonio Seifert era filho do engenheiro José Antonio Seifert, natural de Carslbad, sudito austriaco e de sua mulher D. Maria Paulina da Cunha Seifert, filha do capitão mór João da Cunha Pereira e irmã da avó paterna do autor, D. Isabel Alexandrina da Cunha Barroso. Moço de cultura e de talento, poeta e prosador, estudante no Recife, fez-se voluntario da Patria e voltou do Paraguai, depois dos acontecimentos aqui narrados, com a sua saúde para sempre comprometida. Viveu poucos anos no meio de horriveis sofrimentos.

— Foi o senhor?

Juliano Insfran baixa a cabeça e murmura:

— Cumpri ordens.

O coronel uruguaio varre-o com um olhar de desprezo e sibila:

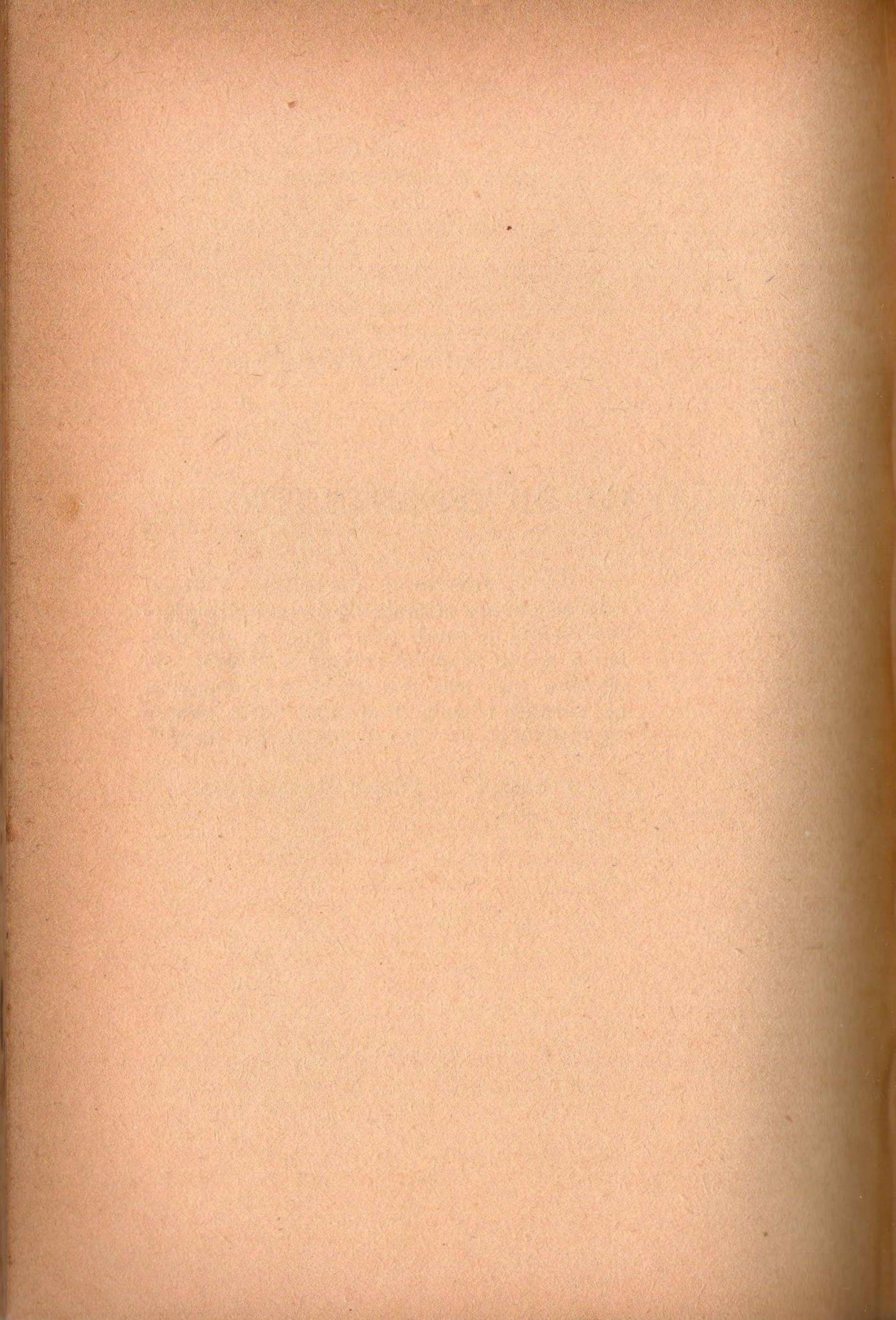
— O senhor não é um militar; é um carrasco. O senhor não é um soldado; é um covarde.

E a um sargento, perentorio:

— Faça degolar este bandido!

O CAVALO DO TENENTE TITO

"A 5, remete o marechal (Vitorino) as partes oficiais do brigadeiro Carlos Resin, o qual, entre outros pedidos, fez o de se mandar retirar a divisão argentina sob seu comando, por estarem os soldados dela matando para comer os melhores cavalos e mulas da força".

(TAUNAY — *Diario do Exercito*).

Depois de vencidas e aniquiladas as derradeiras tropas mais ou menos regulares de Lopez pelo conde d'Eu em Peribebuí e Campo Grande, o exercito brasileiro, auxiliado por uma divisão argentina e alguma cavalaria uruguaia, atirou em leque os seus destacamentos pelas cordilheiras, destruindo os ultimos recursos do inimigo, perseguindo-lhe as partidas isoladas, salvando do degredo e da miseria as familias abandonadas nos socavões da serrania e preparando o circulo final de ferro dentro do qual o despota fugido haveria, forçosamente, de ser aprisionado ou morto para escarmento dos caudilhos ambiciosos do continente.

Muitas e muitas vezes, as dificuldades de comunicações em zonas desertas e sem caminhos, faziam com que os corpos de exercito padecessem necessidades. Houve, mesmo, fome durante dias. E o cuidado e a energia do general em chefe custaram a normalizar a situação em materia de fornecimentos.

Quando isso acontecia, os soldados brasileiros procuravam alimentos no mato, tirando palmitos e caçando. Mais sóbrios do que quaesquer outros pela sua compleição e habitos de vida, suportavam com maior resignação a tortura do estomago vasio. Os argentinos já não eram assim. A falta de carne punha-os de máu humor e fazia-os cometer latrocinios condenaveis nos animais de montaria e tração das tropas imperiais. Eles apreciavam muito a carne de cavalos e muares, que os nossos sertanejos e gaúchos detestavam. E daí varios casos desagradaveis que geraram reclamações junto ao comando em chefe para o afastamento desses companheiros (1).

A situação das forças enviadas para Caraguataí em

(1) "Os argentinos têm matado, em quantidade já avultada, cavalos e burros, cuja carne apetecem no geral, de ma-

fins de 1869 era horrivel pela falta de viveres que sofriam. Os soldados chegaram até a comer os proprios cães que os acompanhavam fielmente. Delas fazia parte um tenente de cavalaria do Rio Grande do Sul, ajudante de campo do general Osorio, cheio de mocidade, de vida, de bravura e de máscula beleza, que possuia um lindo cavalo zaino, tão bom e tão bem ensinado que os guardas nacionais diziam que *só faltava falar*. O tenente Tito amava o seu cavalo com o amor dum beduino pelo seu. Tratava-o com extraordinario carinho e tinha grande ciume dele.

Quando a fome apertou, começaram os argentinos a roubar todas as vezes que podiam os cavalos dos brasileiros, que devoravam ás escondidas, nos matos. O tenente Tito não teve mais sossego. Vigiava o seu querido zaino noite e dia. Passava as noites em claro, segurando-o pelo cabresto. E até sua saude se ressentiu dessa tensão de espirito e privação de repouso.

Certa madrugada, ferrou no sono. Já não podia mais Acordou ao romper do dia com o alarido que faziam seus soldados junto á barraca. Levantou-se e foi vêr o que era. Livido, os olhos esbugalhados de espanto e dôr, deu com o seu pobre animal caído numa pôça de sangue. Tinham-no degolado e levado a cabeça, que era a parte mais apreciada pelos comedores de cavalos.

Os guardas nacionais, em volta, diziam:

— Fôram os gringos. São eles que fazem essas perversidades.

O tenente Tito correu á tenda do general Osorio, fez-lhe tamanha queixa e tanto se exasperou que o herói foi pessoalmente reclamar contra o crime ao general argentino.

Mais tarde, este mandou formar seus batalhões. Desconfiava da gente de um deles e declarou que o quintaria, si os culpados se não denunciassem. Profundo silencio nas fileiras.

---

neira que muitas cavalgaduras gordas e de estima são roubadas e imediatamente carneadas, apesar da vigilancia dos proprietarios à noite". TAUNAY. **Diario do Exercito**, Cia. Melhoramentos, S. Paulo, 2.º vol. pag. 78. A parte relativa à reclamação do general Resin, que vem na epigrafe, encontra-se no mesmo volume, pag. 76.

Sargento-mór, ordenou o general argentino ao comandante do corpo, faça quintar os seus homens!

O comandante escolheu os soldados degoladores. As facas fôram amoladas. Contaram-se os primeiros cinco homens. O quinto foi obrigado a dar um passo á frente, para morrer. Vendo iminente a execução, gritou que denunciava os culpados e apontou os dois matadores do zaino.

Saregento-mór, mandou o general, fusile-os imediatamente.

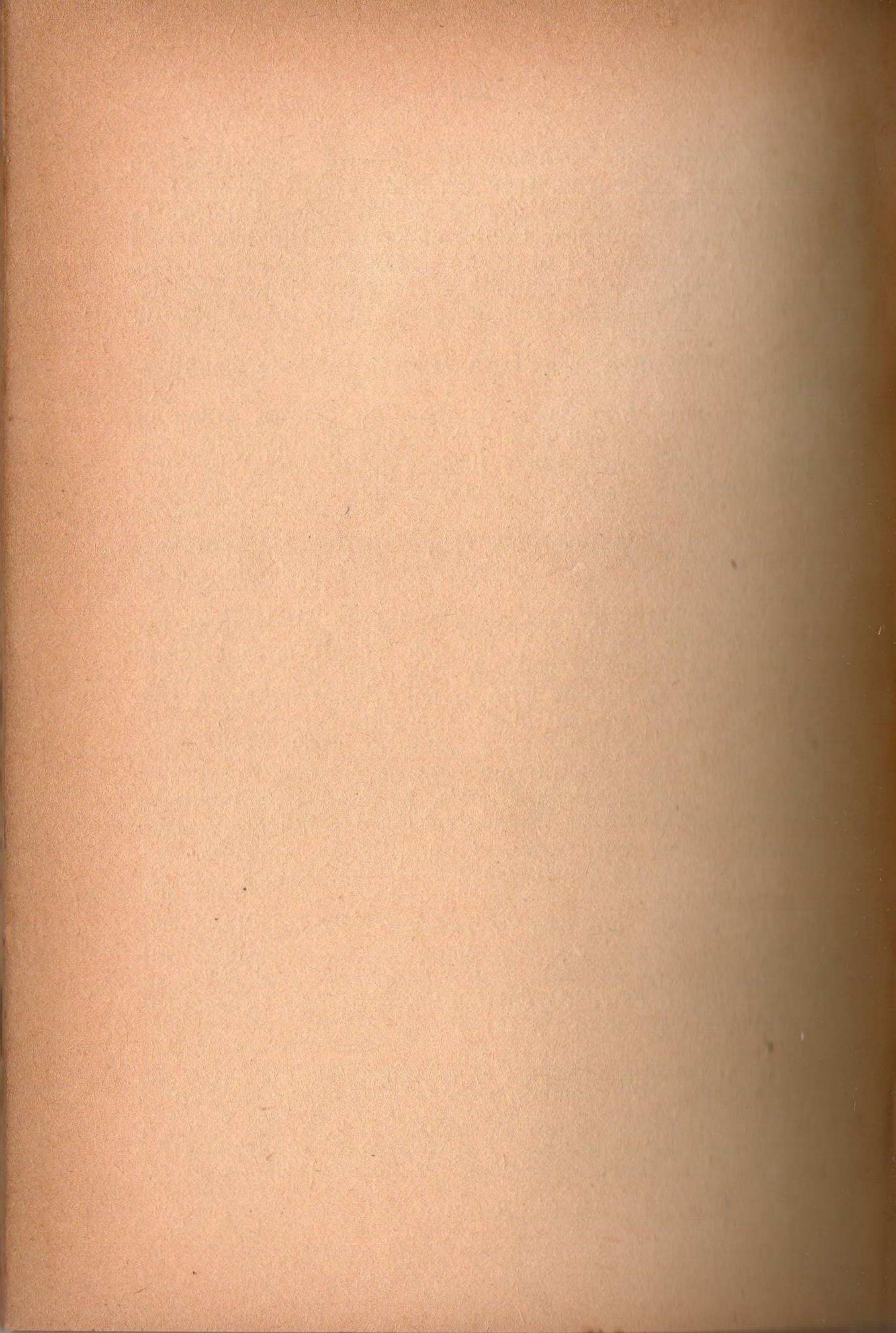
O tenente Tito ouviu os tiros do pelotão executor, porem essa vingança não o consolou da morte do seu amigo fiel. Passou a tarde inteira muito triste, os olhos continuamente cheios de agua, a cabeça pendida para o chão.

— Com mais uns dias estará consolado, pensavam os companheiros que o estimavam pela lealdade e pela valentia.

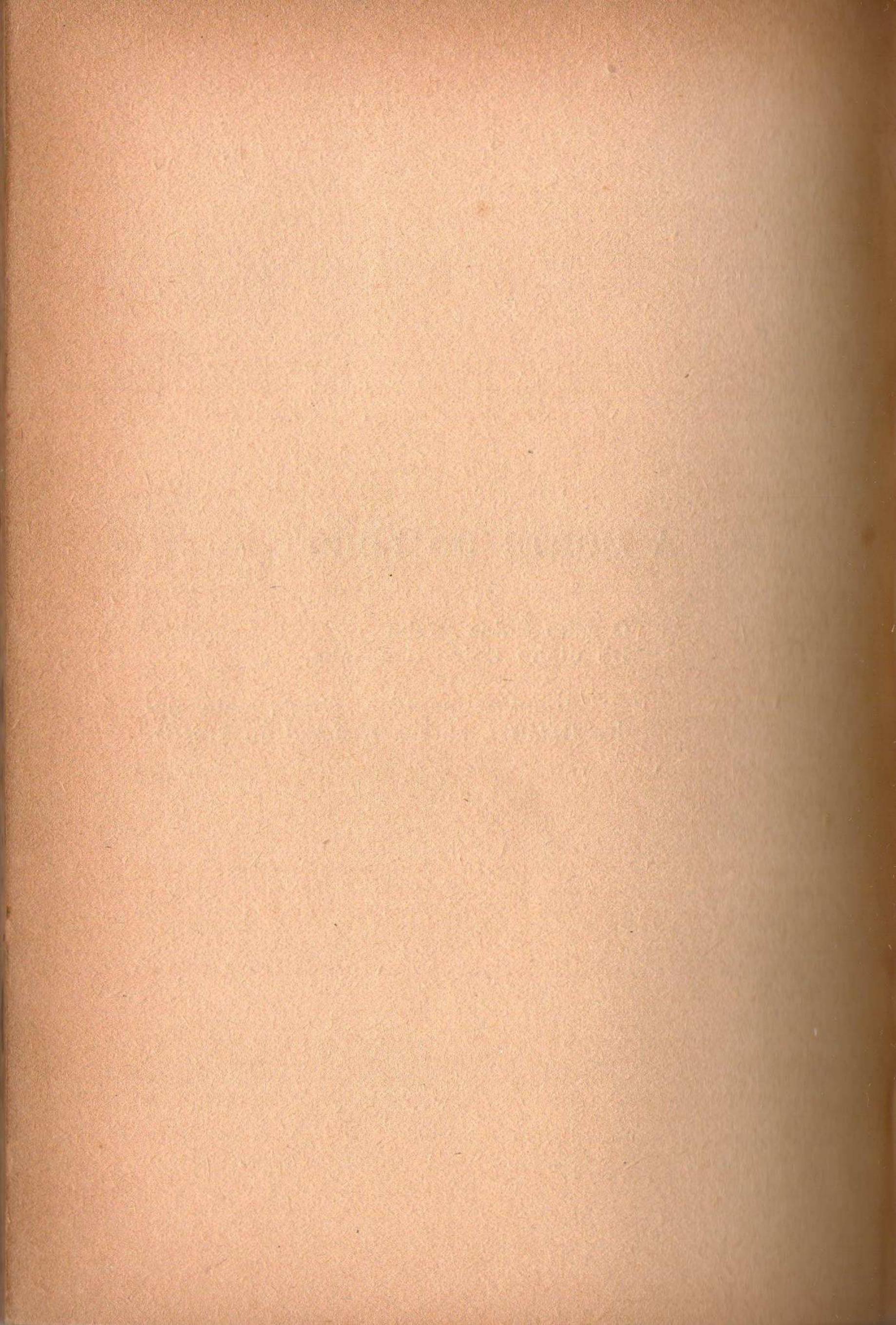
Veio a noite. Trevas pontilhadas de pirilampos. Calor abafado e humido. A' luz das fogueiras, os infantes nortistas cantavam a saudade dos seus ásperos, longinquos sertões. O tenente Tito meteu-se na barraca. A corneta do quartel general deu o toque de recolher e de silencio. Todas as cornetas e todos os clarins do corpo de exercito lhe responderam com as mesmas notas prolongadas e melancolicas. Depois, as bandas de tambores rufaram. Morreram as linguas rubras das fogueiras abandonadas. Nem um canto. Tranquilidade absoluta. Somente o alerta das sentinelas vara de momento a momento a escuridão.

De repente, um tiro de revolver parte da tenda do oficial. A ronda do acampamento, os oficiais e soldados proximos acorrem e dão com o tenente caido de borco sobre o catre de campanha, o pesado Lafoucheux de cavalaria na mão... (2).

---

(2) O episodio do cavalo do tenente Tito, com a reclamação de Osorio, a ordem de quintar os soldados argentinos dada pelo seu chefe, a execução dos dois culpados e o suicidio por desgosto do oficial, encontram-se resumidamente nas **Recordações de Guerra e de Viagem** do VISCONDE DE TAUNAY, Cia. Melhoramentos, S. Paulo, 2.ª edição, pags. 81 e 82.

A MORTE DO LOBO

O cabo Chico Diabo
Do diabo Chico deu cabo.

(*Cantiga popular,* citada pelo padre GAIANTI, na sua *Historia do Brasil*).

Quando o general Camara parou o cavalo resfolegante na orla da pequena mata, avistou o major José Simeão de Oliveira acompanhado por alguns soldados, que de longe lhe gritou:

— General, ele entrou por aqui!... Por aqui!

E apontava um trilho estreito entre o arvoredo embastido (1).

O dia estava quente e lindo. No céu limpo, muito azul, o sol ofuscava. E toda a vegetação virente e húmida se banhava de ouro da luz. O caminho, de barro amarelo, manchava-se de sombras sob a larga ramaria das arvores.

Camara apeou-se rapido e foi entrando pelo mato adentro. José Simeão preveniu-o:

— Cuidado, general, com um tiro de tocaia. Ele não ia só.

Camara deu de ombros. O major chamou os soldados:

— Vamos!

O general sempre tranquilo, pausado, silencioso, sentia bem a importancia dos acontecimentos que naquele dia se desenrolavam. Punha-se o ponto final na guerra, na "pequena guerra" que Caxias desprezara. Tudo devia terminar. Os idos de março eram contrarios aos tiranos.

---

(1) "O Marechal Lopez, seguido por dois ou tres oficiais, fugiu em direção às matas do Aquidabanigui, sendo perseguido pelo major Simeão de Oliveira e dois soldados de cavalaria da guarda nacional. Aí, apeando-se, se internou no mato e eu cheguei nesse momento ao logar em que o Marechal abandonára seu cavalo. Seguia a direção que me indicaram..." Carta do general Camara à **Gazeta de Noticias**, do Rio de Janeiro, março de 1880.

Desde cedo, estava a cavalo, combatendo, governando o circulo de ferro de suas tropas que se constringia em volta dos ultimos defensores do lobo perseguido. E foi por deante, rompendo as lianas, apartando os arbustos, patinhando nas poças da ultima chuva, esmagando os folhiços, escoltado pelos soldados e o major, que exploravam o bosque em todas as direções, de pistolas e clavinas engatilhadas. (2)

A luz amoedava-se no chão e pelos troncos viçosos, coada através das folhagens. Tranquilidade absoluta. Nem sinal do lobo acossado.

As ultimas defesas do ditador paraguaio tinham sido atacadas pela coluna de Joca Tavares no passo de Taquaras e na picada angusta de Chiriguelo. Pouco mais de mil homens fatigados e desmoralizados defendiam esses excelentes pontos estrategicos com algumas peças de artilharia. (3).

O 9.º de infantaria do major Floriano Peixoto e o 36 de voluntarios do tenente-coronal Cunha Junior tirotearam algum tempo com os paraguaios. Quando o fogo do inimigo esmoreceu, o 19 e o 21 de cavalaria, apesar da dificuldade da manobra na estreiteza das ladeiras, galgaram-nas a galope e fôram lancear os artilheiros sobre o reparo de seus canhões. Então, os batalhões avançaram de baioneta calada. E os derradeiros defensores do Supremo debandaram ou se rendêram.

Um general, quatro coroneis, oito tenentes coroneis,

---

(2) "El después Visconde de Pelotas era, sin duda, um hombre energico y activo... Autorizado a proceder con entera libertad, combinó sus operaciones de modo que fueran decisivas, realizandolas con admirable rapidez". J. E. O'LEARY — **Nuestra epopea,** pag. 561.

(3) Diz o autor acima, na mesma obra, à pagina 555 — que "no sumaban 500 hombres". Os documentos brasileiros, entretanto, calculam em pouco mais de mil homens as praças que restavam ao dictador.

"A una legua más al norte, sobre el paso del arroyo Tacuara se colocó nuestra vanguardia, compuesta de un peloton de infanteria, algunos artilleros y dos cañones". Idem, pag. 556.

"...los brasileños entraron a toda carrera en Cerro Corá, volando los lanceros a ocupar la **Picada del Chiriguelo".** Idem, pag. 564.

dez majores e perto de trezentos subalternos, inferiores e praças entregam as armas. Estava acabado aquele exercito de leões que se debatera heroicamente durante cinco longos anos.

Vitorioso, Joca Tavares correu com os seus gaúchos, a toda a brida, para o acampamento de Solano Lopez. Era preciso agarra-lo houvesse o que houvese. Ainda pela manhã prometera um punhado de ouro ao soldado que o preasse. E a cavalaria entra pelo meio das barracas, das carretas empilhadas e das cabanas de folhagem, agitando as lanças apendoadas de galhardetes rubros, ao sol, aos gritos de vitoria.

No meio dos oficiais e soldados fieis, ainda a pé, avistaram o ditador. Correm para ali. Um indio semi-nú de má catadura, descoifado, barra-lhes o caminho, disparando a pistola. Crava depois a lança cruzetada, com ambas as mãos, no peito dum oficial brasileiro. Era o cabo Fernandez, (4) ordenança de Lopez. Enfuriados, os gaúchos matam aquele herói obscuro como se mata um cão.

Circulam o grupo do ditador. Este, em camisa, cabeça descoberta, monta ligeiro um baio malacaro, (5) colhe as redeas com força e arranca a espada da bainha. Os lanceiros de Joca Tavares rodamoinham, derrubando a lançaços os dois ultimos ordenanças de Lopez e alguns oficiais. Tapezapêam as laminas de aço. Gritos enrouquecidos. Gemidos lancinantes. Uivos. Mas o Supremo desvencilha-se dos atacantes, aproveita a confusão, o fato de estar sem farda, que o disfarça, esporeia raivoso o cavalo e corre pela picada que saía do acampamento pela direita.

Foi quando um cabo de lanceiros, ordenança de Joca Tavares, Chico Diabo, lhe atirou um lançaço que o colheu pela ilharga. O sangue mancha a gualdrapa da sela e

---

(4) A lança do valente cabo Fernandez figura no nosso Museu Historico Nacional.

(5) "Lopez, montado en un caballo bayo..." Idem pag. 566.

"Lopez... montado en un bayo..." Artigo de D. IGNACIO IBARRA em *La Democracia* de Asunción, 1.º de março de 1885. D. Ignacio Ibarra, empregado no quartel-general de Lopez, presenciou o ataque de Cerro-Corá.

a badana. Ele curva-se sobre o pescoço do animal, que, incitado, ferido pelas esporas, parte como uma flecha. Passa velozmente ao lado da carreta de sua mãe e diz-lhe que se arranje como puder... (6).

José Simeão, que precedia Camara, vai chegando com um piquete, reconhece o fugitivo que mais alguns paraguaios acompanham — o coronel Silvestre Aveiro, o major Cabrera, os alferes Ibarra, Chamorro e Vitoriano Silva, o capitão Arguello e ainda outros; grita para um sargento:

— Lá vai o Lopez! Atire! Faça fogo!

O inferior leva a clavina Spencer á cara e puxa varias vezes o gatilho. Um dos cavaleiros inimigos libertados do entrevero e que fugia com o ditador desaba no chão, pesadamente, com a mioleira vasando. Era o ministro Caminos (7).

José Simeão, Chico Diabo, o sargento, mais alguns soldados perseguem os fugitivos, enquanto Francisco Martins de Menezes toma a picada da direita, com os seus lanceiros, no encalço de Elisa Lynch e de Panchito Lopez,

---

(6) "Al retirarme del combate vi desde lejos al Mariscal Lopez perseguido por unos cuantos jinetes, llevando rumbo hacia la boca de la picada que daba entrada a un brazo del Aquidabanigui..." Coronel J. C. Centurion, que comandou a ação de Cerro-Corá e aí foi ferido, relato que figura na obra **El Mariscal Francisco Solano Lopez**, edição da Junta Patriotica. Asunción, 1926, pag. 161.

"Cuando retrocediamos, ya casi dispersos del lado del Aquidabán y pasábamos al cuartel general, pocas varas después se encontró Lopez con su madre y hermanas, diciendo la primera:

— Soccorro, Pancho! (Asi se llamaba al Mariscal).

Y este le contestó lacónicamente:

— Fiese, señora, de su sexo, y pasamos.

....

Seis eran los enemigos de caballeria, inclusive el cabo que encabezaba, armado de lanza...". Relação de Silvestre Aveiro, oficial de confiança de Lopez, que o acompanhou até ás ultimas horas, na obra citada, pag. 169.

"Que ellas se avengan como puedan! le dijo (a Aveiro) y siguió su camino". Hector F. Decoud, idem, pag. 173.

(7) "...havia visto sucumbir a su lado al coronel Luis Caminos..." J. E. O'LEARY, op. cit., pag. 568.

PEREIRA DA COSTA, na sua **Historia da Guerra do Paraguai**, registra a ordem de José Simeão ao sargento para atirar em Lopez.

que um prisioneiro informara têrem fugido por ali na companhia de Isidoro Resquin.

A' beira da mata, o Supremo tomba do malacara estropeado e ferido, e vara-a a pé. José Simeão percebe-o já se perdendo entre os troncos com os dois ultimos oficiais que lhe restam. E' o tempo que Camara chega e segue-lhe o rasto.

Mais sol rompe de repente o arvoredo alegre, clareando-o todo. Um sussurro de agua. O general brasileiro, afastando galhos, vê-se na barranca do ribeiro Aquidabanigui, em cujo fundo lodoso se arrasta um fio liquido, pêco e preguicento, que se vai despejar no Aquidaban.

Ajoelhado na margem fronteira, o ditador caíra, procurando galgar o barranco, ajudado pelos seus fieis companheiros, que pouco depois, a seu pedido, o abandonaram (8). Camara grita:

— Marechal! Marechal!

Ele volta-se. Na face terrosa, refulge um olhar de fereza e de odio, de desespero e de dôr. E' o lobo acuado, olhando a matilha e os monteiros que avançam para o seu derradeiro refugio, olhando a morte fatal, iniludivel: o fim! Os cabelos estão empastados de suor e sangue. Os braços nús surgem, nervosos e peludos, das mangas esfarrapadas da camisa. Uma das garras enclavinha-se no punho de tartaruga da espada armoriada. (9)

A barranca, em volta de Camara, já se povôa de ofi-

---

(8) "El alferez Victoriano Silva... le ofreció su compañia, implorandole el señalado honor de morir en su defeza... Lopez agradeció tan generoso oferecimiento... le ordenó que se alejara..." J. E. O'LEARY, op. cit. pag. 569.

(9) Essa espada está exposta no Museu Hictorico Nacional. Enviada pelo general Camara ao conde d'Eu, foi por este remetida ao Imperador, sendo portador della o coronel José Simeão de Oliveira. Depositada na antiga Escola Militar da Praia Vermelha e, depois, no Colegio Militar, foi transferida em 1922 para o Museu. E' um **fino espadin**, conforme diz O'LEARY, op. cit. pag. 566, o mesmo que figura nos retratos oficiais do Ditador, o de Paris, a cavalo, e o tirado pouco tempo antes da sua morte, no acampamento de Cerro Corá. Está com a ponta quebrada.

ciais, de cavalarianos a pé, de clavinoteiros do 9.°, vindos todos no piso do general.

— Marechal! continúa Camara, sou o general brasileiro que comanda estas forças. Renda-se que lhe garanto a vida! Renda-se!

Salta no riacho e aproxima-se do grupo.

A voz do Supremo, rouca, estertorante, ecôa pela derradeira vez na terra paraguaia, pronunciando uma frase de antologia:

— *Muero com mi patria y com mi espada en la mano!*

E o seu braço, distendido como um mola, procura acutilar o general, que se desvia e ordena:

— Desarmem este homem! (10)

Então, um torvelinho de oficiais e soldados invade a estreita sanga do corrego. Furiosos, atiram no grupo. E' a matilha desaçaimada sobre o lobo. Os oficiais paraguaios tombam. Um clavinoteiro avança para Lopez, segura-o pelos pulsos, quer arrancar-lhe a espada. O ditador resiste, e, na luta, duas vezes sua cabeça mergulha no ribeiro esverdinhado. Solta afinal a arma, cuja ponta se partira, e que o soldado apanha. Rebolca-se na lama. Um gaúcho, João Soares, encosta o cano da clavina entre as suas espaduas possantes e dá-lhe o tiro de misericordia. (11).

Todos aqueles homens ali reunidos, depois que morreu o éco da detonação, soltam um suspiro de alivio como no fim dum drama atroz, dum pesadelo, e ficam parados, absortos quasi ante o corpo estendido na barranca, a boca e o nariz distilando sangue, a cabeça ferida, as botas n'agua.

---

(10) "En aquel preciso momento apareció el general Camara, cruzando el arroyo a pié, e intimando rendición al moribundo. Este se incorporó, penosamente, y lanzandole una estocada, exclamó con toda el alma: **Muero con mi patria!**", J. E. O'LEARY, op. cit. pag. 569.

"Muero con mi patria y con mi espada en la mano"! Versão do general Cunha Mattos e de outros, entre os quais o proprio coronel Joca Tavares, barão de Itaqui. "...o general Camara respondeu, ordenando aos seus: — Desarmem esse homem..." VEIGA CABRAL, **Historia do Brasil.** O mesmo diz Pereira da Costa.

(11) PEREIRA DA COSTA, op. cit.

Silencio profundo sob a luz ardente, tranquila do sol. Corta-o a voz energica de José Simeão:

— Arranjem uns paus e levem o corpo para o acampamento! (12)

Entardecia. Pelo caminho empapado de humidade, quatro sapadores caminhavam a passo curto e cadenciado, carregando em dois varapaus o cadaver do derradeiro grande caudilho que as armas do Imperio varriam da America.

Não se acabára um povo á margem do Aquidaban; porem se finara um regimen que o fizera desgraçado e abusára do seu fanatico heroismo. Agora, livre da tirania, embora dessorado pela guerra fatal, o Paraguai poderia viver outra vida e preparar-se para melhores dias.

O passo cadenciado dos sapadores ressoava no caminho lamacento. O corpo de Lopez oscilava, enorme, aos sacolejos da rustica padiola. Fios de sangue coagulavam-se nas mandibulas fortes. O vento brincava nos cabelos revoltos e negros. As mãos pendiam lamentavelmente para o chão...

Era o enterro do caudilhismo que passava.

---

(12) "El Supremo vinha então carregado num varapau, sustentando-lhe a cabeça um soldado de cavalaria". TAUNAY, **Cartas da Campanha**, epistola datada de Humaitá, 31 de março de 1870.

INDICE